



Organizadoras:

Mônica de Carvalho e Clarissa M. R. Gagliardi

Megaprojetos, megaeventos, megalópole:

a produção de uma nova
centralidade em São Paulo



As análises apresentadas neste livro baseiam-se no suposto de que é preciso considerar quatro etapas ao longo do processo de preparação e realização da Copa do Mundo de 2014: a etapa da candidatura brasileira para sediar o evento, a etapa de preparação e instalação das infraestruturas, a fase da realização dos jogos e, finalmente, os impactos dessas intervenções no processo de transformação das cidades.

O presente trabalho, referente a São Paulo, é parte de pesquisa nacional realizada pelo Observatório das Metrôpoles, e as análises apresentadas constituem importante material de comparação com os estudos realizados em outras cidades sede. Em São Paulo, a disputa desencadeada em torno da escolha do local do estádio que sediou a abertura da Copa, produziu efeitos nas áreas de entorno, atraindo investimentos com impactos sobre o crescimento de parte importante da Zona Leste da cidade.

No entender das organizadoras, a recepção dos jogos da Copa pode ser considerada um relevante elemento mediador no processo de reconfiguração urbana das cidades-sede, que adequaram seus territórios aos megaeventos esportivos, realizaram obras de infraestrutura urbana, remodelaram e construíram equipamentos esportivos e estádios, mobilizando investimentos públicos e privados.

Organizadoras:

Mônica de Carvalho e Clarissa M. R. Gagliardi

Megaprojetos, megaeventos, megalópole:

a produção de uma nova
centralidade em São Paulo



M496 Megaprojetos, megaeventos, megalópole : a produção de uma nova centralidade em São Paulo / Clarissa M. R. Gagliardi e Mônica de Carvalho (organizadoras). – São Paulo : Olho d'Água, 2015.
216 p.

ISBN: 978-85-7642-031-6

Inclui bibliografia

1. Eventos especiais. 2. Regiões metropolitanas. 3. Sociologia Urbana – São Paulo (SP). 4. Copas do mundo (Futebol) – Planejamento. 5. Desenvolvimento econômico. 6. Política urbana. 7. Fotografias. I. Gagliardi, Clarissa M. R. (Clarissa Maria Rosa). II. Carvalho, Mônica.

CDU: 911.375

Catálogo na publicação por: Onélia Silva Guimarães CRB-14/071

Editor: Jorge Claudio Ribeiro

Revisão: Maria Helena Amaral Muniz de Carvalho

Diagramação: Inês Ruivo Andrade

Projeto gráfico e capa: André Mantelli

Editora Olho d'Água

Rua Dr. Homem de Melo, 1036

05007-002 São Paulo, SP

T 55 11 3803-8958/3673-1287

www.olhodagua.com.br

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta obra pode ser reproduzida ou transmitida por qualquer forma e/ou quaisquer meios (eletrônico ou mecânico, incluindo fotocópia e gravação) ou arquivada em qualquer sistema ou banco de dados sem permissão escrita das Editoras.

ISBN 978-85-7642-031-6

© EDITORA OLHO D'ÁGUA, São Paulo, Brasil, 2015

SUMÁRIO

.....

Apresentação	5
<i>Orlando Alves dos Santos Junior e Christopher Gaffney</i>	
Prefácio	9
<i>Mônica de Carvalho e Clarissa Gagliardi</i>	

Parte I

1. A “cidade global” avança sobre a “cidade operária”: a recepção da Copa do Mundo em São Paulo	19
<i>Mônica de Carvalho e Clarissa Gagliardi</i>	
2. Setor de turismo como indicador da reconfiguração metropolitana de São Paulo	35
<i>Clarissa Gagliardi e Mônica de Carvalho</i>	
3. A disputa política em torno do Estádio em São Paulo	52
<i>Cláudio Gonçalves Couto</i>	
4. Dinâmicas socioterritoriais da Zona Leste de São Paulo a partir do Censo 2010	71
<i>Dirce Koga</i>	
5. A Copa do Mundo e a valorização imobiliária no distrito de Itaquera	89
<i>Kelly Gago da Silva</i>	
6. Ensaio Fotográfico Impactos da Copa de 2014: Favela Vila da Paz e arredores	98
<i>José João Name</i>	

Parte II

7. A produção da cidade-sede: como transformar uma cidade em mercadoria	119
<i>Raul Andreucci</i>	
8. Quando a Leste vira Centro: o Fórum para o Desenvolvimento da Zona Leste	132
<i>Elisângela Teixeira Soares</i>	

9. Pelos olhos infantes: quando a criança pode falar	147
<i>Marcelo Rocco</i>	
10. Operação "delegada" pela FIFA: gênese e seus desdobramentos	160
<i>Eduardo Parras Zambo</i>	
11. Reconfiguração das práticas esportivas: o caso da Arena Corinthians em Itaquera.....	169
<i>Caio Amaral Santos</i>	
12. Impactos da Copa do Mundo 2014 no setor de turismo da cidade de São Paulo	177
<i>Fernanda Carradore Franco e Luane dos Santos Vacchi</i>	
13. Da organização operária aos movimentos sociais: a voz de Itaquera na Copa de 2014	190
<i>Valter de Almeida Costa</i>	
Referências	207

APRESENTAÇÃO

.....

O projeto nacional “Metropolização e Megaeventos: impactos da Copa do Mundo e das Olimpíadas nas metrópoles brasileiras”, coordenado pelo INCT Observatório das Metrópoles, teve como objetivo ampliar o espectro analítico sobre as transformações físico-territoriais, sócio-econômicas, ambientais e simbólicas associadas a estes megaeventos. Especial ênfase foi dada à distribuição dos benefícios e dos custos nas diversas esferas que envolvem o processo de adequação da cidade às exigências infra-estruturais para a realização dos referidos eventos, partindo-se de um ponto de vista comparativo em relação a experiências internacionais similares anteriores.

Assim, combinando uma metodologia qualitativa e quantitativa, o projeto investigou as transformações urbanas ocorridas nas cidades-sedes onde se realizaram os jogos da Copa do Mundo e das Olimpíadas (Rio de Janeiro, São Paulo, Belo Horizonte, Curitiba, Porto Alegre, Brasília, Salvador, Recife, Fortaleza, Natal, Manaus e Cuiabá), bem como seus desdobramentos socioespaciais. Visando alcançar este objetivo, a análise se pautou pela utilização de quatro eixos interligados, quais sejam: (i) desenvolvimento econômico; (ii) esporte e segurança; (iii) moradia e mobilidade; e (iv) governança urbana.

A pesquisa evidenciou que os megaeventos esportivos no Brasil estão associados a implementação de grandes projetos urbanos e vinculados a projetos de reestruturação das cidades. Desta forma, não é possível separar a Copa do Mundo e as Olimpíadas dos projetos de cidade que estão sendo implementados. E isso se traduz no próprio orçamento que foi disponibilizado e nos investimentos realizados. A análise da pesquisa até o momento confirma a hipótese inicial de que associado aos megaeventos estaria em curso o que pode ser chamado de “nova rodada de mercantilização” das cidades, traduzida na elitização das metrópoles brasileiras associada à difusão de uma certa governança urbana empreendedorista de caráter neoliberal e do fortalecimento de certas coalizões urbanas de poder que sustentam esse mesmo projeto. É preciso registrar que esta é uma análise do ponto de vista nacional, que deve levar em consideração diferenças significativas entre as cidades-sede. O presente livro ressalta exatamente os resultados desta análise do ponto de vista de São Paulo.

No processo de preparação da Copa do Mundo, fica evidenciado que a gestão pública teve um papel central na criação de um ambiente propício aos investimentos, principalmente aqueles vinculados aos setores do capital imobiliário, das empreiteiras de obras públicas, das construtoras, do setor hoteleiro, de transportes, de entretenimento e de comunicações. Tais investimentos seriam fundamentais para viabilizar as novas condições de acumulação urbana nas cidades brasileiras. Nesse sentido, a reestruturação urbana das cidades-sedes da Copa deve contribuir para a criação de novas condições de produção, circulação e consumo, centrada em alguns setores econômicos tradicionais importantes. Estes setores são, principalmente, os de ponta e o setor de serviços, envolvendo o mercado imobiliário, o sistema financeiro de crédito, o complexo petrolífero, a cadeia de produção de eventos culturais (incluindo o funcionamento das arenas esportivas), o setor de turismo, o setor de segurança pública e privada, e o setor automobilístico. Este último, aquecido com as novas condições de acumulação decorrente dos (des)investimentos em transporte de massas.

Nessa perspectiva, o poder público tem adotado diversas medidas vinculadas aos investimentos desses setores, tais como: isenção de impostos e financiamento com taxas de juros reduzidas; transferência de patrimônio imobiliário, sobretudo através das parcerias público-privadas - PPPs - e operações urbanas consorciadas; e remoção de comunidades de baixa renda das áreas urbanas a serem valorizadas. De fato, a existência das classes populares em áreas de interesse desses agentes econômicos se torna um obstáculo ao processo de apropriação desses espaços aos circuitos de valorização do capital vinculados à produção e a gestão da cidade. Efetivamente, tal obstáculo tem sido enfrentado pelo poder público através de processos de remoção, os quais envolvem reassentamentos das famílias para áreas periféricas, indenizações ou simplesmente despejos. Na prática, a tendência é que esse processo se constitua numa espécie de transferência de patrimônio sob a posse das classes populares para alguns setores do capital.

Além disso, no que diz respeito à governança urbana, percebe-se a crescente adoção dos princípios do empreendedorismo urbano neoliberal, nos termos descritos por David Harvey, pelas metrópoles brasileiras, impulsionada em grande parte pela realização desses megaeventos. Esse projeto empreendedorista de cidade que está em curso parece ser marcado por uma relação promíscua entre o poder público e o poder privado, uma vez que o poder público se subordina à lógica mercantil de diversas formas, entre elas, através das parcerias público-privadas. Mas esta não é a única forma verificada de subordinação do poder público. Por exemplo, a Lei Geral da Copa, replicada em todas as cidades-sedes tanto por meio de contratos firmados entre as prefeituras e a FIFA como por meio de leis

e decretos municipais, expressa outra forma de subordinação, pelo fato de o Estado adotar um padrão de intervenção por exceção, incluindo a alteração da legislação urbana para atender aos interesses privados.

Por tudo isso, parece evidente que as intervenções vinculadas à Copa do Mundo e às Olimpíadas envolvem transformações mais profundas na dinâmica urbana das cidades brasileiras. Com isso, torna-se necessário aprofundar a análise dos impactos desses megaeventos esportivos a partir da hipótese, aqui exposta, de emergência do padrão de governança empreendedorista empresarial urbana e da nova rodada de mercantilização/elitização das cidades. Este livro busca discutir estas hipóteses à luz da experiência de São Paulo e contribuir para o enfrentamento dos processos em curso, na perspectiva da promoção do direito à cidade e da justiça social.

O presente livro aborda diversas temáticas, envolvendo as mudanças na dinâmica socioterritorial e imobiliária da Zona Leste, reconfiguração do setor turístico e das práticas esportivas, os processos de neoliberalização da governança urbana da cidade, e as disputas políticas que atravessaram a escolha da Zona Leste como lugar do novo estádio de futebol construído.

A análise das intervenções na cidade de São Paulo indica uma acomodação do projeto da Copa ao projeto de cidade que estava em curso, centrado na criação de uma nova centralidade situada na Zona Leste, onde se situa o novo estádio do Corinthians, conhecido como Itaquerão. De fato, poder-se-ia argumentar que os investimentos da Copa em São Paulo não seriam tão significativos tendo em vista o tamanho e a importância econômica da cidade, ou mesmo outros grandes projetos estruturais atualmente em curso, como por exemplo, o Rodoanel ou os Parques Lineares. No entanto, a análise empreendida permite afirmar que a Copa cumpriria o papel de legitimar um determinado projeto de cidade, uma determinada forma de apropriação da cidade pelos agentes econômicos e sociais que lideram a coalização de poder na capital paulista. Além disso, não é possível desconsiderar a importância simbólica da Copa no fortalecimento do posicionamento de São Paulo no mercado de eventos nacionais e internacionais.

Em síntese, como o leitor poderá observar através da leitura dos artigos, pode-se dizer que a Copa do Mundo não representou uma inflexão na trajetória política da cidade de São Paulo, que já vinha vivenciando uma transição na adoção de modelos neoliberais de política urbana. Mas expressou uma aceleração e aprofundamento nesta direção, pelo menos até o momento da realização desse evento esportivo, que ocorreu no contexto de mudança na administração municipal.¹ A política urbana municipal,

1 Em 2012, o candidato do Partido dos Trabalhadores – PT, Fernando Haddad, ganhou as eleições, substituindo a administração de Gilberto Kassab, do Partido Social Democrático, aliado do governador do Estado de São Paulo, Geraldo Alkmin (2011-2014).

antes implementada no contexto da aliança entre a Prefeitura Municipal e o Governo do Estado, parecia estar caminhando na direção da elitização da cidade, sustentada em uma coalizão de poder que subordinava o interesse público à lógica do mercado. No fechamento da pesquisa em São Paulo, ainda era incerto se a nova administração municipal promoveria uma mudança de rumo. Mas no que diz respeito aos investimentos vinculados à Copa do Mundo, não se verificaram mudanças substanciais no planejamento anteriormente traçado. Nesse contexto, cabe ainda registrar que emergiram diversos processos de resistência e contestação que questionavam a adoção dos princípios do modelo neoliberal de gestão e reivindicam uma cidade mais justa e democrática.

O projeto desenvolvido pela Rede Observatório das Metrôpoles contou com uma rede de pesquisadores e o engajamento de diversas instituições de pesquisa e universidades espalhadas pelo país. Em São Paulo, a pesquisa contou com o apoio do Programa de Estudos Pós-graduados em Ciências Sociais da PUC São Paulo e do Departamento de Relações Públicas, Propaganda e Turismo da Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo (ECA-USP), e do Comitê Popular da Copa de São Paulo.

O projeto contou com o apoio nacional da Financiadora de Estudos e Projetos (FINEP), vinculada ao Ministério da Ciência e Tecnologia, a quem a equipe do projeto agradece, e sem o qual não seria possível desenvolver tal estudo. Além disso, cabe um agradecimento especial aos Comitês Populares da Copa, organizados nas cidades-sedes, e a Articulação Nacional dos Comitês Populares (ANCOP), que se constituíram em interlocutores privilegiados dos resultados da pesquisa ao longo do seu desenvolvimento.

Orlando Alves dos Santos Junior

Christopher Gaffney

*Coordenadores do Projeto Metropolização e Megaeventos:
impactos da Copa do Mundo e das Olimpíadas nas metrôpoles brasileiras*

PREFÁCIO

.....

Desde a década de 1990, vem ganhando espaço, no Brasil, a análise relativa à dinâmica urbana, com a finalidade de evidenciar o quanto as metrópoles brasileiras são ou não tributárias de um modelo de gestão, designado planejamento estratégico, cujo objetivo seria inseri-las no circuito internacional de cidades mundiais, de forma a torná-las competitivas para atrair o capital flexível, e, assim, superar a crise fiscal de que são vítimas. Empreendimentos culturais de toda sorte se afigurariam, então, como ótimas oportunidades para produzir consensos em torno de investimentos em obras de infraestrutura urbana necessárias a projetar a cidade mundialmente e que, fosse de outra maneira, poderiam ser postas em questão.

Como bem tem demonstrado o debate produzido no Brasil desde os anos 2000, repercutindo as análises feitas para as metrópoles americanas e europeias, os eventos esportivos têm se destacado como âncoras eficazes na produção do consenso que envolve obras de reforma urbana, alterando, por vezes, o perfil original das cidades que passam, então, a ter função diversa e específica no “sistema mundial de cidades”. Assim foi o caso de Barcelona, quando da ocasião das Olimpíadas de 1992, transformada em ícone desse modelo de gestão urbana, sobretudo porque aqueles que lhe fizeram a fama conquistaram o direito de dar consultoria ao redor do mundo de modo a transformar a sua prática histórica específica em modelo “eficaz” de gestão.

Portanto, recepcionar a Copa Mundial de Futebol da FIFA, em 2014, foi a possibilidade apresentada ao Brasil de observar como aqueles mecanismos condizentes ao planejamento estratégico seriam postos em prática em cada uma das cidades-sede, revelando sua maior ou menor proximidade aos eventos urbanos diagnosticados para outra realidade histórica.

Embora a pesquisa tomasse por hipótese teórica a discussão apresentada pela literatura especializada no tema, havia clareza de que era preciso não transpor modelos interpretativos, mas observar a peculiaridade do acontecimento no país, mais especificamente, na cidade de São Paulo, objeto dos artigos apresentados nesta coletânea. Tratava-se, portanto, de tomar como pontos de partida as condições locais – *territoriais* – em que seriam aportadas as intervenções urbanas necessárias ao abrigo da Copa.

Perguntar-se desde o início qual seria o território da Copa, na cidade de São Paulo, revelou-se perspectiva adequada, posto que o *spacial turn* produzido pela modificação na escolha do estádio a sediar o evento de abertura na cidade foi o que evidenciou a *estratégia* (planejamento estratégico) que se afigurava por trás da decisão exclusiva ao campo esportivo.

Como bem demonstra o artigo de Cláudio Couto, não é possível ir além dos interesses que perpassam a disputa entre os clubes de futebol, quando se trata de buscar respostas que indiquem o motivo pelo qual o estádio do Morumbi, de propriedade do São Paulo Futebol Clube, tenha sido preterido em favor do Estádio do Corinthians, hoje conhecido como Itaquerão, em que pesem as insistências de seus dirigentes e torcedores mais atávicos em negar o nominativo. No entanto, como também demonstra o autor, pouco ganhariam os partidos que hoje polarizam o poder na cidade – PT e PSDB – com a recepção do evento no distrito do Morumbi que, já majoritariamente eleitor do PSDB, teria dificuldades de aportar votos no PT. O contrário se observaria na Zona Leste, sobretudo no distrito de Itaquera, onde agora se localiza o estádio do Corinthians, pois que é área de extensa disputa entre os dois partidos, e carrear os sucessos da Copa para um ou para outro poderia, sem dúvida, produzir diferença nos ganhos eleitorais.

Além das disputas político-partidárias e no campo esportivo, também ficou claro que a Copa de 2014, em São Paulo, antes se acomodou aos projetos já existentes para a cidade que, se não estavam explicitamente visíveis, neles foi fundada de maneira a garantir, por meio do evento, que viessem a se tornar efetivos. O artigo que abre a coletânea evidencia o quanto as estratégias de desenvolvimento urbano, estranguladas em quase todas as direções da cidade (predominantemente ao norte e ao sul, em decorrência das áreas de preservação ambiental), se viram renovadas com a possibilidade de constituir o estádio e a Copa como vetores dinamizadores de um novo ciclo de desenvolvimento econômico da Zona Leste, suplantando a sua vocação industrial, e produzindo, mediante ações do poder público, a sua reconversão econômica em direção ao setor de serviços.

Diferente de nossa hipótese inicial, o Plano Diretor da cidade, em vigência desde 2002, não foi negado pela recepção da Copa, mas potencializado, garantindo que obras para ali previstas, consideradas relevantes para desenvolver a região, fossem retiradas do papel. Porém, como salientamos, seria preciso qualificar o que se entende por desenvolvimento econômico e atentar para o quanto tem sido histórico, na cidade de São Paulo, investimentos públicos e privados serem responsáveis por expulsar a população, em virtude da valorização imobiliária deles decorrentes.

É assim que importa chamar atenção para outros dois artigos, o de Dirce Koga e de Kelly Gago que, juntos, dão a dimensão do movimento que

está sendo operado na Zona Leste e que foi captado por meio da visibilidade dada à região com a recepção da Copa. Conforme mostra Dirce Koga, a Zona Leste de São Paulo não pode ser vista como um todo homogêneo. Ao contrário, observados os dados socioeconômicos e demográficos, apresentados pelos Censos Demográficos de 2000-2010, é possível considerar pelo menos três “zonas lestes”. Segundo Koga, quanto mais próximos do centro estão os distritos da região, maior a sua identidade com o perfil socioeconômico da população mais bem posicionada economicamente em São Paulo; o inverso sendo verdadeiro: quanto mais distantes estão os distritos do centro, mais excluída das condições urbanas se encontra a população. O distrito de Itaquera situa-se exatamente entre estes dois polos e, portanto, ao atrair para si os investimentos e atenções do poder público, sem dúvida aparece como a fronteira por meio da qual avança pelo território a dinâmica de *gentrificação* observada nos anéis da Zona Leste mais próximos ao centro, cujo esvaziamento demográfico, dado inédito apresentado pelo Censo de 2010, é indicador significativo dessa mudança no perfil da população, como salienta a autora.

O mesmo vale para os dados relativos à valorização imobiliária, apresentados por Kelly Gago: se o distrito de Itaquera possui o valor do metro quadrado inferior ao dos distritos da Zona Leste mais próximos ao centro, o valor sobe quando comparado àqueles localizados para além da sua fronteira. Ou seja, os dados de valorização imobiliária também atestam o avanço da *gentrificação* direcionado à periferia da Zona Leste, levando à expulsão dos moradores tradicionais.

Tomando por perspectiva exclusivamente o município de São Paulo, pode-se dizer que a recepção da Copa de 2014 pôs em movimento, portanto, um redirecionamento do ciclo de desenvolvimento econômico da cidade, agora não mais voltado ao vetor sudoeste, que já vem dando claras mostras de saturação, mas em direção à região da cidade que, ocupada majoritariamente e historicamente pela classe trabalhadora, por meio dos investimentos públicos e incentivos fiscais, pretende ser transformada em novo polo de atração do setor de serviços, o que tem caracterizado a economia globalizada. Por essa via é possível não só demonstrar o quanto a *cidade global* tem se constituído como *telos do espaço concebido* pelo poder público, como também ressaltar que, confinada inicialmente a uma porção reduzida da cidade, vê agora oportunidade de expandir sua fronteira sobre novos territórios, no caso, o da Zona Leste.

Um dos indicadores que permite reafirmar essa hipótese é a mudança de direção que começa a ser operada no setor hoteleiro da cidade. O turismo tem sido comumente mencionado como o que sofre intensificação expressiva, decorrente de eventos como a Copa do Mundo. Conforme de-

monstra o segundo artigo desta coletânea, no que diz respeito exclusivamente à cidade de São Paulo, o setor pouco teve que se mobilizar para além de seu já frequente dinamismo, em especial na área de negócios. No entanto, ao observar mais de perto para onde caminham os empreendimentos hoteleiros, manifestou-se uma migração também em direção aos primeiros anéis da Zona Leste, abandonando a área tradicional de sua localização, concentrada prioritariamente no centro da cidade e no vetor sudoeste. A migração de dois hotéis de renomadas redes hoteleiras para aquela região evidencia que reproduzem tendência já apresentada para os investimentos do setor público, seguidos de perto pelo investimento do setor imobiliário formal.

Mais do que isso, no entanto, considerando que o setor hoteleiro está englobado por uma cadeia produtiva mais ampla e, sabendo que o forte na cidade de São Paulo é o turismo de negócios, a migração dos hotéis para a Zona Leste também indica que está sendo prevista uma dinamização da economia na região, que pode estar alicerçada a empreendimentos que não se confinam às fronteiras do município, mas localizados na Região Metropolitana de São Paulo. Hipótese que se vê também reforçada pelo crescente desenvolvimento de centros de convenções e pela consolidação de uma rede de captação e distribuição de eventos, por intermédio de parceiros nos municípios do entorno da cidade.

Portanto, tomando agora por referência a Região Metropolitana, a pesquisa sobre a recepção da Copa de 2014 produziu nova agenda de investigação, pois que revelou o andamento da reconfiguração da Zona Leste como *espaço de fluxos* para negócios que extrapolam a cidade de São Paulo. Principalmente se considerarmos que a maior parte dos investimentos para a recepção da Copa envolve aeroportos, portos e mobilidade urbana, o evento se constituiu como oportunidade determinante para dinamizar e incentivar investimentos no porto de Santos e no aeroporto de Guarulhos, bem como em obras viárias que permitissem a sua conexão – como é o caso da Avenida Jacu-Pêssego, estrutural na articulação intraurbana e metropolitana. A escolha do estádio bem na interconexão deste *espaço de fluxos* – o distrito de Itaquera – focalizou essa reconfiguração da Zona Leste como centralidade metropolitana e que pode estar relacionada aos negócios do pré-sal, em desenvolvimento no litoral paulista. Isto explicaria também por que são as atividades meio ligadas ao setor de serviços que têm sido incentivadas pela Prefeitura de São Paulo para se localizarem na extensão da Avenida Jacu-Pêssego. Tal hipótese ainda precisa ser comprovada, mas há suficientes indícios que apontam para a reconfiguração da dinâmica metropolitana de São Paulo, com o reposicionamento da Zona Leste.

A Copa de 2014, ao operar, por meio da escolha do estádio de futebol, o *spacial turn* dos investimentos públicos, foi essencial não só para revelar a expansão da cidade global no território do município, mas para tornar visível o papel estratégico que a Zona Leste poderá obter nos próximos anos. A verificar¹.



Uma pesquisa que tem por objetivo abarcar todas as dimensões dos impactos que um evento como a Copa de 2014 teve para a cidade de São Paulo não podia deixar de envolver e formar estudantes em todos os níveis. Assim, nesta coletânea, também são publicados os melhores artigos resultantes de pesquisas acolhidas no projeto mais amplo. A especificidade dos trabalhos e sua intertextualidade representam ainda o esforço de a equipe responder individual e coletivamente às demandas de investigação nos seus mais diferentes temas, e que foram surgindo durante o processo da pesquisa.

O artigo de Raul Andreucci, resultado de sua pesquisa de mestrado, enfrenta uma agenda original e, por isso, de difícil abordagem. Pois, segundo ele, muito se tem discutido sobre o que ocorre nas cidades, a partir do momento em que são escolhidas para sediar um evento esportivo, mas pouco se deslindam os trâmites que produzem a sua candidatura. Segundo ele, é nesse momento que a cidade se coloca na vitrine internacional e busca vitória por meio das expectativas que cria em torno de sua imagem. Do mesmo modo são relevantes os artigos de Elizângela Soares e Marcelo Rocco. Se for possível dizer que a Zona Leste está passando por um processo de reconversão econômica, capitaneada pelo poder público, visando atrair interesses privados, também é verdade que a população historicamente residente na região disputa os sentidos deste desenvolvimento. De forma mais direta, é disso que trata o artigo de Elizângela que demonstra como os moradores de Itaquera – embora não só – têm se mobilizado no sentido de canalizar em favor de seus interesses os investimentos para lá atraídos. A pesquisa identifica por meio da metodologia de redes como se converteram os movimentos sociais históricos da Zona Leste em atuações voltadas para o desenvolvimento econômico, concentradas no Fórum de Desenvolvimento da Zona Leste.

A pesquisa de Marcelo Rocco trata de um tema recorrente, com base em perspectiva inovadora. São muitos os trabalhos que apontam a expul-

1 Está em andamento, em parceria com a ECA e a FAU-USP, a constituição do Observatório da Zona Leste, articulado ao Observatório das Metrópoles de São Paulo (PUC-SP), cujo objetivo é desenvolver pesquisas que giram em torno dessa hipótese.

são da população das favelas para regiões cada vez mais periféricas da cidade, advinda da valorização imobiliária ou motivada por obras promovidas pelo poder público. No caso específico, Marcelo demonstra como as obras do Parque Linear Rio-Verde foram dinamizadas com a proximidade da Copa e o quanto a população da Favela da Paz se viu confrontada com a possibilidade de ser excluída dali. Contudo, não foi da perspectiva nem dos movimentos sociais, nem das famílias expulsas que Marcelo abordou o problema, mas sob a ótica das crianças. Foi por meio da apropriação que fazem do espaço cotidiano de suas brincadeiras que Marcelo pôde revelar os sentimentos que possuem em relação ao futuro que lhes reserva o mundo adulto.

Apropriação, no entanto, negada aos ambulantes pela Operação Delegada, como bem demonstra o trabalho de Eduardo Zambo, e que ganha atualidade quando, recentemente, um ambulante, na região da Lapa, se viu alvejado pela polícia ao contestar sua retirada do espaço público que ocupava. Também aqui a Copa aparece como oportunidade para levar adiante uma política de segurança pública em andamento na cidade de São Paulo, e que tem se notabilizado por reforçar a precariedade do trabalho do policial e, por meio dele, a criminalização do trabalhador informal.

Não é outra, senão a questão do espaço público, a discussão proposta por Caio Amaral dos Santos sobre a elitização dos estádios, o que também se verificou em São Paulo. Sobretudo se atentarmos para a maneira como foram vendidos os pacotes turísticos destinados aos jogos, como bem demonstram Fernanda Franco e Luane Vacchi. Estes dois trabalhos evidenciam um processo que perpassa a Copa, e que, diretamente relacionada à mercantilização do futebol, não opera somente dentro de campo, mas para além dele, quando o futebol se transforma em artigo de luxo na cesta dos atrativos turísticos, mobilizando diferentes setores da economia.

O artigo de Valter Costa merece atenção especial. Morador de Itaquera e membro atuante do Fórum de Desenvolvimento da Zona Leste, porta de entrada essencial para a realização do nosso trabalho de campo no distrito, deu voz às expectativas que rondam a Zona Leste, desde quando a classe trabalhadora desceu as colinas dos Campos Elíseos e passou a ocupar precariamente o entorno das fábricas e da linha do trem, hoje ladeada pela Radial Leste. Foi por meio dessa população que para lá avançou, ocupando seu território e lutando por ele, que a Zona Leste se fez obra, e que a população, durante a Copa, se viu com todo o direito de reivindicar.

Por fim, cumpre observar o contraponto crítico produzido pelo ensaio fotográfico de J.J. Name, que permite compreender não só os embates que estiveram presentes no distrito de Itaquera, durante a Copa, em torno da apropriação do seu território, assim como sinalizar a disputa que ainda

está por vir. Diante da assepsia das obras viárias que cimentaram o território de Itaquera, as cores em verde e amarelo da Favela da Paz sobressaem e adquirem novo sentido depois de os moradores terem conquistado o direito de ali permanecer, ainda que nada tenha sido alterado das condições precárias de moradia existentes desde 2012, quando visitamos a favela pela primeira vez. Cumpre agora garantir que essa permanência se traduza em melhores condições de urbanidade, mesmo quando não há mais holofotes postos na vizinhança do estádio.

Além de agradecer imensamente a todos aqueles que colaboraram com a produção de artigos para esta coletânea, ficamos gratas também aos que estiveram conosco num ou noutro momento da pesquisa e que muito contribuíram para o debate: os estudantes de iniciação científica Lara D’Larco (PUC-SP), Vinícius Pinho Meneses (PUC-SP), Talita Gonsales (UFABC), Elber Pergentino Almeida (UFABC); os doutorandos Renata Florentino Almeida (Unicamp), Adriano José Rosseto Júnior (PUC-SP), Rodrigo Piva (PUC-SP), Alex Fernandes de Oliveira (PUC-SP), Edney Mota Almeida (PUC-SP); aos professores Ricardo Gaspar (PUC-SP) e Vitor Marchetti (UFABC); a Núria Pardillos, da Secretaria Municipal de Habitação da PMSP. Um agradecimento especial as nossas auxiliares de pesquisa Larissa Jordão Pinho, Luciana Mendonça e Elizangela Soares; a Eliana Rodrigues, pela elaboração dos mapas de lançamento imobiliário, e a Ulisses Sardão, por preparar os dados geo-processados.

E ainda nosso agradecimento aos profissionais de instituições que constituíram importante rede de interlocutores: StreetNet, SPCopa (Comitê Especial para a Copa do Mundo de 2014), Instituto Ethos, SPCVB (São Paulo Convention and Visitors Bureau), SPTuris (Secretaria Municipal de Turismo), Comitê Popular da Copa, Embraesp e o Comitê Paulista da Copa do Mundo da FIFA 2014. Especial reconhecimento aos moradores da Favela da Paz que nos receberam gentilmente em todos os momentos do trabalho de campo.

Agradecemos também à FINEP (Financiadora de Estudos e Projetos – MCT) que financiou a pesquisa nacional e regional, à Capes (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior), ao CNPq (Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico) e à USP (Universidade de São Paulo) que financiaram as bolsas de pesquisa dos estudantes de mestrado, doutorado e iniciação científica; ao Observatório das Metrôpoles, na figura de seu coordenador nacional, Luiz César de Queiroz Ribeiro; ao Observatório das Metrôpoles de São Paulo, na figura de suas coordenadoras Lúcia Maria Machado Bógus e Suzana Pasternak; ao Programa de Estudos Pós-Graduados em Ciências Sociais (PUC-SP); ao Departamento de Relações Públicas, Propaganda e Turismo da Escola

de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo (ECA-USP) e ao Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação da ECA- USP, que acolheram institucionalmente a pesquisa.

Um especial agradecimento a Orlando Alves dos Santos Júnior, coordenador nacional da pesquisa, interlocutor essencial ao debate.

A Zona Leste é um mundo, muito além da Copa. E é sobre ela, afinal, que trata esta coletânea.

Mônica de Carvalho e Clarissa Gagliardi
Coordenadoras Regionais
São Paulo, setembro de 2014



PARTE 1

.....

A “CIDADE GLOBAL” AVANÇA SOBRE A “CIDADE OPERÁRIA”: A RECEPÇÃO DA COPA DO MUNDO EM SÃO PAULO¹

Mônica de Carvalho e Clarissa Gagliardi²

“Na perspectiva das mudanças sociais que alcançaram a classe operária, convém observar os jovens filhos de operários. O que os jovens querem?”
(Martins, 2008)

Partimos do princípio de que o entendimento da recepção da Copa de 2014 em São Paulo só terá seu significado aclarado quando inserida numa temporalidade de longa duração³. Pois se é verdade que uma de suas características é sua excepcionalidade – não só porque ocorre no curto período de um mês a cada quatro anos, em países sempre diferentes – a preparação para recebê-la envolve um planejamento de longo

1 Este artigo apresenta os resultados parciais da pesquisa realizada no âmbito do Observatório das Metrópoles-SP, coordenada nacionalmente pelo Observatório das Metrópoles-RJ, do IPPUR-UFRJ, sobre *Metropolização e os Megaeventos: o impacto da Copa de 2014 e das Olimpíadas de 2016*, financiada pela FINEP. Agradecemos aos estudantes de iniciação científica, mestrands e doutorands que têm em muito contribuído com o desenvolvimento de temas correlatos e para a sistematização dos resultados, à parceria com o Instituto Ethos, com que mantivemos interlocução, ao Comitê Popular da Copa de São Paulo e à Prefeitura Municipal de São Paulo, por meio da SPCopa, que nos atenderam sempre que solicitados, e, com especial atenção a Valter de Almeida Costa, que nos introduziu em Itaquera e às questões que têm sido objeto de discussão entre seus moradores.

2 Mônica de Carvalho é socióloga do Programa de Estudos Pós-Graduados em Ciências Sociais da PUC-SP e colaboradora do Programa de Pós-Graduação em Planejamento e Gestão do Território da Universidade Federal do ABC; Clarissa Gagliardi é pesquisadora docente do Departamento de Relações Públicas, Propaganda e Turismo da Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo (ECA-USP).

3 “A tarefa de uma teoria dos processos sociais consiste no diagnóstico e na explicação *das tendências* de longo prazo e não-planejadas, mas ao mesmo tempo estruturadas e orientadas...” (grifo nosso) (Elias, [2002] 2006). Sem dúvida, a longa duração em Elias sugere o reencontro da sociologia com a história, negando a análise restrita ao *presente* atribuída à primeira. Seria redutor dizer que a longa duração se identifica ao planejamento de longo prazo. Mas a longa duração aqui cabe, pois que se pretende demonstrar que o evento e as obras de infraestrutura urbana a ele relacionadas encobrem, por meio da urgência do espetáculo, o que só se revela quando inseridos no tempo mais alargado da história da Zona Leste da cidade de São Paulo.

prazo. Portanto, é possível constituir pelo menos três momentos diversos de compreensão do evento: o momento da produção da candidatura do país à condição de país-sede; o momento de preparação, quando, então, o país já foi escolhido; e, enfim, o momento de sua realização. Os três momentos constituem, no nosso entender, a totalidade para se compreender a recepção de um evento como a copa, sem considerar a inserção na duração mais ampla desde quando o evento se constituiu mundialmente, o que, no entanto, extrapola em muito os objetivos não só deste artigo, mas da pesquisa que nos propusemos realizar.

Desde 2011, o objeto dessa pesquisa tem sido compreender especificamente o segundo momento, no intuito de identificar como diversos atores se constituem e se movimentam no sentido de tornar possível a copa do mundo no Brasil. Embora a pesquisa tenha se proposto nacionalmente, observando diferentes impactos nas cidades-sede, este artigo atém-se à cidade de São Paulo, delimitando-se em torno de um de seus aspectos: o planejamento urbano, entendido aqui não só como elemento essencial aos preparativos, porém, mais do que isso, alçado à centralidade da reflexão desde quando eventos esportivos passaram a compor um "receituário" – o chamado planejamento estratégico, já bastante analisado pela literatura específica⁴ – de cuja implantação depende a habilitação da cidade-sede à condição de concorrente, no mercado global das cidades, aos investimentos da nova economia globalizada.

Mas, se é o planejamento urbano que assume o proscênio, exatamente porque o momento analisado é o da preparação da cidade-sede para a copa de 2014, é preciso que também seja compreendida a sua especificidade de maneira a entender a peculiaridade da análise. Ao tomar como objeto o que se planeja produzir de infraestrutura urbana para garantir ao evento sua "*buena imagen*" (Jordi Borja, 1994 apud Carvalho, 2000, p. 76), tanto interna quanto internacionalmente, opta-se por evidenciar o que Lefebvre [1974] nomeou como o *espaço concebido* e que, segundo ele, é o espaço "dos especialistas, dos planejadores, dos urbanistas, dos tecnocratas que decompõem e recompõem, de alguns artistas enamorados da cientificidade, identificando o vivido e o percebido ao concebido" (2000, p. 48)⁵.

4 Cf. Harvey [1989] (2000); Sassen, [1994] (1998); Jameson [1998] (2006); Arantes, Vainer, Maricato [2000] (2000); Harvey [2001] (2005); Fix (2007); Ferreira (2007); Sánchez (2010); Arantes [2012] (2013), para citar apenas alguns. As datas entre colchetes indicam a primeira edição e as entre parênteses, a edição usada como referência. A primeira edição será indicada apenas na primeira vez em que a obra for citada, a partir daí usando-se, exclusivamente, a data da obra de referência.

5 "*Le représentations de l'espace, c'est-à-dire l'espace conçu, celui de savants, des planificateurs, des urbanistes, des technocrates 'découpeurs' et 'agenceurs', de certains artistes proches*

Estamos, portanto, no âmbito do *espaço da representação*, para o que novamente concorre o imaginário teleológico da cidade global (Carvalho, 2000), como será possível demonstrar. E que, se não pode ser desconsiderado, pois que mediação relevante da ação concreta (Lefebvre, 2000), não deve ser entendido ainda como *espaço físico apropriado*, no dizer de Bourdieu [1991] (2013), pois que antes projeção imposta pela dinâmica específica de determinados atores que disputam o território da cidade. Portanto, há que se compreender exclusivamente como tendência aquilo que se planeja, porque apenas como forma visual e racional é que pode ser lida como coerente e homogênea, encobrendo as diferentes contradições que refreiam, contrapondo-se, a sua efetiva concretização.

Assim como é possível traçar três momentos diversos para a compreensão do evento, pode-se também delinear três momentos agora metodológicos da exposição. Trata-se de, a partir da forma abstrata – a produção do espaço concebido – retomar o tempo histórico para revelá-la na sua produção – e desvendar o atual na sua contradição. Como a pesquisa ainda está em andamento, a ênfase recairá no primeiro momento, ainda que já seja possível anunciar, ao final, os momentos seguintes, sem contudo aclará-los ou aprofundá-los, o que será feito em artigos posteriores.

PONTO DE ROTAÇÃO⁶

A concepção da copa do mundo é definida por meio de contrato assinado entre os governos do país sede e a Federação Internacional de Futebol Associado (FIFA) e se materializa na matriz de responsabilidade⁷ em que estão informadas as obras necessárias à recepção do evento, seus custos, origem dos investimentos e responsáveis pela sua execução. Desde 2009, quando as 12 cidades-sede foram escolhidas, incluindo São Paulo, a matriz foi atualizada oito vezes não só para redefinir obras e estabelecer ajustes de custos previamente contratados, como para incluir ações que só

de la scientificité, indentifiant le vécu et le perçu au conçu (...)” (Lefebvre, 2000, p. 48) (as autoras são responsáveis pela tradução).

6 “Uma significação sociológica mais especial da fixação no espaço pode ser designada pelo termo simbólico de ‘ponto de rotação’: a fixidez espacial de um objeto de interesse provoca determinadas formas de relação que se agrupam em torno dele. (...) É sempre lá onde o contato ou a junção de elementos de resto independentes só pode ocorrer em um local determinado, que a localidade fixada adquire significado como ponto de rotação de relações sociológicas. (...) Por toda parte, as cidades funcionam como pontos de rotação de transações para o seu entorno mais próximo e mais distante; isto é, cada uma faz com que se gerem em seu interior inúmeros pontos de rotação, permanentes ou variáveis, para ações de transação. As transações exigem tanto mais das cidades quanto mais intensas elas forem, revelando assim toda a diferença de sua vivacidade em relação à inquieta agitação nômade de grupos primitivos” (Simmel, [1903] 2013, p. 85-86).

7 Disponível em <http://www.copa2014.gov.br/pt-br/brasilecopa/sobreacopa/matriz-responsabilidades>.

se configuraram mais tardiamente, como aquelas voltadas às telecomunicações, turismo e segurança⁸.

A primeira matriz, assinada em 2010, previa para São Paulo um total de investimentos no valor de R\$ 5.376,4 milhões, divididos entre obras de mobilidade urbana (construção do monotrilho Linha Ouro), a reforma do Estádio do Morumbi (necessária à adequação aos padrões exigidos pela FIFA), a urbanização do seu entorno e obras de infraestrutura aeroportuária (reformas nos aeroportos de Guarulhos, Viracopos e no porto de Santos).

No entanto, em 26 de abril de 2011, nova atualização da matriz já dava conta da substituição do Estádio do Morumbi, de propriedade do São Paulo Futebol Clube, para o Estádio do Corinthians, ainda a ser construído no distrito de Itaquera, colocando fim a uma disputa política que envolveu não só os dirigentes dos respectivos clubes e a CBF, como também as lideranças dos dois partidos políticos – PT e PSDB – que, nas últimas décadas, têm polarizado a disputa do poder na cidade e no estado de São Paulo⁹.

A opção pela construção do estádio do Corinthians elevou imediatamente os custos, compensada mais adiante pela substituição da obra do monotrilho pelas obras viárias no entorno do novo estádio, em Itaquera. Tomando por referência a última consolidação da matriz, de 26 de setembro de 2013, os investimentos destinados a sediar a copa de 2014, em São Paulo, acabaram sofrendo uma pequena redução (13,4%), totalizando, atualmente, investimentos no valor de R\$ 4.655,33 milhões, incluídos os gastos com as ações voltadas ao turismo. Para além da discussão em torno dos investimentos, o que importa aqui é evidenciar o quanto a mudança da *posição* do estádio destinado a receber o evento redefiniu o seu significado para a dinâmica urbana de São Paulo, revelando o distrito de Itaquera como “*ponto de rotação*” de estratégias de *longa duração*, criando as possibilidades para torná-las, por meio daquela decisão, *espaço social reificado (ou espaço físico apropriado)* (Bourdieu, 2013, p.133).

MUDANÇA DE POSIÇÃO

Segundo Bourdieu, o *espaço físico* está estreitamente relacionado ao *espaço social*, o que significa dizer que o primeiro só se define quando

8 Respectivamente matrizes de 30 de julho, 28 de setembro e 26 de dezembro de 2012.

9 Agradecemos a Claudio Gonçalves Couto (FGV-SP) pela consultoria prestada ao eixo de governança e pela produção de artigo publicado nesta coletânea regional sobre as disputas políticas em torno da escolha do estádio e suas consequências. Aproveitamos, também, para agradecer à Dirce Koga (UNICSUL-SP) pela colaboração essencial na caracterização demográfica da Zona Leste, cujo artigo também consta desta coletânea.

observadas as *posições* que agentes sociais e coisas – propriedades assim configuradas por meio da apropriação histórica do espaço físico por agentes sociais desigualmente posicionados no espaço social – ocupam uns em *relação* aos outros, estabelecendo-se, a partir daí, as distâncias e proximidades, hierarquias e distinções (Bourdieu, 2013, p. 136). Assim, para compreender o *spacial turn* ocorrido em São Paulo, com vistas a sediar o jogo de abertura da Copa, é preciso ir além da mera *localização* (Bourdieu, 2013, p. 133) e posicionar, uma em relação à outra, *contrapondo-as*, as histórias objetivadas (Bourdieu, [1989] 2009, p. 83) dos distritos do Morumbi e de Itaquera, inserindo-as na totalidade mais ampla da história da cidade que as produziu.

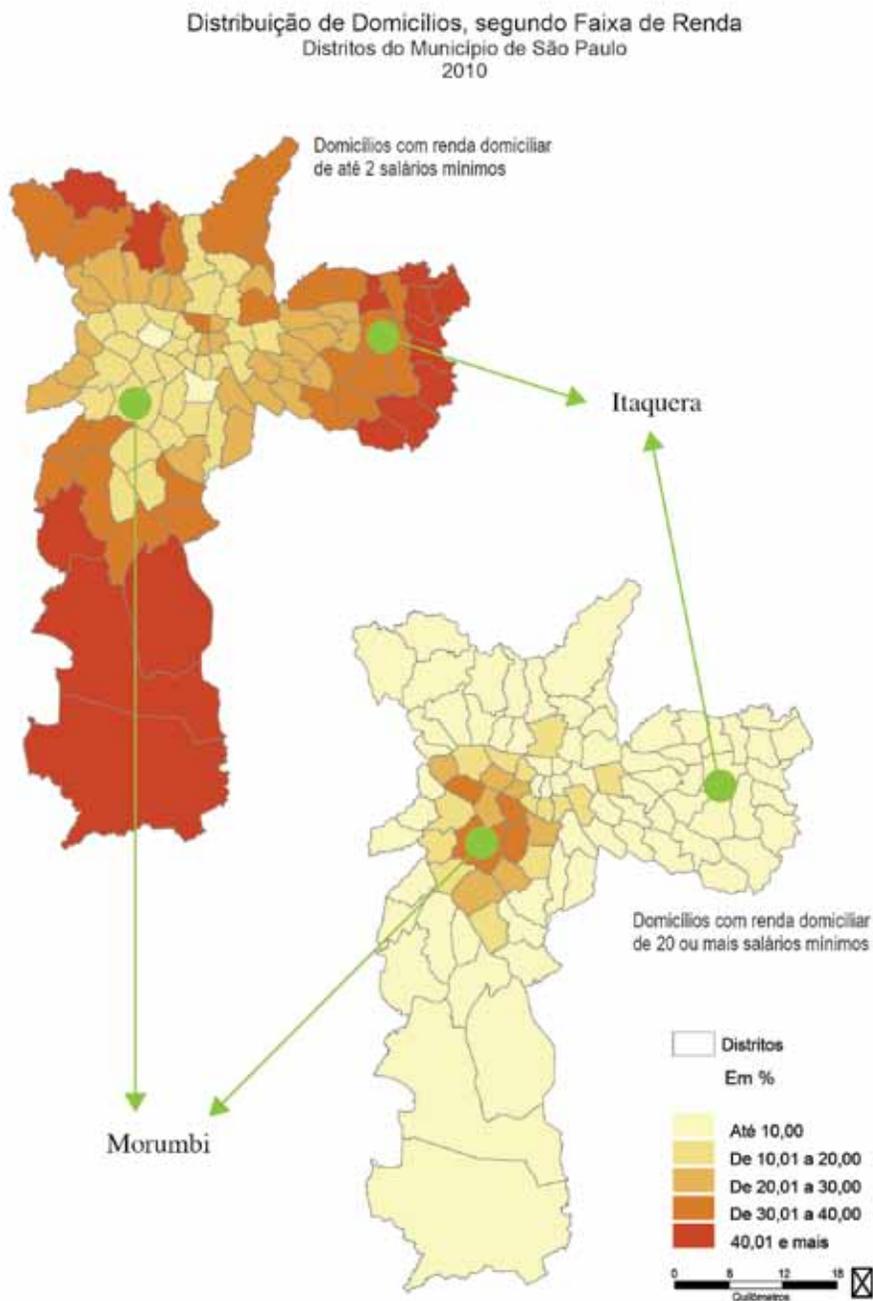


Figura 1. Vetor Sudoeste versus Zona Leste.

Desde o final da década de 1970, a literatura especializada vem demonstrando que a expansão da fronteira urbana da cidade de São Paulo tem obedecido ao que se convencionou nomear de padrão de crescimento periférico (Kowarick, 1979, 1988; Rolnik, 1997), expressão que procurou qualificar a distribuição desigual de recursos, bens e serviços pelo território ocupado, configurando uma cidade que, apesar de sua complexidade, é marcada por um processo claro de segregação espacial. Assim é que o distrito de Itaquera faz parte da história da periferização da cidade de São Paulo, desencadeada, ainda no século XIX, com o seu processo de industrialização, enquanto o distrito do Morumbi se integra a uma história crescente de *gentrification* dos espaços urbanos, no mesmo período identificada à ocupação dos Campos Elíseos, deslocando-se, em seguida, para a região da Paulista, Jardins e, atualmente, às margens do Rio Pinheiros. Como diz Raquel Rolnik, enquanto a população operária foi relegada às várzeas inundadas e insalubres do rio Tamanduateí, à leste do centro histórico da cidade de São Paulo, a elite paulistana galgava, ao sul e a oeste, as suas planícies secas e ventiladas (2000, p. 3), anunciando, desde então, o que viria a se constituir o vetor sudoeste da cidade de São Paulo que, por oposição à Zona Leste, mais do que demarcação geográfica, passou a simbolizar o *skyline* da “cidade global” em contraponto à “cidade operária” (Rolnik, 2000; Fix, 2007; Ferreira, 2007).

A projeção no espaço físico da discrepante distribuição da renda auferida pelos moradores dos respectivos distritos indica a maneira desigual com que foram feitos os investimentos tanto públicos como privados na cidade de São Paulo, pois, como assinala Bourdieu, a posse de capital evidencia a maior ou menor capacidade de apropriação de bens materiais e simbólicos, públicos ou privados, dotados de raridade, reificados no espaço físico (2013, p. 137). A maior concentração de renda no espaço denota, portanto, a maior concentração de bens simbólicos e materiais reificados ao longo do tempo, enquanto a menor concentração de renda revela, inversamente, a sua precariedade.

Desta forma, o fato de que cerca de 30 a 40% dos moradores do distrito de Itaquera possuíam, em 2010, uma renda domiciliar de até 2 salários mínimos expressa o que historicamente tem sido os investimentos públicos na região, alocados “basicamente no sistema viário e de transporte” destinados, quase que exclusivamente, a mover a população trabalhadora em direção ao centro da cidade – onde há maior oferta de empregos – conferindo à Zona Leste a condição de “cidade-dormitório” (Rolnik e Frúgoli, 2001, p. 58). Por outro lado, a concentração, no distrito do Morumbi, de mais de 40% da população que possuem renda domiciliar de 20 ou mais salários mínimos confirma o que foi, sobretudo, a história da região na dé-



Fonte: IBGE, Censo Demográfico 2010, Projeção Estatística da Amostra.
Secretaria Municipal de Desenvolvimento Urbano – SMDU/Depto. de Estatística e Produção de Informação – Dipro.
Nota: 1 - As porcentagens indicam a relação entre domicílios de determinada faixa de renda e o número total de domicílios permanentes. 2 - A distribuição domiciliar com até 2 salários mínimos inclui os domicílios sem rendimento.

Figura 2. Distribuição de renda (Censo 2010).

cada de 1990, quando a prefeitura investiu maciçamente em infraestrutura urbana e ambiente construído com o objetivo de abrigar o setor terciário avançado da economia global (Maricato, 2000, p. 158; Fix, 2007).

Ora, a escolha do distrito de Itaquera para receber os investimentos públicos destinados a receber os eventos da copa de 2014 rompeu a tendência histórica de investimentos observada até então na cidade de São Paulo e parecia atender não só à reivindicação histórica da população por desenvolvimento econômico, em especial por geração de empregos, como ia ao encontro dos estudos críticos que evidenciavam até o momento o estado de exclusão social da Zona Leste. Pela primeira vez, a Zona Leste parecia deixar de ser “quintal” da centralidade paulistana para se tornar, ela, o centro do espetáculo.

A PRODUÇÃO DO CONSENSO

A produção do consenso – elemento essencial para legitimar a mobilização de recursos para sediar eventos como a copa de 2014 – está, sobretudo, articulada à ideia, praticamente naturalizada, de que, por meio da recepção de “megaeventos”, é possível promover o desenvolvimento econômico da cidade, atraindo empregos e divisas – por meio do turismo, principalmente – e dando visibilidade à cidade-sede, essencial para atrair o capital internacional volátil e sem pátria (Harvey, 2005; Arantes, 2000; Vainer, 2000). A necessidade do desenvolvimento econômico, por sua vez, se fortalece mediante a premissa da crise fiscal das cidades, decorrente da migração das plantas industriais das metrópoles – que em torno delas se constituíram – para outros territórios mais competitivos (Sassen, [1994] 1998). A cidade de Detroit é, atualmente, o exemplo mais evidente deste “ciclo”.

No caso de São Paulo, já houve oportunidade de demonstrar que o “receituário” do planejamento estratégico foi apropriado sem que necessariamente estivesse vinculado a um processo de desindustrialização, mas antes como forma de legitimar práticas já conhecidas e instituídas na cidade (Carvalho, 2000). Além disso, no que diz respeito exclusivamente à Zona Leste, quando a hipótese da desindustrialização estava no centro do debate, ela não se verificava para a região. Ao contrário, mantinha-se a industrialização ainda que de perfil diverso (Rolnik, 2000).

Por conseguinte, sem desconsiderar a crise fiscal da cidade de São Paulo, realidade concreta para a qual seria necessário estudo detalhado com vistas a identificar suas causas particulares, importante é analisar em sua especificidade como se configura e qualifica, na Zona Leste, a questão do desenvolvimento econômico. Como estamos no âmbito do *espaço conce-*

bido, o principal ator que emerge é a municipalidade de São Paulo, pois os investimentos públicos é que são objetos do contrato assinado entre os entes federados e a FIFA, com vistas à realização do evento.

Desde quando tem sido instada a pronunciar-se sobre o que está sendo planejado para a região, três são os aspectos por ela mobilizados. Em primeiro lugar, e o que está no centro da justificativa das ações a serem empreendidas, é a possibilidade de que o desenvolvimento econômico, associado ao "megaevento", seja deslocado para a Zona Leste e não para os alvos tradicionais, preferenciais e históricos da atenção pública. Desta forma, o *spacial turn*, próprio da recepção do evento em São Paulo, é elemento relevante na produção do consenso e só ocorre em função da história própria da região, como demonstrado. O estádio, neste contexto, se configura como "vetor" essencial desse desenvolvimento.

Em segundo lugar, cria a possibilidade de reduzir o movimento pendular, levando para a Zona Leste, mais especificamente para o distrito de Itaquera, os empregos que, diariamente, são buscados no centro da cidade.

Copa do Mundo 2014

PREFEITURA DE SÃO PAULO
SPCOPA

Oportunidade histórica: a vez de Itaquera e da Zona Leste

PROFES 2014
2014 WORLD CUP
SÃO PAULO

*** Com 4 milhões de moradores, a Zona Leste é mais populosa do que 25 das 27 capitais brasileiras**

*** Possui 35% da população de São Paulo, mas 16% da oferta de empregos e a menor renda per capita**

*** O Poder Público viabilizou o primeiro vetor de desenvolvimento de sua história no sentido da Zona Leste**

Figura 3. A hora e a vez da Zona Leste.
Fonte: SPCopa, PMSP, 2013.



Figura 4. Movimento pendular.
Fonte: SPCopa, PMSP, 2013.

de. De fato, segundo o censo de 2010, a Zona Leste é a sua região mais populosa, com 35% dos seus moradores, embora abrigue apenas 16% dos empregos disponíveis.

Em terceiro lugar, o “megaevento” é a oportunidade para colocar em prática a realização do Polo de Desenvolvimento Tecnológico de Itaquera, já previsto no Plano Diretor Estratégico da Cidade, aprovado, em 2002, com ampla participação popular. Em parceria com o governo do Estado, trata-se da implantação, ao redor do estádio do Corinthians, com obras em andamento, de uma escola e uma faculdade técnicas (ETEC e FATEC), de um parque tecnológico, de uma unidade do Sesi e outra do Senai, constituindo o que a PMSP tem nomeado de Polo Institucional Itaquera.

Por fim, há ainda de se considerar que a guinada para a Zona Leste reduziu os custos iniciais previstos, e as obras viárias, que estão sendo empreendidas ao redor do estádio, não estão lançando mão das leis excepcionais passíveis de serem mobilizadas quando se trata de obras que trazem a marca “Copa”, como são as leis de regime de contratação diferenciado. Ao contrário, estão obedecendo à legislação corrente.



Figura 5. O Polo Institucional Itaquera.
Fonte: SPCopa, PMS, 2013¹⁰.

Portanto, o consenso em torno do "megaevento" está sendo produzido em virtude de uma equação que particulariza a recepção da copa do mundo em São Paulo: ao mesmo tempo em que o "megaevento" aparece como responsável por promover o desenvolvimento econômico na Zona Leste, o faz sob um conjunto de ações que, conforme os mesmos elementos integrantes do consenso, já estavam planejados para a região. Dessa forma, a equação parece contraditória, pois ou bem o "megaevento" é grande responsável pelo desenvolvimento econômico da região, ou, ao contrário, não cumpre qualquer função, já que se trata de colocar em prática o que já estava previsto. Neste caso, então, por que a ênfase no "megaevento"?

A hipótese que se mostrou acertada é que o foco fechado no "megaevento" encobre o que sob sua luz já se desenhava, não agora, mas muito antes de a cidade de São Paulo ter sido escolhida para sediar a copa. O *spacial turn* em direção à Zona Leste foi o movimento que revelou a sub-

10 Os slides nos foram gentilmente cedidos pela assessoria de imprensa da SPCopa, a quem aproveitamos para agradecer a demais informações prestadas.

missão do evento ao planejamento urbano de *longa duração*, estruturado, embora não planejado, porque não é passível de ser atribuído a uma única causa ou grupo social, mas decorrente de um processo tendencial na reconfiguração urbana da cidade de São Paulo, e que alimentado, como será possível demonstrar, pelo imaginário da “cidade global”¹¹.

Por isso é que temos evitado o uso irrefletido do termo “megaevento”, e que é tanto utilizado pelos seus apologistas, como por seus críticos. Um bom começo para se pensar criticamente o significado de mediação que eventos esportivos passam a cumprir na reconfiguração urbana das metrópoles é desconfiar do uso abusivo da hipérbole¹². Ao contrário, assumi-la talvez seja o primeiro passo para atribuir toda causalidade e força ao que se pretende negar, caindo na mesma armadilha que a luz intensa sobre o evento cria: a de obscurecer mudanças que se encontram à sombra e que a visibilidade cega da pretensa grandiosidade do evento – para o bem ou para o mal – impede ver.

ESPAÇO DE FLUXOS

Mas além de reduzir a ênfase sobre o evento esportivo, que, ao que tudo indica, desvia a atenção do que, de fato, está acontecendo na Zona Leste, trata-se também de qualificar o que se entende por desenvolvimento econômico. E quando esta ideia – que está na origem de todas as justificativas constituintes da recepção da copa do mundo em São Paulo – começa a ser problematizada é que emerge a disputa em torno da apropriação do ambiente construído não só de Itaquera, mas de toda a Zona Leste. Ali onde parecia haver consensos, configuram-se conflitos, que, no entanto, também não estão onde são mais evidentes e visíveis – contra ou a favor da recepção do “megaevento”, por exemplo – embora também, mas se encontram à sombra, calcados na própria história da Zona Leste.

Conforme a matriz de responsabilidade, a maior parte dos investimentos necessários à recepção da Copa se destina às obras de mobilidade urbana. E no que se refere aos governos locais, se realizam quase que exclusivamente em obras de infraestrutura viária¹³. Assim é que, em maio de

11 Neste momento da pesquisa trata-se de apresentar a tendência do processo de longa duração, mas sem deixar de reconhecer a necessidade de, num segundo momento, desenhar as diferentes figurações que o estruturam, definindo os grupos sociais que disputam entre si o seu sentido. Já ao final deste artigo será possível anunciar minimamente a figuração central, sem condições, entretanto, de desenvolvê-la.

12 Inspiração advém de Arantes (2011) quando analisa o que nomeia de “formas urbanas extremas” de Pequim, na China. No nosso entender, a hipérbole pode ser obra do espetáculo; a crítica deve evitá-la.

13 Consideramos mobilidade os investimentos feitos em aeroportos e portos, além de obras de mobilidade urbanas propriamente ditas. Sendo assim, 14.891,92 bi ou 58,24% são os

2011, a prefeitura e o governo do estado de São Paulo assinaram convênio a fim de definir as responsabilidades respectivas sobre as obras viárias em torno do estádio de Itaquera. No entanto, embora o documento tenha sido produzido para responder às exigências de acesso ao estádio – e por esse motivo está, inclusive, postado no site oficial do SPCopa – logo em sua apresentação informava que o convênio tinha por objetivo “viabilizar a execução de obras previstas no plano de desenvolvimento da Zona Leste do município de São Paulo”¹⁴.

Como obras de acesso passam a ser relevantes para o desenvolvimento econômico da região, só se compreende quando articuladas à operação urbana consorciada Rio Verde Jacu (OUCJP), o que também é mencionado no documento: definida no “Plano Diretor Estratégico do Município, prevê a renovação urbana da região estruturada pelo eixo do complexo viário da av. Jacu-Pêssego” (proc. SPDR-186q11, p. 4)¹⁵ e que, segundo a lei que a instituiu (lei 13.872/04), concede benefícios fiscais às empresas que tenham interesse em se instalar em toda a sua extensão.

O motivo pelo qual a Avenida Jacu-Pêssego tem sido alvo de ações de intervenção urbana promovidas pela municipalidade, sempre em convênio com o governo do Estado, é o fato não só de possuir papel estrutural na organização dos fluxos internos à Zona Leste, mas também porque, por meio dela, é possível atingir, na direção norte, o aeroporto de Guarulhos, e a sul, o porto de Santos e a região do ABC, aspectos igualmente mencionados no documento. É, portanto, uma avenida extremamente importante para interligação da cidade de São Paulo à região metropolitana.

Assim, as obras viárias, que a princípio pareciam exclusivamente destinadas aos torcedores que se dirigiriam ao estádio, antes se integram a um complexo viário de extrema relevância para o fluxo dos negócios a serem incentivados por meio da operação urbana consorciada, reafirmando o que temos dito: que os investimentos voltados à recepção da Copa se submetem, antes, ao planejamento de *longa duração* direcionado à Zona Leste. Chamamos atenção para o fato de que a lei que instituiu a Operação Urbana Rio Verde Jacu é de 2004.

investimentos destinados à mobilidade em todo o país e, em São Paulo, totalizam R\$ 3.810,10 bi (81%).

14 Proc. SPDR-186/11. Disponível em: <http://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/copa/transparencia/index.php?p=164830>

15 As operações urbanas consorciadas se transformaram em importantes instrumentos de gestão urbanística desde a sua incorporação pelo Estatuto da Cidade (Lei 10.257/01), embora datem de muito antes (Ferreira e Maricato, 2002, p. 15). Grosso modo, definem-se pela concessão de incentivos à iniciativa privada para que atuem em determinada área delimitada pelo poder público e carente de infraestrutura urbana. Esses incentivos tendem a flexibilizar a regulamentação do uso do solo, com venda de certificados de potencial construtivo, os chamados CEPACs, em troca de contrapartidas também definidas em legislação específica.

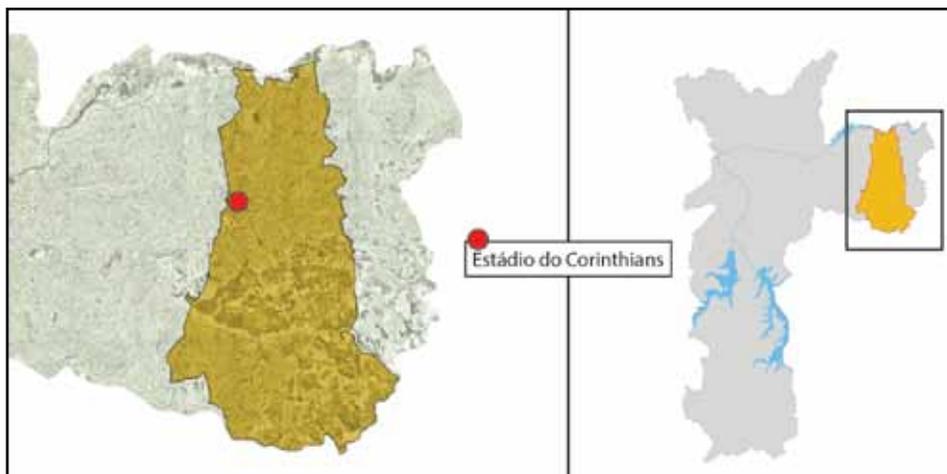


Figura 6. Área de abrangência da OU Rio Verde Jacu. Fonte: PMSF.

Mais recentemente, a lei da OUCJP foi complementada pela lei nº 15.931/2013¹⁶ e que, para nossa análise, é bastante significativa, não só porque reforça o papel estrutural da av. Jacu-Pêssego, mas, ao definir o tipo de setor econômico que será beneficiado pelos incentivos fiscais, termina por qualificar o que se tem *concebido* como desenvolvimento econômico para a Zona Leste. A lei estabelece que serão beneficiadas – com isenção total do IPTU e desconto de até 60% de ISS sobre serviços prestados, por um período de 20 anos, além de possível isenção do ITBI-IV e do ISS sobre a construção civil – empresas exclusivamente do *setor de serviços*, sobretudo ligados à informática, educação¹⁷, ensino e treinamento, hospedagem, *call center (telemarketing)*. A lei também estabelece, em seu art. 1º, que o objetivo é atrair empresas que façam uso intensivo de mão de obra, de forma a garantir o maior número de geração de empregos na região.

Sem dúvida que a ação reforça a tônica da redução do movimento pendular, quase um mantra, tratando-se da Zona Leste, mas salta aos olhos a relação entre um setor que, se muito emprega, também é aquele que exige menos qualificação e tem o contingente de profissionais os mais desorganizados, em termos trabalhistas. E é este setor, o setor de serviços, que está sendo estimulado a produzir o desenvolvimento econômico da Zona Leste, em substituição àquele que tradicionalmente tem ocupado o seu território, o setor industrial.

Também é flagrante o caráter de suporte comum a todos os serviços mencionados, ou seja, nenhum sugere atividades-fim, mas são, antes, ati-

¹⁶ Disponível em: <http://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/financas/legislacao/index.php?p=14205>

¹⁷ Trata-se de curso de idioma, conforme pesquisa realizada.

vidades-meio. A questão é tentar identificar a que atividades-fim esses serviços incentivados poderiam estar concedendo suporte. Pois o que, sem dúvida, estrutura o *espaço concebido* da Zona Leste em torno do setor de serviços é a premissa da desindustrialização presente no imaginário que funda a "cidade global". Ou seja, diante da desindustrialização e sua decorrente crise fiscal, trata-se de atrair investimentos da nova economia globalizada que se desenvolve, sobretudo, em torno do terciário avançado. E, neste caso, a visibilidade que a região vai obter, quando da recepção da Copa de 2014, é essencial para configurá-la território avançado da "cidade global" paulistana, configurando a Zona Leste como *espaço de fluxos* (Castells, [1996] 2008, p. 467) bem estruturado aos negócios da economia globalizada. Não por acaso, a primeira área delimitada a receber incentivos fiscais de instalação (do total de 9 áreas) avizinha-se ao Polo Institucional Itaquera, ou seja, exatamente ao lado do Estádio do Corinthians, sobre os quais estiveram todos os holofotes no dia 12 de junho de 2014.

O *spacial turn* promovido em direção à Zona Leste fica, então, plenamente esclarecido. Se há algum significado que possa ser dado ao prefixo "mega" atribuído ao evento esportivo é que, por meio dele, será possível dar visibilidade a esta área que, ela sim, passará por uma mega operação, pois que está sendo concebida – *espaço concebido* – por um planejamento de *longa duração* que visa constituí-la *ponto de rotação* de um *espaço de fluxos* para a economia global. O *espaço concebido* pelo poder público está induzindo a reconversão econômica da Zona Leste.

DA "PERIFERIA" AO CENTRO

Os espaços são também *espaços percebidos*, ou seja, no dizer de Lefebvre, sobre o espaço são produzidas representações simbólicas decorrentes das relações sociais que, em conflito e ao longo da história, o produziram.

Assim é que a maneira como se expandiu a malha urbana em São Paulo produziu uma percepção do espaço que se consubstanciou na forma "centro-periferia". A Zona Leste, portanto, como o próprio nome sugere, não possuía autonomia, mas se designava em função da centralidade não só geográfica, mas socioeconômica, característica dos bairros centrais. Uma zona que fica à leste do centro.

Do mesmo modo, a forma "centro-periferia" alimentou o espaço percebido dos estudos urbanos, bastando ver que também a noção de "periferia" extrapolava a designação geográfica para expor a qualidade de vida precária dos que ficaram relegados a subir o planalto para oferecer seus serviços.

O que este artigo procurou demonstrar é que o processo de redirecionamento do desenvolvimento econômico em direção à Zona Leste, tendo por ocasião a Copa de 2014, vem contribuindo, ainda que seja no âmbito

exclusivo do *espaço concebido*, para redefinir o lugar que a Zona Leste ocupa na percepção do espaço da cidade. Não só porque passou a figurar no noticiário diário, quando uma vez centralidade na recepção da Copa de 2014, mas porque também a população que, durante anos, só foi notícia por causa da precariedade do seu modo de vida, agora vê disputado o sentido do lugar em que mora.

É bem verdade que os mesmos estudos pautados pela orientação do *espaço percebido* "centro-periferia" poderiam nos levar a concluir pelos resultados perversos, sobejamente conhecidos, decorrentes de toda intervenção urbana em situação social em que a terra é mercadoria: valorização imobiliária e dos serviços de entorno como consequências inevitáveis, produzindo a expulsão da população – não agora, haja vista as desapropriações decorrentes das obras da Copa em São Paulo serem mínimas – mas daqui a dez, vinte anos, quando o plano para a Zona Leste tiver efetivamente se concretizado. Será?

Como ainda estamos no âmbito do *espaço concebido*, é preciso dizer que este é um plano em disputa. O sentido que o desenvolvimento econômico assumirá na Zona Leste depende da forma como esse sentido for construído e que, se tem, de um lado, o poder público mediado pelo imaginário da cidade global, há, de outro, os filhos e netos dos antigos operários, que hoje disputam território na Zona Leste, para lá verem instalado mais um *campus* universitário¹⁸. Portanto, se é possível que a Jacu-Pêssego estruture um espaço de fluxos que liga o centro da Zona Leste (Itaquera) a Guarulhos, Santos e o ABC, resta saber se servirá exclusivamente ao trânsito de negócios e mercadorias ou também daqueles que, desejando se apropriar do desenvolvimento da Zona Leste, superam sua tradição operária frequentando os cursos do "arco universitário" em formação na região.

Desconfiamos, pelo movimento organizado recentemente em torno da reivindicação por mais um campus da UNIFESP na Zona Leste, que o sentido do desenvolvimento econômico na região ainda não está dado. E aqueles que ali vivem sinalizam claramente: nossos pais foram operários com orgulho, mas nossos filhos, se obrigados a transformar a Zona Leste operária em memória, não o farão alternando-se no trabalho precário dos *telemarketings*, mas tornando-se advogados nos bancos das universidades. É simbolicamente curioso que o curso que reivindiquem para o novo *campus* seja o de direito. Também foram juristas os que ganharam a autonomia da cidade (Weber, [1922] 1996).

Um longo e instigante caminho de disputa pela frente.

18 Desde o final a década de 1980, a população da Zona Leste tem reivindicado a instalação de universidades na região. Desde então foram para lá a USP Leste e agora está sendo cogitada a instalação de um campus da UNIFESP, para o que a PMSP já concedeu terreno. Vale lembrar que no perímetro analisado por este artigo há também outros campi universitários como a UNIFESP em Guarulhos e em Santos e a Universidade Federal do ABC, em Santo André.

.....

SETOR DE TURISMO COMO INDICADOR DA RECONFIGURAÇÃO METROPOLITANA DE SÃO PAULO¹

Clarissa Gagliardi e Mônica de Carvalho²

Em 8 de novembro de 2011, foi firmado convênio entre a Prefeitura de São Paulo, por meio da SECOPA – Secretaria Especial de Articulação para a Copa do Mundo de Futebol 2014³ – e a São Paulo Turismo SA para a “contratação de serviços de planejamento, produção, execução e fiscalização de campanhas promocionais, ações e projetos estratégicos, visando à preparação da Cidade de São Paulo como sede da Copa do Mundo FIFA 2014”. As ações previstas no contrato envolveram a promoção turística da cidade; o apoio de recursos humanos; a realização de eventos relacionados às obrigações da cidade com a FIFA; estudos e projetos no campo da comunicação; decoração da cidade e logística do fluxo das multidões; além da capacitação, qualificação e reciclagem profissional⁴. Estimado em cerca de R\$ 5 milhões de reais, o contrato não permitia antever o sentido mais amplo das ações que a Copa articulava para oportunizar novos negócios em turismo em São Paulo. Se os impac-

1 Este artigo apresenta os resultados parciais de pesquisa realizada no âmbito do Observatório das Metrópoles-SP, coordenada nacionalmente pelo Observatório das Metrópoles-RJ, do IPPUR-UFRJ, sobre *Metropolização e os Megaeventos: o impacto da Copa de 2014 e das Olimpíadas de 2016*, financiada pela FINEP, coordenada em São Paulo pelo Observatório das Metrópoles-SP, e nacionalmente pelo Observatório das Metrópoles-RJ (IPPUR-UFRJ).

2 Clarissa Gagliardi é docente do Departamento de Relações Públicas, Propaganda e Turismo da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo (ECA-USP); Mônica de Carvalho é socióloga do Programa de Estudos Pós-Graduados em Ciências Sociais da PUC-SP e colaboradora do Programa de Pós-Graduação em Planejamento e Gestão do Território da Universidade Federal do ABC.

3 Com a mudança da gestão municipal em São Paulo, a SECOPA foi extinta e, em 16/1/2013, criou-se o SPCopa – Comitê Integrado de Gestão Governamental Especial para a Copa do Mundo de Futebol de 2014, coordenado pela vice-prefeita Nádia Campeão.

4 Contrato nº 18/2011-SGM, disponível no site da SPCopa: http://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/upload/copa/transparencia/1g_contrato-18-2011-sgm-spturis.pdf

tos da Copa relacionados à atividade turística fossem analisados apenas sob a perspectiva técnica e como suporte pontual ao megaevento, a partir das ações previstas pela Matriz de Responsabilidades da FIFA⁵, por este contrato com a cidade de São Paulo e recursos a ele destinados, além de reduzir o turismo a mero aparato logístico e promocional, se obscureceriam outros significados que, ao serem analisados no contexto de avanço do setor terciário, em uma ótica de longo prazo e na escala da região metropolitana de São Paulo (RMSP), permitem considerá-lo um indicador de mudanças econômicas para além do megaevento.

Sendo o turismo uma atividade multissetorial, transversal em seus arranjos produtivos, e integrado à economia da prestação de serviços, cabe analisá-lo no contexto dos processos contemporâneos de alta competitividade e fluidez do capital em escala global, sobretudo porque, no caso de São Paulo, é o segmento de negócios, e não o de lazer, que ajuda a compreender seu sentido econômico, pois "trata-se de um conjunto de atividades que se realiza por meio de 'negócios' aqui acumulados pela concentração dos setores de ponta da economia" (Carlos, 2009, p. 308).

Vale ainda dizer que os centros de turismo, ao lado das zonas de produção e dos grandes centros comerciais, constituem locais importantes para a implantação de processos globais (Sassen, 1998, p. 56). Um "movimento de passagem da hegemonia do capital industrial para o capital financeiro" (Carlos, 2009, p. 305) que, ao se realizar, produz um novo espaço, na medida em que essa migração do capital de um setor a outro da economia requer infraestrutura capaz de articular as novas formas econômicas ao plano mundial. E é exatamente com base nessas perspectivas que São Paulo se constitui em "um eixo financeiro empresarial que se estende desde o centro da metrópole em direção ao sudoeste, ocupando áreas antigas de industrialização" (idem). Esta mesma lógica vale para analisarmos o sentido das transformações em curso na Zona Leste para as quais a Copa

5 De acordo com a Matriz de Responsabilidades da FIFA, dos 25.569,30 bilhões de reais previstos para investimentos globais em todos os setores, apenas R\$ 180,28 milhões (0,7%) seriam destinados a "Ações de Infraestrutura do Turismo". Em São Paulo, dos mais de 4.600 bilhões de reais a serem investidos entre obras de mobilidade, estádio, aeroportos e portos, R\$ 25,23 milhões de reais (0,5%) serão destinados a ações específicas para o setor de turismo. Disponível em <http://www.copa2014.gov.br/pt-br/brasilecopa/sobreacopa/matriz-responsabilidades>, consultada em 7/2/2014. Tais ações, em São Paulo, se referiam a intervenções de sinalização turística, adequação de Centrais de Atendimento ao Turismo e aquisição de *segways* para atendimento em áreas de *funfests*, de acordo com informações prestadas pela SPTuris, em 16/10/2013. Há ainda as ações do PRONATEC Copa, que visavam capacitar profissionais para atuarem durante o evento. Essas ações estavam voltadas a algumas necessidades básicas de atendimento do visitante que viria para a Copa, mas não se constituem em ações estruturais para qualificar o setor, tanto no plano nacional quanto local. No caso de São Paulo, as ações previstas têm papel coadjuvante no contexto do segmento de negócios que se articula muito pelas ações do mercado, que, por sua vez, se orienta pelos investimentos públicos, como se tentará demonstrar adiante.

nos chamou a atenção e que evidenciam o espraiamento do setor de serviços sobre antigas áreas operárias industriais, possivelmente desenhando um novo eixo de desenvolvimento econômico metropolitano.

Embora a classificação do setor de serviços não seja absolutamente precisa, o que importa para nossa análise é que as atividades que dão suporte ao turismo e a sua cadeia produtiva – como, por exemplo, os setores de hospedagem, alimentação, cultura, lazer e eventos – participam dessa categoria e acompanham o avanço do setor terciário. O setor hoteleiro administrado por cadeias internacionais⁶ na capital, por exemplo, teve um incremento de cerca de 4 mil novas unidades habitacionais, entre 1998 e 2001 (Koulioumba, 2003, p. 11), e, atualmente, o investimento em quartos de hotéis e *flats* na cidade de São Paulo é considerado um mercado em alta, pois, de acordo com Cristiano Vasques, assessor de investimentos hoteleiros da HotelInvest, “há um ciclo de eventos na metrópole que sustenta o mercado hoteleiro, como Fórmula 1 e feiras”⁷. Ou seja, os fluxos turísticos colaboram para um terciário que vem se alargando na cidade⁸.

Analisando a presença de atividades de caráter internacionalizante em São Paulo, Kolioumba (2003) identifica a proeminência da capital na concentração de serviços pessoais (com destaque para o Turismo, Hotelaria, Cultura, Lazer e serviços tipo *franchising*); serviços distributivos (transporte, telecomunicações e comércio); serviços produtivos (setor bancário e financeiro, publicidade e propaganda, consultoria e assessoria e direito) e serviços sociais (educação e saúde). Paralelamente ao enorme contingente de turistas de negócios que aflui para a cidade e à articulação do Aeroporto Internacional de São Paulo aos demais aeroportos mundiais como um agente facilitador do processo de internacionalização, a autora destaca o crescimento das redes internacionais de cinema, concentradas sobretudo em *shoppings centers*, e das franquias que oferecem serviços na área de

6 Vale destacar que nem sempre a presença de grupos internacionais representa de fato uma internacionalização do setor, como sugere o tema das cidades globais e ao papel do chamado “novo terciário” nesse processo. No Brasil, por exemplo, muitos empreendimentos de redes internacionais são mantidos com capital nacional sob a fórmula de *franchising* (Ferreira, 2007, p. 68). “A maioria dos estabelecimentos referenciados (...) estão ligados a redes hoteleiras nacionais ou internacionais, por contratos de franquia, franquia e administração ou arrendamento” (Spolon, p. 105).

7 *Copa amplia oferta de quartos de hotéis para investimento*. Folha de São Paulo, caderno Mercado 24/2/2014. Disponível em <http://www1.folha.uol.com.br/mercado/2014/02/1416706-copa-amplia-oferta-de-quartos-de-hoteis-para-investimento.shtml>

8 Embora analistas destaquem o vigor da produção industrial ainda presente em São Paulo, relativizando a reconversão econômica do município pela transição da metrópole industrial para a de serviços (Rolnik e Frúgoli, 2000) ou se refiram à complexidade do movimento de deslocamento da indústria para fora dos centros urbanos, redefinindo seus vínculos com eles (cf. Lencioni 1998, 2008), não é objetivo aqui recuperar as análises a respeito dos processos de desindustrialização. em face do avanço do setor terciário, apenas analisar o turismo no bojo das transformações no desenvolvimento econômico de São Paulo.

lazer, e ainda escolas de idiomas e serviços de alimentação difundidos pelo território. Kolioumba ainda salienta, na capital, a atuação de bancos estrangeiros; a maciça existência de centros de excelência em pesquisa e desenvolvimento; a existência de uma ampla indústria gráfica que favorece a atuação de São Paulo no cenário internacional da publicidade e propaganda, concentrando, também, suas principais agências, empresas de telecomunicações e provedores de internet. Afora a proliferação do comércio varejista e especializações atacadistas, com a presença dos *shoppings* em “vetores menos privilegiados” que “têm contribuído para a criação de novas centralidades localizadas em periferias mais distantes (exemplos que incluem os *shoppings centers* Aricanduva, Penha e Tatapé, na Zona Leste)” (2003, p. 13).

À parte as discussões de São Paulo global como um mito, à medida que sua integração ao sistema mundial contrasta com uma série de problemas socioeconômicos⁹, o que nos interessa aqui é, ao caracterizar os serviços turísticos integrados à gama de serviços do terciário, legitimá-lo como indicador da projeção da cidade global sobre o território que a Copa então descortinou, considerando o megaevento no contexto mais amplo de transformação da cidade e ampliando a escala de análise para a região metropolitana.

A conquista de novas frentes de expansão para essa reprodução capitalista, por sua vez, articula Estado e os setores econômicos, que “se revela[m] por intermédio de políticas urbanas que direcionam o orçamento público para a construção de uma infraestrutura necessária para que esse processo econômico se realize sem sobressaltos” (Carlos, 2009, p. 305). Diante das barreiras naturais impostas ao norte e ao sul da cidade, a região Leste passou a assumir caráter de centralidade para a configuração de um novo eixo de desenvolvimento¹⁰, considerando novas bases econômicas. É assim que se compreende o diálogo que a Copa oportuniza entre poder público e privado sobre os sentidos da Zona Leste.

Por ocasião da mudança de *status* da SPTuris para Secretaria Municipal de Turismo, anunciada em 27 de setembro de 2013, seu então presidente Marcelo Rehder “...reafirmou o compromisso firmado pelo prefeito de levar turismo e estimular empresas a investirem na Zona Leste... Na agenda do poder público, “o planejamento prevê criar meios de turismo (...) na região da Arena Corinthians, que sediará a abertura da Copa do Mundo. (...), além de uma “série de incentivos para levar empregos e empresas para lá”. O gestor comenta ainda que, com a “série de equipamentos construí-

9 Cf. a este respeito, entre outros, Carvalho, 2000; Kolioumba, 2003; Ferreira, 2007; Carlos, 2009.

10 Cf. análise em artigo que abre essa publicação: *A recepção da copa de 2014 em São Paulo: a “cidade global” avança sua fronteira sobre a “cidade operária”*.

dos” e “um polo de desenvolvimento lá, é importante que se faça um hotel do lado do estádio. Existe demanda e é importante para a região”¹¹.

Os incentivos mencionados por Rehder referem-se à Lei de Incentivos para a Zona Leste, sancionada pelo prefeito Fernando Haddad em 20 de dezembro de 2013, que prevê: “Isenção de: Imposto Predial Territorial Urbano (IPTU), Imposto sobre Transmissão de Bens Intervivos (ITBI), Imposto incidente sobre a compra de terrenos; Redução da alíquota do Imposto Sobre Serviços (ISS) sobre ramos da atividade comercial como call center, telemarketing, educação/escola de idiomas e hotelaria”¹².

A fala do gestor também cita o Polo Tecnológico como vetor de desenvolvimento em Itaquera, além de outras intervenções com prováveis impactos na área da mobilidade urbana e, conseqüentemente, nos fluxos da região Leste. O Polo em questão pressupõe, além de intervenções de melhoria em equipamentos já existentes, dotar a região no entorno do Estádio do Corinthians de uma nova rodoviária, um edifício com salas comerciais, um centro de convenções, um parque tecnológico, estruturas para formação profissional – SENAI e FATEC – e um parque linear cuja primeira etapa já foi concluída¹³.

Tentando detectar novas dinâmicas territoriais na Zona Leste, Rolnik e Frúgoli Jr. (Rolnik e Frúgoli Jr., 2001) já se referiam há mais de uma década à ocorrência de “megainvestimentos terciários, como *shopping centers* e hipermercados”, a partir dos anos 1990, nos bairros onde tradicionalmente se localizavam as indústrias, penetrando de forma fragmentada nas periferias da cidade e definindo uma “nova espacialidade da desigualdade”, tendo em vista que essa territorialização justapunha esses grandes empreendimentos a “pequenos estabelecimentos de comércio e serviços em assentamentos residenciais populares” (2001, p. 49).

Se, de um lado, esses dados evidenciam que está em curso um projeto de desenvolvimento da Zona Leste que conta, em grande medida, com o avanço do setor terciário sobre esta região de características até então ope-

11 Trechos de notícia veiculada pelo site da Prefeitura de São Paulo, por ocasião da mudança de *status* da SPTuris para Secretaria Municipal de Turismo, em 27/9/2013. Disponível em <http://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/comunicacao/noticias/?p=157950>, consultado em 16/10/2013

12 *Prefeito sanciona lei de incentivos fiscais para a Zona Leste*, disponível em http://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/subprefeituras/cidade_tiradentes/noticias/?p=44919, consultado em 10/02/2014.

13 Em várias apresentações da prefeitura de São Paulo a respeito dos impactos da Copa na Zona Leste, o polo Tecnológico aparece em destaque como vetor de desenvolvimento, contrapondo-se ao vetor sudoeste, foco de investimentos do poder público nos últimos anos. Disponível em <http://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/upload/trabalho/arquivos/itaquera.pdf>, acessado em 16/10/2013. O relatório consultado ainda insere as obras em São Paulo no cenário internacional dos grandes eventos esportivos, destacando como eles foram relevantes no incremento do PIB dos países- sede, o que justificaria os investimentos públicos e privados.

rárias, por outro, o mercado de turismo, que representa parte deste terciário, aguarda as condições ideais para responder aos estímulos do poder público.

Para representantes do setor de eventos da cidade, *“São Paulo recebe uma Copa por mês e ela não gera nenhum impacto a mais do que os eventos que estão consolidados em São Paulo”*. A Copa *“tem sua importância, é pretexto, mas isso não induziu absolutamente nenhum investidor hoteleiro a construir hotel em São Paulo”*. Para o mercado, *“São Paulo vive de negócios e o lazer acaba sendo uma consequência natural do homem de negócio que chega à cidade e as regiões com gastronomia, entretenimento, hotelaria, são privilegiadas por isso, (...) além disso, o parque hoteleiro está muito concentrado em São Paulo.”*¹⁴.

A respeito da relevância do novo estádio para o circuito dos eventos da cidade, o SPCVB observa que *“antigamente 70% das turnês internacionais nem passava por São Paulo, só vinham 30%. Hoje 70% das turnês internacionais têm São Paulo como parada. (...) Esse movimento dos amigos do bairro, amigos da cidade, amigos do silêncio, faz com que o Pacaembu, o Jôquei tenham dificuldades de abrigar eventos. A hora que você começa a ter esses estádios feitos com esse modelo de arena, pode ser favorável. (...) Para quem trabalha com eventos, quanto mais equipamentos você tem, mais facilidade você tem para trazer gente, trazer eventos (...) desde que você tenha como ir e vir”*¹⁵.

Nos planos do Corinthians para viabilizar o estádio, da receita estimada pelo Clube, em 345 milhões de reais anuais, espera-se que cerca de 70 milhões sejam provenientes do aluguel de espaços para *shows*, casamentos e batizados, além de ser cobrada a visitação, quando não houver jogos¹⁶. Ainda que os números possam estar superestimados, conforme analisa a matéria consultada, o estímulo a tais atividades pode contribuir para a inserção daquela região da cidade no circuito de eventos, resultando em uma possível demanda de novos serviços.

O que os depoimentos reunidos ao longo da pesquisa revelam é uma predisposição para ampliar esse mercado, independentemente da realização da Copa, mas que está sujeito a ações públicas onde o setor apresentar maior necessidade, dando as condições ideais para a atração dos serviços dessa cadeia produtiva e sua circulação. Essa perspectiva revela ainda a contradição da projeção de um espaço de turismo sobre uma região pobre e desassistida de São Paulo, ou do encontro entre *verticalidades* e *horizon-*

14 Trecho de entrevista concedida pelo presidente do São Paulo Convention and Visitors Bureau (SPCVB) em 6 de junho de 2013.

15 Idem

16 *A Saga de Itaquera*. Matéria publicada pela Revista Exame em 28/5/2014.

talidades (Santos, 2010)¹⁷, visto que se constitui em um espaço urbano que favorece esses fluxos e exacerba um traço significativo das megacidades, qual seja “*que elas estão conectadas externamente a redes globais e a segmentos de seus países, embora internamente desconectadas das populações locais responsáveis por funções desnecessárias ou pela ruptura social*” (Castells, 1999, p. 429).

A consolidação desse mercado de negócios e eventos em São Paulo, portanto, não teve início com a candidatura da cidade à sede de jogos da Copa do mundo de 2014, mas se relaciona a um conjunto de estratégias iniciadas nos anos 1990 para inserir São Paulo no circuito das cidades globais, influenciando, ainda que em termos do discurso ideológico apenas (Ferreira, 2007), na construção de novas centralidades de negócios, o que vem convergindo para os esforços de *marketing* de promoção de São Paulo como centro econômico e intensificando o segmento de turismo que atende a esse público, como se verá a seguir.

RELEVÂNCIA DOS SERVIÇOS TURÍSTICOS NA ECONOMIA DA METRÓPOLE

Desde os anos 1990, mais de duas décadas antes da candidatura brasileira à sede da Copa de 2014, o segmento de turismo de negócios e eventos tem tido espaço privilegiado na agenda local, com esforço contínuo para o incremento das infraestruturas necessárias à sua ampliação, multiplicando os espaços para a realização de eventos como centro de convenções, parques de exposições, inclusive estádios para a realização de competições esportivas já concebidos como arenas multiuso¹⁸. Exemplo

17 Para Milton Santos, as verticalidades “podem ser definidas, num território, como um conjunto de pontos formando um espaço de fluxos (...). Este Espaço de fluxos seria, na realidade, um subsistema dentro da totalidade-espaço, já que para os efeitos dos respectivos atores o que conta é, sobretudo, esse conjunto de pontos adequados às tarefas produtivas hegemônicas, características das atividades econômicas que comandam este período histórico. O sistema de produção que se serve desse espaço de fluxos é constituído por redes – um sistema reticular -, exigente de fluidez e sequioso de velocidade. São os atores do tempo rápido, que plenamente participam do processo, enquanto os demais raramente tiram proveito da fluidez.” Já as horizontalidades “são zonas da contiguidade que formam extensões contínuas (...) em que os atores são considerados na sua contiguidade, são os espaços que sustentam e explicam um conjunto de produções localizadas, interdependentes, dentro de uma área cujas características constituem, também, um fator de produção. Todos os agentes são, de uma forma ou de outra, implicados, e os respectivos tempos, mais rápidos ou mais vagarosos, são imbricados. Em tais circunstâncias pode-se dizer que a partir do espaço geográfico cria-se uma solidariedade orgânica, o conjunto sendo formado pela existência comum dos agentes exercendo-se sobre um território comum. Tais atividades, não importa o nível, devem sua criação e alimentação às ofertas do meio geográfico local.” (SANTOS, 2010, p. 105-109)

18 Lê-se na página 48 do Plano Municipal de Turismo 1999-2001 a meta de *Incentivar a criação e diversificação de equipamentos para eventos e entretenimento em geral; Estratégias: Incenti-*

recente desse empenho são parte dos 160.08 milhões de reais dos recursos do PAC Turismo investidos na reforma e melhoria do Anhembi Parque, que, em 2013, abrigou 129 das 201 grandes feiras de negócios do Brasil, estando com 80% da sua ocupação garantidos até 2016¹⁹.

Observando apenas a cadeia produtiva do setor de feiras de negócios na cidade de São Paulo, realiza-se uma média de 803 eventos anuais com um público de mais de 8 milhões de visitantes, apenas no referido nicho²⁰, que circulam, principalmente, em pavilhões, hotéis e centro de convenções, estes últimos concentrando mais de 40% dos eventos realizados em 2012. No mesmo ano, os expositores investiram quase R\$ 9 bilhões na atividade, e o gasto dos viajantes participantes de feiras de negócios na RMSP superou R\$ 4 bilhões em despesas locais que, somados aos demais recursos gerados dentro do próprio setor, significaram, em 2012, um impacto global dos serviços em torno de R\$ 16,3 bilhões²¹. Todavia, o ramo de feiras no Brasil atingiu seu limite e não avança mais, em virtude da falta de espaços para a realização desses eventos, de acordo com a UBRAFE – União Brasileira dos Promotores de Feiras²².

Embora o setor esteja mais descentralizado, São Paulo ainda recebe cerca de 75% do total de feiras anuais realizadas no Brasil, respondendo à demanda de uma cidade que é sede de 38 das 100 maiores empresas privadas de capital nacional e de 63% dos grupos internacionais que atuam no país.

Revisitando os Planos de Desenvolvimento Turístico²³ traçados para São Paulo nas últimas décadas, percebe-se um forte alinhamento das estratégias locais com uma tendência compartilhada, a partir dos anos 1990, por cidades orientadas pela noção da cidade global, sendo a captação de eventos internacionais e sua capacidade de gerar a entrada de divisas um

var a construção de novos teatros e arenas ao ar livre; Incentivar a transformação de estádios de futebol em espaços multieventos (grifo nosso); Incentivar a construção de novos centros de feiras e convenções na cidade (...).”. Disponível em <http://www.spturis.com/comtur/arquivos/platum-1999-2001.pdf>, consultado em 15/10/2003.

19 Disponível em <http://www.abeoc.org.br/2013/07/sao-paulo-recebe-recursos-do-pac-do-turismo/>, consultado em 7/2/2014

20 Média de 2012 e 2013.

21 *O impacto Econômico e Social das Feiras de Negócios em São Paulo*. Pesquisa FIPE, outubro/2013. Disponível em <http://www.abeoc.org.br/wp-content/uploads/2013/12/pesquisafi-peubrafe-sp-out2013.pdf>, consultado em 7/02/2014.

22 UBRAFE: *falta de espaço impede crescimento de feiras no país*. 3.9.2012. Jornal digital especializado no mercado turístico *Mercado e Eventos*. Disponível em <http://www.mercadoeeventos.com.br/site/noticias/view/88190>, consultado em 10.2.2014

23 O PLATUM – Plano de Turismo Municipal – foi criado em maio de 1992 e tem por objetivo formular a política municipal de turismo. Contudo, o primeiro documento oficial data de 1999, dando sequência a um plano emergencial elaborado em 1993 e suas posteriores revisões. Os documentos podem ser consultados na íntegra pelo site da SPTuris <http://www.spturis.com/comtur/platum.php>, sendo o mais recente o plano para o período de 2011-2014.

aporte considerável na disputa por investimentos internacionais no circuito mundial. O Platium 2007-2010 posiciona São Paulo como cidade global e já nas suas primeiras páginas afirma que

“as chamadas cidades globais ou megacidades, além de hubs logísticos internacionais, são importantes pontos de conexão da economia mundial, onde setores como o de tecnologia, serviços de informação, consultoria e lazer, avolumam sua representatividade nas atividades urbanas. Nova Iorque, Pequim, Paris, Londres, Tóquio, São Paulo, Los Angeles, Buenos Aires e outras grandes metrópoles são expressões de cidades dotadas de serviços e estruturas condizentes com as novas demandas do mundo contemporâneo”²⁴.

Entre as estratégias de promoção da cidade no mercado internacional, São Paulo vem participando sistematicamente de feiras e convenções como LACTTE – Latin American Corporate Travel Experience, o MPI – Meeting Professionals International, SMEC-LA Strategic Meetings & Events Conference Latin América, IMEX – Wordwild Exhibition for Incentive Travel, Meetings and Events (Frankfurt), EIBTM – Feria Internacional de Incentivos, Viajes de Negocios y Reuniones (Barcelona), IT&ME – Incentive Travel & Meeting Executives (Chicago), FITUR Feria Internacional de Turismo (Madri), ITB – The World's Leading Travel Trade Show (Berlim), WTM – The World Travel Market (Londres), FIT – Feria Internacional de Turismo de America Latina (Buenos Aires), FIEXPO – Feria Internacional del Mercado de Reuniones e Incentivos Uruguay (Montevideú) e NBTA – International Convention & Exposition.

No cenário internacional, o levantamento da ICCA – International Congress & Convention Association, ressalta que o Brasil foi o país com o 5º maior crescimento na realização de eventos internacionais em 2012, ocupando a 7ª posição no *ranking* internacional, ganhando 12 posições desde 2003, quando ocupava o 19º lugar, sendo Rio de Janeiro e São Paulo as duas cidades que mais receberam eventos internacionais em 2012²⁵. Pelo Ranking das Américas do ICCA, São Paulo ocupou a 2ª colocação em 2010²⁶. Tais eventos impactam também no índice de visitantes internacionais e seus respectivos gastos nos destinos, dado que interessa aos *rankings* que buscam identificar o caráter “global” das cidades²⁷.

24 Platium 2007-2010, p. 21

25 *Ranking* ICCA de eventos internacionais 2012. Disponível em <http://www.abeoc.org.br/2013/05/ranking-de-eventos-internacionais-icca-2013/>, consultado em 7/2/2014

26 Platium 2010-2014, p. 46

27 O Índice MasterCard de Destinos Globais está em sua 3ª edição e, em 2013, indicou São Paulo como a segunda cidade com maior crescimento de visitantes internacionais, representando boa parte dos dólares gastos na América Latina. *Mastercard global destinations cities 2013 report*.

A trajetória da cidade nesse âmbito confirma a busca pelos atributos que identificam uma cidade global²⁸. Entre os indicadores do Global Cities Index, que classifica áreas metropolitanas, destacam-se, no quesito “atividades de negócios”, a importância de ser sede de grandes corporações globais, ter relevante valor de mercado de capitais, intensa ocorrência de conferências internacionais e expressivo fluxo de bens através dos portos e aeroportos. No quesito “capital humano”, pesa significativamente também a quantidade de escolas internacionais e a presença de estudantes estrangeiros e, no item “experiência cultural”, medem-se diversas atrações, incluindo o número de grandes eventos esportivos, quantidade de museus, locais para espetáculos de arte, rede gastronômica e número de turistas internacionais. As conferências de caráter político têm peso especial, pois se inserem na categoria “engajamento político”, com participação específica na composição do índice.²⁹

Esse constante avanço do segmento de negócios e eventos nos últimos anos, além de revelar a busca pela inserção de São Paulo numa rede de cidades que os *rankings* identificam como globais, vem imprimindo sua marca no território. A chave para o funcionamento desse sistema depende, em grande parte, de se facilitar a circulação dos fluxos gerados por este mercado, necessitando, para isso, de intervenções espaciais que permitam sua expansão e seu bom funcionamento. Nesse sentido, as obras da Copa em São Paulo chamam atenção para a possibilidade de espraiamento de tais fluxos para além dos distritos reconhecidamente centrais como eixos de circulação. Nesse sentido, destaca-se o significativo efeito indireto revelado pela Copa no campo das transformações socioeconômicas recentes e na possível redefinição do espaço de produção da cidade. Diante das perspectivas de crescimento do segmento de turismo de negócios e eventos, o Mundial revela-se oportuno para ampliar essa rede de serviços que acelera, reforça e redimensiona o setor terciário da metrópole paulistana, conquistando novas porções do território e inserindo-as numa nova rede de fluxos de bens, serviços e pessoas. Perseguindo tal hipótese e tomando

28 Não é objetivo aqui recuperar as críticas tecidas entre os anos 1990-2000, quando da emergência do conceito de cidade global, de que São Paulo seria apenas uma “cidade que quer ser global”, mas não o é plenamente por não “apresentar o quadro de mudanças funcionais que até pode ser verificado nas paradigmáticas Londres, Nova York ou Tóquio (Ferreira, 2007, p. 156). O que se percebe de qualquer modo é que o imaginário de cidade global e a possibilidade de inserção no cenário internacional vêm referenciando ações no âmbito do mercado de turismo em São Paulo, particularmente a partir dos anos 1990, colaborando com o crescimento do setor terciário na cidade.

29 Os pesos das categorias do Índice de Cidades Globais são respectivamente: atividades de negócios 30%, capital humano 30%, intercâmbio de informações 15%, experiência cultural 15% e engajamento político 10%. Para a lista completa dos critérios, ver http://www.atkearney.com/gbpc/global-cities-index/full-report/-/asset_publisher/yA11OgZpc1DO/content/2012-global-cities-index/10192

como referência algumas variáveis deste mercado, busca-se evidenciar a Zona Leste enquanto território de espraiamento do terciário, revelando um projeto ainda não concluído, mas de alguma forma já orientado por um conjunto de ações propostas pelo poder público e por movimentos iniciais de rearranjo do mercado na cidade, colocando o Estado aqui como agente essencial da dinâmica de produção urbana³⁰. Ou seja, para além da ampliação do mercado de turismo especificamente, o que tal processo sugere é uma tendência de projeção da cidade global sobre o território à leste, tendo as intervenções urbanas do poder público, especialmente no campo da mobilidade, como articulação necessária à configuração desse *espaço de fluxos* (Castells, 2008).

O TURISMO COMO INDICADOR DA PROJEÇÃO DA CIDADE GLOBAL À LESTE

Tendo a região Leste e as intervenções para adequá-la à recepção da Copa como escala inicial da pesquisa e o avanço do setor terciário nessa direção como hipótese, foram selecionados alguns componentes do sistema de turismo geradores de fluxos de pessoas, mas também de bens e serviços, e tomados como indicadores da possível transformação daquele espaço urbano.

Além do aumento dos eventos relacionados direta ou indiretamente aos megaeventos esportivos no Brasil, que têm incrementado a agenda local³¹ e que reforçam a lógica de produção e reprodução dos eventos de *negócios* (e não *esportivos*) na cidade, o crescimento desse mercado em

30 Recupera-se aqui a teoria da *máquina do crescimento* discutida por Ferreira, referenciando-se em Logan e Molotch, para quem as "estruturas políticas são mobilizadas para intensificar o uso do solo em benefício do setor privado" (Logan e Molotch apud Ferreira, 2007, p. 153). O fato de o setor privado, neste caso os empreendedores ligados ao setor de turismo, não estar pautando os investimentos públicos na Zona Leste, não exclui a possibilidade de ser beneficiado por eles posteriormente.

31 Desde a escolha do Brasil para sede do mundial, uma profusão de novos eventos, reuniões, feiras e convenções vem sendo realizadas na cidade, evidenciando como o megaevento, em São Paulo, reforça o segmento de negócios. Num levantamento realizado entre 2007, ano em que o Brasil foi oficialmente escolhido para país-sede da Copa de 2014, e 2012, foram identificados mais de 40 eventos de diversos portes, alguns dos quais vêm se repetindo anualmente. Eventos como a EXPO Estádio e a Expo Mundo da Bola, com suas primeiras edições em 2009, o EIGEE – Encontro Internacional de Gestão do Esporte e do Entretenimento, com a primeira edição em 2012, ou ainda o sugestivo BrTour – Curso de Produção de Eventos Esportivos, ministrado em maio de 2013. O desdobramento da Copa em outros eventos, certamente, teve sua participação no montante de recursos gerados pelo setor nos últimos anos, ainda que não seja possível isolar este nicho como uma variável no conjunto das pesquisas. Para a relação completa dos eventos realizados na cidade de São Paulo, ver o calendário de eventos da cidade disponível em <http://www.spturis.com/v7/calendarios.php> O levantamento realizado integrou a pesquisa de iniciação científica da aluna do Curso de Turismo da USP, Fernanda Carradore Franco, realizada de agosto de 2012 a julho de 2013.

sua totalidade tem levado o São Paulo Convention and Visitors Bureau³² (SPCVB) a estabelecer parcerias com Conventions and Visitors Bureaus (CVB's) de cidades vizinhas como forma de distribuir não somente pela RMSP, mas também pelo interior do Estado de São Paulo, os eventos captados, constituindo uma verdadeira rede de parceiros conectados pelo território. Nesse panorama, a Zona Leste de São Paulo aparece no centro de uma órbita de CVB's, localizados em cidades parceiras na região do ABC, Baixada Santista, Mogi das Cruzes e Guarulhos, conforme ilustra a figura 1, gerando fluxo entre tais CVB's e os demais componentes da cadeia produtiva desse segmento, tais como aeroportos, portos, modais de transporte e respectivos pontos de integração, meios de hospedagem ou forne-

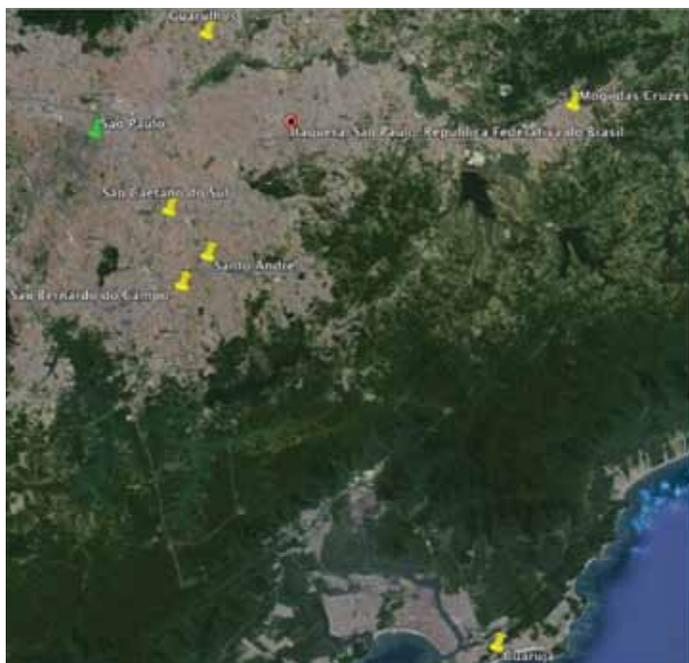


Figura 1. Eixo de captura e distribuição de eventos à leste. Espacialização dos CVB's parceiros a partir das ferramentas do Googleearth.

32 O São Paulo Convention & Visitors Bureau é uma entidade sem fins lucrativos, que busca ampliar o volume de negócios e o mercado de consumo na cidade, por meio da atividade turística e tem por objetivo aumentar o fluxo de visitantes e seu tempo de estadia na cidade e nos destinos parceiros. Para isso atua na captação, geração e incremento de eventos. Disponível em <http://www.visitesaopaulo.com/quem-somos.asp>, consultado em 27 de janeiro de 2014.

cedores de equipamentos e serviços para feiras e convenções distribuídos pela RMSP.

Além dos CVB's, observou-se também a distribuição da hotelaria de negócios na cidade. Durante o período de 1998 a 2003, São Paulo ficou marcada pela super oferta de hotéis³³, após o qual se seguiu um longo tempo sem abertura de novos empreendimentos na cidade, o que vem sendo retomado mais recentemente³⁴.

Desde os anos 1990, com os processos de requalificação de áreas até então eminentemente industriais e novos eixos de mobilidade na agenda dos gestores públicos, o mercado hoteleiro tem se reposicionado no território, mantendo-se, porém, ainda próximo dos nós principais de comércio, serviços e transportes concentrados na região central da cidade, inclusive, em decorrência da distribuição desigual da oferta turística local, que concentra nos distritos centrais a maior quantidade de estabelecimentos de gastronomia, entretenimento, lazer e cultura, conforme ilustram as figuras 2 e 3.

Contudo, o mapa de distribuição de hotéis revela um ligeiro deslocamento do eixo tradicional da **hotelaria** paulistana em direção à Zona Leste que pode ser melhor observado. Dois empreendimentos hoteleiros inaugurados em 2001 na região Leste mais próxima ao centro, Tatuapé e Anália Franco, servem de referência para identificar os atributos fundamentais da região para abrigá-los.

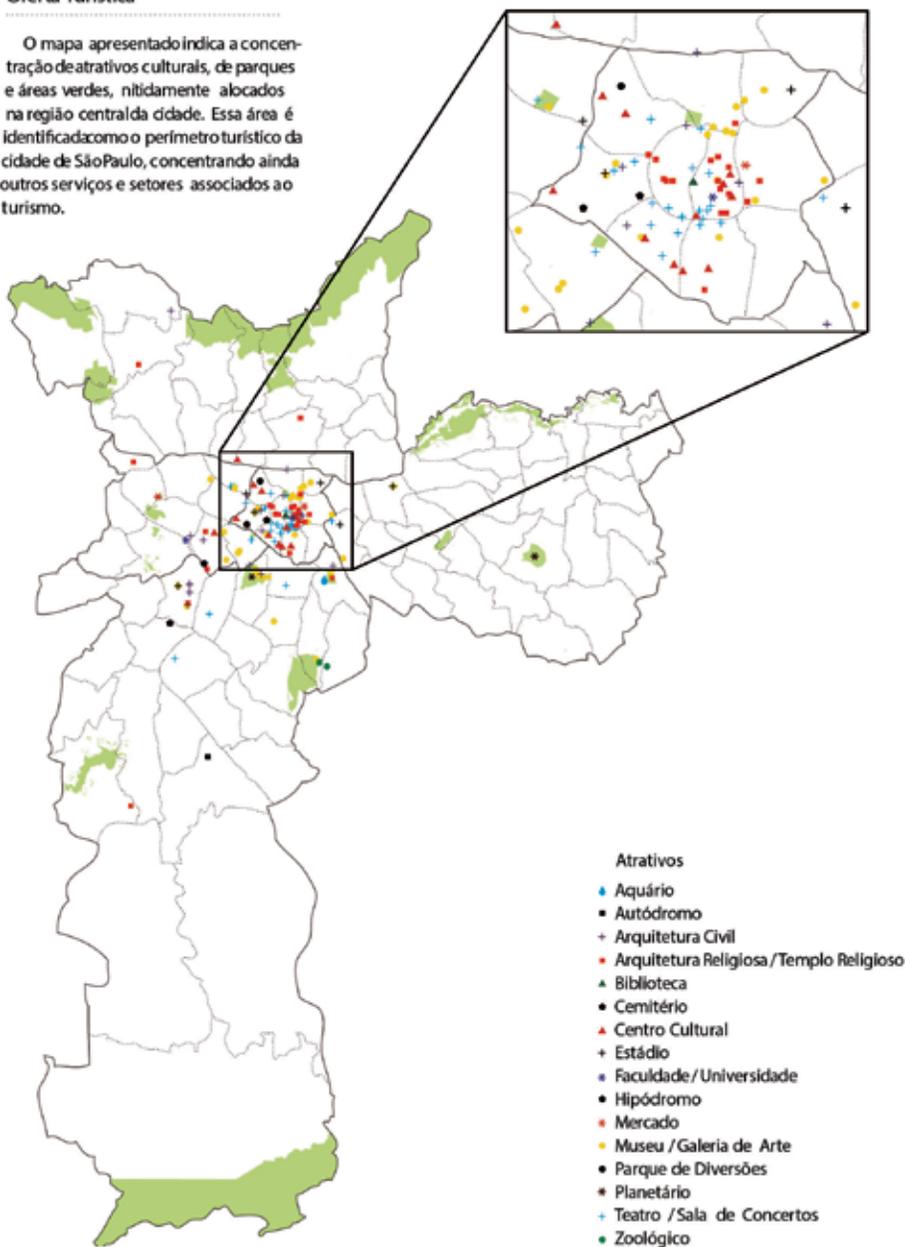
A seleção desses dois meios de hospedagem não é irrelevante. Um deles, o Hotel Tryp Tatuapé, pertence à rede espanhola Meliá; o outro, o Blue Tree Towers Anália Franco, à rede nacional Blue Tree, da reconhecida empresária Chieko Aoki. Muito embora a internacionalização des-

33 No final da década de 1990 o turismo desponta como o novo grande mercado no Brasil. Nesse contexto, Bonfato (2006) destaca como a participação dos fundos de pensão, dos pequenos investidores e das grandes construtoras em conexão com as operadoras hoteleiras *"traduziu-se (principalmente entre 1998-2003) no crescimento vertiginoso da oferta de unidades hoteleiras em grandes centros de negócios, como São Paulo. (...) A possibilidade de obter ganhos financeiros, pela produção de hotéis de negócios e sua venda posterior a pequenos investidores ou a fundos de pensão, ocasionou um crescimento geométrico da oferta que excedeu, em muito, o crescimento linear da demanda"*. (Bonfato, 2006, p. 23-24)

34 *"A expectativa do mercado é ampliar entre 2.500 e 3.500 novos quartos no mercado hoteleiro paulistano, voltado principalmente ao turismo de negócios"*. O Estado de São Paulo, 2012. Disponível em <http://www.estadao.com.br/noticias/cidades,apos-dez-anos-sem-lancamentos-sp-ganhara-12-hoteis,948510,0.htm>, consultado em 15 de outubro de 2013. *"Decidimos escapar dos tradicionais eixos como Moema, Jardins, Faria Lima e Berrini, onde se concentra a maioria dos hotéis da cidade e também a concorrência é maior e investir num novo local que até então era visto como mais industrial alguns anos atrás. Agora o cenário mudou, com a chegada de investimentos corporativos, revitalização urbana, e uma maior mobilidade urbana. Com isso, o local se tornou um novo atrativo da cidade"* (Caio Calfat sobre a Barra Funda, vice-presidente do Núcleo Turístico Imobiliário do SECOVI/SP). Reportagem *"São Paulo volta a ganhar investimentos em hotéis"*. **Revista Hotéis**. Revista Hoteis, 1º/3/2013

Oferta Turística

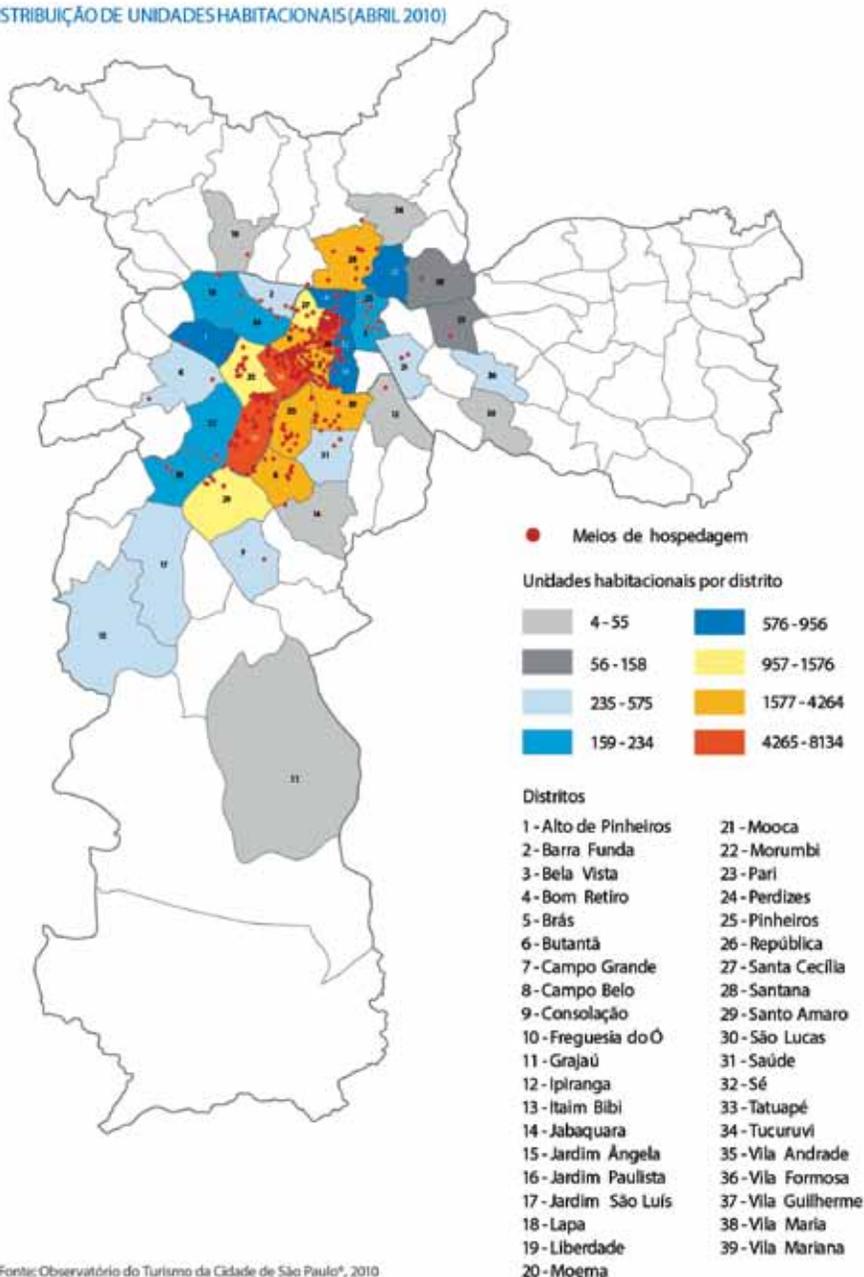
O mapa apresentado indica a concentração de atrativos culturais, de parques e áreas verdes, nitidamente alocados na região central da cidade. Essa área é identificada como o perímetro turístico da cidade de São Paulo, concentrando ainda outros serviços e setores associados ao turismo.



PLATUM 2011 - 2014 / PLANO DE TURISMO MUNICIPAL DE SÃO PAULO

Figura 2. Distribuição da Oferta Turística na Cidade de São Paulo.
Fonte: PLATUM 2011-2014.

DISTRIBUIÇÃO DE UNIDADES HABITACIONAIS (ABRIL 2010)



PLATUM 2011 - 2014 / PLANO DE TURISMO MUNICIPAL DE SÃO PAULO

Figura 3. Distribuição de Unidades Habitacionais (hoteleiras) na Cidade de São Paulo (abril 2010).

Fonte: Observatório de Turismo da Cidade de São Paulo, 2010 in: PLATUM 2011-2014.

ses empreendimentos possa ser falaciosa, em virtude da participação de capital nacional em grande parte dos empreendimentos, como recursos de fundos de pensão ou de pequenos investidores locais, é inegável que a autorização para o “uso destas bandeiras em troca de *royalties*” requer alguma confiabilidade, lançando mão muitas vezes de estudos de viabilidade³⁵ que respaldem o investimento, já que as redes conferem um “aspecto global ao empreendimento” (Ferreira, 2007, p. 174) e também costumam atrair seus hóspedes *habitués* que transitam pelo mundo e buscam na marca alguma segurança na qualidade do serviço prestado.

Alguns dos diferenciais oferecidos aos hóspedes que escolhem a região, nos remetem novamente à vantagem da boa conexão do hotel com os aeroportos, com os principais centros de convenções e parques de exposições, com espaços de lazer e entretenimento e com as principais rodovias e marginais³⁶.

Não é menos importante, nesse possível espraiamento do mercado de eventos e negócios em direção à leste, a previsão de construção de um centro de convenções junto ao Polo Institucional que abriga o estádio-sede da Copa em São Paulo. Considerando-se que o centro de convenções é apenas parte da cadeia produtiva do turismo, ele demanda uma série de

35 “Em termos simples, o estudo de viabilidade mercadológica trata (...) do diagnóstico do estágio de crescimento econômico do local escolhido e de sua dinâmica de mercado (...), o estudo dos aspectos geofísicos regionais, do índice de desenvolvimento humano municipal (IDH-M), das políticas de incentivo, do inventário de oferta de lazer ou negócios e das potencialidades do macro ambiente local permite conhecer a dinâmica de mercado. Já os aspectos econômicos, infraestrutura de serviços, a mão de obra e a logística de fornecedores do futuro empreendimento, os deslocamentos de eixos econômicos regionais ou municipais e a influência regional são fatores cuja análise fornece uma geografia de mercado.(...) A dinâmica do mercado se equilibra pela oferta e pela demanda, exigindo (...) pesquisa da oferta de unidades hoteleiras concorrentes (...) e o estudo de segmentação, super segmentação, nichos de mercado...” (grifo nosso). Estudo de Viabilidade para hotéis. <http://www.revistahotelnews.com.br>, 2012, consultado em 15/10/2013

36 “Localizado no bairro nobre da Zona Leste de São Paulo, o hotel está cercado pelo belíssimo Parque Esportivo dos Trabalhadores e pelo Shopping Anália Franco, além de estar próximo dos principais Centros de Convenções da cidade: 9 km do Expo Center Norte, 11 km do Anhembi e 16 km do Centro de Exposições Imigrantes. O Hotel oferece fácil acesso às Marginais, Rodovia Dutra, Ayrton Senna e Fernão Dias. Está a 25 km do Aeroporto Internacional de Guarulhos e 19 km do Aeroporto de Congonhas”. Trecho do texto promocional no site do hotel Blue Tree <http://www.bluetree.com.br/hotel/blue-tree-towers-analia-franco/>, consultado em 15/10/2013. “O Tatuapé é um dos bairros de maior movimento da Zona Leste da capital paulista. Com comércio bem desenvolvido, opções de restaurantes para todos os gostos, (...) muitos bares e entretenimento noturno, ele se destaca assim como seu vizinho Anália Franco, que tem o metro quadrado mais caro da região. Aproveitando a boa localização, a rede Sol Meliá inaugurou, em 2001, o Tryp Tatuapé (...) Possui fácil acesso às rodovias Ayrton Senna, Dutra e ao Aeroporto Internacional de Guarulhos” Trecho do texto promocional do hotel Tryp Tatuapé no portal eletrônico de notícias Hôteliier News, voltado ao Mercado hoteleiro. <http://hoteliiernews.com.br/2011/02/tryptatuapconfortonazonalestedesopaulo/>, consultado em 15/10/2013.

serviços especializados e condições espaciais relacionadas ao tipo de fluxo por ele gerado que, em alguma medida, já podem estar em curso. As intervenções urbanas de facilitação do acesso ao estádio e ao Polo Institucional, que integram a matriz de responsabilidade da Copa, e algumas iniciativas no campo da qualificação de recursos humanos³⁷ não se explicam exclusivamente por causa do megaevento e podem já anunciar um impacto que merece ser acompanhado num horizonte de mais *longa duração*.

37 Além do indício que a já citada Lei de Incentivos Fiscais para a Zona Leste nos dá sobre o tipo de qualificação profissional que se espera atrair para a região— escolas de idiomas -, pretende-se analisar o alcance das demais ações de formação e qualificação profissional, decorrentes da concentração recente de unidades de universidades públicas como a USP e a UNIFESP, mas também o perfil das ações de capacitação oferecidas nas escolas técnicas e demais iniciativas de inclusão da população da Zona Leste nas oportunidades locais. Colaborando com a investigação, está em curso a pesquisa de Iniciação Científica *Impactos da Copa do Mundo 2014 na cidade de São Paulo: inclusão social através da capacitação profissional*, da aluna do Curso de Turismo da USP, Luane Vacchi.

.....

A DISPUTA POLÍTICA EM TORNO DO ESTÁDIO EM SÃO PAULO¹

Cláudio Gonçalves Couto²

“Temos consciência de que o Corinthians é da Zona Leste. Tudo que a Zona Leste nos deu nos últimos 100 anos, nós vamos devolver nos próximos”
(Andrés Sanchez, presidente do Corinthians, agosto de 2010)

“Confesso que eu tinha aquela alergia a Itaquera, comum a quem mora em Higienópolis, mas isso passou”
(Luís Paulo Rosenberg, vice-presidente do Corinthians, maio de 2014)

“A Copa do Mundo vai ser no São Paulo. Porque Itaquera não sai. Itaquera não tem projeto, não tem estudo do solo, não tem hospital, não tem estrutura”
(Juvenal Juvêncio, presidente do São Paulo, fevereiro de 2011)

INTRODUÇÃO

A definição do estádio destinado a receber a Copa do Mundo numa cidade se constitui num elemento relevante para as políticas públicas urbanas. Com a definição de sua localização, uma série de políticas públicas são afetadas: investimentos em infraestrutura de transportes, paisagismo, saneamento, equipamentos públicos de saúde, de educação etc. Ademais, um grande empreendimento, como é um estádio, pode se tornar indutor de investimentos privados, afetando o valor dos

1 Artigo resultante de consultoria prestada pelo autor à pesquisa sobre *Metropolização e os Megaeventos: o impacto da Copa de 2014 e das Olimpíadas de 2016*, financiada pela FINEP, coordenada em São Paulo pelo Observatório das Metrôpoles – SP, e nacionalmente pelo Observatório das Metrôpoles – RJ (IPPUR-UFRJ).

2 Doutor em Ciência Política pela USP, pós-doutor pela Universidade de Columbia (EUA), é professor adjunto da Fundação Getúlio Vargas de São Paulo, principalmente na área de Administração Pública. É pesquisador 1-D do CNPq, secretário adjunto da ANPOCS e colunista de política dos jornais *Valor Econômico* e *O Estado de S. Paulo*.

imóveis em torno da região em que se localiza. Isto sem mencionar as oportunidades de emprego que o próprio empreendimento gera para viabilizar seu funcionamento.

Todavia, é possível que a definição desse empreendimento passe em boa medida ao largo do âmbito decisório mais típico das políticas públicas, qual seja, o das autoridades governamentais – políticas ou burocráticas. É esse o caso do estádio corintiano em Itaquera, na Zona Leste de São Paulo, incumbido de receber a abertura da Copa do Mundo e os jogos da competição na capital paulista.

Muito mais que uma disputa política travada no âmbito da política tradicional, o campo político-partidário, o que se verificou foi uma disputa ambientada no campo político-desportivo, a qual se mostrou determinante para estabelecer o lugar onde seria sediado o torneio mundial de futebol na maior cidade brasileira. Este artigo tratará dessa situação.

Na primeira parte, será feita uma discussão sobre as características da capital paulista do ponto de vista de suas heterogeneidades territoriais, indicando os diferentes alinhamentos político-eleitorais relacionados a essas heterogeneidades. Num segundo momento, serão apontadas as políticas públicas – destinadas a lidar com tais heterogeneidades – que sejam pertinentes para o tema em discussão, a definição do estádio para a Copa. Depois, será descrita e analisada a questão central para o problema da escolha do estádio e sua localização: a disputa no campo político-desportivo e as estratégias e ações de cada um dos atores relevantes envolvidos. Por fim, será feito um quadro sintético que aponte para os ganhos e perdas de cada um dos atores, fator importante para compreender as estratégias que adotaram, bem como para avaliar quem foram os ganhadores e perdedores desse processo.

A DIVISÃO POLÍTICO-ADMINISTRATIVA NA CAPITAL PAULISTA

A cidade de São Paulo apresenta profundas heterogeneidades e desigualdades na sua distribuição territorial. Uma das mais notáveis, dentre elas, se refere à divisão entre o centro e a periferia da cidade. O primeiro compreende as regiões de ocupação populacional mais antiga, uma infraestrutura urbana mais desenvolvida em todos os seus aspectos, os imóveis mais valorizados e, evidentemente, também os segmentos sociais mais afluentes e influentes.

Todavia, mesmo o centro mais tradicional não é homogêneo. Ao mesmo tempo em que reúne áreas valorizadas e bem preservadas, habitadas por segmentos das altas classes, como os bairros de Higienópolis, Pacaembu, Consolação e Cerqueira César, o centro antigo da cidade possui

áreas muito degradadas, como os Campos Elíseos (que, após uma longa decadência, inicia um processo de gentrificação), a Barra Funda, a Santa Efigênia e a Luz.

Da mesma forma, algumas áreas ocupadas mais recentemente, distantes do centro antigo, são bastante valorizadas, dispõem de uma infraestrutura urbana de boa qualidade e são habitadas por segmentos de altas rendas e prestígio social elevado, como é o caso de Moema, Planalto Paulista, Itaim, Vila Olímpia e Morumbi. Com raras exceções – como as Palmas do Tremembé (na Zona Norte) e o Jardim Anália Franco (na Zona Leste), as novas áreas valorizadas concentram-se nas Zonas Oeste e Sudoeste da capital paulista.

Os extremos da Zona Norte e, principalmente, das Zonas Sul e Leste, são áreas “esquecidas” da cidade. Claro que tal “esquecimento” deve ser atribuído ao poder público, a sucessivos governos e à grande mídia, não a seus habitantes, que são muito numerosos. O mais populoso distrito da capital paulista é Grajaú, na Zona Sul, com 372.467 habitantes em 2014, segundo cálculos da Fundação Seade³. A esse grande distrito se seguem outros, todos da periferia e das Zonas Sul e Leste: Jardim Ângela (313.015), Sapopemba (286.774), Capão Redondo (279.998) e Jardim São Luiz (278.674). Se continuarmos na lista, composta de 97 distritos, observaremos que, entre os 30 primeiros, apenas dois deles podem ser qualificados como bairros de classe média – Jabaquara e, parcialmente, Tremembé. Todos os demais são bairros periféricos, em situação bastante precária, embora haja alguns em ascensão socioeconômica, como a Freguesia do Ó.

Os dois distritos diretamente envolvidos com o objeto de discussão neste artigo, Itaquera e Morumbi, encontram-se em polos opostos desta escala de heterogeneidades que se pode notar na cidade de São Paulo – embora não sejam seus casos extremos. Um bom indicador das heterogeneidades, já que se compõe de diversas variáveis sociais relevantes (violência, educação, fecundidade etc.) é o Índice de Vulnerabilidade Juvenil (IVJ), calculado pela Fundação Seade⁴. Dentre os cinco estratos de distritos elencados, enquanto Itaquera (14º distrito mais populoso da capital) se situava no penúltimo pior, o Morumbi (84º distrito mais populoso) estava no segundo melhor. Itaquera é classificada como uma área de “classe média baixa”, enquanto o Morumbi é⁵⁷ considerado uma área “rica”⁵. O índice

3 Dados disponíveis em <http://produtos.seade.gov.br/produtos/projpop/index.php>. Consultado em 8/6/2014.

4 Fundação Seade. Evolução do Índice de vulnerabilidade Juvenil – IVJ. 2000/2005. São Paulo: Fundação Sistema Estadual de Análise de Dados; Secretaria de Economia e Planejamento, Maio de 2007.

5 Idem, p. 10.

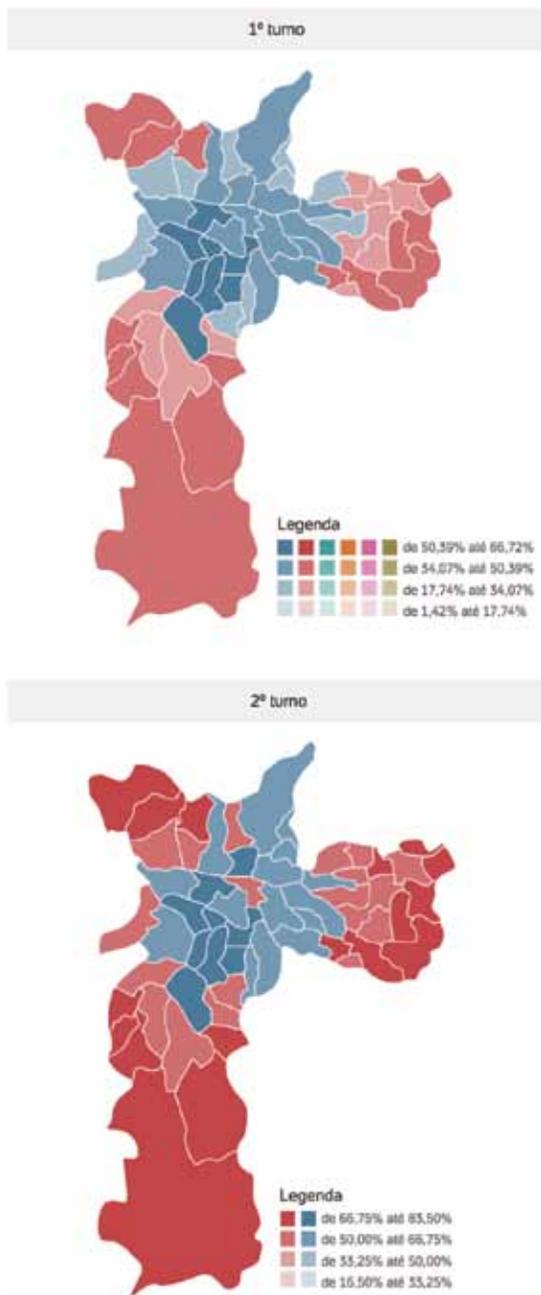
varia numa escala que vai de 0 a 100. Assim, o Índice de Itaquera era de 60, ao passo que o do Morumbi era de 29^o.

Tais diferenças têm se refletido historicamente nos alinhamentos político-eleitorais da cidade. Enquanto as áreas centrais, mais ricas, foram tradicionalmente redutos seguros para os candidatos conservadores (como Jânio Quadros, Paulo Maluf e, mais recentemente, os postulantes do PSDB), a periferia da cidade era o campo de colheita de seus adversários – no passado, o PMDB de oposição ao regime militar e, atualmente, o PT. É preciso notar que havia algumas nuances determinantes, como os votos dados a Maluf na periferia da cidade, bem como a penetração do PT e do PSDB de oposição a Maluf nas áreas centrais – junto às classes médias-altas “progressistas”. Com o ocaso do malufismo e a consolidação de uma nova polarização esquerda-direita, que opôs PT e PSDB, outra dicotomia se construiu na cidade, dividindo-a de forma relativamente clara, entre um polo rico antipetista e um polo pobre e petista. Os mapas, na página seguinte, deixam clara essa situação.

Tal polarização eleitoral poderia nos induzir a considerar que uma escolha estratégica crucial, como a do estádio destinado a sediar os jogos e a abertura da Copa do Mundo na cidade de São Paulo, necessariamente passaria pela polarização partidária estabelecida no município, bem como por sua dimensão geográfica. E, de fato, a disputa entre os partidos e lideranças pode ser considerada um fator relevante, mas não de forma direta. Noutros termos, não se pôde detectar na disputa em torno do estádio, e na escolha finalmente feita, um processo no qual uma das forças partidárias tenha saído claramente vitoriosa ou derrotada. Ou, colocado de forma mais precisa, não se pôde identificar uma disputa que – tendo em vista a maior força do PT na Zona Leste paulistana, bem como a força do PSDB na Zona Sudoeste da cidade – representasse uma clara preferência de cada um dos partidos por contemplar o seu reduto eleitoral.

Para o PT, a escolha de Itaquera seria claramente um ganho, pois permitiria ao partido contemplar com grandes investimentos uma região eleitoralmente fiel ao partido. Já a opção pelo Morumbi, embora não pudesse ser considerada simplesmente como uma derrota, não acarretaria retornos: ela implicaria investimentos numa região da cidade tradicionalmente hostil ao partido e o que viesse a ser feito ali poderia ser contabilizado

6 Dados disponíveis em <http://produtos.seade.gov.br/produtos/ivj/index.php?tip=map&mapa=2>. Acessado em 08/06/2014. Para que se tenham outros parâmetros, na mesma Zona Leste de Itaquera, o distrito do Itaim Paulista apresentava um índice de 72; no extremo Sul da cidade, Marsilac apresentava um IVJ de 92 e Parelheiros, de 75. Ao lado do Morumbi, o distrito de Vila Sônia, que possui favelas grandes, apresentava o índice de 44. No extremo superior, o sofisticado distrito de Moema apresentava um IVJ de apenas 8. Tal indicador dá uma boa ideia dos extremos sociais da cidade.



Fontes: TSE (Tribunal Superior Eleitoral) e TRE-SP (Tribunal Regional Eleitoral de São Paulo)

Figura 1. O Mapa do Voto na Capital Paulista em 2012. Votos dados ao PT em vermelho, votos dados ao PSDB em azul. Fonte: UOL Eleições 2012.

mais facilmente pelos governos estadual e municipal – ambos, à época da escolha, sob o controle do PSDB e seu aliado, o DEM.

Para estes últimos, tanto a opção por Itaquera quanto pelo Morumbi seriam vantajosas, embora se possa afirmar que, no caso da Zona Leste, os ganhos seriam menores do que os auferidos pelo PT. Para o PSDB e seu aliado na prefeitura, o DEM, a escolha por Itaquera envolveria uma intervenção de expressiva visibilidade em uma região na qual esses partidos historicamente enfrentavam dificuldades para adentrar. Permitiria, assim, colocar uma cunha no reduto petista, apesar da impossibilidade de amealhar os louros da escolha sem reparti-los com a agremiação adversária. Já a opção pelo Morumbi significaria, por um lado, reforçar a posição do PSDB e aliados na região em que já eram fortes; por outro, enfatizar o discurso de comedimento nos gastos com a Copa do Mundo, tão caro aos tucanos e aos seus aliados do DEM, já que não seria necessário erguer um novo estádio, mas “apenas” reformar um já existente. Mesmo porque, esperava-se, tal dispêndio se daria unicamente pelo clube proprietário do imóvel, o São Paulo Futebol Clube (SPFC).

Uma clara mostra da percepção por parte de tucanos e democratas de que era necessário dar atenção à Zona Leste e, conseqüentemente, tirar dessa atenção benefícios eleitorais, foi a aprovação, em 2007, de uma lei que induzia investimentos privados na região. A Lei 4.654 instituía incentivos seletivos para investimentos na Zona Leste, reformando uma lei anterior, a 13.833 de 2004 – instituía ainda durante o governo petista de Marta Suplicy. Empresas industriais, comerciais ou de serviços implantadas na região teriam incentivos fiscais de vários tipos:

1. A concessão aos investidores de CIDs (Certificados de Incentivo ao Desenvolvimento) emitidos após a conclusão do empreendimento e com validade de cinco anos, correspondendo a 40% do valor investido para atividades comerciais e 60% para atividades industriais ou de prestação de serviços.
2. Redução de 50% do valor do IPTU (Imposto Predial e Territorial Urbano) por 10 anos, a partir da conclusão do empreendimento.
3. Redução de 60% do ISS (Imposto Sobre Serviços de qualquer natureza) por 10 anos para os serviços prestados pelo investidor.
4. Redução de 50% do ISS incidente sobre os serviços de construção referentes ao imóvel do empreendimento.

Especial destaque merecem os CIDs, que possibilitariam ao investidor (ou ao comprador deles) utilizá-los para o pagamento de impostos municipais. Havia, portanto, desde 2004 (se considerarmos a lei do período de Marta Suplicy) e desde 2007 (se considerarmos a lei do período José Ser-

ra/Gilberto Kassab) uma política pública municipal de incentivos fiscais substanciais para investimentos na Zona Leste, que começava a se tornar, assim, menos “esquecida” pelo poder público e – esperava-se – também pela iniciativa privada.

Ocorre, porém, que a disputa política central não se deu no campo político-partidário, mas sim no político-esportivo. As escolhas feitas pelos governantes nos três níveis federativos acabaram por ser caudatárias dos movimentos executados pelos dirigentes esportivos. Nesse âmbito, os personagens-chave são Ricardo Teixeira, presidente da Confederação Brasileira de Futebol (CBF), Andrés Sanchez, presidente do Sport Club Corinthians Paulista (SCCP) e Juvenal Juvêncio, presidente do São Paulo. Um ator relevante, mas secundário à disputa travada entre os três primeiros, é a Federação Internacional de Futebol Association (FIFA). Assim, se pode afirmar que foi um jogo disputado no campo político-desportivo o que determinou a definição sobre a localização do estádio, com todas as consequências acarretadas do ponto de vista das políticas públicas, das relações entre os partidos e os entes governamentais, bem como dos recursos públicos mobilizados para a obra e para o seu entorno.

O JOGO DO ESTÁDIO

Antes mesmo que o Brasil fosse definido como o país a sediar a Copa do Mundo de 2014, o que ocorreu no final de outubro de 2007, já se discutia qual seria o estádio destinado a abrigar a competição na cidade de São Paulo. Em setembro de 2007, o Corinthians já havia protocolado na Federação Paulista de Futebol (FPF) a sua intenção de assumir um estádio que poderia vir a ser construído pela entidade, possivelmente na região da Casa Verde. No local estava instalado um campo de beisebol, utilizado principalmente pela comunidade de origem nipônica em São Paulo e de propriedade da Prefeitura. O secretário Municipal de Esportes, Walter Feldman, contudo, anunciava que o governo da cidade não pretendia ceder o terreno, porque este já possuía uma destinação definida e relevante para a cidade⁷.

Ainda mais cedo, em maio de 2007, o presidente da Federação Paulista, Marco Polo Del Nero, viajara à Europa, acompanhado de Feldman, para observar alguns estádios, tendo em vista o que poderia vir a ser o projeto da entidade. Segundo o “Painel FC” da Folha de S. Paulo, “*reservadamente, o cartola e o secretário municipal de Esportes dizem ser quase*

⁷ “Com Corinthians, FPF ressuscita sua arena da Copa-14”. *Folha de S. Paulo (FSP)*, 07/09/2007. Disponível em <http://www1.folha.uol.com.br/fsp/esporte/fk0709200702.htm>. Acessado em 29/05/2014.

impossível convencer a Fifa de que o Morumbi pode ser modernizado. O projeto são-paulino para a Copa-2014 será enviado como prioridade, mas o plano B, uma arena da FPF, está ainda mais vivo"⁸. É interessante notar que já naquele momento havia um sentimento pessimista quanto à possibilidade de o Morumbi se viabilizar, por causa das exigências da FIFA para os estádios que deveriam abrigar o mundial. E tal sentimento não provinha só de lideranças do campo político-esportivo, mas também do campo político-partidário.

Em junho daquele ano, o mesmo "Painel FC" noticiava que o pessimismo em relação ao Morumbi se devia à pouca disposição do presidente são-paulino de despender altas somas na reforma de seu estádio⁹. Com tal negativa, talvez fosse impossível que o estádio do São Paulo atendesse às exigências da entidade organizadora da Copa.

Muitas idas e vindas a esse respeito ainda apareceram na imprensa até que a Copa do Mundo do Brasil fosse finalmente confirmada, em 30 de outubro de 2007. Numa solenidade em Zurique, com a presença de celebridades do mundo artístico e futebolístico brasileiro, mas também do presidente Lula, a FIFA confirmou que o Brasil novamente sediará a competição, após 64 anos¹⁰. Daquele momento até o ano de 2010, para além das já mencionadas percepções pessimistas, bem como a demora da FIFA em bater o martelo em prol do estádio são-paulino, não surgira nenhuma afirmação categórica de desqualificação do Morumbi como sede paulistana da Copa. Todavia, nenhum projeto para sua reforma havia sido aprovado pela entidade promotora da competição até então.

Em 2010, a situação começou novamente a se modificar. Em junho daquele ano surgiu a discussão sobre um possível estádio no bairro de Pirituba, na Zona Norte de São Paulo, mais uma região periférica, povoada e apresentando precárias condições para sua população – tratava-se do 17º distrito mais populoso de São Paulo, com um IVJ elevado, 51. A opção por Pirituba decorria da indefinição da FIFA em relação ao Morumbi. Já nessa ocasião se aventava a possibilidade de que o então presidente do Corinthians, Andrés Sanchez, estivesse manobrando para assumir o estádio¹¹.

8 "Cada vez mais longe", FSP, 30/05/2007. Disponível em <http://www1.folha.uol.com.br/fsp/esporte/fk3005200701.htm>. Acessado em 08/06/2014. Agradeço a Raul Andreucci por ter-me chamado a atenção para esta matéria. Os itálicos são meus.

9 "Mão Fechada. Um dos responsáveis pelo projeto paulista na Copa de 2014 teme que a Fifa veto o Morumbi porque Juvenal Juvêncio prevê poucas reformas no estádio. Reclama de que o cartola são-paulino fez quase tudo de seu jeito, sem aceitar palpites". FSP, 24/06/2007. Disponível em <http://www1.folha.uol.com.br/fsp/esporte/fk2406200701.htm>. Acessado em 08/06/2014. Novamente agradeço a Raul Andreucci por apontar-me esta matéria.

10 "Brasil é confirmado como sede da Copa-2014 e já vê briga interna". Disponível em <http://esporte.uol.com.br/futebol/ultimas/2007/10/30/ult59u135209.jhtm>. Acessado em 08/06/2014.

11 "Arena Pirituba, um novo estádio em SP". Disponível em <http://blogs.band.com.br/marcondesbrito/2010/04/14/arena-pirituba-um-novo-estadio-em-sp/>. Acessado em 05/06/2014.

Vários fatores conspiravam a favor dessa percepção: o velho sonho acalentado pelo Corinthians de possuir seu próprio estádio; as dificuldades do São Paulo em convencer a FIFA de seus projetos; a inimizade construída entre os presidentes dos dois clubes, que, inclusive, levou o Corinthians a não mais mandar quaisquer jogos no Morumbi, produzindo uma nada desprezível perda de receitas para o clube rival; as alianças políticas de Sanchez com o presidente da República (Lula, um corinthiano notório) e com o presidente da CBF (Ricardo Teixeira, que, inclusive, o nomeara chefe da delegação brasileira na Copa do Mundo de 2010); a rivalidade entre o presidente da CBF e o mandatário são-paulino; a proximidade entre o Secretário-Geral da FIFA, Jerome Valcke, e o presidente da CBF. Configurava-se, assim, uma teia de relações políticas muito favorável ao estádio corinthiano e hostil às pretensões são-paulinas.

Um episódio crucial para essa disputa no campo político-esportivo ocorreu em abril de 2010: a eleição para a presidência do Clube dos 13 (C13). Esta associação, que congregava os principais clubes brasileiros, era a responsável por negociar com a CBF, a Conmebol (Confederação Sul-Americana de Futebol) e, principalmente, com as televisões, o valor das cotas de transmissão das partidas – uma das principais receitas dos clubes. A chapa situacionista se compunha do presidente no cargo, Fábio Koff, ex-dirigente gremista, e do mandatário são-paulino, Juvenal Juvêncio. A oposição tinha na cabeça de chapa um ex-presidente do Flamengo, Kléber Leite, e Andrés Sanchez como vice – contando com o apoio notório de Ricardo Teixeira. Ao fim, a chapa situacionista sagrou-se vitoriosa, batendo a oposição por doze votos a oito.

O apoio do presidente da CBF a uma chapa, nessa disputa, não era questão trivial, já que se tratava da eleição numa entidade associativa dos clubes, sem relação direta com a entidade máxima do futebol no país. O desconforto com esse apoio foi expresso assertivamente pelo presidente reeleito do C13, numa entrevista dada logo após a apuração:

“As pressões que a Federação Paulista e outras exerceram são públicas. Eles telefonavam para os presidentes filiados às federações. Quanto ao fato de o Dr. Ricardo (Teixeira) declarar publicamente que adotou um candidato sem consultar o C13, vejo como uma intervenção indevida em uma entidade que não é dele. É uma maneira de pressionar. Ele queria interferir em um processo eleitoral de uma entidade que não comanda.”¹²

12 “Koff é reeleito presidente do Clube dos 13”. Disponível em <http://globoesporte.globo.com/Esportes/Noticias/Futebol/0,,MUL1566140-9825,00-KOFF+E+REELEITO+PRESIDENTE+DO+CLUBE+DOS.html>. Acessado em 08/06/2014.

A menção específica feita à Federação Paulista pelo presidente do Clube dos 13 ressalta um alinhamento político que já se vinha notando na disputa em torno do estádio paulista para a Copa: de um lado, a entidade estadual e a CBF, de outro, o São Paulo Futebol Clube. Na votação do C13, Corinthians e Santos ficaram com a Federação Paulista e a CBF, enquanto Palmeiras e São Paulo a eles se opuseram. Esse conflito teria consequências para todos os envolvidos.

Elas surgiram dois meses depois, em junho de 2010: o Morumbi estava fora da Copa¹³. A decisão foi anunciada pelo Comitê Organizador Local (COL), presidido justamente por Ricardo Teixeira. Não casualmente, o anúncio foi publicado no *site* da CBF. Informava o seguinte:

“Não foram entregues ao Comitê Organizador Local da Copa do Mundo de 2014 (COL), por parte do Comitê da Cidade de São Paulo, as garantias financeiras referentes ao projeto do Estádio do Morumbi aprovado pelo COL/FIFA no dia 14 de maio de 2010. O Comitê da Cidade de São Paulo enviou ao COL um sexto projeto, que não será examinado. Sendo assim, fica excluído do projeto da Copa do Mundo de 2014 o Estádio Cícero Pompeu de Toledo, o Morumbi. A FIFA e o COL estão à disposição da cidade de São Paulo para futuras discussões.”

O São Paulo havia apresentado, ao todo, seis projetos de reforma do estádio, já que a cada nova proposta recebia negativas da FIFA. É interessante observar que a principal razão apresentada para a denegação foram as “garantias financeiras”, mais do que o projeto propriamente dito. A imprensa informava que a exclusão do estádio são-paulino contara também com a anuência do prefeito paulistano, Gilberto Kassab, e do secretário Walter Feldman, entusiasta do estádio em Pirituba, apesar da oposição ao projeto dentro de seu próprio partido – o PSDB – por parte do coordenador do comitê paulista para a Copa, Caio Luiz de Carvalho¹⁴.

Essa informação sobre o abandono do Morumbi pelo prefeito paulistano – ele mesmo são-paulino – contrastava com iniciativas das autoridades governamentais do Estado e do Município para recolocar o estádio na disputa. Uma reunião no Palácio dos Bandeirantes, em 21 de julho, confrontaria o prefeito, o presidente da CBF, o governador do Estado, Alberto Goldman, e o coordenador do comitê paulista – que, sugestivamente, nesse momento já não era Caio Luiz de Carvalho. Além da realocação

13 “CBF Confirma: o Morumbi está fora da Copa”. Disponível em <http://www.portal2014.org.br/noticias/3702/CBF+CONFIRMA+MORUMBI+ESTA+FORA+DA+COPA.html>. Acessado em 02/06/2014.

14 “Tabelinha”. *FSP*, 17/06/2010. Disponível em <http://www1.folha.uol.com.br/fsp/poder/po1706201001.htm>. Acessado em 08/06/2014.

do Morumbi e da alternativa de Pirituba, foi discutida a possibilidade de se utilizarem o Estádio Municipal do Pacaembu, o estádio em reforma do Palmeiras e um ainda indeterminado estádio corintiano – a ser construído em Itaquera ou Guarulhos¹⁵. O próprio governador, contudo, descartava de antemão duas das cinco alternativas:

“O Piritubão está absolutamente fora de cogitação. O Pacaembu é difícil, é um patrimônio tombado, necessita de investimentos grandes e a prefeitura não tem recursos para isso. Eu vejo apenas como possibilidade, em primeiro lugar, o Morumbi. Poderia-se (sic) analisar o Parque Antártica, que nunca chegou a ser analisado para uma abertura de Copa”.

Como o presidente da CBF já havia descartado de antemão o Morumbi, sobravam na realidade apenas duas opções: o estádio palmeirense e o corintiano. Vale notar, porém, que o Palmeiras havia votado contra a candidatura apoiada pela CBF na eleição do Clube dos 13. Assim, mesmo com as obras da arena palmeirense já em andamento, dificilmente haveria boa vontade do COL (ou seja, de Ricardo Teixeira) em escolher essa alternativa. O leque de opções afunilava-se para o estádio corintiano – que, aliás, ficaria pronto antes do palmeirense.

Não tardou para que o anúncio acontecesse. No dia 30 de agosto de 2010, no terreno do bairro de Itaquera, que fora cedido pela Prefeitura na década de 1980 ao Corinthians e que vinha sendo utilizado para o treinamento das equipes de base, Andrés Sanchez, ladeado pelo prefeito paulistano e pelo governador do Estado, anunciava que ali seria construída a Arena Corinthians. A construtora Norberto Odebrecht seria a responsável pela execução da obra e, também, por toda a engenharia financeira necessária para a construção do novo estádio. Como este teria uma capacidade para 48.000 pessoas, deveriam ser definidas condições especiais para que pudesse abrigar a abertura da Copa do Mundo, o que exigia uma capacidade mínima de 68.000 pessoas¹⁶.

A Prefeitura e o Governo estadual se comprometiam a facilitar as autorizações para a construção do empreendimento, de modo a acelerá-la. Sem isso, seriam escassas as perspectivas de conclusão da obra num prazo hábil para abrigar o mundial. O governador Alberto Goldman explicava as razões para a escolha de Itaquera:

15 “Reunião tenta achar estádio paulista para receber Copa”. Veja.com, 21/07/2010. Disponível em <http://veja.abril.com.br/noticia/esporte/reuniao-tenta-achar-estadio-paulista-para-receber-copa>. Acessado em 04/06/2014. Nesse momento, o coordenador do Comitê Paulista era Francisco Vidal Luna.

16 “Goldman, Kassab e Sanchez anunciam estádio, mas não garantem abertura”. Gazeta Esportiva.net, 30/08/2010. Disponível em <http://www.gazetaesportiva.net/nota/2010/08/30/652187.html>. Acessado em 08/06/2014.

“Com a nossa visita à CBF, finalizamos a hipótese inexequível de Pirituba. Seria viável economicamente, mas dependeria do prazo da licitação, que pode demorar três meses ou um ano e meio. Diante da recusa da Fifa ao Morumbi, essa (a arena do Corinthians) era a única alternativa que nos sobrava. É possível que tenhamos algum problema até lá, mas podemos dizer que será o estádio da Copa do Mundo”.¹⁷

O anúncio do estádio do Corinthians vinha acompanhado de promessas de não haver gasto de dinheiro público com o estádio, mas realizar investimentos públicos em infraestrutura urbana no seu entorno, sobretudo no que concerne à mobilidade: novos trens para a linha de metrô, melhorias viárias e o Polo Institucional de Itaquera, com uma escola técnica, uma faculdade de tecnologia (FATEC) e um terminal rodoviário. Essas obras foram efetivamente realizadas, embora nem todas tenham ficado prontas a tempo para a Copa do Mundo. Ademais, as políticas públicas de incentivo ao investimento na Zona Leste tornavam impossível não haver recursos públicos destinados ao estádio, seja na forma dos CIDs, seja por meio das reduções de tributos. Só que nisto o empreendimento da arena corinthiana não se distinguia de qualquer outro feito na região.

O jogo no campo político-esportivo talvez não fosse muito claro aos analistas, mesmo aos mais atentos e argutos, acostumados a observar apenas o campo político-partidário. Tal situação se evidenciava num artigo de Raquel Rolnik em que, embora ela reconhecesse que a opção por Itaquera fosse melhor que a de Pirituba, não só questionava a necessidade de mais um estádio na Cidade de São Paulo, como também considerava “nebulosa” a história toda.

“Me parece que por alguma razão a FIFA, junto com a CBF, está pressionando para que se construa um estádio novo. Tentaram um balão de ensaio com Pirituba, não deu certo. Levaram Itaquera.”¹⁸

De fato, tanto a FIFA como, sobretudo, a CBF não tinham interesse na reforma do Morumbi. Em parte, por razões econômicas diretamente vinculadas aos interesses de seus patrocinadores. Mas também por conta do jogo político de alianças, punições e retribuições relacionadas estritamente ao campo político-esportivo. O São Paulo blefara com a FIFA, tentara lhe impor projetos de reformas de seu interesse que não agradavam à entidade máxima do futebol, ao mesmo tempo em que seu presidente confron-

¹⁷ Idem.

¹⁸ “Novo estádio do Corinthians para a Copa parece melhor do que Piritubão, mas essa história ainda é nebulosa”. *Blog da Raquel Rolnik*, 31/08/2010. Disponível em <http://raquelrolnik.wordpress.com/2010/08/31/novo-estadio-do-corinthians-para-a-copa-ja-parece-melhor-do-que-piritubao-mas-essa-historia-ainda-e-nebulosa/>. Acessado em 03/06/2014.

tava o mandatário da CBF noutras frentes. Enquanto isso, o presidente corintiano se aproximava de Ricardo Teixeira, apoiava-o numa contenda importante e se posicionava de forma a ser por ele recompensado – como foi.

A vitória corintiana não foi facilmente digerida pelos dirigentes são-paulinos. Durante um longo tempo, mesmo já com o estádio praticamente finalizado, lideranças do São Paulo desdenhavam do estádio corintiano, sobretudo por causa de sua localização, na Zona Leste de São Paulo, lançando mão de argumentos tradicionais de setores das camadas sociais mais elevadas da sociedade paulistana para desmerecer as regiões periféricas. Um episódio emblemático dessa postura foi uma entrevista, concedida pelo presidente Juvenal Juvêncio, pouco mais de um mês após o anúncio do estádio em Itaquera, a um programa esportivo da TV Bandeirantes, em que ele ridicularizava a localização do estádio, acompanhado de risos de seus entrevistadores.

“Você vai fazer em Pirituba, digamos, como é que você chega em Pirituba, como é que é o negócio do hotel, como é que é o negócio do transporte, como é que é o negócio do metrô, como é que é o negócio hospitalar, se o sujeito lesiona lá, o Blatter, como é que ele vai ser socorrido lá [...] não é diferente de outros locais, citemos, por exemplo Itaquera, você pra chegar lá precisa chamar o corpo de bombeiros [risos incontidos], se você pega a Angela Merkel da Ingla... da Alemanha e manda ela ir lá, ela não chega, e se ela precisar sair, também não sai, isso é um fato... você não tem como fazer isso.”¹⁹

Mas o fato é que não só Itaquera havia sido incluída no mapa da cidade, como já estava, desde antes, incluída no mapa dos investimentos públicos e, até por indução governamental, privados. Deste modo, as manifestações de ressentimento com relação à escolha já não surtiam qualquer efeito prático e contribuíam apenas para reforçar a imagem pública de elitismo tradicionalmente associada ao clube do Morumbi. Mais do que isso, tal postura, bem como toda a estratégia adotada pelo São Paulo na disputa pelo estádio já eram percebidas mesmo por alguns de seus membros como contraproducentes. Nas falas de um opositor ao presidente Juvenal Juvêncio, Edson Lapolla, em fevereiro de 2011:

“O São Paulo precisa reatar com todas as entidades. Nós brigamos com todo mundo, com a CBF, com o Clube dos 13. Enquanto Ricardo Teixei-

19 Juvenal Juvêncio, presidente do São Paulo, em entrevista no programa *Jogo Aberto*, da Rede Bandeirantes em 10/10/2010. Citado por Toledo, Luiz Henrique de. “Quase lá: A Copa do Mundo no Itaquerão e os impactos de um megaevento na socialidade torcedora”. *Horizontes Antropológicos*, Porto Alegre, ano 19, n. 40, p. 149-184, jul./dez. 2013, 170.

ra e Juvenal Juvêncio estiverem vivos não há chance de a Copa vir para o Morumbi"²⁰.

Não obstante essa percepção crítica por parte de alguns conselheiros são-paulinos, Juvenal Juvêncio logrou eleger seu sucessor, Carlos Miguel Aidar, que, mesmo com o estádio praticamente finalizado, também daria declarações depreciativas em relação ao novo espaço corintiano, para depois retratar-se. Disse primeiro:

*"O Itaquerão não vai ter show, aquilo lá é outro mundo, outro país, não dá para chegar lá. Lá não vai funcionar. Acho muito pouco provável que os empresários de shows vão numa distância tão grande como essa quando tem o Parque Antártica (Allianz Parque) no centro da cidade (Zona Oeste)"*²¹.

Novamente o estigma da Zona Leste como um lugar distante ("outro mundo, outro país") aparecia como um elemento desqualificador para a viabilidade do estádio. A ideia da Zona Leste como uma "Zona Lost" era um elemento reiterado no discurso dos dirigentes são-paulinos e outros detratores da arena corintiana. A afirmação de que não seria possível realizar *shows* ali fazia pouco sentido, já que o estádio, na realidade, sequer fora pensado para isto. O próprio Andrés Sanchez afirmara esse ponto categoricamente.

"Quem vai ser o maior concorrente do estádio? O estádio do Palmeiras? Não. São projetos diferentes. O estádio do Palmeiras é muito bem concebido, mas é totalmente diferente do Corinthians, em regiões diferentes. Tem mil maneiras. Nós pegamos mais pelo business, pelas empresas, para evento, para convenção, para feiras, para auditórios do que propriamente para o show. Show, eu acho que o do Palmeiras vai ser imbatível. O Palmeiras vai pegar mais shows e vocês vão pegar mais eventos corporativos. É isso? Isso. (...) Nós fizemos um projeto no gramado que gastamos R\$ 2 milhões e pouco a mais do que custaria, mas mesmo assim é mais barato do que mais da metade dos estádios do Brasil, mas tem ar-condicionado, tem água gelada, tem um monte de coisa no gramado, porque é grama de inverno, que em um país tropical, realmente, tem dificuldade. Então tem que fazer todo esse projeto,

20 "Após vitória política, Juvenal Juvêncio afirma: Itaquera não sai". *IG. Esporte. Futebol*. Disponível em: <http://esporte.ig.com.br/futebol/apos+vitoria+politica+juvenal+juvencio+afirma+itaquera+nao+sai/n1238117231982.html>.

21 "Candidato tricolor detona Arena Corinthians: 'outro mundo'". *Portal Terra. Futebol*, 26/03/2014. Disponível em <http://esportes.terra.com.br/futebol/candidato-tricolor-detona-arena-corinthians-outromundo,7915ffa8929f4410VgnCLD2000000ec6eb0aRCRD.html>. Acessado em 08/06/2014.

*então não tem cabimento hoje você fazer um show e para daqui a dois meses estarem reclamando que o gramado está ruim”.*²²

ANDRÉS SANCHEZ: VIRTÙ E FORTUNA

A história do estádio da Copa do Mundo na Zona Leste de São Paulo não poderá ser contada sem que se leve em consideração o papel crucial desempenhado por um empreendedor político, o então presidente do Corinthians, Andrés Sanchez. Pode-se dizer que ele logrou combinar as duas condições que Maquiavel associa ao líder político bem-sucedido: *virtù* e *fortuna*.

A fortuna no caso em questão se refere às conjunturas políticas propícias à construção do estádio corintiano em Itaquera: a realização da Copa do Mundo no Brasil e a conseqüente matriz de responsabilidades dos três níveis de governo; os incentivos fiscais oferecidos pelo governo municipal para a Zona Leste; a possibilidade do financiamento pelo BNDES; a proximidade com o presidente Lula e sua intercessão junto a diversas partes envolvidas; o poder decisório da CBF e da FIFA para determinar qual estádio estaria ou não habilitado para receber a competição; o interesse dos governantes estaduais e municipais; o conflito da CBF com o São Paulo; a eleição do Clube dos 13 e o posicionamento do Palmeiras nesse episódio. Como se nota, todas essas condições eram favoráveis a um desfecho positivo para o Corinthians.

A *virtù* diz respeito à capacidade que o dirigente corintiano teve para manobrar nesse âmbito: conseguiu o apoio da CBF e da FIFA; aproveitou os incentivos fiscais disponíveis, as facilidades burocráticas propiciadas pela matriz de responsabilidades e a possibilidade de financiamento em condições favoráveis; obteve o apoio das lideranças políticas nos três níveis de governo; contribuiu para o isolamento político do São Paulo.

Na questão específica do Clube dos 13, houve um desdobramento posterior à eleição que reforçou ainda mais a posição de Sanchez na CBF – e pode ser visto como mais um movimento no jogo de retribuições recíprocas entre ele e Ricardo Teixeira. Em fevereiro de 2011, já com a definição do estádio corintiano e as obras ainda por começar, os quatro grandes clubes do Rio de Janeiro, inclusive dois que haviam votado em Fábio Koff na eleição do C13 (Flamengo e Fluminense), romperam parcialmente com

22 “Leia a transcrição da entrevista de Andrés Sanchez ao UOL e à Folha”. *Portal UOL. Notícias*. 06/06/2014. Disponível em <http://noticias.uol.com.br/politica/ultimas-noticias/2014/06/06/leia-atranscricao-da-entrevista-de-andres-sanchez-ao-uol-e-a-folha.htm>. Acessado em 06/06/2014.

a associação para negociar diretamente com as redes de televisão seus direitos de transmissão, pois discordavam do encaminhamento dado ao assunto pela entidade²³. Dois dias depois, foi a vez de Andrés Sanchez tomar uma atitude ainda mais drástica: desfilou o Corinthians da associação, alegando falta de transparência e condução equivocada por parte da direção da entidade, além de anunciar que negociaria diretamente com as TVs as cotas de transmissão. A ação corintiana teve o efeito de implodir o C13, que se inviabilizaria²⁴.

Cerca de dois anos depois desse episódio, o presidente do Atlético Mineiro, Alexandre Kalil, declararia que a implosão do C13 por Andrés Sanchez era uma contrapartida à obtenção do estádio.

"Ele (Andrés Sanchez) ganharia um estádio (para terminar com o Clube dos 13). Falou pra mim e não pediu segredo. Perguntei para ele: 'que sacanagem é essa?'. Ele respondeu: 'Kalil, estou ganhando um estádio'. Virei as costas e saí andando. Porque se me dessem algo assim, eu também detonava a mesa (do Clube dos 13)".²⁵

Sanchez depois desmentiria essa afirmação, mas mesmo que jamais tenha dado tal declaração, a estratégia parece fazer bastante sentido.

A proximidade construída por Sanchez com Ricardo Teixeira ficaria clara mais adiante, em novembro de 2011, após já ter deixado a presidência do Corinthians a poucos meses do final de seu mandato. O então ex-presidente corintiano foi nomeado Diretor de Seleções da CBF²⁶, cargo no qual permaneceria por aproximadamente um ano. Em março de 2012, Ricardo Teixeira renunciou à presidência da CBF, acossado por denúncias de corrupção²⁷. Sanchez permaneceria no cargo até novembro, mas se demitiu logo após a dispensa do técnico da Seleção Brasileira, Mano Mene-

23 "Quatro grandes do Rio decidem romper com o Clube dos 13". *Globoesporte.com*. 23/02/2011. Disponível em <http://globoesporte.globo.com/futebol/noticia/2011/02/quatro-grandes-do-rio-anunciamposicao-conjunta-contra-clube-dos-13.html>. Acessado em 08/06/2014.

24 "Clubes do RJ anunciam rompimento, e o Corinthians deixa o Clube dos 13". *Globoesporte.com*. 23/02/2011. Disponível em <http://globoesporte.globo.com/futebol/times/corinthians/noticia/2011/02/corinthians-esta-fora-do-clubedos-13.html>. Acessado em 08/06/2014.

25 "Kalil diz que Andrés Sanchez detonou Clube dos 13 para 'ganhar' estádio". *Portal IG. Esporte. Futebol*. 17/04/2013. Disponível em <http://esporte.ig.com.br/futebol/2013-04-17/kalil-diz-que-andressanchez-detonou-clube-dos-13-para-ganhar-estadio.html>. Acessado em 08/06/2014.

26 "Nomeação de Andrés na CBF tem plano de Teixeira, pressão a árbitros e ira de rival". *UOL. Futebol*. 25/11/2013. Disponível em <http://esporte.uol.com.br/futebol/ultimas-noticias/2011/11/25/nomeacao-deandres-na-cbf-tem-plano-de-teixeira-pressao-a-arbitros-e-ira-de-rival.htm>. Acessado em 08/06/2014.

27 "Ricardo Teixeira renuncia ao comando da CBF e do comitê da Copa". *BBC Brasil – Notícias*, 12/03/2012. Disponível em http://www.bbc.co.uk/portuguese/noticias/2012/03/120312_teixeira_renuncia_cbf_mm.shtml. Acessado em 08/06/2014.

zes, por discordar da forma como a exoneração se deu e por perceber estar sendo “fritado” pelo novo presidente da entidade, José Maria Marin, e por seu vice e provável sucessor, o presidente da Federação Paulista, Marco Polo Del Nero. Antes da renúncia de Teixeira, Sanchez estava sendo cogitado como provável nome para sucedê-lo²⁸.

A essa altura da disputa, contudo, a derrota imposta a Sanchez no interior da CBF não representava uma perda tão significativa, pois o estádio em Itaquera já era um fato irreversível. Não casualmente, pouco depois de sua saída da diretoria de seleções, Sanchez assumiu o gerenciamento das obras do estádio, em substituição a Luiz Paulo Rosenberg, trabalho que conduziu até entregá-lo à FIFA para a realização da Copa do Mundo. Nota-se que, mesmo nesse infortúnio, a fortuna ainda lhe sorriu até que fosse tarde demais para pôr a perder o que havia obtido até então; mesmo os novos dirigentes da CBF, seus desafetos, não teriam como retirar-lhe o que já conseguira.

CONCLUSÃO

Definir a localização do estádio da Copa em São Paulo é um tema relevante para as discussões e análises que se possam fazer sobre política urbana na metrópole. A sua construção, assim como a de todas as obras a ele relacionadas, são um elemento inseparável de diretrizes de políticas públicas definidas já há bastante tempo, como fica claro pela legislação de incentivos fiscais à Zona Leste, e a própria doação ao Corinthians, feita pela Prefeitura, do terreno em que foi construído o estádio, ainda durante a gestão de Jânio Quadros, nos anos 80 do século passado. Também a extensão da linha de metrô até quase a porta da Arena, com o batismo da estação final como “Corinthians-Itaquera,” antes mesmo que o estádio estivesse lá, era um sinal de que a região ia, paulatinamente, deixando de ser “esquecida”. Desse modo, a opção por Itaquera está longe de se constituir em um fato aleatório ou arbitrário. Ela é coerente com toda uma trajetória de decisões políticas tomadas anteriormente na cidade de São Paulo.

Contudo, na conjuntura específica da Copa do Mundo, o campo de conflitos crucial para a opção por Itaquera não foi o da política partidária, ou da definição burocrática das políticas públicas. O campo determinante foi o político-esportivo, com alianças e conflitos específicos. O grande empreendedor de políticas públicas aí não foi um ator político convencional: um prefeito, um secretário, um governador, um alto funcionário. Foi, na

28 “Andrés Sanchez entrega carta de demissão e deixa CBF”. Estadão.com.br. Esportes. 28/11/2012. Disponível em <http://esportes.estadao.com.br/noticias/futebol,andres-sanchez-entrega-carta-de-demissaoe-deixa-cbf,966364>. Acessado em 08/06/2014.

realidade, um dirigente esportivo, que se sagrou também como o maior vitorioso de todo o processo.

O quadro a seguir busca esboçar, com base numa perspectiva de teoria dos jogos, quais teriam sido os ganhos relativos de cada um dos atores envolvidos nesse processo. Decerto os valores ali assinalados são apenas representações arbitrárias do que teriam sido esses ganhos (*payoffs*), decorrentes da interpretação desse processo feita pelo autor deste texto. Mais importante do que uma representação precisa desses ganhos, aliás impossível, o que importa aqui é indicar a posição relativa de cada um dos atores em cada um dos possíveis desfechos que a disputa pelo estádio teria tido. O quadro visa, portanto, sintetizar a discussão feita ao longo deste artigo no que diz respeito a motivações e resultados para os principais atores envolvidos.

Quadro 1. Matriz dos conflitos: o jogo do Estádio.

Campo	Ator	Estádio do Morumbi	Estádio em Itaquera
Campo Político-Partidário	PT	0	+3
	PSDB/DEM	+1	+2
Campo Político-Esportivo	Corinthians	-2	+10
	São Paulo	+8	-5
	CBF	-2	+4
	FIFA	-1	+2
	FPF	0	+1

Fonte: Elaboração própria.

Os ganhos relativos para os partidos envolvidos já foram suficientemente explicados no início deste texto. No que se refere ao campo esportivo, pode-se dizer o seguinte:

O Corinthians teria uma perda com a escolha do Morumbi, pois deixaria escapar uma oportunidade única de obter o seu tão acalentado estádio – o que tornaria sua concretização possivelmente mais demorada, cara e incerta. Não seria, portanto, uma situação de mera indiferença (que é representada pelo zero). O ganho foi significativo, porque não só passou a

ter um estádio que sequer possuía, como o obteve em condições especiais e num padrão muito elevado.

Já o São Paulo teve uma perda substancial com a escolha de Itaquera, pois deixou de aproveitar a oportunidade da reforma em condições especiais geradas pela Copa, perdeu a condição de principal estádio futebolístico da Capital e, no longo prazo, deverá também ter problemas para continuar sendo o principal grande espaço a receber *shows* na cidade, papel que deverá ficar com a arena do Palmeiras. Caso o Morumbi fosse escolhido, o ganho seria substancial por todas essas razões, mas no sentido inverso.

A CBF teria uma perda com a escolha do São Paulo, pois deixaria de punir um clube desafeto nos enfrentamentos políticos recentes. Com a vitória corintiana, reiterou sua posição de entidade máxima do futebol brasileiro, além de iniciar a construção de um arco importante de alianças no campo político-esportivo. É certo que a queda de Ricardo Teixeira fez com que, ao final de todo o processo, esse quadro se transformasse. Contudo, a ação estratégica dos atores era orientada pelo quadro inicial de retribuições possíveis.

A FIFA, no caso da escolha do Morumbi, teria de aceitar um estádio fora dos padrões por ela pretendidos, além de ter de ceder às preferências do São Paulo nas negociações sobre as reformas, comprometendo sua autoridade. Como o estádio corintiano foi feito dentro dos padrões pretendidos, não só a FIFA obteve uma vitória no conteúdo, mas também na forma. Além disso, repartiu com a CBF a punição ao clube rebelde.

Por fim, a Federação Paulista, que desde o início acalentava um novo estádio na cidade, efetivamente o obteve – embora não tenha sido um estádio seu. Como desde o princípio o Morumbi não era a opção preferencial, a escolha de Itaquera também foi um ganho para a FPF – um *second best*. O fato de Sanchez, posteriormente, ter rompido com Del Nero não modifica os fatos.

.....

DINÂMICAS SOCIOTERRITORIAIS DA ZONA LESTE DE SÃO PAULO A PARTIR DO CENSO 2010¹

Dirce Koga²

Se até o Censo Demográfico 2000 (IBGE) a cidade de São Paulo apresentava uma tendência demográfica de queda em sua área central, acompanhada de crescimento vertiginoso em determinadas áreas fronteiriças, o Censo 2010 mostrou novas dinâmicas em curso na megalópole paulistana, que ultrapassa os 11 milhões de habitantes.

A cidade, percebida sob a ótica demográfica, evidencia que ainda continuam intensos, mais do que nunca, seus movimentos intraurbanos, definindo-se seus 96 distritos administrativos como um complexo mosaico de distribuição populacional, em que se destacam o distrito do Grajaú, como o mais densamente povoado com seus mais de 360.000 habitantes, e Marsilac, no extremo sul da cidade que, apesar de ocupar a maior área geográfica, tem apenas 8.258 habitantes. Essa discrepância significa, proporcionalmente, que o distrito do Grajaú é 45 vezes mais populoso do que o distrito de Marsilac.

É da perspectiva dessa cidade em movimento constante que se faz necessário observar o contexto do distrito de Itaquera, foco territorial da construção do empreendimento Arena Corinthians, situado na Zona Leste de São Paulo. Trata-se, de um lado, de olhar para o movimento sociodemográfico da cidade e, de outro, articular com a lógica socioeconômica e urbana que subjaz esse processo em curso, da qual o megaevento da Copa Mundial de Futebol 2014 faz parte.

1 Artigo resultante de consultoria prestada pela autora à pesquisa sobre *Metropolização e os Megaeventos: o impacto da Copa de 2014 e das Olimpíadas de 2016*, financiada pela FINEP, coordenada em São Paulo pelo Observatório das Metrópoles – SP, e nacionalmente pelo Observatório das Metrópoles – RJ (IPPUR-UFRJ).

2 Assistente Social, professora titular da Universidade Cruzeiro do Sul e Coordenadora do Programa de Mestrado em Políticas Sociais na mesma Universidade, onde também coordena o Núcleo de Estudos e Pesquisas sobre Cidades e Territórios. Faz parte do corpo de pesquisadores do Centro de Estudos das Desigualdades Socioterritoriais CEDEST (PUCSP/INPE).

O cenário da Zona Leste, evidenciado pelo Censo 2010, em sua dinâmica, no período de 2000 a 2010, torna claro o quanto se trata de uma região heterogênea na sua configuração demográfica, conforme demonstra o mapa da Figura 1: enquanto os distritos de São Rafael, Iguatemi, Guaianases e São Miguel apresentaram uma diferença de crescimento populacional em torno de 60%, os distritos vizinhos de Jardim Helena e Lajeado tiveram uma diferença de redução em até cerca de 30% em suas populações.

O referido mapa mostra ainda que, de forma genérica, os distritos da Zona Leste apresentaram, em sua maioria, um baixo crescimento populacional no período de 2000 a 2010, havendo, em alguns deles, até mesmo um decréscimo, com destaque para os distritos de Lajeado e Jardim Helena mais ao extremo da região, além de Água Rasa, Cangaíba, Ponte Rasa, Artur Alvim, Aricanduva e São Mateus.

O Censo 2010 demonstra que, dos 31 distritos localizados na porção leste da cidade, apenas 9 apresentaram crescimento positivo acima de 1% a.a., dos quais 8 tiveram crescimento negativo e 14 crescimento inferior a 1% a.a. Percebe-se que esse comportamento demográfico da região Leste acompanha a dinâmica demográfica da cidade de São Paulo, que apresentou, na média, um crescimento de 0,7% a.a. no período de 2000 a 2010.

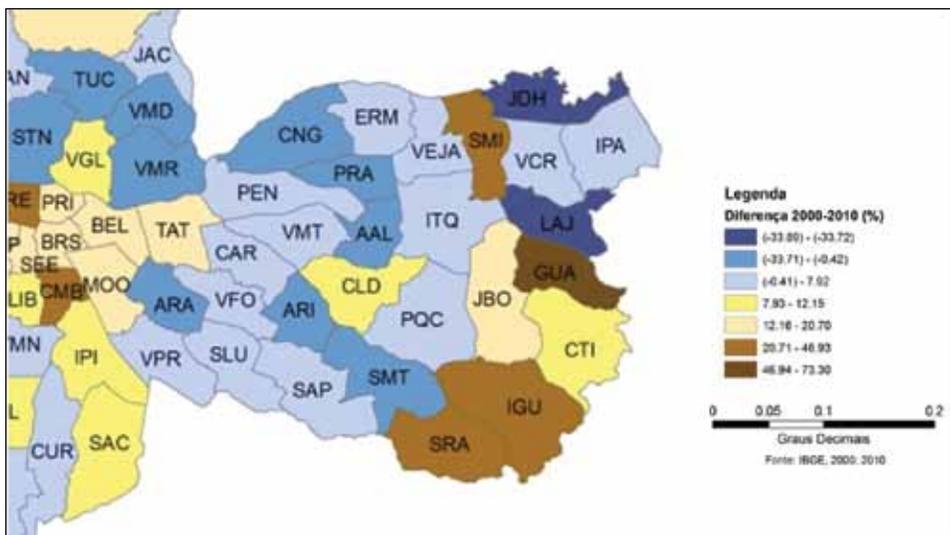


Figura 1. Mapa de Incremento Populacional Zona Leste de São Paulo – 2000/2010.

Fonte: Mapa da exclusão/inclusão social da cidade de São Paulo 2010, Cedest, 2013.

A Zona Leste sempre foi conhecida como a região mais densamente povoada da cidade. De fato, desde o Censo de 1980, a população da Zona Leste correspondia a uma média de 35% da população total da cidade de São Paulo. Em 2010, sua população se aproximava de 4 milhões de pessoas. Porém, a dinâmica demográfica interna da Zona Leste tem revelado significativas alterações, o que já permite mencionar a importância de se olhar para esta região com base também em sua heterogeneidade intraurbana, e não somente como um bloco urbano homogêneo que marcaria sua identidade na metrópole paulistana, a famosa "ZL".

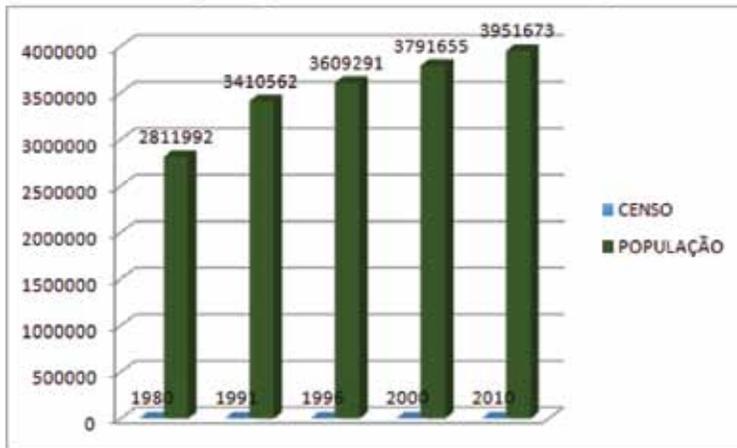


Gráfico 1. População total da Zona Leste (1980-2010).
Fonte: IBGE, 2010.

Segundo estudo de Raquel Rolnik e Heitor Frugoli Jr. (2001) sobre a reestruturação urbana da metrópole, a Zona Leste é considerada um território de rupturas e permanências. Se, por um lado, a direção leste-oeste permanece sendo o principal eixo estruturador da Zona Leste, (consolidada pelos empreendimentos da Radial Leste e da linha vermelha do Metrô), por outro lado, os autores observam mudanças entre a Leste mais próxima ao centro da cidade e a Leste mais periférica, já nas fronteiras com os municípios da Grande São Paulo (Ferraz de Vasconcelos, Guarulhos, Santo André).

Já no período estudado (final da década de 1990), os autores notam uma tendência de redução da população e, ao mesmo tempo, uma alteração no perfil habitacional de alguns distritos tradicionais da Zona Leste (Penha, Tatuapé, Belém, Mooca, Água Rasa, Vila Formosa) por causa da intensificação de lançamentos imobiliários verticalizados. Nesse quadro,

chamam atenção para o Jardim Anália Franco e para a Praça Silvio Romero no bairro do Tatuapé, que passaram a figurar como "enclaves emergentes" (Rolnik e Frugoli Jr, 2001), com perfis distintos dos seus vizinhos, e até então não existente na região Leste, justamente pelo alto padrão imobiliário.

E a mesma análise aponta os distritos do extremo da Zona Leste como contraponto, pois além de apresentarem uma tendência de crescimento demográfico mais intenso que os demais distritos próximos à região central, expressam o modelo socioterritorial excludente que rege a dinâmica da cidade de São Paulo.

"Por outro lado, o mercado imobiliário formal atua muito pouco nos distritos da Zona Leste mais distantes do Centro, que apresentam maiores graus de exclusão social, como Lajeado, Guaianazes, Itaim Paulista, Cidade Tiradentes e Iguatemi. Nestes distritos, a verticalização ainda é configurada predominantemente pela implantação de conjuntos habitacionais produzidos pelo poder público (Cohab e CDHU), cercados por loteamentos clandestinos com pouca ou nenhuma urbanidade. São os distritos onde o modelo de exclusão territorial permanece como forma de estruturação da cidade desigual" (Rolnik e Frugoli Jr, 2001: p.46).

As reflexões de Rolnik e Frugoli Jr. demonstram, no final da década de 1990, a configuração de, pelo menos, duas zonas lestes: uma formada pelos distritos mais próximos ao centro e outra, pelos distritos mais ao extremo da cidade. Porém, o mesmo estudo já indicava um fenômeno até então pouco estudado, que seriam os impactos das "novas formas de organização imobiliária residencial, como os planos de autofinanciamento e as cooperativas habitacionais", em que se destacava o distrito de Itaquera, que havia apresentado uma ampla produção de apartamentos entre 1996 e 1997.

E hoje, com o evento da Copa de 2014, esse processo se intensificou nesse distrito, justamente onde está sendo construído o Estádio Arena Corinthians.

A CONFIGURAÇÃO DAS TRÊS LESTES

Tomando como referência os dados do Censo 2010, se pode perceber que ocorre uma consolidação dessa lógica excludente impulsionada pelo eixo leste-oeste, configurando, a princípio, o desenho de três Lestes: **Leste 1) a leste mais consolidada** e próxima ao centro; **Leste 2) a leste intermediária** que se encontra em processo intenso de investimentos imobiliários, incluindo o próprio estádio Arena Corinthians em Itaquera e **Leste 3) a**

borda de fronteira, mais ao **extremo leste**, que continua agregando os distritos com forte marca de exclusão social.

Os resultados apresentados pelo Mapa da exclusão/inclusão social-MEIS de 2010 (Cedest, 2013) contribuem para a configuração das três les-tes, conforme se pode observar pela figura 2.

Nota-se que, na **Leste 1**, podem ser identificados os distritos conside-rados menos excluídos, segundo a metodologia do MEIS³, com destaque para os distritos do Tatuapé e da Mooca, que já se classificam como dis-tritos incluídos. Na **Leste 2**, os distritos de Sapopemba, José Bonifácio, Itaquera e Jacuí se mostram mais excluídos que os demais distritos, e seus graus de exclusão social são semelhantes aos distritos localizados na **Leste 3**, em que a totalidade dos distritos é considerada excluída.

Embora nos resultados do MEIS 2010, os distritos considerados mais excluídos da cidade tenham sido Marsilac, Grajáú, Parelheiros e Jardim Ângela (nessa ordem), todos localizados na região sul da cidade, logo em

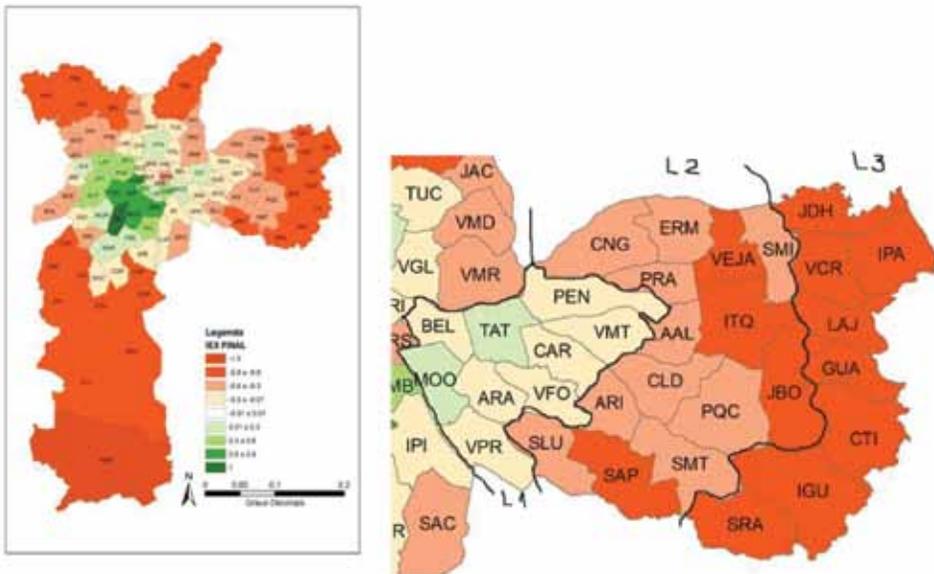


Figura 2. Mapa da exclusão/inclusão social 2010 final e zoom da zona Leste – São Paulo.

Fonte: Cedest – PUCSP/INPE, 2013.

3 Trata-se de uma metodologia de medidas de desigualdades socioterritoriais intraurbanas desenvolvida desde 1994 pelo NEPSAS – Núcleo de Estudos e Pesquisas em Seguridade e Assistência Social da PUCSP, tendo como referência a cidade de São Paulo na escala dos seus 96 distritos. Trata-se hoje de uma metodologia aplicada em outras cidades brasileiras, sob a coordenação do Cedest – Centro de Estudos das Desigualdades Socioterritoriais, uma parceria entre o INPE e a PUCSP. Maiores detalhes sobre a metodologia do Mapa da exclusão/inclusão social podem ser acessados no seguinte sítio: www.cedest.info.

seguida aparecem os distritos da região Leste, Iguatemi, Lajeado e Jardim Helena, compondo o *ranking* dos mais excluídos da cidade.

Também na escala do setor censitário, podemos perceber, por meio dos resultados do IPVS – Índice Paulista de Vulnerabilidade Social – 2010 (Fundação Seade), que é possível identificar esta configuração das três Lestes, conforme a figura a seguir:

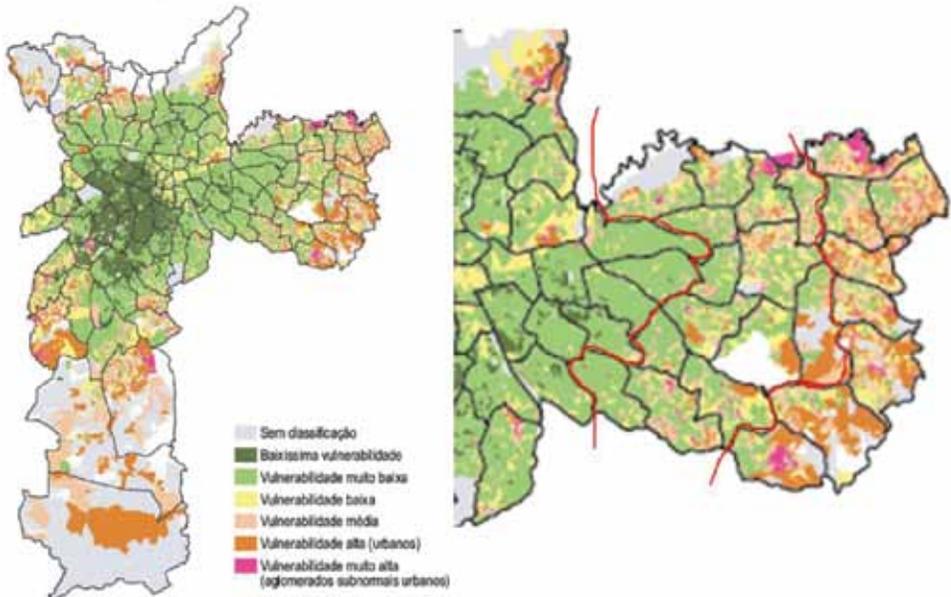


Figura 3. Índice Paulista de Vulnerabilidade Social – 2010 – e zoom da Zona Leste de São Paulo.
Fonte: Fundação Seade, 2013.

Os setores predominantes da **Leste 1** são identificados como de vulnerabilidade baixa ou muito baixa, incluindo ainda alguns na condição de baixíssima vulnerabilidade. Em contraponto, na **Leste 3**, predominam os setores censitários considerados de vulnerabilidade alta (urbanos), incluindo alguns setores de vulnerabilidade muito alta (aglomerados subnormais urbanos). Já na **Leste 2**, intermediária, se observa uma forte mescla de grupos de vulnerabilidade entre os setores censitários, desde baixa até alta vulnerabilidade. Como ocorre na metodologia de cálculo do MEIS 2010, há distritos da Leste 2 que apresentam uma forte presença de setores censitários classificados como de alta vulnerabilidade social, de forma semelhante ao que ocorre na Leste 3. Porém, o que os diferencia é jus-

tamente o fato de que nos distritos da Leste 2 ainda existem setores de baixa vulnerabilidade social convivendo com esses setores de alta vulnerabilidade social. E na Leste 3, a quase totalidade dos setores dos distritos localizados nessa parte é classificada como de alta vulnerabilidade social.

Nota-se que a posição intermediária da Leste 2 recebe uma influência da sua localização espacial, figurando uma mescla de características presentes tanto na Leste 1 como na Leste 3, as quais aparecem como regiões mais bem demarcadas e com certa homogeneidade em suas configurações socioeconômicas.

O quadro a seguir identifica os distritos da Zona Leste distribuídos nestes três grandes grupos, totalizando 33 distritos.

Quadro 1. Identificação dos distritos da zona Leste em 3 grupos.

LESTE (1)	LESTE INTERMEDIARIA (2)	EXTREMO LESTE (3)
ÁGUA RASA	ARICANDUVA	CIDADE TIRADENTES
BELÉM	ARTUR ALVIM	GUAIANASES
CARRÃO	CANGAIBA	JARDIM HELENA
MOOCA	CIDADE LIDER	LAJEADO
PENHA	ERMELINO MATARAZZO	SÃO RAFAEL
TATUAPÉ	ITAQUERA	VILA CURUÇÁ
VILA FORMOSA	JOSÉ BONIFÁCIO	IGUATEMI
VILA MATILDE	PARQUE DO CARMO	ITAIM PAULISTA
VILA PRUDENTE	PONTE RASA	
	SÃO LUCAS	
	SÃO MATEUS	
	SÃO MIGUEL	
	SAPOPEMBA	
	VILA JACUÍ	
09 distritos	14 distritos	08 distritos

A **Leste 2** identificada contém o maior número de distritos, sendo um deles justamente o distrito de Itaquera. A **Leste 1**, além de englobar uma quantidade menor de distritos (9) em relação à Leste 2 (14), a população neles residente também é menos adensada (média de 2,95 moradores por domicílio). A **Leste 3**, por sua vez, apesar de apresentar a menor quantidade de distritos (8) em relação às outras duas lestes, possui o maior adensamento dentre as três lestes analisadas, com uma média de 3,49 moradores por domicílio. A Leste 2 tem uma média de 3,30 moradores por domicílio.

Ou seja, os distritos da Leste 3, além de apresentarem condições de vulnerabilidade e exclusão social mais agravadas, se configuram como distritos mais densamente habitados. Certamente, nesses distritos, a ausência e

ou insuficiência de serviços sociais e urbanos fazem muita diferença. Estes números podem ser visualizados no quadro a seguir.

Quadro 2. Distribuição populacional e densidade habitacional nas três Lestes – 2010.

	Nome_do_distrito	Total Domicílios no distrito	Total de População residente no distrito	Dens_hab_media
1	LESTE 1 VILA MATILDE	33.766	104.947	3,11
2	LESTE 1 VILA FORMOSA	30.580	94.799	3,10
3	LESTE 1 CARRÃO	27.470	83.281	3,03
4	LESTE 1 PENHA	42.220	127.820	3,03
5	LESTE 1 ÁGUA RASA	28.801	84.963	2,95
6	LESTE 1 VILA PRUDENTE	35.527	104.242	2,93
7	LESTE 1 BELÉM	15.994	45.057	2,82
8	LESTE 1 TATUAPÉ	33.140	91.672	2,77
9	LESTE 1 MOOCA	28.211	75.724	2,68
	total leste 1	275.709	812.505	2,95
1	LESTE 2 VILA JACUÍ	41.705	142.372	3,41
2	LESTE 2 ITAQUERA	60.379	204.871	3,39
3	LESTE 2 CIDADE LIDER	37.622	126.597	3,36
4	LESTE 2 PARQUE DO CARMO	20.326	68.258	3,36
5	LESTE 2 SAPOEMBA	84.805	284.524	3,36
6	LESTE 2 ERMELINO MATARAZZO	34.088	113.615	3,33
7	LESTE 2 SÃO MATEUS	46.868	155.140	3,31
8	LESTE 2 CANGAIBA	41.303	136.623	3,31
9	LESTE 2 SÃO MIGUEL	28.061	92.081	3,28
10	LESTE 2 JOSÉ BONIFÁCIO	37.923	124.122	3,27
11	LESTE 2 PONTE RASA	28.702	93.894	3,27
12	LESTE 2 ARICANDUVA	27.708	89.622	3,23
13	LESTE 2 ARTUR ALVIM	33.761	105.269	3,12
14	LESTE 2 SÃO LUCAS	45.960	142.347	3,10
	total leste 2	569.211	1.879.335	3,30
1	LESTE 3 SÃO RAFAEL	40.670	143.992	3,54
2	LESTE 3 IGUATEMI	36.172	127.662	3,53
3	LESTE 3 JARDIM HELENA	38.288	135.043	3,53
4	LESTE 3 LAJEADO	46.669	164.512	3,53
5	LESTE 3 CIDADE TIRADENTES	60.763	211.501	3,48
6	LESTE 3 ITAIM PAULISTA	64.428	224.074	3,48
7	LESTE 3 VILA CURUÇÁ	43.624	149.053	3,42
8	LESTE 3 GUAIANASES	30.688	103.996	3,39
	total leste 3	361.302	1.259.833	3,49

Fonte: Censo 2010, IBGE.

Chama atenção o quadro comparativo sobre a renda dos responsáveis dos domicílios demonstrado pelo Censo 2010, colocando em contraponto o percentual de responsáveis sem renda em relação ao percentual dos responsáveis com ganho superior a 20 salários mínimos. Observa-se o quanto a Leste 1 concentra proporcionalmente mais responsáveis com ganho superior a 20 salários mínimos (com destaque para o Tatuapé com 5,20%), enquanto na Leste 3 há uma concentração maior de responsáveis sem rendimento (com destaque para o Jardim Helena com 25,6%).

Quadro 3. Comparação de rendimento dos responsáveis de domicílios na Zona Leste de São Paulo – 2010.

	REGIÃO	DISTRITO	RESP. SEM RENDIMENTO	RESP. MAIS DE 20 SM
1	LESTE 1	TATUAPÉ	11,38	5,20
2	LESTE 1	MOOCA	11,74	4,21
3	LESTE 1	VILA FORMOSA	15,27	2,86
4	LESTE 1	ÁGUA RASA	16,91	2,00
5	LESTE 1	BELÉM	12,86	1,83
6	LESTE 1	CARRÃO	13,33	1,65
7	LESTE 1	VILA PRUDENTE	14,19	1,64
8	LESTE 1	PENHA	12,45	0,70
9	LESTE 1	VILA MATILDE	13,52	0,54
10	LESTE 2	PARQUE DO CARMO	19,81	0,51
11	LESTE 2	PONTE RASA	17,98	0,38
12	LESTE 3	GUAIANASES	17,49	0,36
13	LESTE 2	SÃO LUCAS	15,85	0,30
14	LESTE 2	ARICANDUVA	15,59	0,25
15	LESTE 2	CANGAIBA	16,52	0,22
16	LESTE 2	CIDADE LIDER	14,29	0,19
17	LESTE 2	VILA JACUÍ	17,76	0,17
18	LESTE 2	ARTUR ALVIM	11,59	0,12
19	LESTE 2	SÃO MATEUS	20,00	0,12
20	LESTE 2	SÃO MIGUEL	18,59	0,12
21	LESTE 2	ITAQUERA	19,28	0,11
22	LESTE 2	ERMELINO MATARAZZO	18,49	0,11
23	LESTE 3	VILA CURUÇÁ	17,89	0,07
24	LESTE 2	SAPOPEMBA	17,19	0,06
25	LESTE 2	JOSÉ BONIFÁCIO	17,03	0,05
26	LESTE 3	IGUATEMI	21,94	0,04
27	LESTE 3	SÃO RAFAEL	20,77	0,03
28	LESTE 3	ITAIM PAULISTA	21,25	0,03
29	LESTE 3	JARDIM HELENA	25,60	0,03
30	LESTE 3	LAJEADO	22,39	0,03
31	LESTE 3	CIDADE TIRADENTES	21,14	0,02

Segundo o quadro 3, a maior discrepância no indicador de percentual de responsáveis com ganho superior a 20 salários mínimos está entre os distritos de Tatuapé (Leste1) com 5,20% e Cidade Tiradentes (Leste 3) com apenas 0,02%. Essa discrepância significa uma distância social de 225 vezes entre Tatuapé e Cidade Tiradentes nesse indicador.

Situação semelhante poderá ser observada ao se analisar o quadro comparativo de escolaridade dos responsáveis. Enquanto o distrito do Tatuapé (Leste 3) apresenta o maior percentual de responsáveis com mais de 15 anos de estudos (42,07%), o distrito do Lajeado (Leste 3) se destaca como o distrito da Zona Leste com o mais baixo percentual de responsáveis nessa condição (2,49%). Nesse caso, a distância social nesse indicador corresponde a 17 vezes entre Tatuapé e Lajeado. É o que demonstra o quadro 4, a seguir.

Os quadros 3 e 4 referentes, respectivamente, aos indicadores de renda e educação demonstram uma face da desigualdade social presente no interior da Zona Leste, o que configura, segundo Francisco de Oliveira (2010), cenários semelhantes que expressam a mesma lógica excludente que se passa nos subterrâneos da cidade.

“O problema urbano não é essa fenomenologia em que se compraz a tecnocracia, buscando solucionar exatamente o que só vê na aparência; por baixo, à maneira dos rios subterrâneos, corre uma articulação global que confere unidade ao todo e, por isso, e não por outra razão, a imagem é a mesma nos mil pedaços” (Oliveira, 2003, p. 68)

A discrepância que há entre o setor sudoeste e as áreas mais periféricas da cidade também se faz sentir no interior do território da própria Zona Leste, que, como já demonstrado, se trata de uma parcela considerável da cidade de São Paulo, próxima a 4 milhões de pessoas, ultrapassando a população total de um país, como o Uruguai. A Zona Leste expressa a complexidade da própria metrópole da qual faz parte. Ela é maior do que a maioria das capitais brasileiras e, portanto, carrega suas marcas tanto na quantidade populacional como nas suas tramas societárias.

Para o geógrafo Milton Santos, as metrópoles e as cidades grandes, pela própria alta densidade populacional, produziram uma “densidade social”: “esses lugares, com a sua gama infinita de relações, são a fábrica de relações numerosas, frequentes e densas” (Santos, 2001, p.319)

Nessa perspectiva da “densidade social”, é possível observar que as três lestes têm se configurado como o conjunto territorial talvez não só de maior densidade populacional, mas também de forte “densidade social”. Tal densidade tem significado a presença de novas e velhas dinâmicas nos seus territórios, tanto sob o aspecto de sua morfologia urbana na cidade de São Paulo, quanto, mais especialmente, na sua configuração socioterritorial.

Quadro 4. Comparação dos anos de estudos dos responsáveis na Zona Leste de São Paulo – 2010.

REGIÃO	DISTRITO	% RESP. SEM INSTRUÇÃO	% RESP. MAIS DE 15 ANOS DE ESTUDOS
LESTE 1	TATUAPÉ	3,00	42,07
LESTE 1	MOOCA	2,02	38,44
LESTE 1	BELÉM	2,70	28,56
LESTE 1	ÁGUA RASA	4,11	25,37
LESTE 1	CARRÃO	3,05	22,76
LESTE 1	PENHA	2,75	20,57
LESTE 1	VILA PRUDENTE	4,63	19,70
LESTE 1	VILA MATILDE	4,20	19,09
LESTE 1	VILA FORMOSA	4,14	18,69
LESTE 2	SÃO LUCAS	4,83	14,18
LESTE 2	PONTE RASA	5,66	11,07
LESTE 2	ARICANDUVA	4,62	10,33
LESTE 2	ARTUR ALVIM	4,76	10,25
LESTE 2	PARQUE DO CARMO	7,46	9,76
LESTE 2	CANGAIBA	7,15	9,76
LESTE 2	ERMELINO MATARAZZO	7,56	9,31
LESTE 2	ITAQUERA	8,55	8,44
LESTE 2	CIDADE LIDER	5,17	8,33
LESTE 2	SÃO MIGUEL	6,42	8,27
LESTE 2	JOSÉ BONIFÁCIO	5,57	7,31
LESTE 2	SÃO MATEUS	7,93	6,57
LESTE 2	VILA JACUÍ	8,75	6,11
LESTE 3	VILA CURUÇÁ	9,76	5,56
LESTE 2	SAPOEMBA	7,57	4,41
LESTE 3	GUAIANASES	7,80	4,39
LESTE 3	SÃO RAFAEL	7,78	4,21
LESTE 3	ITAIM PAULISTA	9,30	4,14
LESTE 3	CIDADE TIRADENTES	6,48	3,43
LESTE 3	JARDIM HELENA	10,80	2,92
LESTE 3	IGUATEMI	9,94	2,87
LESTE 3	LAJEADO	11,36	2,49

Fonte: Censo 2010, IBGE.

Importa ressaltar que essa configuração socioterritorial é produto e, ao mesmo tempo, produtora de um modelo de desigualdade social que tem marcado o processo brasileiro de urbanização. Em um relatório do Laboratório de Habitação da USP – LabHab – no ano de 2003 para a Prefeitura de São Paulo (Programa Bairro Legal), os pesquisadores assim delineavam o processo sócio-histórico de formação de nossas cidades:

“Do cortiço do imigrante do início do século XX à propriedade clandestina do migrante nordestino, terra e trabalho sempre segregaram na cidade as classes populares. A figura final desta longa história se repete com variação apenas quantitativa nas periferias de São Paulo e das metrópoles brasileiras: assentamentos humanos excluídos do mercado formal (e, portanto, das representações da cidade que fazem as suas elites), onde predominam, na escala da habitação, a casa auto-construída em loteamentos irregulares e favelas ou o apartamento precário em conjuntos habitacionais, e, na escala do bairro, o transporte por ônibus num sistema viário fragmentado em trajetos típicos de bairros dormitórios, pontuados por poucos equipamentos ou serviços públicos” (LABHAB – USP, 2003, p.14).

É sem desconsiderar esse modo desigual e excludente de produção e reprodução dos territórios das cidades brasileiras, e que vem ocorrendo nos subterrâneos de cada uma delas, que é necessário compreender as dinâmicas socioterritoriais que estão em curso na cidade de São Paulo, em direção ao leste.

DINÂMICAS SOCIOTERRITORIAIS EM DIREÇÃO A LESTE

A região Leste da cidade, sob o olhar da mobilização popular, juntamente com a Zona Sul, apresenta um histórico marcado pela força dos movimentos sociais de luta pela defesa do acesso à saúde, à creche, ao transporte público, à habitação digna. Essa trajetória certamente deixa marcos e marcas em seus territórios, cuja densidade populacional representa também uma força social de luta na cidade.

Conquistas essenciais no campo dos direitos à cidade e aos direitos sociais que marcam esta trajetória encontram-se subjacentes no cenário urbano que compõe esse imenso território de ausências de serviços públicos e, ao mesmo tempo, de presenças notáveis: os grandes conjuntos habitacionais verticalizados, as áreas urbanizadas, a linha vermelha do metrô, o trem, as ocupações nas áreas de várzea, a USP-Leste e o mais recente estádio Arena Corinthians.

O texto já citado de Rolnik e Frugoli Jr. evidenciava os cuidados a serem tomados na análise para compreender as novas dinâmicas em curso na região Leste da cidade:

“A dinâmica de reestruturação urbana em curso na Zona Leste, entretanto, aponta características diversas, sendo preciso examinar com mais vagar as hipóteses de reconversão econômica, analisando tanto a inscrição territorial da indústria como do comércio – e a relação desse último com a indústria imobiliária –, para detectar a natureza das novas dinâmicas que estão efetivamente a produzir transformações nos territórios periféricos” (Rolnik e Frugoli Jr, 2001, p.44).

Essa porção da cidade também chegou a ser identificada como “territórios dormitórios”, em que se privilegiava sua condição como local de moradia, e de onde se partia em direção aos diferentes pontos de São Paulo para se trabalhar, desde o centro até as demais regiões da cidade e da Grande São Paulo. A proximidade com o ABC, por exemplo, favoreceu alguns distritos da Zona Leste servirem de local de moradia para as famílias dos operários das indústrias localizadas em São Bernardo do Campo e Santo André, com destaque para o distrito de Sapopemba.

Em sua tese de doutorado transformada em livro, o sociólogo Gabriel Feltran (2011) traça com detalhes trajetórias de famílias residentes em Sapopemba, e que evidenciam as transformações ocorridas nessa região, que inicialmente vai sendo ocupada pelas famílias dos operários a realizar o “sonho da casa própria”, e logo depois passa a abrigar núcleos de favelas. Feltran identifica uma peculiaridade a Sapopemba em relação a outros distritos da Zona Leste, localizados nos eixos das grandes vias, e, ao traçar seu processo de formação, deixa claro o quanto as trajetórias de vida das famílias marcam a trajetória desse distrito chamado Sapopemba. Embora longa, a citação desse processo vale a pena:

“Sapopemba não é, como já se pode notar, uma periferia distante, nem obedece ao estereótipo, frequente no senso comum, daquela região abandonada, desolada. (...) A porção de terra que se inicia no Ipiranga, passa pela Vila Prudente, Sapopemba, São Mateus e Iguatemi, vincula-se de modo específico tanto ao Centro-Sul de São Paulo a quanto, a partir dos anos 70, ao ABC. Em Sapopemba é mais fácil encontrar referências a Santo André e São Caetano do que aos bairros centrais de São Paulo. (...) Ali, um projeto específico de família – a família operária – simbolizou o desenho de todo um mundo social nascente nos anos de 1960 e 1970. O distrito de Sapopemba foi um dos inúmeros territórios onde este projeto se instalou. Toda a região contida entre as duas grandes zonas industriais de referência para a Zona Leste da cidade

(Mooca e ABC) foi ocupada na esteira da expansão operária, marcada territorialmente pela criação de um eixo de modernização da indústria tradicional da Mooca às grandes metalúrgicas do ABC. Este conjunto de trabalhadores colonizou este cinturão intermediário, onde está Sapopemba, graças à estabilidade do emprego fordista. Compraram terrenos em loteamentos populares de pequenas ou grandes empreiteiras, muitas vezes irregulares, precários, clandestinos, por vezes ainda hoje – trinta anos depois – em vias de regularização. Mas compraram” (Feltran, 2011: p.55, 56 e 57).

No período da década de 1990, as dificuldades de acesso ao emprego terminaram gerando cada vez mais o aparecimento dos “bicos”, dos trabalhos precários, não só do ponto de vista da relação trabalhista, mas também da remuneração e das condições de insalubridade, que passaram a figurar no cenário do cotidiano dos territórios mais periféricos da cidade. Ao lado do fluxo tradicional leste-oeste, a circulação interna nos distritos da Zona Leste parece intensificar-se na busca por estratégias de sobrevivência próximas ao local de moradia.

Feltran identifica esse período como de “passagem de bastão” nas famílias de Sapopemba, em que se consolida a heterogeneidade entre as famílias operárias pioneiras do território e aquelas que chegaram depois e passaram a ocupar as favelas. Novamente, é a trajetória das famílias contada pelo autor que nos auxilia a decifrar as alterações na configuração do território:

“Havia uma história recente de migrações sucessivas e uma trajetória familiar e pessoal centrada em tentativas sucessivas de sobrevivência. O ponto de chegada destas famílias, nas favelas de Sapopemba deve-se em geral a parentes ou colegas, que já tinham se estabelecido por ali. É na passagem do bastão das famílias operárias a seus filhos, portanto a partir dos anos 90, que a condição social do bairro se consolida nesta heterogeneidade. O espaço urbano dos bairros ganha muita infraestrutura, o acesso a serviços públicos essenciais e ao consumo se amplifica, e aparecem com mais nitidez as primeiras clivagens nos perfis familiares” (Feltran, 2011, p. 63).

Em 2006, a assistente social Euníciana Peloso da Silva defendia sua tese de doutorado, que versava sobre as condições de vida e identidade de mulheres e famílias dos distritos de Itaim Paulista e do Jardim Helena, localizados em outra porção da Zona Leste de São Paulo, já na divisa com a cidade de Itaquaquecetuba. No período estudado, meados dos anos 2000, a autora já identificava as diferentes experiências de mulheres na luta pela sobrevivência, normalmente chefes de família, e que participavam

de programas de transferência de renda. Em um dos relatos classificava a situação da mulher entrevistada como de "semi-escravidão".

"Durante o período de realização de entrevistas, conheci situações de trabalho que classifico como de semi-escravidão. A mulher da família 10 trabalhava em uma minioficina de costura fazendo panos de avião. Informou-se que ganhava R\$0,12 por quilo de pano costurado. Quando recebia encomenda costumava trabalhar 15 horas por dia em média" (Silva, 2006, p.140).

Essa situação de "semi-escravidão" mencionada pela pesquisadora se conecta com o cenário de alterações ocorridas na linha de produção da indústria de confecção de roupas em São Paulo que, segundo o pesquisador Carlos Freire da Silva (2011), passaram a terceirizar justamente a etapa mais intensiva da confecção, que é a costura. Esta terceirização seria o processo desencadeante da proliferação das oficinas informais de costura pelas periferias da cidade, locais de moradia das ex-operárias das antigas fábricas.

Enfim, nos entremeios dessa dinâmica sociourbanística em efervescência na Zona Leste surgem novos personagens no cenário, que já fora predominantemente marcado pela presença de migrantes de várias partes do país, com destaque para os estados do Nordeste. O século XXI na Zona Leste da cidade apresenta um tipo social até então pouco conhecido nesse "pedaço" da cidade: o migrante latino-americano.

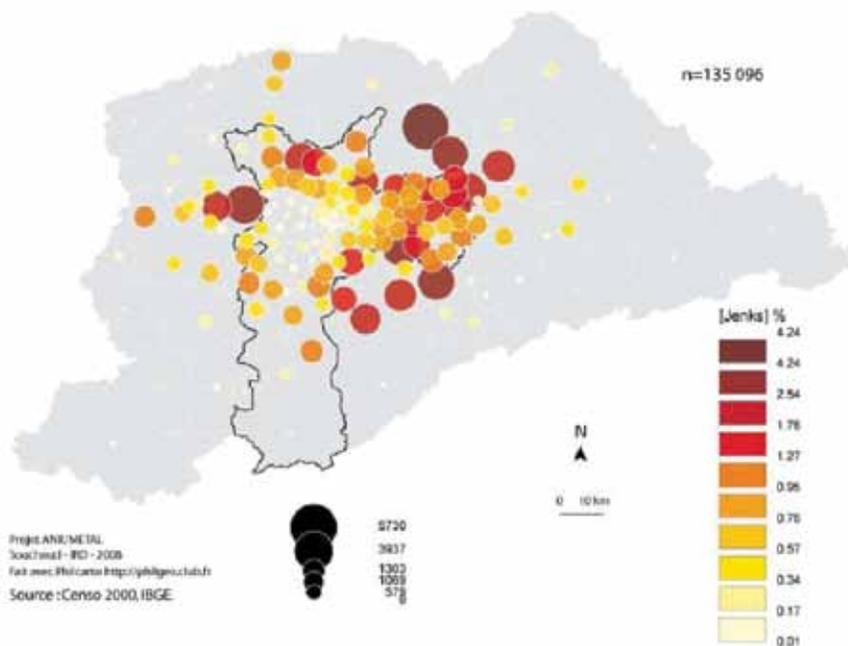
A dissertação de Mestrado de Iara Xavier (2010) sinaliza de forma muito clara a presença dos migrantes bolivianos em direção ao extremo leste da cidade, acompanhando uma tendência que a autora denominou de "espalhamento territorial" das oficinas de costura pela cidade.

Segundo Xavier,

"As transformações da indústria têxtil da RMSP trazem, portanto, a necessidade de pensar a transformação dos bairros tradicionais, processos de migração e mobilidade populacional. Nesse processo, entender as formas de territorialização dessa indústria é fundamental, não somente em relação às suas plantas produtivas, mas também às redes de comercialização dos produtos – redes de subcontratação (Silva, C., 2008), que indicam tanto a descentralização dessa indústria em várias partes da cidade quanto os (novos) papéis que brasileiros e estrangeiros ocupam nessa cadeia" (Xavier, 2010, p.95-96).

Faz parte dessa análise o mapa, a seguir, que localiza a presença dos operadores de máquina de costura pelos distritos da cidade de São Paulo, indicando a Zona Leste com alta concentração desses trabalhadores em condições normalmente precárias.

Figura 4. Mapa de localização dos operadores de máquina de costurar roupas por distrito de residência – 2000.



Fonte: Xavier, 2010: p.96.

Retomando a análise de Carlos Freire Silva (2011), quanto a esse deslocamento da cadeia produtiva da indústria têxtil para as periferias da cidade, por meio das oficinas informais, o pesquisador destaca a Zona Leste e a presença dos dois novos personagens – as ex-costureiras das fábricas de confecção e os imigrantes bolivianos.

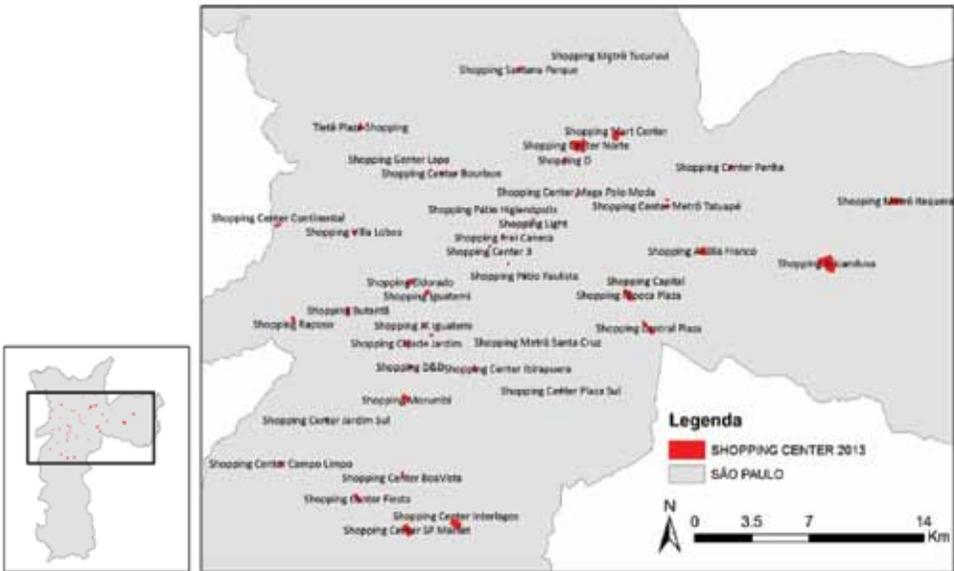
“Na região de Guaianases, por exemplo, mais especificamente no distrito do Lajeado, a presença de imigrantes bolivianos é tão significativa que um dos seus bairros é conhecido como o ‘bairro dos bolivianos’”. (Silva, 2011, p.84)

Os estudos citados sobre essas alterações em curso na Zona Leste de São Paulo, advindas das próprias alterações no mundo do trabalho (Silva, 2006; Xavier, 2010; Silva, 2011) indicam os distritos do extremo leste da cidade (Jardim Helena, Itaim Paulista, Guaianases, Lajeado) como um palco de destaque dessas alterações. Figura aqui a Leste 3.

Em contraponto, por motivos óbvios, podemos identificar que esse extremo da Zona Leste continua um deserto de investimentos em relação a

dois tipos de empreendimentos: *shopping centers* e edifícios de alto padrão. Porém, apesar de óbvio, esse “deserto” de investimentos nessa área de fronteira reforça a tendência de configuração de três lestes na cidade de São Paulo, expressão da lógica excludente que opera o processo de urbanização na metrópole.

Figura 5. Localização dos *shopping centers* na cidade de São Paulo – 2013.

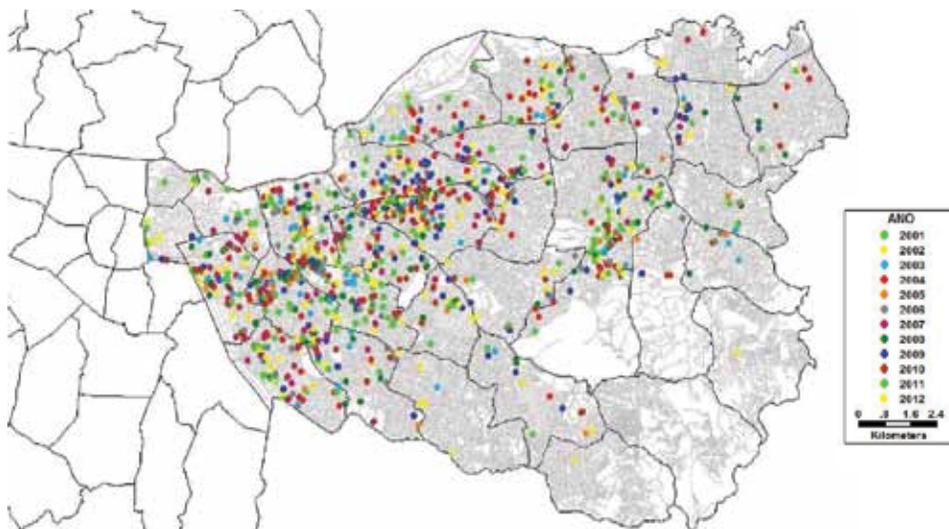


Fonte: Abrasce – Associação brasileira de *shopping centers*, 2013.

O mapa deixa claro que o último *shopping* em direção ao leste se localiza no distrito de Itaquera. Parece ser este o limite do investimento, em um movimento contrário ao acionado pelos operadores de máquina de costura identificados na figura 4. Poderíamos dizer que a Leste 2 se constitui num limite que representa, por um lado (mais a oeste), a tentativa de expansão de um modelo de desenvolvimento da Leste 1 e, por outro lado (mais a leste), uma barreira que indica o limite desse modelo de desenvolvimento.

O mapa dos lançamentos imobiliários ocorridos entre 2001-2012 evidencia outros “desertos” de investimentos, com destaque novamente para os distritos situados mais ao extremo leste, conforme a figura 6, a seguir.

As dinâmicas aqui traçadas buscaram retratar o quanto permanece e se reproduz na metrópole paulistana a lógica da desigualdade social, ainda que se tome como lócus de análise uma só região da cidade – a Zona Leste, aparentemente considerada homogênea ou o contraponto do setor sudoeste.

Figura 6. Distribuição dos lançamentos imobiliários na Zona Leste de São Paulo – 2001 a 2012.

Fonte: Embraesp, 2013.

Os dados do Censo Demográfico, combinados a outros estudos sobre dinâmicas socioeconômicas em curso na cidade, demonstram que não se trata de uma região homogênea, pelo contrário, seus territórios expressam diferenças e discrepâncias internas em expansão, no mesmo eixo já demarcado anteriormente pela cidade: de leste para oeste. Como em outros cenários que marcam a cidade de São Paulo, o processo de “desnaturalização” é necessário para se compreender o contexto em que novos empreendimentos e ou “megaeventos” se fazem presentes.

Nesse contexto se percebe o quanto a cidade ainda não chegou a toda a Zona Leste, especialmente naquelas porções localizadas nas franjas, em que a ausência das políticas públicas se faz sentir, e a distância física em relação ao setor sudoeste da cidade logo se evidencia, antes de tudo, como uma distância social. A porção intermediária, que hoje se caracteriza como uma mescla das duas outras Lestes (1 e 3) pode indicar justamente a tendência de consolidação de um modelo baseado na expansão desigual, tanto do mercado imobiliário como dos serviços públicos.

E, dessa forma, seguindo a dinâmica socioterritorial de São Paulo, se vê reproduzida na Zona Leste a mesma lógica da perversa desigualdade social que rege sua conformação socioterritorial: trata-se de não apenas uma, mas, pelo menos, três lestes.

.....

A COPA DO MUNDO E A VALORIZAÇÃO IMOBILIÁRIA NO DISTRITO DE ITAQUERA¹

Kelly Gago da Silva

INTRODUÇÃO

O artigo analisa o impacto sobre a valorização imobiliária no distrito de Itaquera, na cidade de São Paulo, em virtude dos investimentos propostos para as obras de infraestrutura urbana destinadas à recepção da Copa do Mundo de 2014. A implantação de novos equipamentos urbanos, obras de readequação do sistema viário, bem como investimentos voltados ao que o poder público tem definido como necessários ao desenvolvimento econômico da região confirmaram o que a literatura especializada há décadas vem demonstrando: investimentos públicos contribuem para aumentar o preço do m² dos imóveis.

Para além das expectativas criadas sobre os investimentos em equipamentos urbanos destinados à recepção da Copa, este artigo também insere a dinâmica imobiliária da região numa perspectiva mais ampla, demonstrando a tendência de valorização presente na região antes mesmo de adquirir a visibilidade decorrente do “megaevento”. Tomando como referência o artigo de Koga², consideramos, para análise comparativa, os distritos da Zona Leste, assim divididos: Zona Leste (1), os distritos com maior índice de inclusão social; Zona Leste Intermediária (2), da qual faz parte o distrito de Itaquera; Extremo da Zona Leste (3), cujos distritos apresentam maior precariedade social e de infraestrutura urbana.

1 Este artigo é resultante da monografia realizada pela autora sobre o *Impacto sobre a dinâmica imobiliária em Itaquera devido à Copa do Mundo*. 2013. 140p. Monografia (Pós-Graduação Lato-sensu em Economia Urbana e Gestão Pública) – PUC SP – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, realizada sob a orientação do Professor Ricardo Carlos Gaspar.

2 Cf. Koga, D. “Dinâmicas socioterritoriais da Zona Leste de São Paulo a partir do Censo de 2010”. Publicado neste mesmo livro.

O CRESCIMENTO DO MERCADO IMOBILIÁRIO

Os imóveis são bens de elevado valor individual e, em geral, têm considerável peso no que tange ao orçamento das famílias. A aquisição de um imóvel depende, em grande medida, da disponibilidade de financiamento de longo prazo. Assim, o desempenho do mercado imobiliário é influenciado por diversos fatores macroeconômicos, como a inflação, o nível das taxas de juros, o crescimento do PIB e da renda *per capita*, além da confiança do consumidor.

O nível da taxa de juros tem ampla influência nas decisões de consumo das pessoas e nas deliberações de investimento das empresas. Por influenciar a liquidez dos meios de pagamento, o controle das taxas de juros gera efeitos diretos na demanda de bens duráveis e de consumo e, por consequência, na aquisição de imóveis (EZETEC, 2013).

Nos últimos anos, o Brasil retomou o nível da atividade imobiliária, em virtude das ações do Governo Federal, tais como o *Programa Minha Casa, Minha Vida*, as quais influenciaram diretamente o setor, e da crescente disponibilidade de crédito em decorrência da redução da taxa básica de juros.

A combinação de fatores, tais como a demanda reprimida por moradias, a maior disponibilidade de crédito para financiamento imobiliário, o nível decrescente da taxa de juros e o aumento da renda da população em geral contribuíram para impulsionar a procura por imóveis.

O mercado imobiliário no Brasil também tornou a levar vantagem, considerando que se previa que os setores mais beneficiados com a Copa do Mundo seriam os da construção civil, alimentos e bebidas, serviços prestados às empresas, serviços de utilidade pública (eletricidade, gás, água, esgoto e limpeza urbana) e serviços de informação. Em conjunto, havia a expectativa de que todas essas áreas teriam sua produção aumentada em R\$ 50,18 bilhões (Loureiro, 2010). No topo da lista, a construção civil que, se acreditava, geraria R\$ 8,14 bilhões a mais no período entre 2010-2014 (2010, Ano-Base do PIB).

PREÇO DA TERRA EM TEMPO DE “MEGAEVENTO”

Para se chegar ao preço de mercado de um determinado imóvel, por serem todos os imóveis diferentes entre si, é necessário observar alguns itens imprescindíveis na formação do preço e na liquidez do mercado. Todos eles interferem diretamente no processo de captação e de análise do preço de mercado³.

3 FATORES DE VALORIZAÇÃO, setembro de 2006. Disponível em: <<http://www.brasouza.com.br>>. Acessado em 20.05.2013.

Basicamente, é uma questão de oferta e procura e a infraestrutura oferecida, mas não só isso: quanto maior o interesse por determinado local, maiores tendem a ser os preços na região. Nesse contexto, Itaquera tem se destacado pela centralidade que adquiriu como sede do estádio que acolheu a abertura da Copa do Mundo no Brasil.

Segundo o relatório da ONU, no caso de Barcelona, caso emblemático do uso do planejamento urbano estratégico como meio de atração de capitais por meio de um "megaevento", o aumento do valor dos imóveis, num período de cinco anos antes dos Jogos Olímpicos de 1992, chegou a 131%. Em Atlanta, 15 mil residentes de baixa renda abandonaram a cidade por conta do aumento dos aluguéis, e, em Sydney, nos cinco anos precedentes aos jogos, o aumento no valor dos imóveis foi de 50% (Fidelis, 2012).

Em Itaquera, a prefeitura de São Paulo elaborou o projeto de um Polo Institucional que fez da construção do Estádio de Futebol seu vetor dinamizador, para usar os próprios termos da prefeitura. No pacote foram previstas obras viárias, instalação de um Fórum Judiciário, uma rodoviária, uma Fatec e o Parque Linear Rio Verde. Os impactos dessas obras de infraestrutura na região, sem dúvida, já se fazem sentir no mercado imobiliário.

EQUIPAMENTOS URBANOS E SERVIÇOS SOCIAIS EM ITAQUERA

A subprefeitura de Itaquera abrange quatro distritos: Cidade Líder, Itaquera, José Bonifácio e Parque do Carmo em uma área de aproximadamente 54,3 km². O grande número de COHAB's hoje existentes transformou esta região da Zona Leste numa das mais populosas, segundo dados do Censo de 2010. Com uma população estimada de 523.848 habitantes, na sua maioria entre 30 e 59 anos (216.239), a classe social dominante é a classe C, com aproximadamente 60% da população (Folha de São Paulo, 2008).

A criação de polos indutores de desenvolvimento para a Zona Leste está entre as prioridades da gestão municipal, que, desde 2005, trabalha nisto em conjunto com o Governo do Estado. O Polo Institucional em Itaquera (lançado em 2008) envolve a instalação de equipamentos públicos para atendimento direto às demandas da região a serem viabilizados por meio de parcerias com instituições públicas e privadas. Um dos objetivos é constituir um Polo educacional voltado à formação e capacitação tecnológica, para ajudar na geração de empregos, orçado em R\$ 477 milhões, sendo R\$ 345 milhões do Governo Estadual e R\$ 132 milhões da Prefeitura de São Paulo.

Além do Polo Institucional, o Governo do Estado de São Paulo projetou investimentos superiores a 300 milhões de reais em obras de readequação do sistema viário local, visando à facilidade de acesso ao estádio

VALORIZAÇÃO IMOBILIÁRIA

A partir do momento em que um país se torna sede de um megaevento esportivo, as cidades se transformam no centro das atenções em escala mundial. Esses eventos causam um expressivo impacto na dinamização e reestruturação das cidades, tornando-se, assim, um agente poderoso de planejamento e mudanças no espaço urbano (Mascarenhas, 2008).

Para que possamos ter ideia do que aconteceu no mercado imobiliário nesta região, foi feito um estudo, com base na evolução de preços do m² de apartamento novo de dois dormitórios. Consideramos a divisão da Zona Leste em três sub-regiões distintas, abrangendo as seguintes subprefeituras:

Zona Leste (1)	Zona Leste Intermediária (2)	Extremo da Zona Leste (3)
Água Rasa	Aricanduva	Cidade Tiradentes
Belém	Artur Alvim	Guaianasés
Carrão	Cangaíba	Jardim Helena
Mooca	Cidade Líder	Lajeado
Penha	Ermelino Matarazzo	São Rafael
Tatuapé	Itaquera	Vila Curuçá
Vila Formosa	José Bonifácio	Iguatemi
Vila Matilde	Parque do Carmo	Itaim Paulista
Vila Prudente	Ponte Rasa	
	São Lucas	
	São Mateus	
	São Miguel	
	Sapopemba	
	Vila Jacuí	

- a) Zona Leste (1), compreendendo as subprefeituras da Mooca, de Vila Prudente e de Aricanduva – localizada mais próxima do centro da cidade, considerada a mais desenvolvida em termos de renda média

por habitante, com lançamento de condomínios residenciais de alto padrão, obedecendo a um constante processo de verticalização. Na região, desenvolveram-se, também, grandes centros de compras, concessionárias de veículos nacionais e importados, além de universidades e hospitais. Distritos escolhidos para análise: Carrão, Mooça, Penha, Tatuapé, Vila Formosa, Vila Matilde e Vila Prudente.

- b) Zona Leste Intermediária (2) – composta pelas subprefeituras da Penha, de Itaquera, de Ermelino Matarazzo e de São Mateus – participou de um processo intenso de investimento imobiliário, ganhou a reurbanização da Avenida Aricanduva, onde se situa o que é orgulhosamente anunciado como sendo o maior Shopping Center da América Latina, formado pelo Shopping Leste Aricanduva, Interlar Aricanduva (setor moveleiro) e Auto Shopping Aricanduva. É a região mais populosa. Com a chegada do metrô e o prolongamento da Avenida Jacu-Pêssego, o distrito de Itaquera (em que está localizada a Arena Corinthians), vem demonstrando uma boa reação na atividade econômica. Como a identificação mesmo menciona, são locais “intermediários”, ou seja, há estruturas urbanas, porém em menor escala do que os distritos na faixa 1. Locais escolhidos: Aricanduva, Cangaíba, Ermelino Matarazzo, **Itaquera**, São Mateus e São Miguel Paulista.
- c) Extremo da Zona Leste (3), formado pelas subprefeituras de Guaianases, do Itaim Paulista, de Cidade Tiradentes e de São Miguel Paulista. É a área com a menor renda, carente de equipamentos urbanos, sem metrô em suas proximidades, contando apenas com trem e ônibus. Locais escolhidos: Guaianases e Itaim Paulista.

ESTÍMULOS AO SETOR IMOBILIÁRIO

Para entender o que ocorreu no mercado imobiliário na Zona Leste e tendo como foco Itaquera, objeto de estudo deste artigo, comparei o distrito com os demais, considerando as subdivisões mencionadas.

Observando a totalidade dos gráficos apresentados adiante, podemos observar que até 2005, tomando o ano 2000 como base, os índices de crescimento se mantiveram sem grande variação. Este não foi um fenômeno exclusivo da Zona Leste, mas abrangeu as demais regiões da cidade de São Paulo. No entanto, em 2005, o governo lançou o PAC (Plano de Aceleração do Crescimento) com uma concessão de R\$ 5,2 bilhões para a Caixa Econômica Federal, com vistas a ampliar os empréstimos nas áreas de habitação e saneamento. Foi o caminho para a economia brasileira atingir a estabilidade, o índice de desemprego cair e as linhas de créditos com juros

menores aumentarem. A partir daí, o mercado imobiliário saiu do período de estagnação, reaquecendo, com ele, os preços.

Também em 2009 foi lançado o PMCMV (Programa Minha Casa Minha Vida) com a promessa de 1 milhão de novas moradias, subsidiadas para as famílias com renda de até R\$ 4.650,00.

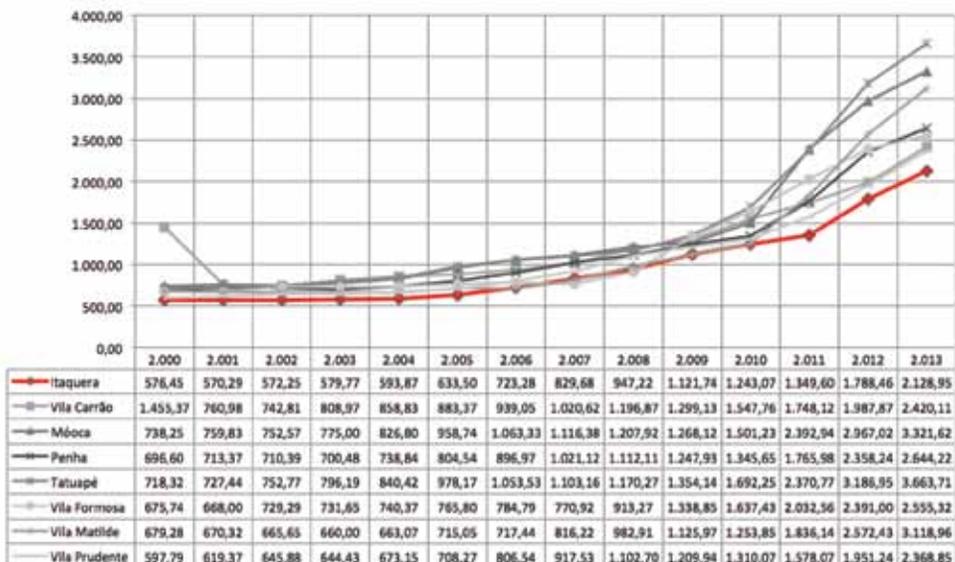
No que diz respeito exclusivamente à Zona Leste, além dos fatores mencionados, foram elementos de influência na valorização imobiliária, não só a escolha do Brasil, em 2007, para sediar a Copa da FIFA, mas, especificamente, a escolha de Itaquera, em 2011, para abrigar o jogo de abertura no estádio que, como já demonstrei, emerge como vetor de dinamização do Polo Institucional já então planejado para a região.

Portanto, a liberação de crédito, associada aos investimentos em infraestrutura urbana e de serviços no distrito de Itaquera, contribuiu para a especulação imobiliária na região.

ITAQUERA VALORIZOU?

Variação do preço do m² (ano a ano) entre jan/00 a out/13.

Gráfico 1. Zona Leste (1) X Itaquera.



Fonte: elaboração própria por meio da base de dados do jornal O Estado de S. Paulo.

Comparando-se o distrito de Itaquera com a região que apresenta um perfil de maior inserção socioeconômica, houve uma valorização imobiliária inferior à dos demais distritos. Apenas entre 2007 e 2008, Itaquera ultrapassou Vila Formosa, mas logo se estabilizou e voltou a crescer na mesma proporção que os demais. Como já houve oportunidade de dizer, o exposto revela, mais do que um comportamento semelhante no que diz respeito à valorização global do m² na região, no mesmo período, motivada pelas políticas econômicas adotadas para o setor, que Itaquera segue uma tendência observada na cidade de São Paulo, isto é, a de que os distritos tendem, à medida que recebem maiores investimentos, verem a valorização do m² se elevar. Considerando que os investimentos na cidade de São Paulo obedecem a uma tendência centrífuga histórica, a curva do distrito de Itaquera logo abaixo dos distritos de maior inclusão socioeconômica evidencia que está em processo a integração do distrito ao setor imobiliário formal. O que tem justificado a expressão, usada pelo próprio setor, de que ele seria "a bola da vez". Hipótese que se reforça observando os demais gráficos.

Se compararmos Itaquera com os demais distritos localizados em sua faixa de inserção socioeconômica (gráfico 2), ao lado do distrito de Aricanduva, são os que mais se destacaram ao longo da década, com aumento expressivo de valores. Itaquera vinha crescendo como São Miguel Paulista

Gráfico 2. Zona Leste Intermediária (2) X Itaquera.



Fonte: elaboração própria por meio da base de dados do jornal O Estado de S. Paulo.

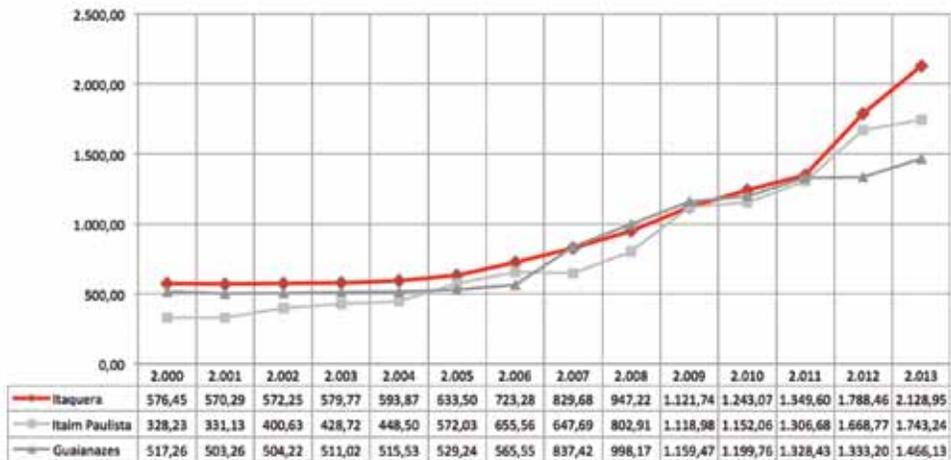
ta e Cangaíba. Porém, em 2011, teve um aumento mais acentuado que, acreditamos, esteja de alguma forma associado à especulação em torno do anúncio da escolha para abrigar o jogo de abertura da Copa.

Basta dizer que, entre 2000 e 2005, a valorização média de um imóvel de 2 dormitórios em Itaquera foi de 10%, e de 2005 a 2011, foi de 113%, considerando intervalos de 5 anos. Mas após o anúncio de que a Copa seria em Itaquera, o mercado explode: só de 2011 a 2013 houve um aumento de 58%, a sua maior alta num curto período de tempo. Um imóvel que, em 2011, custava R\$ 180.000,00 passou a valer R\$ 284.400,00 em 2013, e os preços continuam subindo.

Após este pico, somente Aricanduva vem crescendo mais que Itaquera, o que reforça o que foi dito anteriormente: é o distrito que está localizado, geograficamente, mais próximo da Zona Leste 1, e que há algumas décadas vem recebendo investimentos públicos e privados. Ou seja, o distrito de Aricanduva já havia sido integrado à tendência de valorização imobiliária apresentada pelos distritos da Zona Leste 1, sendo agora seguido de perto pelo distrito de Itaquera. Portanto, se o pico em 2011 está diretamente relacionado com a escolha como sede da abertura da Copa, é importante evidenciar que o posicionamento da valorização imobiliária de Itaquera logo abaixo daquela apresentada por Aricanduva, o que significa dizer, na sequência dos distritos localizados na Zona Leste 1, confirma a tendência centrífuga do setor imobiliário formal avançando em direção ao extremo da Zona Leste. Ou seja, o distrito de Itaquera está sendo alcançado pela frente de expansão do mercado imobiliário formal já observado há décadas nos primeiros anéis da Zona Leste. Argumento que se reforça, se observarmos que Itaquera se destaca em muito dos distritos localizados no extremo da Zona Leste.

No entanto, se é verdade que a curva acentuada a partir de 2005 revela o estímulo que o setor imobiliário sofreu, por causa das políticas de crédito e programas de moradia adotados pelo governo federal, impactando não só o distrito de Itaquera, mas o conjunto dos distritos da cidade de São Paulo; se é verdade que, em 2011, Itaquera teve um pico de aceleração decorrente da sua escolha para sediar o jogo de abertura da Copa; o que se observa é que os investimentos previstos para o distrito desde o Plano Diretor Estratégico de 2004, quando o Polo Institucional foi aventado, vão ao encontro de uma tendência de apropriação da Zona Leste pelo setor imobiliário formal.

O distrito de Itaquera aparece, assim, não só como o território de ponta de avanço deste setor imobiliário, mas também como a porta de entrada para que o Extremo da Zona Leste seja, então, por ele apropriado. Resta saber se, ao ser aprovada a nova versão do Plano Diretor, haverá força

Gráfico 3. Extremo da Zona Leste (3) X Itaquera.

Fonte: elaboração própria por meio da base de dados do jornal O Estado de S. Paulo.

suficiente para conter o avanço do setor imobiliário e da valorização fundiária decorrentes dos investimentos para lá propostos, ou se, outra vez, estaremos diante de novo movimento de integração de terras paulistanas ao já conhecido e histórico processo de *gentrification* da cidade.

.....

ENSAIO FOTOGRÁFICO IMPACTOS DA COPA DE 2014: FAVELA VILA DA PAZ E ARREDORES

José João Name¹

Aoitocentos metros do Estádio de Itaquera, encontra-se a Favela Vila da Paz. Em nossa primeira visita em Dezembro de 2012, diante da proximidade da Copa do Mundo, seus habitantes expressavam uma esperança de renovação e uma inquietação pela possível remoção de suas moradias, já há tempos anunciada. A excitação inicial da festa da Copa encontrou uma realidade aquém da esperada pelos moradores: em outra visita após a inauguração do evento, em Julho de 2014, esperança e inquietação foram dissipadas pela fria luta cotidiana. Não ocorreu a remoção prometida, nem se realizaram as expectativas da festa. Os moradores da Favela Vila da Paz encontraram, como nas palavras de Schulz, em sua crítica poética às Metrôpoles, o esgotamento que se segue ao fim de uma ilusão:

"[...]ultrapassando certo ponto de tensão, a enchente para e recua, a atmosfera se apaga e desfloresce, as possibilidades murcham e se desmancham no nada, e as papoulas da excitação, pardas e alucinadas, dissipam-se em cinzas". (Schutz, 2012)

O conjunto de fotos deste ensaio e as comparações antes/depois apresentadas no começo e ao final do ensaio mostra que o impacto de um Megaevento, como a Copa do Mundo, é seletivo e desigual em seus reflexos nas populações envolvidas. A urgência com que se desenvolveram as obras do Estádio de Itaquera e seu entorno serviu apenas como adequação ao tempo fugaz dos eventos e a interesses, alguns pertinentes e, outros, a serviço da especulação e do lucro predatório. Diante das imagens, uma

1 Médico, Fotógrafo, Mestre e Doutorando em Ciências Sociais – Antropologia, PUC-SP

reflexão de Vera Silva Telles nos permite perceber a ação cotidiana insuficiente em movimento circular, que resulta da impotência e que impossibilita a ação positiva com vistas a um futuro:

“É como se vivêssemos um presente inteiramente capturado pelas urgências do momento, e não nos restasse muito mais do que a sua gestão cotidiana, sem conseguir figurar e nomear as expectativas e esperanças que lançam as linhas de fuga de futuros possíveis”. (Telles, 2006)

A densidade das fotos e as comparações entre 2012 e 2014 compõe apenas uma película visível da enorme complexidade que subjaz ao movimento permanente de pessoas, lugares e sistemas que resultam, ao fim, na vida cotidiana.

Setembro de 2014

ANTES E DEPOIS ESTÁDIO DE ITAQUERA

.....



Arena Itaquera Dezembro de 2012
Vista do encontro da Avenida Itaquera e Rua César Diaz



Arena Itaquera Julho de 2014
Vista do encontro da Avenida Itaquera e Rua César Diaz

2012

.....

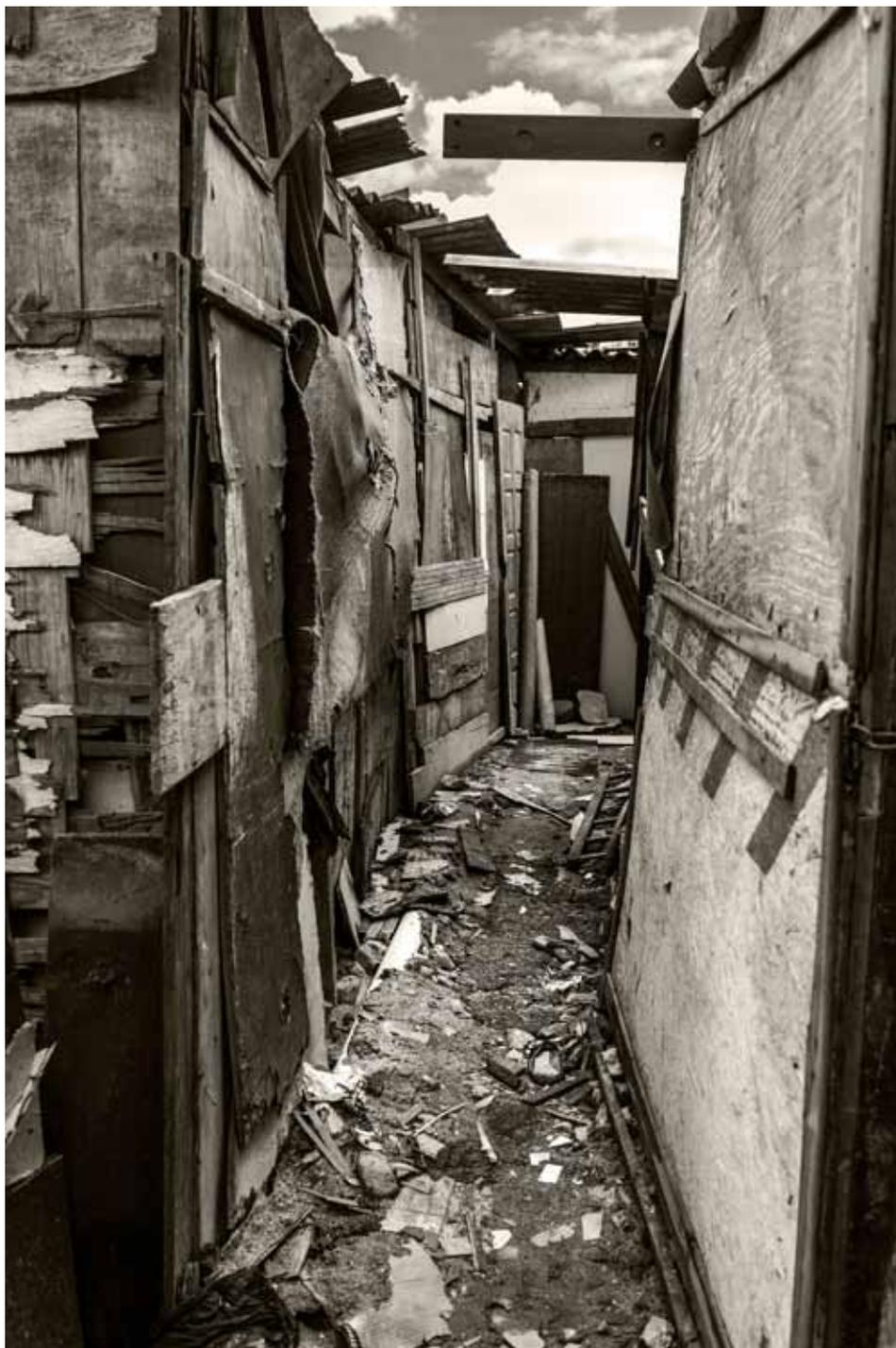


















Parque Linear Rio Verde, Itaquera

2014

.....







ANTES E DEPOIS FAVELA VILA DA PAZ

.....



Favela Vila da Paz Julho de 2012
Vista da Rua Castelo do Piauí



Favela Vila da Paz Dezembro de 2014
Vista da Rua Castelo do Piauí



Morador da Favela Vila da Paz (2014)



PARTE 2

.....

A PRODUÇÃO DA CIDADE-SEDE: COMO TRANSFORMAR UMA CIDADE EM MERCADORIA¹

Raul Andreucci²

A recepção de um evento esportivo como a Olimpíada e a Copa do Mundo, atualmente, não mobiliza apenas fãs do esporte que, em debates acalorados, palpitam sobre os favoritos a levarem para a casa os cobiçados troféus ou medalhas. Desde quando ficou evidente o papel que eventos esportivos têm cumprido na produção de uma nova forma de gestão urbana, são outros os temas que têm tomado a pauta de discussões, envolvendo atores, inclusive, para além do próprio campo esportivo. Dessa forma, o chamado “legado” não se restringe ao acúmulo de vitórias, mas se espalha para os investimentos operados nas obras de infraestrutura urbana voltados à sua realização.

Ainda que a questão do legado não possa ser desconsiderada e tenha sido um dos pontos mais polêmicos de toda a discussão que permeou a recepção da Copa do Mundo de 2014 no Brasil, pouco se produziu, mesmo na literatura que se dedicou ao tema, sobre a configuração das cidades em cidades-sede. A literatura trata de questões subsequentes ao momento em que se oficializou a escolha de determinada cidade, mas há pouco ou quase nada sobre o período anterior a essa oficialização, dedicado a investigar e analisar o procedimento para se candidatar à cidade-sede.

1 Este artigo apresenta o resultado parcial da pesquisa de Mestrado, ainda em andamento, desenvolvida no âmbito do Programa de Estudos Pós-Graduados em Ciências Sociais da PUC-SP, articulada à pesquisa sobre *Metropolização e os Megaeventos: o impacto da Copa de 2014 e das Olimpíadas de 2016*, financiada pela FINEP, coordenada em São Paulo pelo Observatório das Metrópoles-SP, e, nacionalmente, pelo Observatório das Metrópoles-RJ (IPPUR-UFRJ).

2 Mestrando do Programa de Estudos Pós-Graduados em Ciências Sociais da PUC-SP. Agradeço ao CNPq (2014-2016) a concessão de bolsa para realização do mestrado.

No caso de São Paulo, pode parecer natural que a maior cidade do país, com cerca de 11,8 milhões de habitantes³, com uma participação no Produto Interno Bruto (PIB) brasileiro de cerca de 11,5% do total⁴, não pudesse ficar de fora de um evento como a Copa do Mundo no Brasil. No entanto, a capital paulista teve de participar da competição⁵, assim como as outras 11 cidades-sede, primeiro, do processo de candidatura nacional e, em seguida, tratar da sua própria candidatura, já que, inicialmente, eram 18 cidades postulantes⁶. Por mais que a sua condição de centralidade na economia brasileira e a de sua infraestrutura – se comparada a outras cidades do país – seja favorável à sua escolha, foi preciso vencer as etapas estabelecidas pela FIFA⁷ e trabalhar para apresentar-se conforme as exigências da entidade máxima do futebol.

Este artigo propõe-se, portanto, a discutir algumas dessas etapas pelas quais as cidades têm de passar para cumprir as exigências da FIFA no momento em que se candidatam à cidade-sede, buscando subsídios para entender qual a imagem que São Paulo criou e vendeu de si própria, visando a um lugar na vitrine produzida pela Copa do Mundo de Futebol da FIFA.

O QUE SÃO PAULO QUER?

Ser como Nova York, seguindo o modelo de Barcelona. Assim responde à pergunta Gilberto Kassab, quando prefeito da cidade, em 2007, ano em que o Brasil se candidatava a sediar a Copa do Mundo⁸. O discurso é de quem

3 Dado do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), divulgado no segundo semestre de 2013. Para efeito de comparação, a população paulistana é maior do que a de 22 Estados e do Distrito Federal. O Estado paulista, aliás, também é o mais populoso, com 43,6 milhões de habitantes, o equivalente a mais de 21,5% do total da população brasileira, calculada em 201 milhões de pessoas.

4 Informação também do IBGE, mas do fim de 2013 e referente ao ano de 2011. O montante paulistano corresponde a R\$ 477 milhões, mais do que o dobro do segundo colocado, o Rio de Janeiro, com R\$ 209 milhões.

5 As 12 cidades-sede da Copa do Mundo no Brasil: Rio de Janeiro, Brasília, Belo Horizonte, Porto Alegre, São Paulo, Fortaleza, Recife, Salvador, Natal, Curitiba, Cuiabá, Manaus.

6 As 18 cidades postulantes à cidade-sede da Copa do Mundo no Brasil, além das 12 citadas na nota 4: Maceió, Florianópolis, Campo Grande, Goiânia, Rio Branco e Belém.

7 FIFA é a sigla para *Fédération Internationale de Football Association*, geralmente traduzida no Brasil para Federação Internacional de Futebol, órgão máximo do futebol e responsável, entre outras atribuições, pela escolha das sedes e da organização, junto a governos locais, de cada edição da Copa do Mundo.

8 O anseio do então prefeito Gilberto Kassab está registrado na edição de 1º de junho de 2007 da *Folha de S.Paulo*, na página C8 do caderno "Cotidiano", como parte da sabatina de que participou, no dia anterior, promovida pelo próprio jornal: "Ao comparar cidades do mundo, Kassab disse: 'O nosso sonho é a cidade de Nova York'. O modelo que ele tenta seguir, porém, é o de Barcelona". Entre as frases destacadas no alto da página, próximas ao título, o mesmo trecho aparece levemente alterado: "Barcelona é o modelo para São Paulo. O sonho é a cidade de Nova York".

sabe da importância de fazer da sua cidade uma grife e, mais do que isso, ser reconhecida como parte do seleto clube das chamadas *cidades globais*.

Independentemente das discussões em torno desse conceito, relevante no debate acadêmico, a meta está clara, institucionalizada até. Em 2001, com a Lei Municipal nº 13.165, de 5 de julho daquele ano, Marta Suplicy, então Prefeita, criou a Secretaria Municipal de Relações Internacionais (SMRI), para, como o próprio texto explica, “coordenar convênios e projetos de cooperação internacional que envolvam a Cidade de São Paulo, *inserindo-a de forma ativa no cenário mundial, em razão de sua dimensão econômica, social e cultural*” [grifos meus].

É por meio do que Otilia Arantes chama de *culturalismo de mercado* que as cidades buscam sua inserção no disputado mercado internacional de investimentos. Segundo ela:

“De tal forma que a cultura [...] ao tornar-se imagem, quer dizer, representação e sua respectiva interpretação [...], acabou moldando, de um lado, indivíduos (ou coletividades ‘imaginadas’) que se autoidentificam pelo consumo ostensivo de estilos e lealdade a todo tipo de marca; de outro, o sistema altamente concentrado nos provedores desses produtos tão intangíveis quanto fabulosamente lucrativos. Trocado em miúdos, esse o verdadeiro ‘poder da identidade’. Daí a âncora identitária da nova urbanística. E como o planejamento estratégico é antes de tudo um empreendimento de comunicação e promoção, compreende-se que tal âncora identitária recaia de preferência na grande quermesse da chamada animação cultural. [...] o que está aqui em promoção não é um produto inédito, a saber, a própria cidade, que não se vende, como se disse, se não se fizer acompanhar por uma adequada política de image-making” (Arantes, 2000, p.17 – grifos meus)

Assim é que, tanto na gestão de Marta Suplicy, como na de seus sucessores, houve esforço para atrair, criar e manter em quantidade e qualidade eventos nacionais e, principalmente, internacionais de reconhecida notoriedade. Marcas, se assim pode se dizer, destacando-se, inclusive, uma Secretaria da Prefeitura especialmente para este fim. Em *site* próprio sobre o turismo paulistano, São Paulo é definida como “capital sul-americana das feiras de negócios” e calcula-se uma média de 90 mil eventos por ano, o que daria um número paradoxal de um evento a cada seis minutos no território paulistano⁹. O mesmo site lista os principais eventos que São

⁹ Informação fornecida pela “São Paulo Convention & Visitors Bureau” em seu *site* oficial, o “visitesaopaulo”, no item “Dados da Cidade”, dentro do escopo de “MonitoraSP”, mais precisamente no seguinte link: <http://www.visitesaopaulo.com/dados-da-cidade.asp>. Os números baseiam-se em dois documentos: 1) São Paulo Outlook – anuário 2013; e 2) SPTuris – PLATUM 2011 – 2014.

Paulo realiza ou recebe. Como uma forma de comprovar as palavras de Arantes, nota-se que, entre os dez maiores públicos do ano de 2013, estão eventos que podem ser considerados, por assim dizer, culturais, como são a Virada Cultural (4 milhões de visitantes); a Parada Gay (3 milhões); o Réveillon na Paulista (2 milhões); o Salão do Automóvel (750 mil); a Bienal do Livro (800 mil); a Bienal Internacional de Arte (535 mil); o Salão Duas Rodas (260 mil); a Mostra Internacional de Cinema (200 mil); o Grande Prêmio Brasil de Fórmula 1 (150 mil); e o Carnaval (120 mil).

Esses eventos, entretanto, ainda não são o suficiente para fazer de São Paulo uma *cidade global* aos olhos de uma das partes que mais conta, a das consultorias financeiras internacionais, responsáveis por sinalizar e direcionar o capital dos investidores estrangeiros. Para uma das mais importantes do segmento, a A.T. Kearney¹⁰, a capital paulista não está entre as cidades consideradas *cidades globais*. Destaque mesmo só na "Perspectiva das Cidades Emergentes"¹¹, em quarto lugar, atrás de Jacarta (Indonésia), Manila (Filipinas) e Addis Ababa (Etiópia), na lista referente àquelas que, em uma ou duas décadas, devem subir no *ranking* de *cidades globais*¹².

Na avaliação, a consultoria diz que São Paulo já é muito forte na área de negócios e, se continuar crescendo, tem tudo para alcançar os líderes. Contudo, por causa da segurança, alerta, talvez leve mais tempo¹³. Para nós, interessa destacar um dos critérios, por meio dos quais o *ranking* se constrói, o da "experiência cultural"¹⁴, explicado a seguir nas palavras da própria A.T. Kearney:

10 Como a própria se define (em <http://www.atkearney.com/gbpc/about>): "For 20 years, A.T. Kearney's Global Business Policy Council (GBPC) has been dedicated to helping business and government leaders worldwide anticipate and plan for the future. It's about powerfully imagining what may come, and in an ever-more turbulent world, our mission is more important than ever." [grifos meus]

11 Tradução minha do título original: "Emerging Cities Outlook".

12 A avaliação é parte do estudo "Global Cities, Present and Future", publicado em 2014 pela A.T.Kearney. A consultoria avaliou 84 cidades, cobrindo todos os continentes, com base em cinco áreas: as atividades de negócio, o capital humano, a troca de informações, as experiências culturais e o engajamento político. A pontuação de São Paulo, em relação ao levantamento anterior, de 2008, subiu de 22,1 para 23,4, sem alterar sua colocação (34^ª). As três primeiras do *ranking* são, nesta ordem, Nova York, Londres e Paris. Mais detalhes: <http://www.atkearney.com/documents/10192/4461492/Global+Cities+Present+and+Future-GCI+2014.pdf/3628fd7d-70be-41bf-99d6-4c8eaf984cd5>

13 Baseado em trecho do estudo "Global Cities, Present and Future" que segue: "São Paulo is already very strong in business activity on the GCI, and if it were to continue to improve at the present rate, it would catch up with the leaders relatively quickly. However, in the leading human capital indicators – particularly stability and security – it will take a long time for São Paulo to bridge the gap."

14 Para mais detalhes dos critérios avaliados pela consultoria A.T. Kearney no estudo "Global Cities, Present and Future", ver nota 8.

“Experiências culturais: avalia diversas atrações, incluindo o número de grandes eventos esportivos como cidade sede; número de museus, performances de arte e diversos estabelecimentos gastronômicos; número de turistas estrangeiros; e número de relações com cidades parceiras”¹⁵ (grifos meus)

Os “grandes eventos esportivos” são uma alusão aos dois grandes megaeventos mais conhecidos do planeta: Olimpíada e Copa do Mundo. O que só reforça, mais uma vez, a necessidade de São Paulo (e outras cidades interessadas em se tornarem cidades globais) de concorrer, nas palavras de John Rennie Short, “por funções e espetáculos globais” para, ao menos e, antes de tudo, estar entre as “que-querem-ser-cidades-mundiais”¹⁶:

“[...] jogos olímpicos não são apenas uma oportunidade de ser a sede de um espetáculo global e, conseqüentemente, de reconhecimento internacional; eles também proporcionam uma oportunidade para negócios, transações imobiliárias”

(Short, 1999, p.45)

José Sette Whitaker Ferreira, que cita Short, lembra que a teoria do colega estadunidense assemelha-se às teorias de *cidades globais*, mas sublinha a diferença:

“[...] é que agora percebe-se, na ótica da ‘máquina de crescimento’, que a verdadeira influência do novo cenário econômico sobre as cidades se dá não na sua conformação, mas sim sobre as dinâmicas de sua produção”

(Ferreira, 2003, p.156 – grifos meus)

Ou seja, a cidade é, cada vez mais, *produzida* com olhar empresarial, tratada como mercadoria. Nas palavras de Carlos Vainer:

“Isto explicaria que o chamado marketing urbano se imponha cada vez mais como uma esfera específica e determinante do processo de planejamento e gestão de cidades. Ao mesmo tempo, **ai encontraríamos as bases para entender o comportamento de muitos prefeitos, que mais parecem vendedores ambulantes que dirigentes políticos**”

(Vainer, 2000, p. 78 – grifos meus)

15 Traduzido do original: “**Cultural experience: measures diverse attractions, including number of major sporting events a city hosts; number of museums, performing-arts venues, and diverse culinary establishments; number of international travelers; and number of sister-city relationships**”

16 Traduzido do original: “*the wannabe world cities*”.

Isso explica, também para Vainer, por que para os “catalães”¹⁷ e sua teoria do *planejamento estratégico* a venda de uma cidade deve ser capaz de atender a atributos específicos, valorizados justamente pelos investidores estrangeiros a quem desejam atrair. E, entre estes atributos, estão os valorizados “parques e feiras”, em que se enquadram os megaeventos, Olimpíada e Copa.

A questão, no entanto, é saber, como apresentamos na introdução deste artigo, de que modo os diferentes atores se mobilizam para produzir e vender a cidade de maneira a torná-la atrativa, não aos investimentos estrangeiros, consequência posterior, mas aos eventos que a colocarão na prateleira de sedes de megaeventos e a tornarão mundialmente reconhecida.

O QUE A FIFA QUER?

Apesar de o jornalista Andrew Jennings ter algumas poucas e boas respostas para essa pergunta¹⁸ e a entidade, de forma cândida, valer-se de outra, completamente oposta¹⁹, esta é uma questão impossível de responder. Não por falta de especulação ou criatividade. Exatamente pela ausência de afirmações diretas (e não vagas), evidenciadas nos documentos da FIFA, tanto naqueles amplamente divulgados, quanto nos que é quase impossível de se obter.

Certo apenas é que a FIFA deseja ver o país candidato à sede da Copa do Mundo cumprindo todas as etapas e atendendo às mais variadas de-

17 Por “catalães” o próprio Vainer destaca, em suas palavras, “Manuel de Forn e, sobretudo, Jordi Borja, seja no exercício de consultoria, seja na produção de textos em que se difundem, junto com a experiência de Barcelona [como sede da Olimpíada de 1992], as virtudes do novo modelo” (Vainer, 2000, p. 75).

18 Convidado pelo Senado brasileiro para falar sobre suas investigações de mais de uma década sobre a FIFA, que já resultaram em dois livros, “FOUL! The Secret World of FIFA: Bribes, Vote-Rigging and Ticket Scandals” (2006) e “Omertá – Sepp Blatter’s FIFA Organized Crime Family” (2014), ambas com denúncias de corrupção dentro da entidade, Andrew Jennings não mediu palavras: “It’s time the government said to Fifa, you stink, you smell, we don’t want our president to be photographed with these crooks [É hora de o governo dizer à Fifa, você fede, você cheira mal, nós não queremos nosso presidente sendo fotografado com esses bandidos]”. A fala do repórter inglês é de outubro de 2011 e pode ser lida no link: <http://www.bbc.com/sport/0/football/15480890>

19 Em seu *site* oficial, no item “Mission”, dentro do escopo “Organisation”, está definido o objetivo da FIFA, exaustivamente repetido em diversos eventos: “OUR MISSION – Developing football everywhere and for all. FIFA’s primary objective is ‘to improve the game of football constantly and promote it globally in the light of its unifying, educational, cultural and humanitarian values, particularly through youth and development programmes’ [NOSSA MISSÃO: Desenvolver o futebol em todos os lugares e para todos. O primeiro objetivo da FIFA é ‘melhorar o jogo de futebol constantemente e promovê-lo globalmente à luz de seus valores de união, educação, cultura e e humanitarismo, particularmente entre os jovens e em programas de desenvolvimento’]”. Para mais detalhes, ver: <http://www.fifa.com/aboutfifa/organisation/mission.html>

mandas do processo de candidatura. E, sobretudo, empenhado. Após decidir, em 2000, pela rotação de sedes, dando oportunidade a todos os continentes, e, três anos depois, que a América do Sul seria o palco da Copa do Mundo de 2014, provavelmente com o Brasil, a despeito de um breve interesse de concorrência da Colômbia, a entidade já queria ver a CBF²⁰ se mexendo – e acredita, inclusive, que tenha sido o que aconteceu, como deixa claro em trecho do *Brazil Bid Inspection Report for the 2014 FIFA World Cup [Relatório de Inspeção da Candidatura do Brasil para a Copa do Mundo FIFA de 2014]*²¹:

*"A organização da Copa do Mundo FIFA™ é um desafio formidável para qualquer país. O Brasil iniciou sua preparação em 2003 – assim que o Comitê Executivo da FIFA confirmou que a América do Sul organizaria a Copa do Mundo FIFA™ de 2014. Depois de ganhar os corações do Comitê Executivo da Conmebol²², o Brasil sabia que dependia de si mesmo para concorrer à sede da Copa do Mundo FIFA™"*²³ (2007)

Conforme foi possível abstrair das reportagens publicadas pelo jornal "Folha de São Paulo", entre maio e novembro de 2007, meses que antecederam a oficialização do Brasil como país sede da Copa do Mundo de 2014, uma candidatura se constitui, em primeiro lugar, no momento em que se formaliza junto à FIFA, por meio de declaração oficial da federação de futebol do país candidato, no caso a CBF, seguida da entrega dos documentos exigidos pela entidade (*Hosting Agreement [Contrato de Sede]* e o *Host City Agreements [Contrato de Cidade-Sede]*) com a manifestação de apoio dos respectivos governantes (*Government Support [Apoio do Governo]*), além da apresentação detalhada do país (*Bid Book [Dossiê de Candidatura]*). Em segundo lugar, após análise da documentação exigida, há a inspeção *in loco* dos membros da FIFA de forma a confirmar as informações fornecidas pelo país candidato, o que resultará no *Bid Inspection Report [Relatório de Inspeção da Candidatura]*.

20 CBF é a sigla para Confederação Brasileira de Futebol, entidade responsável pela organização do futebol brasileiro.

21 O relatório dos inspetores, membros da FIFA, sobre o Brasil, de 30 de outubro de 2007, que aprovava o país como sede, no link: http://pt.fifa.com/mm/document/affederation/mision/62/24/78/inspectionreport_e_24841.pdf

22 Conmebol é a sigla para *Confederación Sudamericana de Fútbol*, geralmente traduzida no Brasil como Confederação Sul-Americana de Futebol, entidade responsável pela organização do futebol da América do Sul.

23 Traduzido do original: "*The staging of the FIFA World Cup™ is a formidable challenge for any country. Brazil started its preparations in 2003 – as soon as FIFA's Executive Committee confirmed that South America would organise the 2014 FIFA World Cup™. After winning the hearts of CONMEBOL's executive committee, Brazil knew that it would be depending on itself in its bid to host the FIFA World Cup™.*"

Essas etapas podem também ser inferidas pelo documento *Bidding Agreement – regarding the submission of bids for the right to host and stage the 2018 FIFA World Cup or 2022 FIFA World Cup [Contrato de Candidatura – relativo à apresentação de candidaturas pelo direito de sediar e organizar a Copa do Mundo FIFA de 2018 ou a Copa do Mundo Fifa de 2022]*. De autoria da própria FIFA, o texto é confidencial e não deveria vir a público²⁴, mas Jennings fez questão de disponibilizá-lo na rede, depois de obtê-lo durante suas investigações²⁵. Era parte do processo de candidatura da Inglaterra, que perdeu a disputa dessas edições para Rússia e Catar.

O *Bidding Agreement [Contrato de Candidatura]* é uma espécie de manual do candidato. Detalha tudo o que as candidaturas devem entregar (quais documentos e quais informações e dados) e como entregar (de que modo elaborar cada item, um por um). Serviria, portanto, para ajudar a Inglaterra (e seus concorrentes) a entender o que a FIFA quer para, digamos, aceitar a candidatura e, então, aprová-la. E, ao que tudo indica, serviu para o Brasil obter sucesso. Segundo o item "1.4 Purpose of Bidding Agreement" [*Propósitos do Contrato de Candidatura*], o *Bid Agreement* serve para:

“prover os Membros Associados e o Comitê de Candidatura de informações para a criação do Dossiê de Candidatura, incluindo uma descrição detalhada da estrutura do Dossiê de Candidatura, o conteúdo que é preciso estar no Dossiê de Candidatura e os modelos a serem usados pelo Comitê de Candidatura para que a FIFA tenha esse tipo de informação dentro do Dossiê de Candidatura.”²⁶ (sem data – grifos meus)

O *Bid Book* é o que, na imprensa brasileira, se convencionou, equivocadamente, chamar de “caderno de encargos” e não está disponível para consulta nem no *site* oficial da FIFA nem por meio de solicitação formal²⁷.

24 De acordo com o primeiro item do “6.4 Confidentiality”, do próprio documento: **“The Bid Committee agrees to keep confidential, and agree to ensure that its professional advisors and other individuals involved in the preparation of the Bid on behalf of the Bid Committee also keep confidential, all content of this Bidding Agreement and all verbal and written correspondence and communications between FIFA and the Bid Committee and Member Association during the course of the Bidding Process”**. [grifos meus]

25 A íntegra do documento está no link: [http://www.transparencyinsport.org/The_documents_that_FIFA_does_not_want_fans_to_read/PDF-documents/\(11\)FIFA-Bidding-agreement.pdf](http://www.transparencyinsport.org/The_documents_that_FIFA_does_not_want_fans_to_read/PDF-documents/(11)FIFA-Bidding-agreement.pdf)

26 Tradução do original: ***“provide the Member Association and the Bid Committee with information for the creation of the Bid Book, including a detailed description of the structure of the Bid Book, the content required to be within the Bid Book and the templates to be used by the Bid Committee to provide such information to FIFA within the Bid Book”***

27 Solicitei à FIFA, por e-mail, em 27 de março de 2014, os documentos da candidatura brasileira (“Hosting Agreement for the 2014 FIFA World Cup”; “Bidding Agreement for the 2014

Está muito mais para um dossiê, que reuniria informações das 18 cidades candidatas à cidade-sede da Copa do Mundo e dos respectivos Estados, produzido por cada uma dessas cidades; informações gerais do Brasil e propostas de ação da candidatura. Tudo reunido num "calhamaço de 900 páginas"²⁸ e que, como explicado acima, fez parte da formalização da candidatura e teve de ser entregue pela CBF até a data-limite de 31 de julho de 2007.

Recorrendo ao *Bidding Agreement*, mais precisamente ao glossário, temos a definição do que seja o *Bid Book*:

"significa um documento a ser apresentado à FIFA pelo Comitê de Candidatura em conjunto com o Membro Associado de acordo com os termos do Contrato de Candidatura e o Registro de Candidatura, (i) contendo no corpo principal informações como as exigidas e descritas na Cláusula 4; e (ii) incorporando os Documentos de Sede como seus anexos, como descrito na Cláusula 5" ²⁹ (sem data)

Ainda segundo o mesmo documento, tratam as Cláusulas 4 e 5:

"4 CONTEÚDO DO CORPO PRINCIPAL DO DOSSIÊ DE CANDIDATURA (i) O corpo principal do Dossiê de Candidatura deve consistir nos capítulos a seguir e conter nesses capítulos as informações como descritas na Cláusula 4 abaixo. (ii) Mais detalhes sobre essas informações e os requisitos da FIFA estão previstas na respectiva seção do Contrato de Sede. Logo, recomenda-se que o Comitê de Candidatura use o Contrato de Sede como uma fonte de referência para cada um dos capítulos abaixo, para entender

FIFA World Cup"; "Bid Book, Brazil's CBF Bid Document", listados, entre endereços virtuais, como únicos documentos das fontes consultadas pelos inspetores da FIFA para a produção do "BRAZIL BID INSPECTION REPORT FOR THE 2014 FIFA WORLD CUP"). Expliquei que os nomes em inglês desses documentos, na imprensa brasileira, vinham sendo chamados todos, como se fossem um, de "caderno de encargos". Inclusive para, de alguma forma, me fazer entender, deixar claro de quais documentos precisava e o teor que me interessava. Em resposta, recebi a singela frase: "Estes são documentos internos". Não consegui, portanto, nenhum documento que serviria à pesquisa, mas sim, o esclarecimento de que "cadernos de encargos" são, como o nome indica, cadernos com orientações e instruções. Isso porque, na resposta, como consolo, Carol Almirón, do Departamento de Imprensa da FIFA, ofereceu o "caderno de encargos para os estádios", que, como pode se ver no link a seguir, nada tem a ver com o processo de candidatura e, na verdade, reúne, orientações e instruções para depois da oficialização do país como sede: <http://www.fifa.com/aboutfifa/footballdevelopment/stadiumbook2011/index.html>

28 Como noticiado na edição de 1º de agosto de 2007 do jornal "Folha de S.Paulo", na página D1 do caderno "Esportes", em reportagem intitulada "Copa-14 ainda não é do Brasil, diz Fifa" e no link: <http://www1.folha.uol.com.br/fsp/esporte/fk0108200702.htm>

29 Tradução do original: *"means a document to be submitted to FIFA by a Bid Committee together with a Member Association pursuant to the terms of this Bidding Agreement and the Bid Registration, (i) containing in its main body such information as required and described in Clause 4; and (ii) incorporating the Hosting Documents as its annexes as described in Clause 5."*

completamente o alcance e o conteúdo de tais requisitos. (...)

5 CONTEÚDO DOS ANEXOS DO DOSSIÊ DE CANDIDATURA

O Dossiê de Candidatura deve incorporar unilateralmente, rubricados, os seguintes Documentos de Sede como anexos do Dossiê de Candidatura".³⁰ (sem data)³¹

Atenção para um último trecho do documento que ilustra como a FIFA procura cercar todos os campos de exigências ao candidato, expresso, inclusive, na quantidade considerável de detalhes:

"Capítulo 1: Introdução para o País Candidato e as Cidades-Sede O Comitê de Candidatura deve apresentar o País Candidato com uma forte ênfase em suas características locais únicas, mostrando a força e os méritos do País Candidato, incluindo: (i) Uma visão geral do País Candidato (ex.: população, língua, mapa indicando as principais cidades, etc.). (...) (ii) Uma visão geral das potenciais Cidades-Sede (ex.: número de habitantes; detalhes da localização; altitude; médias de temperatura; etc.) (...) (iii) Uma descrição do futebol no País Candidato (ex.: popularidade, nível de profissionalismo dos clubes de futebol, história do futebol e o apoio e envolvimento da comunidade do futebol em níveis nacionais e regionais) (iv) Uma descrição dos principais feriados no País Candidato. (...) (v) Uma visão geral do turismo e de grandes eventos no País Candidato. (...)

O COL [Comitê Organizador Local] deve prover: (i) um mapa com visão geral do país (...), indicando as principais cidades, a estrutura geomor-

30 Tradução do original: "4 CONTENT OF MAIN BODY OF BID BOOK. (i) The main body of the Bid Book shall consist of the following chapters and contain in such chapters such information as described in this Clause 4 below. (ii) Further details on such information and FIFA's requirements are set forth in the relevant sections of the Hosting Agreement. It is therefore recommended that the Bid Committee uses the Hosting Agreement as a source of reference for each of the chapters below, to fully understand the scope and content of such requirements. (...)" 5 CONTENT OF ANNEXES OF BID BOOK. The Bid Book must incorporate the following unilaterally executed and initialed Hosting Documents as an annex to the Bid Book:"

31 São capítulos e anexos exigidos pela FIFA conforme o *Bidding Agreement*: Chapter 1: Introduction to Bidding Country and Host Cities; Chapter 2: Hosting Concept; Chapter 3: Football Development; Chapter 4: Sustainable Social and Human Development; Chapter 5: Environmental Protection; Chapter 6: Stadiums; Chapter 7: Venue-Specific Team Hotels and Venue-Specific Training Sites; Chapter 8: Team Base Camps and Team Base Camp Training Sites; Chapter 9: Accommodation; Chapter 10: FIFA Headquarters; Chapter 11: Transportation; Chapter 12: Information Technology and Communication Network; Chapter 13: Safety and Security; Chapter 14: Health and Medical Services; Chapter 15: Competition-related Events; Chapter 16: Media Facilities, Communication and Public Relations; Chapter 17: Media and Marketing Rights; Chapter 18: Finance and Insurance; Chapter 19: Political System; Chapter 20: Existing Contracts; Annexe 1: Hosting Agreement; Annexe 2: Confirmation Agreement for Hosting Agreement; Annexe 3: Government Support; Annexe 4: Host City Agreements; Annexe 5: Stadium Agreement Covers; Annexe 6: Training Site Agreement Covers; Annexe 7: Hotel Agreements; Annexe 8: Legal Opinion.

fológica e os fusos horários; e (ii) mapas das Cidades-Sede propostas (...), indicando os principais pontos de transporte público, o Estádio, Locais de Treino e principais hotéis"³² (sem data)

Considerando que a FIFA, por meio do *Bid Agreement*, uma espécie de manual, como fica nítido, orienta a todas as candidaturas que, por meio desse mesmo documento, a FIFA requisita a entrega do *Bid Book* e diversos outros documentos como etapa inicial de todo o processo de candidatura (a formalização da candidatura, por assim dizer); que o *Bid Book* é, enfim, um grande panorama do país em diversas áreas, assim como das cidades-sede e seus respectivos Estados e que, portanto, é fonte e ponto de partida para os inspetores da FIFA analisarem o país e produzirem o *Bid Inspection Report*; e que, somados, *Bid Book* e *Bid Inspection Report* são os documentos que decidem o sucesso (ou não) de uma candidatura (a avaliação da candidatura, portanto), podemos, baseados em outros documentos, que não somente o próprio *Bid Book*, afirmar que o principal documento de um candidato à sede de Copa do Mundo é o *Bid Book*.

Ainda não é possível indicar desde quando o *Bid Book* é uma exigência da FIFA como parte de seu processo de candidatura; tampouco qual o grau de refinamento adquirido ao longo dos anos, lembrando que nem o acesso aos *Bid Books* é autorizado. Mas é, sem dúvida, o documento que se esmera por "vender" não só o país, mas as cidades que abrigarão jogos, como passíveis de abrigarem um campeonato de futebol, conforme as exigências da sua entidade maior.

Portanto, torna-se cada vez mais relevante conhecer as formas por meio das quais esse documento é elaborado e quem são os atores que se posicionam de modo a produzir a imagem desejada pela FIFA e que será transmitida mundialmente quando a bola estiver em campo. Igualmente, importa saber como governantes, técnicos e consultorias atuam no sentido de promover as cidades e o país de que fazem parte, para garantir o sucesso do empreendimento. Mesmo que o documento seja de acesso restrito,

32 Tradução do original: "*Chapter 1: Introduction to Bidding Country and Host Cities. The Bid Committee shall introduce the Bidding Country with a strong emphasis on unique local characteristics, showcasing the unique strength and merits of the Bidding Country, including: (i) An overview of the Bidding Country (e.g. population, languages, map indicating major cities, etc.). (...) (ii) An overview of potential Host Cities (e.g. number of inhabitants; details of location; altitude; average temperatures, etc.). (...) (iii) A description of football in the Bidding Country (e.g. popularity, level of professional club football, football history and the support and involvement of the football community at a national and regional level). (iv) A description of the main holidays in the Bidding Country. (...) (v) An overview of tourism and major events in the Bidding Country. (...) The LOC shall provide a: (i) country overview map (...), indicating the major cities, geomorphologic structure and the time zones; and (ii) maps of the proposed Host Cities (...), indicating main transport hubs, the Stadium, Training Sites and main hotels.*"

é preciso encontrar maneiras de a ele ter acesso de forma a compreender como se operam os processos que visam chamar a atenção dos clientes (FIFA) interessados em concretizar a compra das cidades (para a Copa) (Vainer, 2000, p. 83).

O QUE ISSO QUER DIZER?

Na fundação da FIFA, em 21 de maio de 1904, estiveram presentes representantes de diferentes nacionalidades como a francesa, belga, holandesa, dinamarquesa, espanhola, sueca e suíça. Uma entidade, que nasce, portanto, sob o signo da internacionalidade. Atualmente, são 209 federações afiliadas, provenientes de todos os continentes. Conforme o próprio site da entidade, a FIFA é reconhecida como a “ONU do futebol”.

Em relação às Copas do Mundo, já foram realizadas 20 edições, a primeira em 1930. Portanto, seria ingênuo estabelecer uma relação de causalidade entre o modelo de *cidade global*, próprio à desindustrialização das metrópoles, como diagnosticada por Saskia Sassen (1991) para a década de 1990, e o megaevento esportivo promovido pela FIFA. O que está, de fato, ocorrendo, é o que Weber chamaria – e antes dele Goethe – de *afinidade eletiva* (Weber, 2004, p. 83) entre os interesses daqueles que pretendem impor seu modelo de cidade às metrópoles e a oportunidade que a FIFA oferece a cada quatro anos de serem promovidas intervenções urbanas relevantes às cidades que se oferecem como sede da Copa do Mundo.

Assim é que este artigo procurou chamar atenção para o fato de que além de observar exclusivamente o que ocorre uma vez a cidade escolhida é identificar o quanto e como os responsáveis pela governança urbana, amparados por outros interesses que não simplesmente sediar um evento esportivo, se mobilizam para, por meio dele, impor uma nova forma de gerir as cidades. Os documentos de candidatura, neste caso, se anteriormente podiam ser de conhecimento exclusivo dos contratantes, precisam tornar-se públicos, pois que se trata, claramente, de uma nova forma de *marketing* urbano. Como já houve oportunidade de dizer, ainda não é possível, no estágio atual da pesquisa, identificar desde quando o *Bid Book* é exigido, mas é essencial que ele seja dado a conhecer ao público antes mesmo de a candidatura ser confirmada pois que é nesse momento que se contratam as intervenções urbanas e se define o modelo de cidade “padrão FIFA”.

É esta *afinidade eletiva* que pode explicar o motivo pelo qual a recepção de uma Copa do Mundo não se restringe exclusivamente ao campo esportivo – é bem verdade que nunca se restringiu completamente – mas está estreitamente vinculada – em decorrência da mudança na governan-

ça urbana, sobretudo – ao tipo de cidade que se pretende produzir. No Brasil, atentamos para isso em 2013. Quiçá o esclarecimento desta afinidade estreita entre megaevento e governança urbana, já aventada desde a Olimpíada de 1992, mude a pauta da pesquisa e passemos a nos questionar não só sobre os resultados do evento uma vez conquistado, mas como se articulam agentes públicos, privados e burocracia para promover a venda da cidade. Portanto, é antes da festa da vitória por ter a Copa do Mundo em casa que começa o trabalho do pesquisador.

QUANDO A LESTE VIRA CENTRO: O FÓRUM PARA O DESENVOLVIMENTO DA ZONA LESTE¹

Elizângela Teixeira Soares²

INTRODUÇÃO

A recepção da Copa do Mundo de 2014 no Brasil suscitou amplo e contraditório debate em torno dos resultados que poderiam trazer ao país. Ainda que o tão discutido “legado” seja algo próprio do tempo futuro, as mudanças imediatas necessárias à realização do evento atingem – direta ou indiretamente – a população brasileira.

Após o anúncio do Brasil como sede da Copa do Mundo 2014 (e das Olimpíadas 2016) foi notória a aceleração dos projetos urbanísticos e viários nas cidades-sede escolhidas, e tais intervenções incitaram questionamentos de diversos atores³ e movimentos sociais que, de alguma forma, seriam atingidos pelas obras. No que diz respeito a São Paulo, mais especificamente à Zona Leste, as intervenções viárias para a Copa e a construção do estádio de abertura no distrito de Itaquera subordinaram-se à

1 Este artigo apresenta o resultado parcial da pesquisa de mestrado, ainda em andamento, e desenvolvida no âmbito do Programa de Estudos Pós-Graduados em Ciências Sociais da PUC-SP, articulada à pesquisa sobre *Metropolização e os Megaeventos: o impacto da Copa de 2014 e das Olimpíadas de 2016*, financiada pela FINEP, coordenada em São Paulo pelo Observatório das Metrôpoles-SP, e nacionalmente pelo Observatório das Metrôpoles-RJ (IPPUR-UFRJ). Agradeço ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) pela bolsa de estudos a mim concedida para exercício da função de auxiliar de pesquisa no projeto “Metropolização e Megaeventos” e ao Observatório das Metrôpoles-SP onde desempenhei essa função; em especial às professoras doutoras Mônica de Carvalho e Clarissa Gagliardi, coordenadoras do projeto em São Paulo, e à professora Mônica de Carvalho pela orientação.

2 Mestranda do Programa de Estudos Pós-Graduados em Ciências Sociais da PUC-SP. Agradeço à CAPES (2014-2016) a concessão de bolsa para realização do mestrado.

3 Em que pesem as lacunas conceituais evidenciadas pela literatura, o conceito de atores sociais empregado neste estudo encontra-se alinhado à perspectiva da literatura citada por Lavallo, Castelo e Bichir “isto é, atores da sociedade civil [...] seriam em essência diferentes atores orientados à defesa dos seus próprios interesses” (2006, p. 12-13).

proposta de desenvolvimento econômico da região, proposto desde 2002 pelo Plano Diretor Estratégico do município.

A literatura sobre a Zona Leste demonstra que ela se produziu historicamente por meio da ocupação das classes populares, não só com a movimentação espontânea decorrente da expulsão das áreas de infraestrutura urbana mais adensada, mas também por meio de políticas habitacionais promovidas pelo próprio poder público. A região, que se constituiu como periferia da cidade de São Paulo e como distrito "dormitório" a partir dos anos de 1950 e de 1960, também foi cenário do surgimento de muitos movimentos sociais e de suas lutas por equipamentos e infraestrutura urbanos – sobretudo por saúde, educação e moradia – e que acabaram por constituir a identidade da Zona Leste (Moisés, 1979, p. 2).

Considerando a história de mobilização da Zona Leste, o objetivo da pesquisa, de que este artigo é sistematização inicial, foi identificar quais são os movimentos sociais que estão envolvidos com a promoção atual do desenvolvimento da Zona Leste, o que se buscou conhecer por intermédio de informações prestadas pelos atuais líderes dos movimentos sociais da região de Itaquera e por meio de participação em reuniões, ao longo de todo o ano de 2013, do Comitê Popular da Copa de São Paulo e do movimento Comunidades Unidas de Itaquera. O que pôde ser observado, inicialmente, é que os movimentos sociais, que tradicionalmente se organizavam em torno de reivindicações por equipamentos urbanos, no momento em que o desenvolvimento da Zona Leste foi posto em pauta, sofreram um processo de reconfiguração. Nesse sentido, destacou-se o Fórum para o Desenvolvimento da Zona Leste (FDZL), que tem atuado nas questões relacionadas ao desenvolvimento da região.

Em virtude do caráter atribuído aos fóruns⁴, optou-se pela metodologia proposta nos estudos de Marques (1998; 2000; 2003); Lavalle, Castello e Bichir (2006) e Lavalle (2008), ou seja, a análise de redes como estratégia para reproduzir os "padrões de relações" entre indivíduos e organizações e analisar suas influências nos vários "fenômenos sociais e políticos". Assim sendo, o propósito da pesquisa mais ampla – que extrapola em muito os objetivos deste artigo – é tomar o FDZL como nó inicial da rede a ser tecida e, a partir desse movimento, questionar que rede associativa é essa, como se articulam aos históricos movimentos sociais da região e como se rearticulam e se mobilizam diante desse novo cenário.

4 "São, fundamentalmente, instâncias de encontro, definição e orientação programática de entidades que partilham vocações temáticas e preocupações afins. [...] Suas funções afastam-nos de estratégias ativas na construção de relações, mas na medida em que são frequentados em igual medida por organizações civis centrais e periféricas, representam uma instância de aproximação entre entidades desiguais em termos de sua capacidade de ação" (Lavalle, Castello e Bichir, 2006, p. 51-52).

Os primeiros contatos com o FDZL ocorreram no segundo semestre de 2013, por meio de seu integrante e diretor de Educação Valter de Almeida Costa, e foram realizados mediante visitas de campo, com o objetivo de observar *in loco* a sua dinâmica. Na sequência, foi realizada uma visita de observação num dos grupos de trabalho do FDZL, o GT de Cultura e Educação, que promoveu a reunião de um "subgrupo", o Grupo de Estudo do Território, recém-criado pelo GT de Educação. É composto por professores e/ou pessoas vinculadas à Diretoria Regional de Educação de Itaquera (que engloba as regiões de Itaquera e Aricanduva) e busca apoiar e incentivar pesquisas e projetos na área de educação voltados ao território.

ZONA LESTE: OCUPAÇÃO E SEGREGAÇÃO ESPACIAL

A Zona Leste de São Paulo se constituiu, desde o final do século XIX, por meio da ocupação da população operária que servia de mão de obra para as fábricas paulistanas das regiões do Brás e da Mooca. O bairro do Brás é considerado pioneiro nessa ocupação popular e reflete de modo muito claro o processo de segregação social decorrente da urbanização e industrialização da cidade. Conforme Clemente: "nos terrenos de preço baixo, perto de córregos e sujeitos a enchentes, vão erguer-se as moradias operárias, que inclusive serão vizinhas das fábricas onde seus habitantes prestarão serviços" (1998, p. 42).

Segundo esse autor, para além do Brás "havia povoamentos esparsos" entre a antiga estrada que levava ao Rio de Janeiro e a estrada do Tietê, onde as pessoas sobreviviam basicamente da horticultura, da fruticultura e da produção de tijolos feitos do barro retirado do rio Tietê. Essas regiões, onde atualmente se localizam São Miguel Paulista e Ermelino Matarazzo, eram tidas como rurais e só viriam a sofrer um "adensamento populacional" a partir da década de 1940 (Clemente, 1998, p. 43-45).

Além do local onde eram construídas as moradias, o que diferenciava ricos e pobres em São Paulo eram os tipos de habitação: ricos moravam em casas próprias, e a moradia dos operários eram os cortiços e as vilas operárias. Essa formação, segundo Frúgoli Jr., conduz a "uma cidade dividida e apartada em termos sociais".

"Essa divisão é fundamental para a compreensão da ocupação da cidade, uma vez que, por um lado, o centro tradicional circunscrevia inicialmente tipos de uso ligados às classes sociais de maior poder aquisitivo, com traços de ocupações populares, enquanto do 'outro lado' também surgia uma outra espécie de 'centro', em torno do bairro do Brás, com uma típica ocupação operária e imigrante, notadamente italiana, com

o desenvolvimento de uma vida social, política e cultural relativamente autônoma em relação ao resto da cidade" (Frúgoli Jr., 1995, p. 24).

No final da década de 1930, as regiões da Penha, Itaquera e São Miguel começaram a conviver com o grande fluxo populacional. Contribuíram para esse intenso processo de ocupação a construção da estrada de ferro em 1932, ligando Brás a São Miguel Paulista, e a instalação da fábrica Nitro Química, em 1937, em São Miguel Paulista, atraindo migrantes, principalmente nordestinos – muitos dos quais da Bahia – “em busca de novas oportunidades” (Clemente, 1998, p. 54-55).

Outro fator importante para a ocupação da região foi a construção das vilas operárias pelos industriais e, especialmente, por companhias e especuladores imobiliários que se aproveitaram do crescimento da região para multiplicar os loteamentos habitacionais.

Ainda nesse período, contribuiu também para o crescimento urbano, não só da região, mas de toda a cidade, a execução do “Plano Avenidas”, implantado na gestão de Prestes Maia (1938-1945) na prefeitura de São Paulo. O estudo foi o primeiro a abordar a ideia de zoneamento para a cidade, ao definir onde ficariam indústrias, residências e centros comerciais: “Havia plano para transporte público, a linha de metrô e a distribuição de parques e praças em torno de grandes avenidas, que deveriam atravessar toda a cidade” (Clemente, 1998, p. 58).

“Evidente que esta ocupação do que hoje chamamos de periferia da Zona Leste não se deu somente pela implantação do Plano Avenidas, mas por toda uma constelação de forças políticas que levam à criação de um outro padrão de moradia para as camadas populares ascendentes, no que Bonduki chama de binômio autoconstrução e loteamento periférico” (Clemente, 1998, p. 60).

O breve levantamento histórico da Zona Leste aponta para um fenômeno que tenderia a se intensificar cada vez mais: a expulsão dessa população para áreas distantes do centro da cidade, sem infraestrutura e equipamentos urbanos, fazendo com que a Zona Leste se expandisse para regiões cada vez mais periféricas.

Caldeira (1984, *apud* Carreira, 1997, p. 27) atribui esse processo de “periferização” a fatores como o “estabelecimento do ônibus como meio de transporte de massa” associado ao “Plano Avenidas”, de 1938. O que se observa é que a chegada de alguma infraestrutura urbana – que era necessária para melhores condições de vida da população operária – tornou corolário o processo de expulsão para áreas cada vez mais periféricas e com menor disponibilidade de recursos.

ZONA LESTE E OS MOVIMENTOS SOCIAIS: REVISITANDO A HISTÓRIA

Segundo a literatura consultada, as mobilizações na região ganharam as ruas desde o final do século XIX e início do XX, sobretudo no bairro do Brás – considerado por estudiosos o epicentro do movimento operário.

Conforme citado, em meados da década de 1930, outros bairros da região Leste começaram a sofrer com a intensa ocupação. Num contexto de inúmeras carências de serviços urbanos básicos e essenciais, moradores da região passaram a se articular a entidades e associações de bairros com o objetivo de discutir os problemas que enfrentavam e de lutar por melhores condições de vida. Nesse período, surgiu o movimento das Sociedades Amigos de Bairros (SABs), um ator determinante para a organização popular na cidade.

Contudo, em que pese essa existência anterior das diversas mobilizações em São Paulo, na década de 1970, houve uma eclosão de movimentos sociais na região que ocuparam lugar de destaque na dinâmica urbana e na produção acadêmica das Ciências Sociais. Os movimentos de bairro desse período receberam ampla influência da Igreja Católica que começou a organizar o movimento das Comissões Pastorais de Periferia Urbana em São Paulo e que resultaram na composição das Comunidades Eclesiais de Base (CEBs), numa atuação que atravessaria a década de 1980. Por meio das CEBs, a Igreja Católica apoiava e criava espaços para discussões e organização dos grupos populares, por oposição à ação repressiva do Estado, posicionando-se a favor dos direitos sociais (Gohn, 2009, p. 232-233).

A melhoria dos bairros se tornou tema recorrente nas lutas sociais da região Leste cujas reivindicações se opunham à deficiência dos serviços na área da saúde, sobretudo contra a precária situação sanitária e a escassez de centros de saúde para atendimento da população. Ainda, como exemplo dessa deficiência, pode-se citar o caso de São Mateus que, em 1979, tinha índice de mortalidade infantil alarmante, de 115 por mil nascidos vivos, contra o índice de 74,8 por mil na cidade de São Paulo (Jacobi, 1989, p. 100). Foi a partir do Movimento Popular de Saúde da Zona Leste que se originaram os Conselhos Populares de Saúde, existentes ainda hoje (Gohn, 2009, p. 235).

Outras questões ganharam destaque nas lutas sociais, aumentando o número de movimentos reivindicatórios. Resumidamente, é possível citar: o Movimento dos Transportes Coletivos, em 1979, que paralisou a cidade de São Paulo num feito inédito em busca de melhorias para o transporte de casa para o trabalho e do trabalho para casa; o Movimento de Luta por Creches, também em 1979, organizado pelas mulheres das CEBs, por

influência do movimento feminista e do movimento pela anistia; o Movimento das Favelas que reivindicava água e luz nas favelas, projetos de reurbanização e, finalmente, a posse da terra, e, ainda, os Movimentos de Moradia que atuaram nas reivindicações por moradia e coordenaram as ocupações da região (Gohn, 2009, p. 235-236).

A prática das CEBs levou as pessoas às ruas e incentivou a população a reiterar melhorias nas condições de vida em uma região que fora urbanizada em decorrência dos interesses capitalistas por meio do “binômio loteamento periférico e autoconstrução”. A característica popular da região e a sua intensa participação nas mobilizações contribuíram para constituir a identidade da Zona Leste.

ZONA LESTE: “A BOLA DA VEZ”

A Zona Leste concentra o maior índice de habitantes por região da cidade de São Paulo, com uma população estimada em 4 milhões de habitantes, segundo censo demográfico de 2010, o que corresponde a mais de 30% da população do município.

A ocupação popular e o fato de muitos movimentos sociais de São Paulo terem surgido ali tornaram a região interessante objeto de estudo para as Ciências Sociais, haja vista a produção acadêmica significativa na área.

No que se refere às ações de desenvolvimento urbano, políticas públicas, urbanístico-ambiental e de gestão democrática, encontram-se disciplinadas no Plano Diretor Estratégico (PDE), instituído para o município de São Paulo por meio da Lei nº 13.430 de 13/09/2002, em cumprimento ao disciplinado pela Lei Federal nº 10.257 de 10/07/2001, conhecida como “Estatuto da Cidade”.

A Prefeitura Municipal de São Paulo, com base no PDE, criou, em 2004, o “Programa de Incentivos Seletivos” para a área leste da cidade, através da Lei nº 13.833 de 27/11/2004, com o objetivo de promover e fomentar o desenvolvimento econômico dessa região do município. Com duração definida para 10 anos, o Programa previu a concessão de incentivos fiscais para investimentos empresariais que envolvessem a geração e manutenção de empregos local. Em 2007 e 2009, a lei sofreu alterações, tendo a última atualização (Lei nº 14.888/2009) se concentrado basicamente na redefinição de algumas áreas de zoneamento.

Em 2011, a prefeitura apresentou, em audiência pública, o “Programa de Desenvolvimento Econômico para a Zona Leste”, por meio de parceria entre os governos municipal e estadual. Dentre as proposições para esse “Plano de desenvolvimento” estão: adequação da infraestrutura urbana Rio Verde Jacu, Programa de Incentivos Seletivos (Leis 14.654/2007 e

14.888/2009) e o Fundo Municipal de Fomento à Inovação (SP Inova), que se desdobram nas seguintes ações estruturantes:

Quadro 1. Ações estruturantes do Programa de Desenvolvimento Econômico para a Zona Leste.

Implantação do polo institucional de Itaquera;
Construção de estádio na Zona Leste;
Requalificação do polo econômico da Zona Leste (que abrange o sistema viário);
Parque tecnológico de São Paulo – Leste;
Projeto São Paulo Costurando o Futuro;
Projeto São Paulo Criativ@.

Fonte: Prefeitura Municipal de São Paulo (2012).

Quadro 2. Núcleo do Polo Institucional de Itaquera.

Poupatempo Itaquera;
Arena de São Paulo (atual estádio do Corinthians);
Pátio de manobras do metrô;
Fórum;
Rodoviária;
FATEC / ETEC;
SENAI;
Centro de convenções e eventos;
Núcleo do Parque Tecnológico SP Leste (incubadora e laboratórios);
Parque linear Rio Verde;
Obra social Dom Bosco;
Batalhão da Polícia Militar.

Fonte: Prefeitura Municipal de São Paulo (2012).

Embora as intervenções urbanas do Plano de Desenvolvimento Econômico da Zona Leste tenham sido previstas desde 2004, em 2005, estiveram paralisadas pela prefeitura (Bonduki, 2011, p. 34). A partir do anúncio da

recepção da Copa de 2014 na cidade de São Paulo, o Plano de Desenvolvimento ganhou impulso significativo: o que se pôde observar foi uma intensificação dos projetos urbanos propostos para essa região, tendo por centralidade o redirecionamento da escolha do Estádio do Morumbi para o Estádio de Itaquera, garantindo legitimidade àquelas modificações urbanas.

Desse modo, o estádio e os investimentos destinados ao desenvolvimento econômico deram visibilidade e permitiram à Zona Leste ocupar uma posição de destaque na cidade de São Paulo.

Prova disso é que os incentivos para a região continuam sendo propostos. Em dezembro de 2013, a Prefeitura aprovou a Lei nº 15.931/2013, que cria o Programa de Incentivos Fiscais para prestadores de serviços estabelecidos ou que vierem a se estabelecer na região da Zona Leste de São Paulo, com o objetivo de promover e fomentar o desenvolvimento dessa região. O Programa oferece benefícios como a isenção do Imposto Predial e Territorial Urbano (IPTU), Imposto sobre Transmissão "Inter-Vivos" de Bens Móveis (ITBI-IV) e do Imposto sobre Serviços de Qualquer Natureza (ISS) para empresas de serviços de informática, educação, ensino e treinamento, hospedagem, *call center* e *telemarketing*, durante 25 anos. A expectativa da Prefeitura Municipal é de que 50 mil postos de trabalho sejam gerados só na região de Itaquera.

REDES DE MOVIMENTOS SOCIAIS

As pesquisas preliminares para este estudo demonstram que diversos movimentos sociais históricos mantêm atuação expressiva na Zona Leste e é ampla a gama de pautas presentes em cada um deles, abordando desde questões como moradia, saúde, educação, até as questões referentes à realização da Copa e ao desenvolvimento proposto para a região.

Esta assertiva reforça a hipótese de que houve, de fato, uma fragmentação dos movimentos sociais, que, em décadas anteriores, se apresentavam categorizados, e agora buscam novas formas de organização, de modo a potencializar sua força de mobilização, dando maior visibilidade a pautas antigas de reivindicação e introduzindo novas pautas que extrapolam a questão específica de cada categoria e tornam os movimentos uma força política para além das questões a que se restringem.

Seguindo as novas formas de organização, que eclodiram ainda na década de 1990, os movimentos sociais se reconfiguraram e passaram a atuar por meio de "redes sociais", apresentando configurações até então não observadas nos movimentos urbanos e que, acima de tudo, trouxe desafios novos para a relação Estado-sociedade e para os estudiosos da área.

No âmbito acadêmico, as *redes sociais* são definidas como *redes de mobilização* (ou *redes de atores sociais*) e ganham espaço nos estudos sobre os movimentos sociais da década de 1990, numa tentativa de analisar as reconfigurações assumidas pelos atores sociais e as novas multiplicidades geradas por elas na sociedade e que requeriam outras categorias analíticas.

Alguns autores, então, passaram a estudar os movimentos sociais com base na análise de redes que, no Brasil, teve como principal referência teórica os trabalhos de Manuel Castells (1999, 2001, 2008) que a inseriu no cenário das ferramentas metodológicas contemporâneas. Todavia, a partir dos estudos de Marques (1998; 2000; 2003), Lavalle; Castello e Bichir (2006) e Lavalle (2008) – nos quais este estudo busca embasamento teórico – é que a análise de redes passou a ser utilizada, de fato, como estratégia metodológica, e não apenas metaforicamente, para reproduzir os padrões de relações entre indivíduos e organizações, além de analisar suas influências nos vários fenômenos sociais e políticos.

A análise de redes sociais assumiu como premissa “a importância dos laços sociais como elementos que estruturam a vida social, imputando a eles diversas consequências em termos de possibilidades e restrições para a ação de indivíduos coletivos” (Lavalley, 2007, p. 472).

Nesta linha, os autores abordam “as relações de interação entre Estado e Sociedade”, investigam as mudanças operadas no sistema institucional pela atuação dos movimentos e se preocupam, também, com a relação entre os movimentos e demais instituições da sociedade (Miranda, 1997, p. 74).

Neste sentido, os teóricos passaram a considerar em seus estudos a junção de diversos atores em torno de interesses comuns, compartilhando informações e recursos e fortalecendo suas estratégias de ação. Este modo de análise dos movimentos sociais é relevante, pois permite observar as inter-relações (ou vínculos) entre os atores, tornando-se possível identificar, com detalhes, os padrões de relacionamento e, se associado ao tempo, pode-se observar claramente as mudanças ocorridas (Abreu, 2010, p. 208), possibilitando não só uma interpretação das mudanças nas formas de organização dos atores sociais na sociedade, mas também como as reconfigurações se deram ao longo dos diferentes contextos históricos.

Nas sociedades globalizadas, multiculturais e complexas, as identidades tendem a ser cada vez mais plurais, e as lutas pela cidadania incluem, frequentemente, múltiplas dimensões (desde gênero, etnia, até dimensões de afinidades, opções políticas e valores etc). “As redes, por serem multiformes, aproximam atores diversificados – dos níveis locais aos mais globais, de diferentes tipos de organizações – e possibilitam o diálogo da diversidade de interesses e valores” (Scherer-Warren, 2006, p. 115).

O que se percebe no movimento articulatório da sociedade civil e dos atores sociais é que a organização ou mobilização em rede se impôs, de um lado, como “modismo”, mas, de outro, como “estratégia de sobrevivência”. O que resulta desse cenário é o fato de que a sociedade civil “passou a ser orientada por outros eixos, focada menos nos pressupostos ideológicos e políticos, e mais nos vínculos sociais comunitários organizados, segundo critérios de cor, raça, idade, gênero, habilidades e capacidades humanas” (Gohn, 2008, p. 446).

A análise de redes pressupõe que é possível analisar, à luz dos “padrões de relação” entre indivíduos, os inúmeros fenômenos sociais e políticos. Segundo Marques,

esses padrões constituem redes de diferente tipos de vínculo em constante transformação, que se apresentam para os atores sociais tanto como constrangimento quanto como possibilidade, induzindo o comportamento dos atores e suas estratégias, e informando os seus projetos e visões sobre o setor e a sociedade. Em um sentido mais amplo, as redes estruturam a vida cotidiana (2003, p. 153).

Embora ainda pouco utilizada no Brasil, enquanto recurso metodológico, a análise de redes tem se mostrado um método relevante para apreender as relações (vínculos) que se estabelecem no interior dos movimentos (e para além deles) e que não estão isentas de conflitos; e conhecer os atores e como eles se utilizam dessas relações para fortalecerem a mobilização e, fundamentando-se nessas conexões, identificar as pautas reivindicatórias, o fluxo de informações e como as novas configurações movimentistas se apresentam no cenário urbano.

O FÓRUM PARA O DESENVOLVIMENTO DA ZONA LESTE

No que se refere ao desenvolvimento econômico da região Leste, e tomando como referência o distrito de Itaquera, foram encontrados os movimentos: Nossa Itaquera, Coletivo Comunidades Unidas de Itaquera (COMUNAS) e Fórum para o Desenvolvimento da Zona Leste (FDZL). Optou-se pelo FDZL por ser um movimento amplo, com atuação em rede, e que, além de agregar os membros dos outros dois movimentos, conta com integrantes de outras associações e movimentos da região, além de sua atuação estar diretamente relacionada à questão do desenvolvimento econômico da Zona Leste.

O FDZL é uma associação sem fins lucrativos, regida por Estatuto Social e registrada no Cadastro Nacional da Pessoa Jurídica (CNPJ) e composta por Assembleia Geral (representada por todos os associados); Conselho

Consultivo; Conselho de Administração e Conselho Fiscal, cujos membros atuais foram eleitos em dezembro/2012 para o quadriênio 2013-2016.

O FDZL⁵ surgiu efetivamente em 10 de novembro de 1999 (data de aprovação do seu Estatuto) por iniciativa de um grupo de empresários da região de Itaquera, tendo à frente o presidente da Associação das Indústrias da Região de Itaquera (AIRI), Sr. Hélio Figueiredo. A AIRI tinha como proposta a "luta" pelo polo industrial de Itaquera por meio da junção dos "três setores da sociedade": representantes governamentais, empresários e sociedade civil (ONGs, associações, comunidades).

Segundo o *site* do movimento, o FDZL foi criado com o intuito de consolidar a proposta da AIRI, tendo por objetivo ser um espaço de discussões e debates para impulsionar o desenvolvimento da Zona Leste. O movimento "pioneiro" se estendeu a outros distritos da ZL, incluindo, além de empresários, associações de bairros, clubes de serviços, ONGs e instituições diversas.

Em 2004, o FDZL constituiu grupos de trabalho (GTs) em vários eixos temáticos, como educação, moradia, cultura, saúde, transporte, segurança, meio ambiente, dentre outras, com a intenção de atuar em todas essas áreas. Todavia, os GTs concentraram seus debates em torno das temáticas "educação e desenvolvimento local", priorizando discussões e ações baseadas na "formação cidadã", tais como a luta pela implantação de um campus da Unifesp no distrito de Itaquera, e o acompanhamento dos processos de discussões os quais resultaram na elaboração dos Planos Regionais Estratégicos das Subprefeituras da Zona Leste.

Ao longo de sua existência, o FDZL também "promoveu debates sobre educação, cultura, urbanização, sistema viário local, transporte, meio ambiente e desenvolvimento econômico", atuando diretamente nas lutas pela implantação da FATEC Zona Leste (em 2002), pelo campus da USP Leste em 2005 e, mais recentemente, pela unidade da UNIFESP Leste.

Atualmente, o FDZL atua, principalmente, em torno dos grupos de trabalho citados anteriormente, com ênfase para as áreas de educação, do meio ambiente e do desenvolvimento econômico da região, em busca de preservar o seu propósito inicial, qual seja, "consolidar um movimento capaz de articular pessoas e organizações comprometidas com o desenvolvimento da Zona Leste".

5 As informações sobre o FDZL foram obtidas por meio de entrevista concedida por Valter de Almeida Costa, diretor de educação do FDZL, em 19 mar. 2013, em Itaquera/São Paulo e, também, em consulta ao *site* do movimento.

COMPOSIÇÃO DO FÓRUM PARA O DESENVOLVIMENTO DA ZONA LESTE CONFORME SEU ESTATUTO SOCIAL:

Conselho Consultivo: é composto por 33 membros, sendo 11 em cada agrupamento, eleitos pela Assembleia Geral, dentre os associados dos agrupamentos definidos no artigo 4º do Estatuto Social do Fórum para o Desenvolvimento da Zona Leste, quais sejam:

- a. I agrupamento, sendo 11 membros “personalidades que em suas áreas de atuação (pública ou privada) tenham notoriedade e reconhecimento em função da participação em ações que visam o desenvolvimento da Zona Leste de São Paulo”;
- b. II agrupamento, também com 11 membros, refere-se às “entidades representativas de classes, da Indústria, do Comércio, de Serviços e das Universidades”;
- c. III agrupamento: “entidades de Promoção Social, Educacional, Sociedades Amigos de Bairros, Grêmios Carnavalescos, Organizações Não Governamentais, Sindicatos de Trabalhadores”.

Conselho de Administração: eleito pelo Conselho Consultivo. É composto por 23 membros para as respectivas diretorias (também nomeadas grupos de trabalho):

- a. Presidente
- b. Vice-Presidente
- c. Diretor Administrativo
- d. Diretor de Projetos e Infraestrutura
- e. Diretor de Comunicação e *Marketing*
- f. Diretor grupo 01 – Comércio
- g. Diretor grupo 02 – Serviços e Relações do Trabalho
- h. Diretor grupo 03 – Indústria
- i. Diretor grupo 04 – Promoção Social
- j. Diretor grupo 05 – Direitos Humanos e Jurídicos
- k. Diretor grupo 06 – Transportes
- l. Diretor grupo 07 – Urbanismo.
- m. Diretor grupo 08 – Meio Ambiente
- n. Diretor grupo 09 – Saúde
- o. Diretor grupo 10 – Educação
- p. Diretor grupo 11 – Segurança
- q. Diretor grupo 12 – Cultura.
- r. Diretor Grupo 13 – Esporte e Lazer
- s. Diretor Grupo 14 – Habitação

Conselho Fiscal: eleito pelo Conselho Consultivo. É composto por quatro membros, a saber: presidente, vice-presidente e secretários.

QUANDO A LESTE VIRA CENTRO

A Zona Leste convive na atualidade com uma "paisagem urbana bem heterogênea" cujas contradições advêm da pretendida centralidade conferida à região nos últimos anos visando contrapor-se à posição marginal ocupada ao longo de sua história. Conforme já mencionado, além de sediar os núcleos dos polos institucional e tecnológico, receber as obras viárias e o estádio de abertura da Copa do Mundo 2014 – que antes mesmo de sua inauguração é objeto de discussões controversas – a região receberá, também, incentivos fiscais para que empresas do setor terciário se instalem nesse território, substituindo a tradicional função industrial que lhe coube durante os séculos XIX e XX.

A região ainda se constitui como verdadeira "cidade dormitório" e, de acordo com Bonduki, "uma ação estrutural" para equilibrar a relação entre habitação e emprego seria a criação de novas centralidades e empregos nas regiões periféricas de São Paulo.

"O desenvolvimento urbano das áreas periféricas, para que elas possam atrair atividades econômicas, exige qualificação urbanística e regularização fundiária, articuladas com programas de inclusão social e de economia solidária, capaz de estimular o empreendedorismo na população local. A transformação desses assentamentos periféricos precários em bairros de verdade, com infraestrutura, áreas verdes, equipamentos, documentação de posse e organização social teria enorme repercussão na redução da violência e mudaria a cara dos bairros-dormitório que caracterizam a região, marcada por uma paisagem indefinida e acinzentada" (Bonduki, 2011, p. 34).

Ante esse cenário, a contenda em torno do desenvolvimento econômico proposto para a ZL é fundamental para este estudo. Questionar o "sentido" que cada ator social atribui a esse desenvolvimento se configura como essencial para a análise do campo em questão, pois da "problematização" do que de fato os diferentes atores entendem por desenvolvimento econômico é que "emerge a disputa" em torno da sua apropriação, tendo em vista que o seu conceito não é homogêneo e tão pouco está estabelecido.

O FDZL articula diversos atores e movimentos sociais formando uma rede com vistas ao desenvolvimento da Zona Leste e, por isso, abrange uma pauta reivindicatória ampla. A pretensão da pesquisa é, por meio desses atores, desenhar a rede e compreender como os movimentos se rearti-

culam e se mobilizam. Neste sentido, um primeiro exercício foi mapear a localização geográfica dos membros do FDZL, com base nos endereços de residência (e/ou de trabalho) destes, constantes da "Ata de Eleição" de 14 de dezembro de 2012, e revelar a heterogeneidade que há na associação e a amplitude, em termos de "espaço urbano", que a rede do FDZL é capaz de alcançar. Posteriormente, pretende-se sobrepor a esta análise as informações colhidas em entrevistas e descrever a rede formada pelo FDZL.

A localização geográfica dos membros extrapola significativamente os limites territoriais da divisão administrativa da Zona Leste de São Paulo (cf. mapa acima), inferindo que a centralidade atribuída à região, desde o processo de redirecionamento do desenvolvimento econômico em direção a leste, é um campo em disputa. E, no âmbito do "*espaço concebido*", esse campo não envolve somente o poder público e a população que ali vive – e que busca se apropriar desse espaço –, mas também outros atores que, mesmo residindo em outras regiões da cidade, nutrem algum interesse nas propostas governamentais para a região.

Desse modo, a disputa em torno da apropriação do que está proposto extrapola em muito o aparente consenso que se convencionou existir na Zona Leste: perpassa pela leitura que os distritos, os diferentes atores e movimentos fazem de desenvolvimento econômico, sobretudo, pelo pujante conflito de interesses no âmbito da divisão administrativa distrital; pela luta presente no interior da própria rede de movimentos e ainda, pelo que, de fato, a prefeitura propõe.

O esforço inicial de mapear a rede de movimentos da Zona Leste, por meio do FDZL, indica que o movimento impulsionado em direção ao desenvolvimento da região influi na rearticulação dos movimentos sociais históricos da região, mas também de outros atores sociais que extrapolam os limites daquele território; e aponta-nos questões fundamentais para compreender o processo de rearticulação e de mobilização de uma nova forma de participação social que se inscreve no cenário urbano, indicando que há um novo e significativo objeto de estudo a ser explorado pelas Ciências Sociais.

.....

PELOS OLHOS INFANTES: QUANDO A CRIANÇA PODE FALAR¹

Marcelo Rocco²

“O viajante anda de um lado para o outro e enche-se de dúvidas: incapaz de distinguir os pontos da cidade, os pontos que ele conserva distinto na mente se confundem. Chega-se à seguinte conclusão: se a existência em todos os momentos é uma única, a cidade de Zoé é o lugar da existência indivisível. Mas então qual é o motivo da cidade? Qual é a linha que separa a parte de dentro da de fora, o estampido das rodas do uivo dos lobos?” (Calvino, 1990, p.34-5)

O presente artigo propõe uma reflexão sobre o impacto que a Copa de 2014, ocorrida na cidade de São Paulo, causou e causa na vida das pessoas na dimensão mais imediata da vida cotidiana, mais especificamente daquelas que viveram a chegada do seu novo vizinho, o Estádio do Corinthians. Refiro-me à Favela da Paz, localizada no distrito de Itaquera, na Zona Leste da cidade, a menos de 1km do estádio. Pretendo não só apontar os problemas causados a essa população, ameaçada que foi, inclusive, de remoção, mas fazê-lo da perspectiva das crianças, um grupo social quase nunca considerado como protagonista da pesquisa sociológica.

Inicialmente explicitarei a dinâmica de disputa pelo espaço na Favela da Paz por meio dos atores que a sociologia costumeiramente leva em consideração. A partir disso, apontarei como essa mesma abordagem, que encontra expressão na bibliografia corrente sobre periferia/periferização da cidade, permite constituir a criança como narradora dos processos de

1 Este artigo apresenta o resultado parcial da pesquisa de mestrado, ainda em andamento, e desenvolvida no âmbito do Programa de Estudos Pós-Graduados em Ciências Sociais da PUC-SP, articulada à pesquisa sobre *Metropolização e os Megaeventos: o impacto da Copa de 2014 e das Olimpíadas de 2016*, financiada pela FINEP, coordenada em São Paulo pelo Observatório das Metrópoles-SP, e nacionalmente pelo Observatório das Metrópoles-RJ (IPPUR-UFRJ).

2 Mestrando do Programa de Estudos Pós-Graduados em Ciências Sociais da PUC-SP. Agradeço ao CNPq (2012-2014) a concessão de bolsa para realização do mestrado.

intervenção no espaço. E por último, discutirei qual é a posição que a criança assume, considerando propriamente as crianças da Favela da Paz.

Desde já vale dizer que grande parte daquilo que vulgarmente pode ser chamado de “achados de campo” está para além das respostas diretas das crianças às perguntas orientadas pelo pesquisador. É na interação entre as próprias crianças, e no papel que o espaço assume por meio dessa interação, que foi possível reconhecer um terreno de relações bastante complexas e sobre o que não permitem considerações simples. Esses elementos não dizem respeito diretamente às intervenções urbanas promovidas visando à recepção do evento, mas sugerem algumas considerações interessantes sobre o contexto em que essas crianças vivem, e como reconhecem e lidam com algumas consequências que essas intervenções produzem.

A FAVELA DA PAZ

O estádio de futebol é a materialização mais evidente da Copa do Mundo, o que significa, no caso de São Paulo, orientar o olhar para a Zona Leste da cidade, mais especificamente para o distrito de Itaquera, onde foi construído o Estádio do Corinthians, escolhido para receber a abertura e cinco jogos da Copa de 2014. A Favela da Paz, a menos de 1 km do estádio, viveu a influência direta dessa proximidade.

Ainda que não tenha sido originariamente previsto, o estádio passou a integrar o Polo Institucional de Itaquera, este sim planejado desde 2002, quando o plano diretor da cidade foi aprovado. Em comum com os outros equipamentos, o fato de que também foi concebido como “vetor” de desenvolvimento para a região. Em comum com o Parque Linear Rio Verde, outro dos equipamentos do Polo de Itaquera, a vizinhança com a Favela da Paz.

O projeto do Parque Linear Rio Verde estende-se ao longo dos 4,5km da margem do Córrego Rio Verde e visa recuperar o curso da água, o fundo do vale e a mata ciliar, aumentando sua área de drenagem, além de oferecer aparelhos destinados às práticas esportivas e às crianças. Simultaneamente, propõe captar 100% do esgoto lançado no córrego e remover todas as favelas localizadas em sua margem³. Uma primeira parte

3 As favelas que estão em risco de remoção no perímetro total do parque e o número aproximado de famílias nelas, são: a Maniel Ribas (15 famílias), a Favela da Paz (com dados que serão especificados a seguir), Miguel Inácio Curi I (500 famílias), Francisco Munhoz Filho (440 famílias), Lavios (400 famílias) e Senabria (5 famílias); e também, favelas nos afluentes do Rio Verde para a que está planejada remoção parcial: Maria Luiza Americano (550 famílias), Fequesia de Poiaras (47 famílias) e Jardim Marabá (137 famílias). Segundo os dados da prefeitura, o total de famílias removidas será de 2.394 (Subprefeitura de Itaquera, 2011).

do parque já foi concluída e inaugurada em novembro de 2013. Trata-se de uma área com salas multiuso, duas quadras poliesportivas, pistas para caminhada e de skate. Mas, para a continuação do trecho seguinte do parque, estava prevista a remoção de uma favela disposta bem em seu caminho, a Favela da Paz.

A Favela da Paz é uma ocupação que existe desde 1991 (para alguns moradores, desde 1994), e que nunca foi regularizada. Um dos motivos para isso, segundo o poder público, é que, além de a área ser considerada de proteção ambiental, parte das moradias foi construída às margens do Rio Verde, área de risco, portanto, e à mercê de enchentes. Essa condição de irregularidade é que é responsável por dar aos seus moradores uma condição perene de provisoriedade, com falta de coleta e tratamento de esgoto e iluminação adequada, levando a que boa parte de suas moradias sejam precariamente edificadas. Em medição realizada pela prefeitura no segundo semestre de 2013, foram constatados 377 domicílios com uma população total de 1.048 pessoas. A área ocupada é de 12.586, 66 m². Esse é o primeiro levantamento oficial e detalhado que se tem da favela, realizado exatamente no momento em que a favela ganhava visibilidade por meio da Copa de 2014.

Segundo um de seus líderes comunitários, por causa do parque, o risco de remoção sempre foi eminente:

"Sempre o argumento era o parque. Surgiu a ideia do parque na gestão do Kassab, acho que 2008 e 2009. Aqui na frente não era nada não, era um terreno que ficavam jogando coisa, um monte de entulho. Daí desapropriaram as casas lá, e ninguém sabia o que era. Daí a gente ficou preocupado. Começou um papo que vinha um circo para o lugar, depois um parque, daí depois que soubemos que era o parque linear. Daí foi que a coisa estourou mesmo, começou a pressão aqui." (P.)

A possibilidade de que o evento acelerasse as obras programadas no plano de desenvolvimento da Zona Leste e impactasse na remoção das favelas era esperada pelos movimentos sociais da região, conforme informações do Comitê Popular da Copa de São Paulo⁴. Porém, tornou-se possibilidade efetiva quando a desapropriação da Favela da Paz foi marcada para abril de 2013, sem que os moradores fossem avisados. Em contrapartida, a Prefeitura se dispunha a pagar uma bolsa aluguel, no valor de R\$ 300,00, às famílias com renda de até três salários mínimos (Resolução CMH n° 4, de 30 de janeiro de 2004). A remoção, no entanto, não aconteceu, em

4 Grupo formado por movimentos sociais e estudantes que discutiram formas de resistência aos possíveis impactos que o evento traria.

função das articulações dos líderes comunitários e do Comitê Popular da Copa junto ao Ministério Público.

Ainda coube ao Comitê Popular, em parceria com os moradores, criar um plano alternativo ao proposto pela Prefeitura em que propunham a reurbanização da favela, removendo apenas os moradores em área de risco. O plano alternativo não foi aceito, mas, ao final de 2013, a Prefeitura realizou o levantamento mencionado, cadastrou as famílias e garantiu que a população só deixaria a favela quando pudesse ser realocada para um conjunto habitacional preferencialmente na mesma região. A previsão de isto venha acontecer é 2016.

Embora a Copa de 2014 forneça nova coloração ao processo de expulsão das famílias da Favela da Paz – pois, embora a remoção estivesse prevista em função do parque linear, foi a vizinhança ao Estádio que a apressou, bem como foi a visibilidade promovida pelo evento que a retardou – esse é um processo comum ao crescimento da cidade de São Paulo e que vem se repetindo desde quando, na década de 1940, iniciou-se o processo de periferação da cidade. Aos investimentos públicos correspondem quase que imediatamente a valorização fundiária tornando difícil a apropriação do custo urbano pela população tradicionalmente residente.

No entanto, embora seja uma história conhecida, ela jamais foi analisada da perspectiva das crianças, um grupo quase sempre “silenciado”, no dizer de Martins (1997), quando se trata da pesquisa sociológica. Considero que as crianças possuem uma relação diversa com o espaço, distante daquela que, no dizer de Lefebvre (2013), produz o *espaço concebido*, ou seja, o espaço dos especialistas. O meu objetivo, portanto, é reencontrar esse mesmo espaço concebido – espaço planejado do parque linear – por meio da percepção e vivência das crianças entre 3 e 12 anos e, por meio do seu olhar, explicitar como vivenciam, e de maneira peculiar se posicionam, em relação ao risco de remoção de suas famílias.

A CRIANÇA COMO SUJEITO DA FALA

Sem pretender fazer um balanço exaustivo⁵, é possível dizer que boa parte da literatura que se dedicou a pensar a questão urbana no Brasil tratou das explicações e consequências do que foi consensualmente designado por “padrão de crescimento periférico” (Cymbalista, 2006; Frúgoli Jr., 2005; Marques e Bichir, 2001; Torres e Oliveira, 2001, apud. Nascimento, 2009). Resultante de análises de perfil, sobretudo, estrutural, concentrou-se em caracterizar o processo de produção do espaço urbano das metrô-

5 Cf., para isso, balanço feito recentemente por Frehse & Leite (2009).

poles brasileiras chamando atenção para o seu caráter disperso, segregado, tendo a casa própria e o modelo rodoviarista – com ênfase para o auto-móvel – como centrais na configuração do espaço metropolitano (Caldeira, 2000, p. 218).

Articulada à essa descrição, outro conjunto de estudos foi inaugurado para pensar os movimentos sociais que, principalmente a partir da década de 1980, emergiram na cena como atores essenciais à modificação do espaço urbano, tendo o Estado como interlocutor e as condições de vida nos bairros como objeto (Sader, 1988). Também aqui não é objetivo fazer extensiva discussão ou balanço desses estudos⁶, mas apenas dizer que a análise da questão urbana, ainda que pudesse apresentar variações de método ou de sujeitos, centrou-se na questão da exclusão social daqueles que não poderiam ter acesso à infraestrutura urbana e que, por isso, para além de se verem expropriados no ambiente de trabalho, se viam também espoliados no espaço da casa (Kowarick, 1979). A periferia se caracterizava assim como lugar por excelência do trabalhador que, não tendo condições de viver nas áreas centrais da cidade, reproduzia sua vida nas margens das metrópoles por meio de condições precárias de moradia.

A Zona Leste da cidade de São Paulo pode ser identificada como aquela que foi objeto desses estudos e que se caracterizou como região que se periferizou de maneira precária, haja vista a construção dos conjuntos habitacionais a partir da década de 1970, e que concentrou uma quantidade considerável de lutas sociais com vistas à reivindicação de urbanização onde só havia condições precárias de reprodução social. Atualmente, os investimentos que para lá se destinam e que são devedores da proposta de desenvolvimento prometida para a Zona Leste conforme seu plano diretor – confirmado com a aprovação da nova versão do plano diretor em 2014 – pretendem romper com essa visão de uma Zona Leste operária e periférica, superando o movimento pendular daqueles que seguem em direção ao centro da cidade todos os dias em busca do trabalho, mas também procurando negar a imagem que se construiu dessa região como “cidade dormitório”.

Porém, vale a pergunta, do ponto de vista dos filhos desses trabalhadores, poderíamos dizer que a região era uma/um “cidade/bairro dormitório”?

Nesse sentido, valem as considerações de Martins (1997) quando decidiu escutar as crianças ao estudar as disputas na frente de expansão, na fronteira da Amazônia. Segundo o autor, os cientistas sociais têm uma concepção bastante definida sobre quais são as fontes respeitáveis. Por

6 Cf. para balanço recente Lavallo (2003).

exemplo, "entre o depoimento do chefe de família e o da empregada doméstica dirão que o primeiro é mais completo e mais seguro, quando se tratar de um estudo em que a família for considerado o 'sujeito' da investigação" (Martins, 1997, p. 115). A sociologia demarca com precisão o terreno dos juízos de valor e o terreno dos juízos de realidade, distingue entre conhecimento de senso comum e conhecimento sociológico. A tarefa do pesquisador muitas vezes é "descobrir os processos objetivos, as significações objetivas (...) que se ocultam sob acontecimentos da superfície" (p.116). É tendência, portanto, o cientista social buscar os informantes que acredita estarem no centro dos acontecimentos, que possuem certo domínio das ocorrências e que, portanto, podem oferecer uma visão mais ampla do objeto em questão. Assim, a sociologia termina por constituir como sujeito de escuta "o líder local, os dirigentes, os chefes de família, o adulto" (p.118). No entanto, ao produzir sujeitos legítimos da fala, configura, por exclusão, uma parcela silenciosa, traçando uma diferenciação social entre os que falam e os que silenciam. Os que silenciam "foram calados, excluídos e marginalizados das tribunas da vida, obrigados a dissimular o seu dizer no gesto e na metáfora" (p.119). Quando são escutados são tratados como referências apenas na sua condição específica, "não se reconhece neles, como se reconhece nos outros, a condição de autores de falas da universalidade do homem".

O termo "cidade/bairro dormitório" é revelador de uma dinâmica social no espaço, a dinâmica do trabalhador que se desloca da periferia em direção ao centro e no final do dia volta à sua casa, à periferia, portanto. A partir das considerações de Martins é possível constatar que esse termo acaba "silenciando" outra perspectiva, daquela população que também partilha as mesmas questões envolvendo esse mesmo espaço, mas que, diferente da figura do trabalhador, não se desloca diariamente. Aqui se descortina um grupo social interessante tanto para refletir sobre a história da urbanização como para a questão que nos colocamos sobre a Favela da Paz: as crianças.

Vale frisar que não apenas nos estudos sociológicos sobre o universo urbano as crianças são um grupo pouco recorrente, como na Sociologia em geral. O primeiro levantamento sobre estudos que tomaram as crianças como foco, e a constituição de um campo próprio, a Sociologia da Infância, ocorreu apenas em meados dos anos 1980. E os sociólogos que estudam esse grupo se reuniram pela primeira vez em 1990 no Congresso Mundial de Sociologia (Quinteiro, 2002, p. 138).

O conceito que em grande parte centraliza o debate presente na Sociologia da Infância é o de socialização. A concepção mais tradicional do conceito é a da "imposição de padrões sociais à conduta individual" (Ber-

ger & Berger, 1973, p. 204). Porém, a produção no âmbito desse campo caminha numa reflexão oposta a considerar a criança como objeto passivo de uma socialização orientada por instituições ou a família, por exemplo. Pesquisadoras como Regina Sirota (2001) e Cléopâtre Montandon (2001) apontam para uma construção social que parta da própria criança e exige, portanto, uma reelaboração do conceito de socialização (Quinteiro, 2002, p. 139). Outros autores, numa reafirmação dessa não passividade da criança, consideram que o termo socialização está imbricado em teorias de reprodução e manutenção da ordem social, portanto, propõem outras nomenclaturas em busca de fundar um campo próprio da Sociologia da Infância (Grigorowitschs, 2008, p. 3).

Não me proponho aqui assumir essa discussão frontalmente, mas considerar algumas pontuações para balizar meu olhar em relação as crianças. Vale, nesse sentido, a citação de Sarmento:

“a consideração das crianças como actores sociais de pleno direito, e não como menores (...) implica o reconhecimento da capacidade simbólica por parte das crianças e a constituição das suas representações e crenças em sistemas organizados, isto é, em culturas. (...) Os estudos da infância, mesmo quando se reconhece às crianças o estatuto de atores sociais, tem geralmente negligenciado a auscultação da voz das crianças e subestimado a capacidade de atribuição de sentido às suas ações e aos seus contextos. (...) As culturas infantis assentam nos mundos de vida das crianças e estes se caracterizam pela heterogeneidade.(...) A interpretação das culturas infantis, em síntese, não pode ser realizada no vazio social e necessita de se sustentar nas análises das condições sociais em que as crianças vivem, interagem e dão sentido ao que fazem” (1997, p. 20-22 apud Quinteiro, 2002).

É assumindo essas considerações que proponho o acesso às crianças a partir de uma dimensão imediata entre o pesquisador e as crianças pesquisadas. Ainda que inspirado na noção goffmaniana de “situação” – ambiente espacial completo em que, ao adentrar, os indivíduos configuram um “ajustamento” caso duas ou mais pessoas estejam presentes (Goffman, 2010, p.19) – e também em sua noção de “região” (Goffman, 1989, p.101), pretendo com o termo dimensão imediata algo menos elaborado. Busco apenas dar conta daquilo que espacialmente e fisicamente está próximo, acessível ao indivíduo a partir de uma experiência incorporada, localizada apenas como tempo presente, como “agora”, e por isso, imediata. A dimensão imediata é o raio acessível à percepção do indivíduo, indiferente à categoria informacional da qual possa ser receptor (seja visual, sonora etc.), e que, simultaneamente, configura um sentido; e independente de

ter ou não outro indivíduo compartilhando o mesmo espaço, ainda que a percepção seja condicionada por relações precedentes e compartilhadas. Proponho por dimensão imediata a designação simultânea de uma posição espacial e temporal⁷.

É a partir dessa posição que o pesquisador abre-se para o contexto no qual vivem as crianças, resignificado pela própria pesquisa. Foi possível refletir como o espaço é mediação de formas, portanto, ele mesmo conteúdo de socialização. Nesse sentido, tem um significado que “acontece” por meio e no momento da interação entre as crianças. Com essa contínua produção de formas compartilhadas, a importância que o espaço ganha para as crianças permite que elas estabeleçam alguns entendimentos compartilhados também em relação às intervenções no espaço em que moram, se contrapondo, muitas vezes, àquele dos seus pais, pois que posições alimentadas, sobretudo, pelo valor que essas formas de interação com o próprio espaço geraram para elas.

A DIMENSÃO IMEDIATA DA PERCEPÇÃO DAS CRIANÇAS DA FAVELA DA PAZ

Com uma população de 309 crianças entre 0 a 12 anos de idade, e 104 jovens entre 13 a 17 anos, segundo o primeiro levantamento realizado na Favela da Paz pela prefeitura em 2013, o universo da pesquisa foi mais reduzido e privilegiou somente as crianças e não os adolescentes. Tive contato com cerca 40 crianças, sendo que 13 se tornaram interlocutores mais próximos, 12 delas tiveram uma participação menos contínua e 14 apenas participaram das atividades de desenho. Além do desenho, utilizei como método a observação participante, entrevistas individuais e em grupo.

Essas técnicas metodológicas foram aplicadas num único espaço, nomeado pelos moradores de a “quadra” da Favela da Paz, talvez por ser um espaço quadricular em torno do qual as casas estão dispostas. Estabeleci contato com as crianças que a frequentam principalmente durante a tarde, depois do período de aula. A “quadra” também evidenciou-se centralidade para tudo aquilo que diz respeito às atividades destinadas à favela, como os informes dados pela prefeitura, as ações de igrejas, dos movimentos sociais, festas etc., podendo ser descrita como o espaço público por excelência no “coração” da favela.

⁷ Ainda que assumindo a “quadra” como lugar de estabelecimento do trabalho de campo, é possível dizer que o raio que abrange a *dimensão imediata* do pesquisador é bastante amplo, pois permite também que observar a interação entre crianças que não estão participando diretamente das atividades propostas.

Foi numa dessas "ocasiões sociais"⁸ no espaço da "quadra" que tive o primeiro contato com as crianças. Era um evento organizado pelo Comitê Popular da Copa, não só para reunir os moradores, mas apresentar teatro e atividades de brincadeira com as crianças. A partir desse evento, tornei-me referência para as crianças (e também para os adultos). Talvez porque eu possuísse cabelos compridos, todas as minhas idas seguintes à favela vinham seguidas de questões sobre quando novamente haveria apresentação de teatro. Constituiu-se, a partir daí, o que, a partir de Goffman, poderia nomear de pesquisador "incorporado" (2010, p.24), pois a relação que estabeleci com as crianças nasceu de um nível de comunicação e expressão corporais que ocorre apenas enquanto o corpo está presente, e que, por isso, produz "dados de campo" de qualidade própria e diversa.

As crianças pesquisadas possuem uma rotina bastante semelhante: acordam, vão para a escola, participam de atividades variadas durante a tarde num núcleo sócio-educativo próximo e, depois, retornam à Favela da Paz. Entre as crianças entrevistadas, muitas delas passam o dia juntas, estudam na mesma escola e participam das atividades no mesmo núcleo socio-educativo. Ao retornarem para a favela, vão para casa, tomam banho, e depois ou percorrem as vielas da favela ou se "estabelecem" na "quadra" ou no "Ferrolho"⁹, nome que as crianças dão ao Parque Linear. Portanto, a interação entre elas extrapola o momento da recreação. Por isso que, por meio dela, foi possível identificar tensões produzidas nesses outros momentos.

As crianças entrevistadas no período posterior às aulas se estabelecem na quadra sem o acompanhamento próximo de adultos. Essa liberdade de olhar vigilante do adulto aparece na forma comum de ver crianças pequenas cuidando de crianças ainda menores. Foram poucas as vezes em que presenciei alguma interação entre um adulto e uma criança. Assumindo a mesma perspectiva das crianças, compartilhando com elas o mesmo espaço, pude perceber que, do ponto de vista delas, os adultos estão sempre de passagem. Portanto, na quadra elas não são menores, mas estão no centro mesmo da ação social, centralidade constituída pela ausência mesma dos adultos. Isso não quer dizer que os adultos não façam parte da vida das crianças, pois que era bastante comum apontarem outros parentes que passavam pela quadra, como primos, irmãos etc., mas também tios, avós, ou que vinham em visita a parentes ou que moravam ali mesmo, na Fave-

8 Segundo Goffman, a "ocasião social" é um acontecimento, realização ou evento social mais amplo, limitado no espaço e no tempo e tipicamente facilitada por equipamentos fixos – uma ocasião social fornece um contexto social estruturante da relação (2010, p.28).

9 A partir das crianças não foi possível identificar de onde partiu essa nomeação para o Parque Linear Rio Verde. Segundo um dos líderes comunitários, ele acredita que o nome "Ferrolho" é referência a um time de futebol de várzea da região.

la da Paz. O adulto também aparecia quando se tratava de localizar uma criança ausente naquele dia: "está na casa da tia", "está na casa da avó". Mas quando na quadra, o espaço se constituía quase que exclusivamente delas.

Portanto, foi nessa dimensão imediata das crianças que foi possível reconhecer na própria "quadra" as transformações relacionadas às intervenções urbanas esperadas na região. Quando interrogadas sobre a possibilidade de remoção e do que mais sentiriam falta, fui surpreendido por respostas que apontavam sobre aquilo que já lhes fazia falta: "Que a quadra fosse que nem antes" (R., 9 anos); "Aqui era uma quadra de futebol" (G., 9 anos) e "Antes aqui não era assim com muita casa e estacionamento de carro. Aqui tinha uma quadra mesmo. Daí tiraram a trave e ficaram construindo casa" (C., 9 anos).

Por meio das mudanças que identificaram no espaço de que elas podiam se assenhorar, as crianças remetiam a uma consequência direta da possibilidade de a favela ser removida. Entre 2012 e 2013, inúmeras novas famílias se instalaram na Favela da Paz, almejando o cadastramento no programa habitacional de forma a garantir seu "apartamento", o que gerou um boom de novas construções e sublocações da favela¹⁰. Foi nesse momento que o que era efetivamente uma quadra, se tornou uma "quadra". A quadra não só das novas casas e dos carros, como também a quadra onde passaram a ocorrer reuniões do Comitê Popular da Copa, onde passaram a ocorrer protestos, como foi retratado num dos desenhos realizados pelas crianças.

Embora a fala remeta a um outro momento da "quadra", quando dela podiam se apropriar sem obstáculos, explicitando as intervenções cotidianas no espaço em decorrência de uma dinâmica que lhes é pouco conhecida – para elas, algo que aconteceu "de uma hora para outra" – no momento posterior já estão brincando naqueles mesmos obstáculos que então pareciam lhes ter desagradado. Os carros estacionados – "aí colocaram os carros" (G., 9 anos) – se transformam em esconderijos perfeitos para a brincadeira de "esconde-esconde" que, como demonstrarei, é a brincadeira de que mais gostam.

10 A produção do espaço decorrente da valorização da expropriação imobiliária também gera um aumento da população da favela: em conversas informais com moradores, o risco da remoção é ao mesmo tempo encarado como possibilidade de ir para um lugar melhor ou ganhar algum tipo de assistência do governo. Novas famílias chegaram à favela, o que se evidencia pelo número bastante expressivo de barracões construídos desde o início da pesquisa de campo, outras, ainda sem barraco ou possibilidade de construir, se instalam por preços mais baratos onde arranjam espaço – até mesmo no bar que fica na quadra central da favela, lá duas famílias dormiam depois que o bar fechava. Nas palavras do próprio Lefebvre: "O modo de produção organiza – produz – ao mesmo tempo que certas relações sociais, seu espaço (e seu tempo)." (2013, p.128).

Também as casas que foram construídas visando o cadastro da prefeitura, passada essa época, ficaram abandonadas e passaram a ser apropriadas pelas crianças por meio de suas diversas brincadeiras. Nesse sentido, se a "quadra" já não é mais como era antes, as crianças, por meio do brincar, tornam positivo aquilo que era enxergado como negativo, e a "quadra", na sua nova configuração, passa a ser novamente delas, porque, como diz C., 9 anos, "a gente sobe lá naquela laje" (C., 9 anos), demonstrando altivez na sua relação com o espaço modificado.

A facilidade com que as crianças redefinem o espaço tornando-o seu, submetendo-o a sua vontade, não só é expressão de uma outra forma de compreender a transformação do espaço, subordinada que está à sua brincadeira, como do domínio que dele possuem. Isso fica evidente na maneira com que exibem a destreza sobre os obstáculos que, conforme transparece em suas falas, seriam previamente considerados perigosos pelos adultos. O adulto, neste caso, representado pelo próprio pesquisador que se via constantemente desafiado a intervir em situações de risco eminente, todo o tempo impedido por outras crianças que informavam com desdém: "ele sabe o que faz". Assim, muitas crianças se penduravam em lugares visivelmente arriscados para provocar não só as demais crianças, mas a mim, que olhava com apreensão essas demonstrações de risco. Outros, para não ficar atrás, contavam peripécias ocorridas em outros momentos: "Não tem aquela grade grandona do Ferrolho? Eu fiquei subindo lá, aí eu fui lá e pulei. Eu não pulei da grade G.? (pedindo confirmação de outro garoto) Aí eu pulei de lá e bati minha cabeça." (J., 8 anos). Outros menores também se arriscavam, subindo escadas sem proteção, de forma a provar aos mais velhos o mesmo domínio sobre o espaço. Diante de sustos meus contantes, a frase arrematadora: "ele sabe o que está fazendo".

De alguma forma, por meio da brincadeira, as crianças ao mesmo tempo evidenciavam pleno domínio do espaço e desdenhavam, com isso, a noção do perigo. A transformação da "quadra" se transformou em obstáculo lúdico, as inseguranças diárias, em domínio pleno do perigo, na certeza, como diria J., 8 anos, de que podem acionar "super-poderes". Pois assim explica porque resolveu subir na grade do Ferrolho: "Eu pensei que eu era o homem-aranha".

Essa brincadeira diária demonstra como o espaço é redefinido a todo instante a partir da configuração que atribuem a ele, produzindo novos significados, muitas vezes dando nova função ao que é funcionalmente diverso. Assim pude observar a brincadeira que faziam tendo o metrô como referência. Os trilhos que levam o carro do metrô para a área de descanso – Itaquera é a última estação da linha vermelha – passa por sobre toda a extensão de um dos lados do terreno da Favela da Paz. Quando chega o

final da tarde, pois “de manhã não passa” (T. 9 anos), e o sol se põe atrás dos trilhos, o trem produz, ao passar, na vazão entre um vagão e outro, uma alternância de sombra e luz que se projeta sobre a parede. O efeito lúdico se transforma “no negócio de pular o trem” (G., 9 anos), ou seja, saltar a luz toda a vez que ela se alterna à sombra.

Esse jogo de luz e sombra apropriado pela criança, com pleno domínio sobre sua alternância, também está presente no jogo de que mais gostam, o esconde-esconde. Neste caso, a brincadeira é preferida porque podem correr por todo o espaço da “quadra” – “eu gosto de coisa de correr.” (C., 10 anos) – ainda que outras brincadeiras possam oferecer a mesma diversão. Mas, neste caso, como já houve oportunidade de dizer, também a alternância entre luz e a sombra, como o trem do metrô refletido na parede da Favela da Paz, pode ser plenamente dominada. Neste caso, trata-se não só de demonstrar domínio dos obstáculos que vieram se apropriar indevidamente do espaço da “quadra”, como também demonstrar domínio sobre os espaços sombreados da Favela por oposição aos seus espaços de luz, camuflando-se de forma a evidenciar plena apropriação do e integração ao espaço que se lhes oferece para a brincadeira. Trata-se de se misturar à paisagem – depende de encontrar o melhor esconderijo.

Suplantar o adverso – os obstáculos que se interpuseram no momento do cadastro modificando a “quadra”; – dominar o perigo – representado pela grade do Ferrolho, do Parque Linear, portanto, ameaça cotidiana da remoção da favela – tornar lúdica a alternância entre sombra e luz – e fazer da sombra o esconderijo perfeito para dominar o espaço, assim se constrói cotidianamente, por meio da brincadeira, a perspectiva das crianças sobre o seu espaço. É deste lugar que param para pensar sobre o significado da remoção da favela.

A remoção não é algo que se apresenta cotidianamente para elas. Como procurei demonstrar, a remoção lhes aparece por meio da apropriação pela brincadeira do que é estranho a ela. E são elas, que postas à sombra – escondidas – mais dominam, porque escondidas, o espaço. A remoção é, portanto, interveniência, primeiro, porque é na “quadra” que se constituem as “ocasiões” públicas de informação sobre o futuro da Favela: é ali que se reúnem os moradores, é ali que o Comitê Popular da Copa faz protesto, é ali que se reúnem os movimentos sociais. Portanto, elas, neste momento esporádico, quando a “quadra” deixa de ser delas, sabem que algo está se passando, embora não saibam muito bem o quê. Assim é que quando indagadas por mim sobre o motivo da remoção, oscilaram em atribuir a responsabilidade ao Parque ou ao Estádio. Algumas lembram o que era a área do parque antes da primeira fase ter sido concluída: “Lá era tipo uma horta do vó da minha amiga, daí quando acabava a água a

gente contava com ele, ele deixava a gente pegar água." (K., 8 anos). Outras dizem que com essas obras "a gente já tinha percebido que a favela ia sair antes." (K., 8 anos). Mas outras ainda consideram que é o estádio que as tirará de lá: "A gente vai sair daqui por causa do estádio, vai ter estacionamento aqui." (C., 9 anos).

Mas também, por meio de seus pais, conhecem a possibilidade de terem de sair dali. Neste caso, também oscilam. Um dos meninos mais participativos, em inúmeras entrevistas repetia que o sonho dele era sair de lá e ir morar na casa da avó em Minas Gerais. Posteriormente, questionando sobre o que a família achava de sair de lá, o menino disse que o pai é que queria ir para Minas. Isso ocorreu também quando as famílias foram cadastradas e a possibilidade de saírem da favela ganhou alguma dimensão: "Aí a gente tá muito feliz, minha mãe tá muito feliz que a gente vai embora." (E., 8 anos). Mas foi numa das últimas idas para a realização das atividades de campo, que um dos meninos disse, enquanto outros expressavam o desejo de sair da favela: "Eu não queria sair daqui não" (R., 9 anos). A frase surgiu como uma irrupção frente as outras que mais uma vez afirmavam a vontade de irem embora. Questionado do motivo de querer ficar, o menino respondeu: "Porque aqui é mó da hora. Lá no apartamento a gente vai ter que ficar quietinho, não vai poder fazer barulho." (R., 9 anos), seguido por uma menina: "O mais legal daqui são as pessoas." (T., 9 anos).

Colocadas à sombra dos pais, neste lugar marginal em que as crianças estão comumente, da perspectiva do olhar adulto, a apreensão aparece claramente na fala das crianças. Neste caso, pouco podem fazer em relação à sua decisão. Mas quando o mundo adulto deixa a quadra, quando os movimentos, a prefeitura, as reuniões intervenientes, esporádicas, abandonam a "quadra" às crianças, quando os adultos estão ausentes, então demonstram pleno domínio sobre o espaço, domínio sobre sua transformação, sobre o perigo eminente, sobre a sombra que se alterna à luz. E é da sombra que conseguem divisar a perspectiva esperançosa de que, haja o que houver, serão capazes de lidar com as alternâncias de luz e sombra que o trem do metrô lhes impôs, demonstrando destreza no "negócio de pular o trem".

.....

OPERAÇÃO “DELEGADA” PELA FIFA: GÊNESIS E SEUS DESDOBRAMENTOS¹

Eduardo Parras Zambo²

A OPERAÇÃO DELEGADA

É inegável que um megaevento com as proporções da Copa do Mundo será impactante em todo o país. Um dos setores mais demandados, neste caso, é, sem dúvida, a segurança pública. Atento a isso, o Governo Federal, por meio do Plano de Segurança para o Mundial de 2014, informou que os recursos destinados a montar o esquema de segurança para a Copa serão de R\$ 1,9 bilhão³, dinheiro que será usado para a compra de equipamentos e no treinamento de policiais e outros agentes de segurança que vão atuar no evento. Devemos ressaltar, no entanto, que a questão da segurança pública nos megaeventos, além de permear questões de caráter estritamente institucional, como investimento em infraestrutura, perpassa também por questões relacionadas ao aspecto cotidiano da segurança nas cidades-sede.

Decretada e promulgada em lei, em 11 de Setembro de 2009, pelo então prefeito de São Paulo, Gilberto Kassab, a Operação Delegada é um convênio firmado entre a Prefeitura Municipal de São Paulo e o Governo

1 Este artigo apresenta o resultado parcial da pesquisa de Iniciação Científica, ainda em andamento, financiada com bolsa do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação Científica do CNPq (PIBIC-CNPq), articulada à pesquisa sobre *Metropolização e os Megaeventos: o impacto da Copa de 2014 e das Olimpíadas de 2016*, financiada pela FINEP, coordenada em São Paulo pelo Observatório das Metrôpoles-SP, e nacionalmente pelo Observatório das Metrôpoles-RJ (IPPUR-UFRJ). Agradeço ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) pela bolsa de estudos a mim concedida.

2 Graduando do Curso de Ciências Sociais da Faculdade de Ciências Sociais da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP).

3 Disponível em: <http://www.copa2014.gov.br/pt-br/noticia/governo-federal-detalha-os-investimentos-feitos-no-pais-para-a-copa> (acesso em: 09/2013)

Estadual para que policiais militares trabalhem para o município em seus horários de folga, fardados, armados e sob o comando da PM, tendo, por contrapartida, uma compensação econômica em favor do agente público estadual, que acabará por ter mais atribuições do que as originariamente previstas para o desempenho de seu cargo.

Inicialmente restrita aos bairros centrais da capital, tal operação tinha como principal objetivo o combate ao comércio informal e à venda de produtos falsificados, além de reforçar o patrulhamento ostensivo. Justificada pelo princípio de cooperação entre entes federados, a operação delegada atribuiu a responsabilidade de fiscalizar o trabalho informal, antes municipal, para o Governo Estadual, alegando, assim, uma melhor gestão do serviço público de segurança. A delegação de responsabilidades municipais ao Governo do Estado, além de seus respectivos resultados, agradou a prefeitura de São Paulo que, em abril de 2011, decidiu ampliar o raio de alcance da Operação para toda a cidade.

Popularmente conhecida como “bico oficial”, tal operação, além de reprimir vendedores ambulantes, buscava regularizar a conduta dos policiais militares que, apesar de proibidos pelo regime de trabalho da PM de praticar outras atividades remuneradas – exceto as relativas ao ensino e à difusão cultural – costumavam, durante os períodos de folga, realizar trabalhos alheios à corporação, denominados pelos próprios policiais como “bico”.

Além disso, a Operação Delegada foi anunciada pelo Estado como oferecendo benefícios ao cidadão – que, então, poderia usufruir das calçadas sem obstruções – e aos lojistas – que não mais teriam a competição dos ambulantes localizados em frente de suas lojas. Contudo, em tempos de Copa, devemos atentar, minuciosamente, para os motivos que contribuíram para o poder público adotar tais medidas.

A OPERAÇÃO “DELEGADA” PELA FIFA

O contrato assinado para a Copa do Mundo de 2014 entre a FIFA, o Comitê Organizador Local (COL) e as cidades-sede, de caráter puramente regional, conhecido como *Host City Agreement*, estabeleceu os respectivos direitos e obrigações das partes com referência ao megaevento. Firmado em 10 de setembro de 2011, o contrato de São Paulo trata de questões das mais diversas vertentes, tais como o programa de decoração da cidade-sede, estádios e campos de treinamento, segurança e proteção, além de um programa de proteção aos direitos de exclusividade da FIFA. No que diz respeito a esse último ponto, a FIFA esclarece que pretende desenvolver, em colaboração com o COL e as autoridades governamentais nacionais e regionais competentes, um plano estratégico de proteção de

direitos para combater atividades de Marketing de Emboscada, garantindo assim os interesses da FIFA e de seus parceiros comerciais.

No início do contrato, a FIFA define o Marketing de Emboscada como "qualquer tentativa, por parte de qualquer entidade não autorizada, de explorar a imagem nas competições ou obter associação com a FIFA [...]" (*Host City Agreement*, p. 3). Aliás, é um dever da cidade-sede, exposto no tratado, "providenciar à FIFA e ao COL toda assistência requisitada para proteger os Direitos de Marketing, Direitos de Mídia e todos os outros direitos de propriedade intelectual relativos à competição (incluindo mercadorias falsificadas)" (*Idem*, p. 25).

Além disso, São Paulo deverá, como previsto no contrato citado, "decretar, sob as instruções da FIFA e em total cooperação com a FIFA e o COL, estatutos e/ou decretos e/ou regulamentações municipais apropriadas que possam ser exigidos, entre outros, para darem suporte à legislação governamental nacional, que proíbe qualquer ato de Marketing de Emboscada e/ou qualquer uso não autorizado das marcas da competição, incluindo, sem limite, estatutos e/ou decretos e/ou regulamentações que permitam aos representantes autorizados da FIFA imediatamente confiscarem qualquer material e/ou pararem qualquer atividade que constitua um ato de Marketing de Emboscada ou que transgridam a marca da competição. Tais estatutos ou decretos municipais deverão ser decretados não após 9 (nove) meses posterior à seleção da cidade-sede pela FIFA". Ademais, "deverá providenciar à FIFA e ao COL um resumo detalhado por escrito das leis, regulamentações e decretos locais da cidade-sede relativos à propaganda e venda na rua não após 6 (seis) meses à designação da cidade-sede" (*Idem*, p. 26).

A escolha da FIFA, que designou o Brasil como sede da Copa do Mundo de 2014, aconteceu em cerimônia realizada no dia 30 de outubro de 2007. No entanto, o anúncio de escolha das cidades-sede só ocorreu dois anos mais tarde, no dia 3 de maio de 2009, em cerimônia realizada nas Bahamas. Aliás, foi nessa mesma cerimônia que São Paulo foi a cidade escolhida, entre todas as demais cidades-sede, para palco de abertura da Copa. Portanto, para cumprir os acordos firmados com a FIFA e com o COL, São Paulo teria um prazo de nove meses, a partir do anúncio, para estabelecer estatutos ou decretos que se alinhassem com o programa de proteção de direitos da FIFA. Como mencionado, a operação municipal de combate aos vendedores ambulantes foi promulgada em 11 de setembro de 2009, ou seja, quatro meses após o anúncio da cidade e dentro do prazo estipulado pela FIFA.

Além disso, consta também no contrato das cidades-sede que São Paulo "deverá assegurar que um número apropriado de agentes do departa-

tamento de polícia, alfândega, normas comerciais e de propaganda das cidades-sede esteja à disponibilidade da FIFA e/ou do COL para receberem treinamento adequado com antecedência substancial em relação à competição, ao permitir que eles se familiarizem com o objetivo do Programa de Proteção de Direitos" (Idem, p 26). Embora a FIFA não especifique a quantidade de policiais que considera apropriado incorporar ao programa, considerando apenas o caso da Operação Delegada, segundo a prefeitura, no início de 2010, a medida contava com 1.200 policiais militares. No entanto, com a ampliação da operação para toda a cidade, a expectativa era de que este número atingisse 3.500 policiais⁴.

Apesar de o contrato da cidade-sede ter sido assinado antes mesmo da escolha das cidades que sediarão os jogos, uma cláusula do contrato prevê que as exigências da FIFA a respeito da competição podem evoluir ou mudar durante o prazo de contrato da cidade-sede. Dessa forma, o COL e a Prefeitura de São Paulo oficializaram, em 16 de março de 2011, outro contrato que contemplava as novas exigências da FIFA. Contudo, tais alterações não transformaram radicalmente o contrato, apenas foram estipuladas novas datas e pequenas anexações.

Considerando o apoio ao programa de proteção de direitos da FIFA, o contrato sofreu apenas mudanças sutis, porém, fundamentais para relacionarmos a aplicação da Operação Delegada às exigências da FIFA. Com relação à cláusula que se refere à responsabilidade de São Paulo designar pessoal competente, em tempo integral, para auxiliar a FIFA e o COL na implantação do programa, acrescentou-se que este pessoal "deverá executar ações de coação contra atividades ilegais de terceiros, de forma razoável e apropriada e dentro do escopo das leis e regulamentações vigentes, em particular na vizinhança do estádio" (*Host City Agreement*, p. 55). Além dessa mudança, outro item com relação ao programa de proteção de direitos foi alterado. O acordo que atribuía a responsabilidade de São Paulo em estabelecer, sob as instruções da FIFA, estatutos e/ou decretos e/ou regulamentações municipais apropriados, já mencionado neste texto, teve seu prazo alterado. Anteriormente, tais medidas deveriam ser decretadas não após nove meses da escolha da cidade como sede. No entanto, tal limitação de tempo foi estendida, mais precisamente, para o período não após 30 de junho de 2011.

Após a alteração do contrato, realizado em março de 2011, estabelecendo novas diretrizes ao acordo e exigindo a ampliação do apoio ao programa de proteção de direitos da FIFA, em particular próximo à região do

4 Disponível em: http://prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/subprefeituras/m_boi_mirim/noticias/?p=21138 (acesso em 10/2013).

estádio, as primeiras providências foram tomadas pela prefeitura. Em seu *site*, a Prefeitura da cidade de São Paulo, por intermédio da coordenação das subprefeituras, anunciou, no dia 8 de abril de 2011, que, em parceria com o Governo do Estado, havia decidido ampliar a Operação Delegada para toda a cidade⁵. Entre aquelas subprefeituras que passariam a receber apoio da Operação, estava a que incluía o Distrito de Itaquera, exatamente onde está localizado o estádio que receberá a abertura da Copa.

Embora o anúncio de ampliação da Operação Delegada tenha sido feito em abril de 2011, outra notícia divulgada pelo *site* da prefeitura, por meio da secretaria de comunicação, anunciava a chegada da Operação Delegada exclusivamente em Itaquera. O informe é datado de 13 de maio de 2011, ou seja, novamente seguindo as recomendações da FIFA e no prazo por ela estipulado. No entanto, não há nenhuma referência à Copa do Mundo, muito menos à FIFA. No *site*, a justificativa para tal procedimento sempre ressalta a fiscalização reforçada para coibir o comércio irregular e aumentar a segurança da população local. Na matéria, em uma breve explicação da Operação Delegada, consta que “o programa da Prefeitura também implantado nas outras 30 Subprefeituras tem por objetivo combater o comércio ilegal de mercadorias em praças, ruas e calçadas, devolvendo os logradouros públicos aos pedestres”. Ainda com referência à vizinhança do estádio, a prefeitura de São Paulo destaca que “na terça-feira (10/5/2011), a área do Metrô, outro local de grande concentração de comércio irregular ambulante, também foi ocupada por policiais militares da Operação Delegada”⁶. De acordo com a construtora Odebrecht, responsável pela construção do estádio, apenas 500 metros separam a Estação Corinthians Itaquera do palco de estreia da Copa do Mundo⁷.

A EXCLUSÃO DO TRABALHO INFORMAL

Durante o mandato de Kassab⁸, outros instrumentos de iniciativa municipal foram implantados com o mesmo propósito da Operação Delegada, ou seja, o combate aos vendedores ambulantes. Seguindo as instruções da FIFA, a prefeitura de São Paulo se responsabilizou em sancionar estatutos, decretos ou regulamentações municipais apropriadas para controlar o co-

5 Disponível em: http://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/subprefeituras/m_boi_mirim/noticias/?p=21138 (acesso em 10/2013)

6 Disponível em: <http://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/comunicacao/noticias/index.php?p=110738> (acesso em 10/2013)

7 Disponível em: <http://epocanegocios.globo.com/Revista/Common/0,,ERT262658-16357,00.html> (acesso em 10/2013)

8 Gilberto Kassab exerceu dois mandatos na Prefeitura de São Paulo: o primeiro, em substituição a José Serra (PSDB), de março de 2006 a 2009, quando então foi eleito para segundo mandato em 2010, ficando no cargo até 2013.

mércio ambulante. No entanto, foi mais além e anunciou a revogação de um decreto municipal que permitia o trabalho informal em determinadas regiões do centro da cidade, os bolsões ambulantes.

Justificada praticamente pelos mesmos motivos da Operação Delegada, a revogação do Decreto foi publicada em 19/5/2012 e diz considerar "a necessidade de adoção de medidas que melhor garantam a urbanidade e o bem-estar da população local, possibilitando a reordenação do espaço público, assegurando a acessibilidade aos pedestres e preservando a paisagem urbana e o patrimônio histórico". Além disso, ainda ressalta como motivação para tal medida "as dificuldades enfrentadas para a regulamentação e controle do comércio ambulante, direcionando-se a Administração para soluções mais condizentes com a dignidade da pessoa humana, mediante a articulação das ações e políticas públicas integradas em âmbito municipal, visando à formalização da atividade empreendedora na Cidade"⁹.

Assim, dando continuidade à política de erradicação dos trabalhadores informais, a prefeitura de São Paulo, simultaneamente à revogação do Decreto, suspendeu qualquer legislação que regularizasse ou autorizasse a atividade de trabalhadores informais em ruas da cidade. Dessa forma, os vendedores ambulantes que trabalhavam legalmente em São Paulo tiveram seus Termos de Permissão de Uso¹⁰ cassados¹¹.

À prática de combate aos vendedores ambulantes, que teve seu potencial repressivo ampliado pela Operação Delegada, aliada às maiores restrições no uso do espaço público, soma-se a política da Prefeitura de São Paulo de não mais emitir as permissões (TPU) para que trabalhadores ambulantes exerçam suas atividades na cidade¹². Decorrentes de tais limitações na prática de comércio informal, a quantidade de vendedores ambulantes foi se reduzindo constantemente. Em notícia divulgada pelo *site* da Defensoria Pública do Estado de São Paulo¹³, consta que, em 2009, o município tinha 4.600 camelôs legalizados. No início de maio de 2012, a Prefeitura de São Paulo informou ao Ministério Público haver 558 deles.

9 Decreto Municipal nº 53.154, de 18 de maio de 2012.

10 Popularmente conhecido como TPU, é um documento que permite a instalação de um comércio ambulante em vias e logradouros públicos.

11 Diante da resistência dos trabalhadores ambulantes, a Defensoria Pública do Estado de São Paulo entrou com uma Ação Civil Pública, questionando a medida adotada pela prefeitura de São Paulo. Através de uma liminar concedida pelo Tribunal de Justiça de São Paulo, ficou suspensa a medida que proibia o trabalho informal legalizado na cidade, garantindo parcialmente a volta dos ambulantes ao trabalho.

12 A partir do decreto N.º 45.683/2005, o então prefeito de São Paulo José Serra suspendeu a concessão de novos TPU's, prática seguida pelos prefeitos que o sucederam que, através de portarias, anualmente suspendiam a emissão de novas permissões.

13 Disponível em: <http://www.defensoria.sp.gov.br/dpesp/Conteudos/Noticias/NoticiaMostra.aspx?idItem=40063&idPagina=3178> (acesso em 10/2013)

NA GESTÃO HADDAD...

Considerada uma das principais vitrines eleitorais durante o segundo mandato de Gilberto Kassab, a Operação Delegada sofreu diversas alterações desde que Fernando Haddad assumiu a prefeitura de São Paulo, em janeiro de 2013. Logo nos primeiros meses de mandato, Haddad informou que o escopo da Operação seria reformulado, anunciando que “além de auxiliar no combate ao comércio irregular, 3.898 policiais e bombeiros ir[íam] contribuir para a fiscalização de estabelecimentos, silêncio noturno e preservação do patrimônio”¹⁴.

Pode-se avaliar como a principal reformulação feita por Haddad na Operação Delegada o fato de ter havido uma mudança na gestão da Operação, dividindo-a em duas, a Operação Delegada Noturna e a Operação Delegada Ambulante. De acordo com o prefeito, a intenção da Operação Delegada Noturna era transferir 1/3 do efetivo da Operação para trabalhar à noite, em determinados lugares da periferia que apresentassem alto índice de violência. Apesar de insistir em alterar o propósito da Operação Delegada, não mais focando única e exclusivamente no combate ao comércio informal, deve-se realçar que o número de vagas oferecido para a Operação Delegada Noturna é de 1.300, enquanto para a Operação Delegada Ambulante é de 2.074¹⁵.

Independentemente de afirmar que a Operação Delegada deixaria de ter por objeto os vendedores informais, Fernando Haddad não alterou a política da cidade que havia suspenso a emissão das permissões para que ambulantes exercessem sua profissão de forma regularizada, os Termos de Permissão de Uso (TPU's). Prorrogado por mais seis meses por Haddad¹⁶, a prática de não emitir autorizações para ambulantes trabalharem remete a 2006, quando, o então prefeito de São Paulo, José Serra, suspendeu a concessão do documento. Segundo a prefeitura, houve a suspensão das emissões para “que a categoria e administração entr[assem] em acordo”¹⁷.

Posteriormente à ampliação da Operação Delegada para bairros periféricos com altos índices de violência, houve um declínio do número de policiais que se voluntariavam para a Operação. De acordo com os números

14 O prefeito Fernando Haddad e o governador Geraldo Alckmin assinaram em 18/3/2013 convênio que ampliou as atividades da Operação Delegada. Disponível em: <http://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/comunicacao/noticias/?p=144594> (acesso em 02/2014)

15 Disponível em: <http://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/comunicacao/noticias/?p=154843> (acesso em 02/2014)

16 Disponível em: <http://www.agora.uol.com.br/saopaulo/ult10103u1265259.shtml> (acesso em 02/2014)

17 Disponível em: <http://www.agora.uol.com.br/saopaulo/ult10103u1265259.shtml> (acesso em 02/2014)

da prefeitura¹⁸, em janeiro de 2013 havia 3.037 policiais participando do convênio. No entanto, seis meses após o início da gestão Haddad, o número de policiais participantes da Operação estava reduzido a 1.875 homens. Tal redução é justificada, por um lado, pela falta de interesse dos policiais militares em trabalharem na periferia durante a noite, por causa da dificuldade de voltarem para casa após o turno. Entretanto, após revisar, em abril de 2013, o convênio estabelecido entre a cidade e a Polícia Militar, a gestão Haddad constatou que a Prefeitura pagava por 2.074 postos para a Operação Delegada Diurna e por 1.300 postos para a Operação Delegada Noturna. Entretanto, com a implantação de um novo sistema de medição de trabalho dos Policiais Militares, constatou-se que apenas 1.417 PM's participavam da Operação Ambulante e 92, da Operação Noturna¹⁹.

Em decorrência da baixa procura dos policiais militares para exercerem a Operação Noturna – das 1.300 vagas disponíveis, apenas 176 haviam sido preenchidas – aliado ao fato de que, durante audiências públicas, teria havido muitas reclamações acerca da Operação e da violência policial por ela empregada²⁰, a Operação Delegada Noturna foi retirada do Programa de Metas 2013-2016²¹. Após a decisão de Haddad de suspender a Operação Delegada em regiões periféricas durante a noite, o secretário estadual de segurança pública de São Paulo, Fernando Grella, se reuniu com o prefeito, em agosto de 2013, para discutir a retomada da Operação Noturna, sugerindo que a prefeitura abrisse as inscrições na Operação Delegada para policiais militares da região metropolitana, a fim de conseguir preencher as vagas ociosas. Assim, no dia 20 de agosto, a proposta foi aceita pelo prefeito da cidade.

Apesar dos diversos mecanismos adotados pela atual gestão, com vistas a suprir as vagas remanescentes da Operação Delegada, o contingente disponível ainda parece insuficiente para atingir a demanda do convênio²². Assim, tal justificativa foi apresentada através da terceirização do

18 Disponível em: <http://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/comunicacao/noticias/?p=154843> (acesso em 02/2014)

19 Disponível em: <http://blogs.estadao.com.br/diego-zanchetta/haddad-suspende-expansao-do-programa-de-combate-aos-camelos/> (acesso em 02/2014)

20 “A população reclamou muito da violência dos policiais. A Operação Delegada não era uma meta nossa de campanha e não é prioridade do governo. Segurança é uma questão de Estado e que o Município contribui na medida do possível.” Leda Paulani – secretária municipal de Planejamento de São Paulo. Disponível em: <http://www.estadao.com.br/noticias/cidades,com-haddad-operacao-delegada-da-pm-cai-a-metade-e-camelos-invadem-sp,1065137,0.htm> (acesso em 02/2014)

21 Disponível em: <http://g1.globo.com/sao-paulo/noticia/2013/08/pms-da-regiao-metropolitana-poderao-se-inscrever-para-operacao-delegada.html> (acesso em 02/2014)

22 A justificativa apresentada para a terceirização do combate ao comércio informal é a insuficiência de fiscais para realizar o serviço. Disponível em: <http://blogs.estadao.com.br/diego-zanchetta/categoria/operacao-delegada-esvaziada/> (acesso em 2/2014)

combate ao comércio informal, pela subprefeitura da Lapa, ao abrir pregão eletrônico²³ para contratar uma empresa que deveria prestar serviços de apoio à fiscalização do comércio ambulante na região. Além de auxiliarem no combate aos vendedores ambulantes, os fiscais terceirizados também trabalhariam na remoção de favelas e na coleta de entulho e mercadorias das ruas. Desse modo, com a terceirização do combate ao comércio informal em São Paulo, realizado pela subprefeitura da Lapa, se evidencia uma nova estratégia da prefeitura para coibir o comércio ambulante, que poderá futuramente ser expandido para outras localidades da cidade.

Conquanto a perseguição aos vendedores informais em São Paulo tenha se iniciado antes mesmo da escolha da cidade para sediar a Copa, e além de ser uma prática que pode ser encontrada em outros lugares do mundo, relacionadas a um processo de "gentrificação" percebido em metrópoles como Nova York ou em grandes cidades da China, não podemos ignorar que houve um aumento no aparato municipal dedicado a combater o comércio ambulante exclusivamente ligado às reivindicações da FIFA, para possibilitar a realização do mundial na cidade. Tais exigências da entidade máxima do futebol visam preservar os interesses financeiros vinculados às centenas de contratos comerciais firmados pela FIFA com vários parceiros da entidade e patrocinadores do evento, garantindo-lhe a realização da Copa do Mundo mais lucrativa da história²⁴. Por conseguinte, nessas condições, "seria hipocrisia ou ingenuidade acreditar que a lei é feita para todo mundo em nome de todo mundo; que é mais prudente reconhecer que ela é feita para alguns a se aplica a outros; que em princípio ela obriga todos os cidadãos, mas se dirige principalmente às classes mais numerosas e menos esclarecidas; que, ao contrário do que acontece com as leis políticas ou civis, sua aplicação não se refere a todos da mesma forma" (Rossi, P. apud Foucault, 2012, p. 261).

23 Disponível em: <http://enegociosidadesp.prefeitura.sp.gov.br/DetalheLicitacao.aspx?l=ipLQ9Ey%2bk%2f%3d> (acesso em 02/2014)

24 Disponível em: <http://www.estadao.com.br/noticias/esportes,copa-de-2014-ja-e-a-mais-lucrativa-da-historia,1032569,0.htm> (acesso em 10/2013)

RECONFIGURAÇÃO DAS PRÁTICAS ESPORTIVAS: O CASO DA ARENA CORINTHIANS EM ITAQUERA¹

Caio Amaral Santos²

INTRODUÇÃO

Neste ano de 2014, o Brasil foi escolhido para sediar um dos maiores eventos esportivos do mundo, a Copa do Mundo FIFA de seleções, e a grandeza do espetáculo atrai investimentos nas mais diversas áreas. A designação do Brasil como sede da Copa do Mundo de 2014 permite analisar o processo, que já vem sendo observado, de “modernização” do futebol, indicado, entre outros aspectos, pela construção de novos estádios multiuso (chamadas “arenas”) e pelas suas novas funções, alterando, inclusive, a própria maneira de torcer. Neste sentido, o estudo das novas arenas pode contribuir para compreendermos o sentido atual do futebol, que hoje, além de uma paixão do brasileiro, também é negócio.

Mas que população será beneficiada com a construção de novos estádios para a Copa? Como se dá o processo de reconfiguração do esporte a partir das novas arenas? Quais as perspectivas pós-Copa do uso dessas estruturas? Tendo como objeto de estudo o caso da Arena Corinthians, em São Paulo, busca-se analisar a problemática em torno desse megaevento e das transformações do futebol que essas mudanças sugerem.

1 Este artigo apresenta o resultado final da pesquisa de Iniciação Científica, financiada com bolsa PIBIC-CNPq, articulada à pesquisa sobre *Metropolização e os Megaeventos: o impacto da Copa de 2014 e das Olimpíadas de 2016*, financiada pela FINEP, coordenada em São Paulo pelo Observatório das Metrópoles-SP, e nacionalmente pelo Observatório das Metrópoles-RJ (IPPUR-UFRJ). Agradeço ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) pela bolsa de estudos a mim concedida.

2 Bacharel em Turismo da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo (ECA-USP).

DOS ESTÁDIOS ÀS ARENAS MULTIUSO

Segundo a narrativa mais corrente, o futebol surgiu no século XIX, na Inglaterra, e foi trazido ao Brasil no começo do século XX por Charles Miller. No país, começou como modalidade esportiva de elite e de que só brancos podiam participar. Com o tempo, o esporte foi sendo tomado pela paixão de outras classes, e negros passaram a praticá-lo, constituindo-se também numa forma de diversão para os trabalhadores. A popularização do esporte conduziu à formação de vários clubes e à profissionalização, o que ocorreu a partir de meados da década de 1930. A construção de estádios para uso dos clubes e da seleção brasileira foi uma consequência desse processo.

No Brasil, a construção de estádios se iniciou com o governo de Getúlio Vargas, no período do Estado Novo, quando houve uma ritualização do espetáculo como diversão de massa e símbolo de nacionalidade e integração nacional (Mascarenhas e Gaffney, 2004). De acordo com Christopher Thomas: "(...) quase todos os territórios organizados politicamente possuem um estádio, onde se realizam as competições locais, nacionais e internacionais (...)" (apud Gastal, 2009, p.6). Os estádios também proporcionaram a democratização do futebol ao se abrirem às classes populares, com setores destinados à população de baixa renda, como a geral e as arquibancadas.

Como não podia ser diferente, o futebol, atualmente, vem acompanhando a crescente mercantilização da sociedade contemporânea, expressa na subordinação de seus objetivos aos interesses dos empresários e de emissoras de televisão (Gastal, 2009). Durante os campeonatos, o aparecimento de grandes patrocinadores e milionários contratos de direitos de transmissão televisiva mudaram a economia do futebol, diversificando e intensificando as fontes de renda dos clubes e reduzindo o peso que recaía sobre a renda auferida pela venda de ingressos. Este fato, aliado ao aumento da violência durante os jogos, fez com que os estádios passassem a ser considerados desnecessários na moderna economia do futebol (Mascarenhas e Gaffney, 2004).

A mercantilização e a necessidade de segurança incentivaram a reforma dos estádios de futebol e a sua transformação, dando lugar às chamadas arenas multiuso. "Não lugares", no dizer de Marc Augé (1994), pois que agora, como em outros lugares do mundo, passam a abrigar estabelecimentos comerciais, transformando o clássico torcedor em consumidor (Cajazeira, 2009).

Sob essa nova concepção, os estádios se tornam espaços em que se exige a disciplina. Tal postura foi defendida, inclusive, pela própria FIFA que, no fim dos anos de 1990, impôs diversas normas para os jogos: todos os es-

pectadores sentados, nada de “carnaval”, de portar bandeiras com mastro ou outros artefatos que antes eram essenciais para compor a imagem da torcida e do torcedor. Além disso, seguindo os mesmo padrões exigidos pela FIFA, a geral, antes lugar destinado às classes populares, foi extinta, e os preços dos ingressos apresentaram alta significativa.

Para ilustrar esse processo de crescente elitização do esporte, podemos considerar o seu custo. Mesmo os ingressos mais baratos são inacessíveis à grande parte da população, conforme comprovam os três estudos da Pluri Consultoria³. Hoje, um torcedor que quer assistir no estádio a um jogo do seu clube do coração gasta, em média, com deslocamento, estacionamento e refeição R\$75,84, dos quais os ingressos representam mais da metade. No Brasil, ao compararmos o preço dos ingressos mais baratos, de 2003 a 2013, observou-se um aumento de 300%, num período em que a inflação foi medida em 73%. E quando confrontamos o preço médio dos ingressos mais baratos com a renda *per capita* do país, verificamos que o Brasil tem o menor potencial de compra.

Nas novas arenas construídas para a Copa, os preços são ainda maiores, inclusive no que se refere aos artigos vendidos internamente, como bebidas e lanches. Podemos tomar como exemplo o jogo entre Santos e Flamengo, realizado no dia 26 de maio de 2013, no recente estádio reformado para a Copa, em Brasília, o Mané Garrincha, onde os ingressos mais baratos foram vendidos a R\$160,00, enquanto o mais caro custava R\$400,

Comparativo do preço do ingresso Brasil x Demais países

País	Preço do ingresso na moeda local (1)	Preço equivalente			Renda Per capita do país - US\$ ano (2)	Nº de ingressos que se pode adquirir com a renda per capita	Média de público no último campeonato Nacional
		Em R\$	Em US\$	Em Euros			
Brasil	38	38,00	19,12	14,75	12.340	645	12.963
Espanha	28	71,62	36,04	27,80	28.976	804	28.799
Itália	29	74,71	37,60	29,00	32.522	865	22.466
Turquia	21	23,42	11,79	9,09	10.457	887	14.113
México	140	22,53	11,34	8,74	10.123	893	25.628
Reino Unido	28	84,21	42,38	32,69	38.591	911	34.600
Portugal	16	42,25	21,26	16,40	19.768	930	10.947
Argentina	60	23,44	11,80	9,10	11.573	981	18.112
Chile	5.500	23,10	11,83	8,97	15.416	1.326	-
Costa Rica	3.400	13,52	6,80	5,25	9.619	1.414	13.366
França	19	48,69	24,50	18,00	40.690	1.561	18.870
Estados Unidos	27	54,34	27,35	21,10	49.802	1.821	19.556
Uruguai	150	15,86	7,96	6,15	14.707	1.843	-
Alemanha	17	43,79	22,04	17,00	41.168	1.868	45.116
Holanda	17	44,82	22,56	17,40	45.942	2.037	19.466
Japão	2.200	45,54	22,92	17,68	46.866	2.046	17.701
MÉDIA	-	-	-	-	-	1.306	21.554

(1) Preços médios dos ingressos inteiros para adultos, sem promoções, em jogos não decisivos; (2) Renda Per Capita anual a preços correntes, referente a 2012. Fontes: PLURI Consultoria, Banco Central do Brasil, FMI.

3 A Pluri Consultoria é uma empresa que presta consultoria para o mercado esportivo, abrangendo empresas patrocinadoras, investidores, clubes, entidades e atletas. Os estudos foram publicados nos dias 11/4/2013, 13 e 26/5/2013. Disponível em <www.pluriconsultoria.com.br>. Acesso em 14 de Junho de 2013.

mais do que a metade de um salário mínimo (de R\$ 678,00 em janeiro de 2013). Embora os aficionados por seus clubes continuem a arcar com os custos, essas novas práticas relacionadas ao futebol indicam que mudanças significativas estão acontecendo neste esporte popular.

A COPA DO MUNDO 2014 NO BRASIL

A escolha do Brasil como sede da Copa do Mundo de Futebol de 2014, organizada pela FIFA, fez ainda mais necessária a adequação dos estádios aos padrões impostos pela entidade maior do futebol, culminando até na construção de novos estádios, como ocorreu nas cidades de São Paulo e Recife. As exigências iam desde aspectos técnicos, como a disponibilização de cadeiras em todo o estádio, até a inclusão de itens que minimizassem os impactos ambientais. Além disso, o acesso ao estádio tinha de estar garantido, fazendo com que os custos das reformas fossem altos, quando não supervalorizados. O controle dessas alterações estava centralizado nas mãos da FIFA.

Portanto, a Copa do Mundo é uma oportunidade para intensificar a tendência de transformar os estádios em arenas multiuso, impondo ao torcedor o custo dessas transformações. Mas além desse aspecto, as arenas multiuso têm se constituído em objetos rentáveis também para outro setor, que não exclusivamente o esportivo: trata-se do setor de turismo. Para ser uma ideia, o estádio do Camp Nou, em Barcelona, recebeu, em 2010, mais de 1,3 milhões de pessoas, sendo o terceiro ponto turístico mais visitado da Espanha no período⁴.

Por influência da Copa do Mundo e da mídia, o futebol se tornou muito mais que uma atividade de lazer e pode passar a ser um novo nicho de mercado para o setor. Para a São Paulo Turismo (SPTuris)⁵, o futebol já ganhou *status* de produto turístico, pois há uma considerável procura por jogos na capital paulista.

Facilitado pela modernização dos estádios e construção de camarotes, como os do Estádio do Morumbi, do São Paulo FC, o público corporativo que vem para a cidade de São Paulo a negócios – o que o setor nomeia de turismo de negócios – tem demandado, dentro dos estádios de futebol, esse tipo de serviço ligado à hospitalidade.

A diretoria de Turismo da SPTuris destaca que, antes, o turista tinha receio de comprar um pacote e sentar-se na arquibancada, sem muito conforto, porém a reestruturação desses espaços fez com que a procura au-

4 Portal Mais Futebol. Disponível em <<http://www.maisfutebol.iol.pt/espanha/barcelona-camp-nou-maisfutebol-guggenheim-thyssen-prado/1231814-1486.html>>.

5 Entrevista realizada com a diretora de turismo da SPTuris no dia 29/5/2013 no escritório da SPTuris no Anhembi.

mentasse. A hipótese é que com as novas arenas essa demanda se amplie, o que se evidencia, desde já, pelo surgimento, no mercado nacional, de diversas agências de turismo voltadas ao segmento de turismo esportivo.

O ex-diretor da *Futebol Tour* e o diretor da *Fanato Esporte e Turismo*⁶ aproveitaram a oportunidade e hoje atendem a um público elitizado, composto, na sua maioria, por homens que têm demandado jogos não só na cidade de São Paulo, como também fora do estado e do país.

No entanto, embora tenha crescido o público interessado em consumir partidas de futebol em arenas multiuso como parte integrante de pacotes de turismo voltados àqueles que vêm ao país a negócios, no que diz respeito à Copa no Brasil, o setor não vê muita oportunidade, uma vez que a venda de pacotes, dos quais o produto mais importante são os ingressos, está centralizada na MATCH, empresa designada pela FIFA para cuidar de todos os contatos relativos à hospitalidade e comercialização de pacotes turísticos no país-sede⁷.

As arenas multiuso, no entanto, permanecem para além da Copa, não só como espaços modernizados para o consumo elitizado das partidas de futebol, mas também como sedes de eventos que, como demonstra a experiência europeia, têm servido de fonte alternativa de renda. É esta arena multiuso que se constitui o mais novo produto do setor de turismo.

O NOVO ESTÁDIO DE ITAQUERA: A ARENA CORINTHIANS

Em 2007, quando o Brasil foi escolhido como sede da Copa do Mundo, houve a necessidade de adequar os estádios às normas da FIFA e, em 2009, quando a cidade de São Paulo foi anunciada como uma das cidades-sede, o Morumbi, estádio de propriedade do São Paulo FC, por intermédio do seu presidente Juvenal Juvêncio, candidatou-se a sediar o jogo de abertura. No entanto, para que isso se viabilizasse, seria preciso atender às especificações da FIFA. Em 2011, depois de muita controvérsia⁸, foi o estádio do Corinthians, ainda em projeto, que acabou sendo aprovado não só para sediar o jogo de abertura da Copa, mas outras cinco partidas ao longo do campeonato (Almeida, 2013).

Realizado pela Odebrecht, empreiteira responsável pela construção e reforma de outros estádios em todo o país⁹, com financiamento do

6 Entrevistas realizadas nos dias 17/6, no escritório da Fanato Esporte e Turismo, na Rua Dr. Diogo Faria, 953, Vila Mariana, com Raphael Santana, Diretor de Marketing e Vendas; e dia 24/6, no escritório da G6 Turismo, na Rua Helena, 280, na Vila Olímpia, com Caio Buchalla, ex-diretor da Futebol Tour. Ambas agências especializadas em turismo esportivo.

7 Cf. artigo de Fernanda Franco e Luane Vacchi, nesta mesma coletânea.

8 Ver artigo neste mesmo livro de Cláudio Gonçalves Couto "A disputa política em torno do estádio do São Paulo".

9 A Odebrecht foi responsável pela construção das Arenas Itaipava Fonte Nova (Salvador-BA), Itaipava Pernambuco (São Lourenço da Mata-PE); Maracanã (Rio de Janeiro-RJ) e Corinthians

BNDES¹⁰ e subsídio fiscal da Prefeitura de São Paulo (CIDs)¹¹, o estádio, já finalizado, tem a administração do próprio clube, pois, para Luís Paulo Rosenberg, vice-presidente do Corinthians, ninguém é melhor para gerir a sua Arena¹².

A planta do estádio fugiu à forma oval, convencional, e procurou ser tão agradável para assistir aos jogos quanto é o Pacaembu. Foi projetado para emitir o som para o meio do campo, aumentando a frequência do canto da torcida. Facilitou-se a criação, em cada setor, de diferentes pontos de visão de jogo de maneira a proporcionar diversas experiências aos torcedores, ainda segundo o seu vice-presidente. Caracterizando a tendência de o torcedor se aproximar do campo, a maior distância entre o espectador e a linha lateral do campo é de nove metros. A arena também tem um sistema de iluminação de alta tecnologia, o que ajuda a aprimorar a qualidade de transmissão da televisão e a tornar visíveis as marcas dos patrocinadores, reforçando o caráter mercantil do futebol moderno.

Não diferente das demais arenas construídas ao redor do mundo, é intenção do Corinthians de que seja um estádio multiuso, ainda que não tenha intenção de ser palco de *shows*. O objetivo é atrair convenções, feiras e eventos. Para isso, está prevista, do lado oeste, onde atualmente estão os setores nobres do estádio, a finalização de um Centro de Convenções com mais de 25 mil metros quadrados. Para receber os jogos da Copa do Mundo, aí é que se localizavam os assentos VIPs, com melhor visibilidade, qualidade e conforto, uma das exigências da FIFA. Segundo a entidade, 8% da capacidade do estádio (cerca de cinco mil lugares) deveriam ser reservados aos seus convidados e, pelo menos mil e oitocentos, protegidos por alta blindagem. A FIFA ainda exigiu que pouco mais de mil assentos fossem reservados a outros clientes VIPs, que teriam um espaço de 1.500 m² de área de hospitalidade. Outras demandas estavam relacionadas a equipamentos de informática, telecomunicações e sistemas de TI (tecnologia da informação).

(São Paulo-SP). Segundo informações da própria empresa (www.oderbrechtarenas.com.br – acesso em 15 de julho de 2014), a única obra que será gerida pelo contratante é a Arena Corinthians. As demais serão geridas, respectivamente, por meio de parceria público-privada, pela Fonte Nova Negócios e Participações – FNP (Odebrecht Participações e Investimentos e OAS) (concessão de 35 anos); Consórcio Arena Pernambuco (Odebrecht Participações e Investimentos e Odebrecht Infraestrutura) (concessão por 33 anos, incluindo obras); Consórcio Maracanã Rio 2014 (Odebrecht Infraestrutura e Andrade Gutierrez).

10 O Banco Nacional de Desenvolvimento (BNDES) liberou para construção e reforma dos estádios uma linha de crédito de até 75% do valor total, não excedendo R\$ 400 milhões por projeto (http://www.bndes.gov.br/SiteBNDES/bndes/bndes_pt/Institucional/Apoio_Financeiro/Programas_e_Fundos/procopaarenas.html) – acesso em 15 de julho de 2014.

11 Cf. Lei nº 15.413 de 20 de julho de 2011.

12 Portal Infraestrutura Urbana. Disponível em <<http://infraestruturaurbana.pini.com.br/solucoes-tecnicas/21/gestao-corinthians-vice-presidente-do-corinthians-detalha-o-gerenciamento-financeiro-273179-1.aspx>>.

Todas essas exigências da FIFA foram atendidas pelo Corinthians. Com isso, e segundo os últimos dados divulgados, considerando os incentivos fiscais concedidos pela Prefeitura (R\$ 420 milhões), o financiamento do BNDES (R\$ 400 milhões) e mais o empréstimo adicional concedido pela Caixa Econômica Federal (R\$ 350 milhões), o estádio do Corinthians custou ao clube cerca de R\$ 1,2 bilhão de reais, 46% a mais do que os R\$ 820 milhões previstos inicialmente. Para garantir o pagamento da dívida, Andrés Sanchez estimava, em maio de 2014, receita anual de R\$ 345 milhões divididos entre bilheteria dos jogos (R\$ 120 milhões); venda de camarotes (R\$ 95 milhões); aluguel de espaços para eventos (R\$ 40 milhões); *tour* no estádio (R\$30 milhões), além do faturamento com *naming rights* (R\$ 60 milhões)¹³. Em parte, o otimismo se justifica, pois as partidas do clube detêm as melhores médias de público do Brasil, mesmo cobrando preços de ingressos considerados altos. Além disso, a cidade de São Paulo possui uma agenda ampla de eventos, com alta demanda por espaços deste gênero.

A rentabilidade do estádio, no entanto, é uma hipótese ainda a ser verificada e, caso não se concretize, levará a que sua gestão seja cedida paulatinamente aos seus credores. Assim, o "Itaquerao", nome que tem expressado a identidade do estádio com o bairro e sua torcida, poderá se tornar um estádio "de lugar nenhum", propriedade daqueles que efetivamente pagaram para ver o sonho corintiano realizado.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A transformação dos estádios em arenas multiuso é a expressão de uma mudança efetiva no futebol que, desde a década de 1990, vem assumindo um caráter mais e mais mercantil, não só com a profissionalização crescente dos clubes, mas também com a substituição do torcedor popular pelo consumidor do espetáculo.

Esse novo modelo tem como "madrinha" a instituição maior do futebol mundial, a FIFA, que impõe normas e condutas aos países que se candiditam a sediar a Copa do Mundo de Futebol. Em qualquer lugar do mundo é o mesmo padrão a orientar a construção e a reforma dos estádios, desconsiderando qualquer característica cultural ou socioeconômica do país-sede e qualquer reivindicação de organizações sociais.

O novo modelo, mais nobre, talvez favoreça o turismo, na medida em que as arenas multiuso possam ser consideradas novos equipamentos e até produtos turísticos. As agências de viagem têm explorado o segmento do turismo esportivo, comercializando, em ritmo crescente, ingressos e

13 Cf. Filgueiras, M. L. e Bronzato, T. "A saga de Itaquera". *Revista Exame*. Edição 1066, ano 48, nº 10, 28/5/2014.

pacotes para jogos, a preços nada populares. Os turistas, aliás, podem ser parte da pressão pela nova estrutura dos estádios, levando em conta a sua preferência por locais mais modernos e seguros.

A comercialização de ingressos via internet, criação de programas de sócio-torcedor¹⁴, encolhimento de setores populares nos estádios e a designação de áreas para prestação de serviços e venda de produtos oficiais, todos são fatores que contribuem para tornar o torcedor-consumidor e não produtor do espetáculo, "parte do jogo".

O sentimento de que o Brasil agora tem estádios "modernos", de primeiro mundo, contrasta com a realidade dos preços abusivos dos ingressos e produtos oferecidos aos torcedores, muitos dos quais, sem condições financeiras de responder a esta oferta, passam a assistir aos jogos em casa, colaborando para o esvaziamento dos estádios, embora alimentando o movimento de valorizar o jogo pela TV. Afinal, as arenas também atendem aos requisitos para maximizar a qualidade das transmissões televisivas, destacando seus patrocinadores.

A mudança no perfil dos estádios pode ser percebida mesmo antes do período em que o Brasil foi escolhido como sede da Copa do Mundo, em 2007, mas o evento veio consolidar a implantação do processo de elitização que, embora esteja sendo instituído de forma lenta no país, já tem indícios de que deve continuar por algum tempo. Elitização que se expressa, também, no "embranquecimento" dos estádios, conforme mencionam os membros da torcida Gaviões da Fiel, torcida organizada do Corinthians, e da Associação Nacional dos Torcedores, desde que o torcedor de baixa renda vem perdendo espaço nos estádios¹⁵.

O Corinthians, mesmo sendo um clube considerado de massa, deve perceber a mudança na utilização de sua nova casa. Com os custos altos de manutenção de arenas como o Itaquerão, a sua torcida teme que os ingressos se tornem ainda mais caros, distanciando o que o clube alega ser seu maior patrimônio: a torcida, ainda que o clube tenha prometido garantir lugares a preços populares para sua torcida organizada.

O acesso ao estádio não pode ser privilégio de alguns, como observado na Copa, evento de caráter mais elitista, voltado a um público selecionado. O uso exclusivo das arenas causa distanciamento do público que até então tinha sido responsável por fazer do futebol o esporte mais *popular* do mundo.

14 Programas de fidelidade feitos pelos clubes, aos quais os torcedores pagam uma mensalidade e têm preferência e descontos na compra de ingressos.

15 Entrevistas realizadas: Rafael Serrão, ex-sócio fundador da ANT e militante do tema futebol, no dia 10/7/2013; e com Érica, representante da Gaviões da Fiel, Torcida Organizada do Corinthians, feita na sede da Torcida, na Rua Cristina Tomás, 183, Bom Retiro, São Paulo, no dia 5/8/2013.

IMPACTOS DA COPA DO MUNDO 2014 NO SETOR
DE TURISMO DA CIDADE DE SÃO PAULO¹

Fernanda Carradore Franco²
Luane dos Santos Vacchi

O anúncio de São Paulo como cidade-sede do Mundial gerou uma série de questionamentos e especulações acerca dos impactos positivos e negativos que o megaevento ocasionaria. Uma das questões frequentes neste contexto disse respeito ao incremento que um evento como a Copa do Mundo 2014 traria para o mercado turístico local, através, por exemplo, da qualificação de atrativos e produtos turísticos, da melhoria da infraestrutura ou ainda da capacitação profissional. De fato, os megaeventos podem ser expressivos catalisadores do desenvolvimento de uma cidade, mas parece necessário questionar quem são seus reais beneficiários e como se envolve a cadeia produtiva do turismo.

DINÂMICA DOS EVENTOS EM SÃO PAULO

A cidade de São Paulo está consolidada como a capital dos negócios em nosso país e ocupa posição privilegiada no cenário mundial. Por meio de levantamento dos Planos Municipais de Turismo de São Paulo (Platum), constatou-se que o planejamento do município para se promover como

1 Este artigo apresenta parte dos resultados obtidos com as pesquisas de Iniciação Científica financiadas com bolsa institucional USP (Fernanda Carradore) e CNPq (Luane Vacchi), articuladas ao projeto *Metropolização e os Megaeventos: o impacto da Copa de 2014 e das Olimpíadas de 2016*, coordenado pelo Observatório das Metrôpoles.

2 Estudantes do curso de graduação em Turismo da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo (ECA-USP). Fernanda Carradore Franco participa atualmente do Programa de Intercâmbio na Université Lumière Lyon 2 (Lyon, França), intermediada pela Comissão de Relações Internacionais da Escola de Comunicações e Artes (CRINT), por meio de Bolsa de Mérito Acadêmico fornecida pela reitoria da Universidade de São Paulo. Luane dos Santos Vacchi é membro da Diretoria do ROTEX – grupo de ex-intercambistas do Rotary e organizadora da 7ª/8ª Semana de Turismo ECA/USP

importante captador de eventos já estava presente na agenda desde os anos 1990. O Platum 1999/2001 apresentou várias metas para expandir o segmento de eventos na cidade de São Paulo, e o Platum 2002 já destacava características da cidade que a capacitariam a abrigar 75% dos eventos que acontecem no Brasil, por ter se tornado ponto estratégico no Mercosul, em virtude do considerável fluxo de turistas de negócios. Nesse plano, foi apresentado o Programa de Captação de eventos, realizado pelo Comitê Paulistano de Captação e Promoção de Eventos, que *“visa[va] instrumentalizar a cidade para competir na captação do maior número de eventos nacionais e internacionais de grande porte”*.

Assim como os anteriores, os planos seguintes, de 2003 e 2004, também destacaram a questão dos eventos de negócios como principal motivo do amplo fluxo de turistas que a cidade recebia, ressaltando o fortalecimento de estratégias para captação de eventos e o fortalecimento da competitividade de São Paulo no que se refere a esse segmento do mercado de turismo. Com a tecnologia mais acessível e o aprimoramento das pesquisas na área de turismo, o Platum 2011/2014, o último realizado até o momento, foi mais completo e acrescentou um plano especificamente voltado para a Copa do Mundo de 2014, abrangendo também todas as diretrizes e segmentos que podem ser explorados na cidade.

O turismo de negócios e eventos, no plano, continua como um dos principais segmentos, mantendo sua importância. O que é novo é o destaque para Eventos Esportivos, sociais e de lazer, com exemplos relevantes já realizados em São Paulo, como o GP Brasil de F1 e a Corrida Internacional de São Silvestre, além da Copa do Mundo da FIFA em 2014.

Sendo assim, a Copa do Mundo 2014 parece se incluir como parte do objetivo da cidade de se tornar referência em captação de eventos, tendo tal estratégia rebatimentos essenciais no seu desenvolvimento urbano. Cumpre ressaltar que os eventos significam muito para a cidade, não somente em termos de sustentação de atividades turísticas e movimentação financeira, mas também por promoverem significativas intervenções no espaço urbano, podendo reestruturar porções da cidade, tornando-se polos para atrair capital (Arantes, 2009).

Nesse sentido, a Zona Leste pôde assumir uma nova funcionalidade, a partir das intervenções no entorno da arena de Itaquera, que sediou a abertura do Mundial, e das leis de incentivos³ que já estão em vigor. Essa nova funcionalidade parece, porém, não incluir ações institucionais específicas para a estruturação da atividade naquela região, sendo a presença

3 A Lei nº 15.931 intitulada “Programas de Incentivos Fiscais para prestadores de serviços em região da Zona Leste do Município de São Paulo”.

da nova Arena apenas um equipamento que pode vir a se tornar atrativo para a realização de novos eventos, além do centro de convenções previsto no Polo Institucional vizinho ao estádio.

Segundo a diretora da São Paulo Turismo (SPTuris), em termos de zona turística, pouco pode ser feito na Zona Leste pelo momento:

*"(...) a verdade é que hoje tem pouca atração turística. (...) A Zona Leste pode virar um ponto turístico na hora em que eu tiver o estádio pronto. Mas hoje você tem alguma coisa no Tatuapé (...), mas não é uma coisa que justifique a geração de fluxo pra aquela região hoje"*⁴.

Realidade confirmada pelo Convention & Visitors Bureau de São Paulo, que define a Zona Leste "fora de mão" para o turista de negócios, que é o foco da entidade⁵. Enfim, acaba sendo arriscado planejar qualquer empreendimento turístico na região, considerando-se que o maior deles, o estádio, ainda está em fase de consolidação. Entretanto, de acordo com os diretores da SPTuris, será necessário um estudo e aprimoramento do turismo na região, pois a existência da nova arena já justifica uma demanda turística.

Em relação ao setor de eventos de São Paulo, pode-se dizer que é uma cidade caracterizada, também pela mídia, como uma metrópole de negócios e receptora de grandes eventos. Na cidade, são realizados mais de 90 mil eventos por ano e 75% das maiores feiras do país são ocupam os renomados centros de convenções e exposições da cidade⁶, como por exemplo, o Parque Anhembi, Expo Center Norte, Pavilhão da Bienal do Ibirapuera ou o Centro de eventos Fecomércio.

Diante da possibilidade do Mundial incrementar o calendário de eventos local, gerando novos encontros vinculados ao tema, e dos esforços crescentes para maximizar esse mercado e otimizar o aproveitamento dos fluxos gerados⁷, foi realizado um levantamento dos eventos relacionados direta e indiretamente ao Mundial, que passaram a ocorrer em São Paulo desde que o Brasil foi anunciado como sede da Copa. O resultado revelou o surgimento de uma série de seminários, congressos, exposições e feiras

4 Entrevista realizada com a Diretora de Turismo da SPTuris em 29 de maio de 2013.

5 Entrevista realizada com o diretor superintendente do São Paulo Convention & Visitors Bureau, em sua sede, no dia 06 de junho de 2013.

6 Informações do portal eletrônico da SPTuris. Disponível em: <<http://www.cidadedesapaulo.com/sp/br/capital-dos-negocios>>. Acesso em outubro de 2012.

7 Tendo como base o Painel de Monitoramento dos Eventos de São Paulo (PAMESP), a 2a edição de 2013 (abril, maio e junho) a Feira APAS (Associação Paulista de Supermercados) atingiu um número de 75.000 visitantes, além da SP Indy 300 com 60.000 no mesmo mês e da Adventure Sports com 45.000, sendo que esses eventos ocorreram praticamente ao mesmo tempo em regiões diferentes da cidade.

ligados ao tema do esporte e dos grandes eventos esportivos, fóruns voltados para questões de infraestrutura urbana, governança e segurança, eventos culturais para a promoção da cidade, entre muitos outros, indicando o expressivo alcance da Copa do Mundo de Futebol no que diz respeito aos negócios que dela se desdobram.

Analisando somente alguns dos eventos relacionados ao esporte, infraestrutura e mobilidade urbana presentes no calendário da cidade, organizado de forma sintética na tabela⁸ abaixo, percebemos a produção e reprodução de eventos como base do sistema de turismo local.

Na tentativa preliminar de identificar o impacto econômico do setor no incremento da arrecadação municipal, depois de anunciada a cidade de São Paulo como cidade-sede do Mundial, em 2007, buscou-se comparar a série recente do ISS (Imposto Sobre Serviço) referente ao grupo 13⁹. No ano de 2004¹⁰, o valor arrecadado foi de R\$ 75 milhões, passando no ano de 2005 para R\$ 87 milhões (16% de aumento com relação a 2004) e, em 2006, para R\$ 100,3 milhões (32,57% em relação a 2004). Segundo o Anuário Estatístico de 2012,¹¹ elaborado pelo Observatório de Turismo e promovido pela SPTuris, no ano de 2007, o total arrecadado em ISS pelo grupo 13 foi de R\$110,8 milhões, em 2008, de R\$124,1 milhões, passando em 2009 para R\$125,1 milhões, em 2010 para R\$158,7 milhões, em 2011 para R\$199,5 milhões. Em 2012, o total foi de R\$236 milhões e, em 2013, alcançou pouco mais de 252 milhões. Os últimos levantamentos da SPTuris indicam que, até julho de 2014, a arrecadação foi de cerca de 153.500 milhões, com os meses de junho e julho ligeiramente mais altos que a média de 2013.

Não observamos disparidades substantivas no crescimento de um ano a outro¹² que pudessem evidenciar a relação direta com o megaevento estudado, exceto por um leve aumento entre junho e julho de 2014 com relação a 2013¹³. O que os números denotam é que o crescimento da arrecadação do grupo 13 tem sido contínua, indicando o fortalecimento da cadeia produtiva do setor na cidade, independentemente do megaeven-

8 Elaboração própria a partir de dados disponíveis em: <<http://www.spturis.com/v7/calendarios.php>>.e<<http://www.visitesaopaulo.com/seu-evento.asp?eventos=semana>>. Acesso em 19 de julho de 2013.

9 Grupo de atividades econômicas composto por turismo, hotelaria, eventos e similares

10 Dados disponíveis no Platum de 2007-2010.

11 Disponível em: <<http://www.observatoriodoturismo.com.br>>. Acesso em 11 de julho de 2013.

12 A arrecadação de 1% entre 2008 e 2009 se explica pelo panorama econômico de crise mundial, tendo voltado a estabilizar-se após esse período.

13 Até o fechamento deste texto, os dados disponíveis sobre o grupo 13 indicava uma arrecadação de R\$25.619.965,32 em junho de 2013 contra R\$20.718.432,56 em junho de 2013, e de R\$21.321.591,35 em julho de 2014 contra R\$20.832.002,24 em julho de 2013. Disponível em <<http://www.observatoriodoturismo.com.br>>. Acesso em 28 de agosto de 2014.

Eventos da cidade de São Paulo desde 2007	Tipo de evento	Quando?	Onde?
CONINFRA - Congresso de Infraestrutura de transportes	Congresso	Junho 2007 (1a edição)	Blue Tree Convention Ibirapuera
Encoesporte - encontro da cadeia produtiva do esporte	Esportes	Janeiro 2009 (1a edição)	Museu do Futebol - Estádio do Pacaembu
Expo Mundo da Bola	Feira	Julho 2009 (1a edição)	Anhembi
Congresso de Gestão do Esporte	Congresso	Outubro 2009 (3a edição)	USP - Universidade de São Paulo
Encontro de Marketing Esportivo	Congresso	Novembro 2009 (7a edição)	Faculdade de Economia, Administração e Contabilidade (FEA) - USP
Fórum Nacional - Brasil o país do esporte	Fórum	Novembro 2009 (2a edição)	SESC Av. Paulista
Expo Estádio 2009	Feira	Novembro 2009 (1a edição)	Expo Center Norte
World Cup Infrastructure Summit Fórum: para o desenvolvimento da infraestrutura das cidades-sede na Copa do Mundo de 2014	Fórum	Dezembro 2009 (1a edição)	Tivoli São Paulo
Seminário Internacional de Futebol - Copa do Mundo no Brasil 2014	Seminário	Fevereiro 2010	Assembleia Legislativa do Estado de São Paulo
Encontro Brasil-Reino Unido: troca de experiências - Olimpíadas e Copa do Mundo	Seminário	Março 2010	Auditório do Centro Brasileiro Britânico
Futebol Universo	Feira	Abril 2010	Pavilhão da Bienal - Parque do Ibirapuera
Simpósio de Estudos sobre o Futebol	Simpósio	Maio 2010 (1a edição)	Museu do Futebol
Brazil World Cup Transportation Congress 2010	Congresso	Agosto 2010	Hotel Meliá Jardim Europa
Seminário Internacional de Arquitetura Esportiva	Seminário	Agosto 2010 (1a edição)	Centro Britânico Brasileiro
Fórum de Marketing Esportivo	Fórum	Maio 2011	Museu do Futebol
Seminário Copa 2014: oportunidades e desafios para sua empresa	Seminário	Fevereiro 2012	Paulista Wall Street
Seminário Copa For All	Seminário	Junho 2012	Espaço Cultural Vivo
EIGEE - Encontro Internacional de Gestão do Esporte e do Entretenimento	Congresso	Novembro 2012 (1a edição)	UNINOVE - Campus Memorial
Simpósio Internacional sobre Políticas para o Esporte de Alto Rendimento no Contexto Internacional	Simpósio	Junho 2013	Universidade de São Paulo – Escola de Educação Física e Esporte
Sport Infratech – Expo Estádio – Construindo as bases para o espetáculo	Feira	Dezembro 2013	Expo Center Norte

to. Ou seja, o crescimento da arrecadação por serviços incorpora a Copa como parte da lógica de fortalecimento desse mercado, sem gerar impactos econômicos determinantes, especificamente durante o Mundial. O recente estudo publicado pela SPTuris sobre o impacto da Copa em São Paulo¹⁴ revelou que a maioria dos setores/empresas pesquisados obteve resultados abaixo das expectativas geradas, ainda que para alguns serviços, como aluguel de automóveis e hospedagem, o aumento de turistas na cidade, durante o evento, tenha sido rentável. A divulgação da cidade e do país aparece como resultado positivo geral e, entre as análises externas incluídas no estudo, evidencia-se a expectativa de impactos a médio e longo prazos em alguns setores da cadeia produtiva do turismo, além do fortalecimento do Brasil como destino turístico.

A EXPERIÊNCIA TURÍSTICA À MARGEM DA COPA

À parte do incremento que a Copa parece então ter provocado na dinâmica dos eventos paulistanos, o futebol é antes de tudo parte incontestável da cultura e história da cidade, de modo que, no contexto do Mundial, poderia ter seus suportes materiais e imateriais articulados em atividades culturais e de lazer, tornando-se um diferencial turístico durante o megaevento. Entretanto, essa experiência se mostra extremamente limitada, pois não parece integrar os programas ou pacotes turísticos institucionalizados visando ao mundial, quase sempre restritos ao transporte, hospedagem e alimentação do visitante. No caso do Brasil, observamos que esse produto é comercializado com exclusividade por empresas privadas, contratadas pelos representantes do evento, o que inibe as chances de apresentar o futebol como um atrativo turístico paulista de modo mais autêntico.

A MACTH Hospitality é a única agência multinacional de viagens que detém exclusivamente os direitos, no plano mundial, do Programa de Hospitalidade da FIFA para cada partida da Copa do Mundo de 2014, diretamente, ou através de seus agentes comerciais, que, no Brasil, são representados pela Traffic Sports e Top Service. Segundo a ABIH – Associação Brasileira da Indústria de Hotéis de São Paulo (ABIH-SP)¹⁵:

“A Match é uma entidade da Fifa para fazer a contratação dos hospitalitys, ou seja, dos camarotes, a contratação de cada hotel. Também

14 *Copa do mundo da fifa Brasil 2014 impacto econômico na Cidade de São Paulo*. Material elaborado em agosto de 2014, disponível em <<http://www.observatoriodoturismo.com.br>>. Acesso em 28 de agosto de 2014.

15 Entrevista realizada com o presidente da Associação Brasileira da Indústria de Hotéis de São Paulo (ABIH-SP) e da Câmara Temática da Copa 2014 do Conselho Estadual de Turismo do Estado de São Paulo, realizada no dia 10 de junho de 2013, na sede do Instituto de Desenvolvimento, Turismo, Cultura, Esporte e Meio Ambiente.

cuida da hospedagem e serviço tanto dos patrocinadores como das autoridades, vende todos os ingressos, cuida de toda a parte de camarotes e hospedagem da FIFA. Na verdade, desde 1994 toda a parte de hospedagem e camarotes é com a Match."

A MATCH, portanto, é a detentora de todos os direitos de comercialização de serviços turísticos que o megaevento gera, desde hotelaria, passando por vendas de pacotes até a venda dos ingressos, com total liberdade para estabelecer suas exigências, tornando as empresas brasileiras reféns desse sistema.

A rede hoteleira é um exemplo de enquadramento do *trade* nos padrões FIFA, caso desejassem ser um receptivo oficial da MATCH, o que significa hospedar o grupo FIFA¹⁶, cujo processo de concessão dos hotéis se iniciou em 2009. Assim, as empresas hoteleiras contratadas teriam em torno de 3 a 4 anos para conseguirem se enquadrar nos padrões impostos. A MATCH também é a responsável pela definição dos limites de preço dos hotéis.

Na cidade de São Paulo, o parque hoteleiro preexistente ao evento comportaria a demanda estimada, com um total de 42.000 unidades habitacionais (UH's) e 420 hotéis, segundo a ABIH-SP, razão pela qual o setor hoteleiro não se mobilizou para ampliar sua estrutura, apenas realizou reformas que já estavam programadas. A MATCH bloqueou todos os leitos necessários para atender o seu público, destinando os leitos restantes aos demais turistas.

O perfil dos pacotes "turísticos" comercializados pela MATCH também foram analisados. São vendidos no próprio site da empresa¹⁷ e contam com o serviço de camarote durante as partidas do mundial, hospedagem, *transfer*¹⁸, passagens aéreas nacionais e internacionais, alimentação e *sightseeing*¹⁹. O pacote é predefinido e limitado aos dias da partida, ou seja, não é personalizado, portanto, não pode ser modificado de acordo com o desejo de cada turista. Também é disponibilizado um pacote de apenas um dia para os turistas internacionais que só comparecerão à partida e retornarão ao seu país de origem, o que impossibilita qualquer atividade turística complementar.

16 O grupo FIFA é composto por: presidentes de confederações, autoridades gerais, presidentes, ministros, patrocinadores oficiais, imprensa, o grupo de seleções que vai jogar na cidade-sede, juizes e os turistas que contrataram a empresa MATCH.

17 <http://hospitality.fifa.com/>

18 O serviço de *transfer* corresponde ao transporte de passageiros ou turistas entre o aeroporto ou estação e o local de alojamento (ou vice-versa), entre dois meios de transporte ou entre duas partes de uma viagem.

19 *Sightseeing* é um passeio panorâmico, em geral de curta duração e sem muita interação do visitante com o local visitado; é acompanhado por um guia que conta a história dos principais pontos turísticos da cidade. Pode ser realizado de ônibus, micro-ônibus ou em vans.

São colocados à disposição seis tipos de serviços – camarotes – oferecidos durante a partida, variando em sua qualidade, localização no estádio e produtos inclusos. Para exemplificar os pacotes oferecidos pela MATCH, segue um trecho da descrição do produto “Bossa Nova Studio”:

“Um conceito único e revolucionário disponível pela MATCH Hospitality. Assista aos jogos em um ambiente elitizado e sofisticado na companhia de personalidades do mundo todo. Para uma experiência única, o Bossa Nova Studio é o local ideal para ver e ser visto.”²⁰

Pela descrição dos pacotes oferecidos pela MATCH questiona-se o teor da experiência cultural que a empresa oferece ao visitante que veio ao Brasil atraído pela Copa. A considerar pelo perfil do “Bossa Nova Studio”, o futebol, principal motivo da presença do visitante no estádio, é suplantado pela oportunidade para realizar *networking*.

A agência domina esse segmento por meio de uma estrutura predefinida pela FIFA e, em consequência disso, dificulta a entrada de novos agentes nesse nicho de mercado. Empresas menores, que já atuavam no segmento de turismo esportivo em São Paulo²¹, como a Fanato Esporte Turismo²² e a Futebol Tour²³, que poderiam promover outros serviços para atender ao público da Copa do Mundo 2014, tiveram pouca margem para trabalhar diante dos pacotes fechados oferecidos pela agência oficial da FIFA. Ou seja, a promessa de que o mundial impulsionaria o turismo e movimentaria as empresas locais teve algumas possibilidades, mas muitos limites também.

Quando questionado se o mundial havia impulsionado alguns produtos da agência, o ex-diretor da Futebol Tour disse que o megaevento ficou apartado de todos os outros eventos esportivos, pois o principal produto que poderia gerar demanda, ou seja, o ingresso, foi comercializado exclusivamente pela FIFA. *“(...) a Copa em si é muito difícil de trabalhar por isso, porque você fica com as mãos amarradas”*.

Já o diretor de *marketing* e vendas e um dos seus sócios da agência Fanato disse que, entre os produtos da agência, o futebol é um dos que

20 Disponível em: <<http://hospitality.fifa.com/content/home.aspx>>. Acesso em outubro de 2013

21 Entrevista realizada com representante da agência Fanato Esporte Turismo no dia 17 de junho de 2014, na sede da empresa em São Paulo. A entrevista com o representante da agência Futebol Tour foi realizada no dia 24 de junho de 2014, na sede da empresa.

22 Fundada em 2009 por dois bacharéis em turismo da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo, opera essencialmente o turismo esportivo, não somente o futebol. Atua como agência receptiva e emissiva em São Paulo, mas também como operadora, vendendo produtos praticamente para o Brasil todo.

23 Fundada em 2008, voltada, principalmente, para o fluxo receptivo. Focada essencialmente no futebol e nos jogos nacionais. Atualmente possuem filiais em Porto Alegre, Belo Horizonte e Rio de Janeiro, que surgiram para atender diretamente aos times principais destes estados.

mais se destaca e é possível perceber um aumento a cada ano, principalmente em decorrência do futebol europeu. Também relatou que é possível perceber o crescimento dessa demanda, mas ainda de forma tímida em São Paulo. Um exemplo é o Museu do Futebol, o segundo mais visitado da cidade, atrás apenas do Museu da Língua Portuguesa. A construção do estádio Arena Corinthians e a reforma de outros estádios, contudo, podem criar novas estruturas com potencial turístico para o segmento.

Na perspectiva do ex-ministro do esporte, Orlando Silva, a Copa do Mundo de 2014 poderia ampliar possibilidades de mercado dessas operadoras, já que as previsões eram de que o turismo gerasse cerca de R\$ 9,4 bilhões durante a Copa, movimentado pelos 600 mil turistas estrangeiros e 3,1 milhões de brasileiros esperados para assistir aos jogos²⁴. Pensando no segmento de turismo esportivo com o qual essas agências atuam no mercado e também as demais que estão incorporando o futebol e outros esportes como atrativos, podemos dizer que a Copa pode ser um fator importante na divulgação e ampliação dos serviços, assim como incentivo para o surgimento de novos empreendimentos. Se a perspectiva do ex-ministro indica que parte do sistema de turismo saberá explorar as oportunidades e as melhorias na gestão do esporte e beneficiar-se com o megaevento, essa não foi a realidade apresentada pelas agências que já vêm se profissionalizando no segmento em São Paulo, nem evidenciada pelo estudo da SPTuris, elaborado em agosto de 2014, no qual o setor de agências de viagem registrou a divulgação do país e da cidade como aspecto positivo, mas o resultado do evento foi ruim para venda no mercado interno, especialmente se comparados aos investimentos realizados pelas agências receptoras²⁵.

A organização de novos produtos, atrativos e ações estruturais para o turismo local, estimulados pelo megaevento, é praticamente inexistente, salvo algumas iniciativas pontuais relacionadas a seguir.

24 SILVA, Orlando. *Futebol: um negócio que move paixões*. **Cadernos FGV Projetos: Futebol e Desenvolvimento Econômico-Social**, Rio de Janeiro, ano 5, n.13, p.24-29, junho 2010. Disponível em: <<http://fgvprojetos.fgv.br/sites/fgvprojetos.fgv.br/files/794.pdf>>. Acesso em: fev. 2013. Após o evento, o Portal da Copa divulgou que os visitantes estrangeiros que estiveram no Brasil em junho e julho gastaram US\$ 1,586 bilhão, segundo dados do Banco Central. Em julho, a entrada de dívidas somou US\$ 789 milhões, valor pouco abaixo dos US\$ 797 milhões de junho. "Na comparação com o mesmo período de 2013, houve aumento de 60%. Mais de 1 milhão de visitantes internacionais estiveram no Brasil durante a Copa, dos quais 61% visitaram o país pela primeira vez, conforme pesquisa realizada pela Fipe (Fundação Instituto de Pesquisa Econômica) realizada para o Ministério do Turismo". Disponível em <<http://www.copa2014.gov.br>>. Acesso em 28 de agosto de 2014.

25 *Copa do mundo da fifa Brasil 2014 impacto econômico na Cidade de São Paulo*. Material elaborado em agosto de 2014, disponível em <<http://www.observatoriodoturismo.com.br>>. Acesso em 28 de agosto de 2014.

Em entrevista com uma representante da Assessoria Especial do Comitê Paulista da Copa do Mundo da FIFA 2014, o *Guia Roteiros Paulista na Copa* foi apresentado como uma das principais ações de aproveitamento do tempo livre do visitante que estivesse na cidade em virtude da Copa. O guia foi lançado no final de 2013 e sugeriu 55 roteiros turísticos em 49 municípios, com duração de 1, 2 ou 3 dias, com destinos diversos e organizados pelos segmentos: sol e praia, cultura e lazer, comer e beber, aventura e natureza. A maioria dos turistas estimados para a Copa no Brasil necessariamente passariam por São Paulo, configurando uma oportunidade para cidades vizinhas atraírem parte desse público. O Comitê percebeu que alguns municípios estavam se mobilizando e incrementando sua atividade turística, aproveitando a ocasião para ampliar sua visibilidade no contexto da Copa, evidenciando que o megaevento pode ser estímulo para a estruturação da atividade turística.

Contudo, o Comitê Paulista do Estado não detinha nenhum tipo de recurso, apenas promovia a articulação entre as Secretarias Estaduais com interfaces importantes com o evento. Não houve incremento algum no orçamento dessas Secretarias, por causa da Copa, o que revelou também certo limite para a melhor estruturação da oferta turística desses destinos.

No que se refere às ações para a qualificação do turismo na cidade de São Paulo, destaca-se o convênio com o Ministério do Turismo, que disponibilizou recursos para a SPTuris investir em infraestrutura, especificamente em sinalização turística, implantação e reestruturação de CITs (Centrais de Informação Turística), acessibilidade e capacitação. Segundo a SPTuris, as CIT's seriam contempladas com um recurso de R\$ 950.000,00, repassados via Caixa Econômica, destinados à aquisição de uma nova unidade fixa no Aeroporto de Congonhas; adequação da CIT localizada no Terminal Rodoviário do Tietê; aquisição de três unidades móveis para prestação de informações turísticas e de 5 *segways*²⁶ para atendimento nas áreas de *Fun Fests*²⁷.

Quanto à sinalização turística, os recursos provieram de um contrato remanescente de 2007 do Ministério do Turismo para infraestrutura turística, sendo o valor do repasse de R\$ 874.000,00. Foram instaladas cerca de 50 placas interpretativas em frente a monumentos, contendo a história do local em três idiomas e um *link* para página *on-line* com informações adicionais, além de 316 placas sinalizando 72 atrativos. Outras intervenções previstas incluíam a instalação de 19 *totens* com o mapa dos arredores e

26 Veículo motorizado para transporte pessoal, dotado de uma plataforma para apoiar os pés e duas rodas paralelas, que se equilibra sobre seu próprio eixo.

27 Fan Fests são eventos oficiais da FIFA e de seus patrocinadores para a transmissão direta em telão, dos jogos da Copa do Mundo 2014.

a sinalização dos pontos de interesse turístico na região central da cidade – Sé, República, Bom Retiro-Luz²⁸ e um portal na Rodovia Ayrton Senna e sinalização para pedestres na Av. Paulista²⁹. Os recursos para obras de acessibilidade são maiores, em torno de 11 milhões de reais. Obras e projetos ficaram sob responsabilidade da Secretaria Municipal da Pessoa com Deficiência.

O projeto para a capacitação de recursos humanos foi o Pronatec Copa, que ofereceu cursos de inglês, espanhol e libras, além de 44 atividades ligadas ao receptivo turístico. Foi realizado pela parceria entre os Ministérios da Educação e do Turismo e contou com recursos federais, configurando-se aprimoramento de projetos anteriores que foram encerrados devido a problemas com repasse de recursos a entidades sem fins lucrativos³⁰. O projeto chegou a atender 71.777 profissionais do setor de turismo em todo o país, e a região sudeste qualificou 27,8% desse total³¹.

A capacitação profissional mostrou-se uma possibilidade mais tangível de benefícios oriundos do megaevento, especialmente no que se refere às oportunidades de trabalho propaladas para a região onde se localiza o estádio de abertura do Mundial. A região Leste da cidade, historicamente, se caracterizou por seu caráter operário e industrial e por uma população de baixa renda. Com a penetração de atividades ligadas ao setor de serviços, conforme sugerem as análises mais gerais do projeto já apresentadas por outros textos integrantes dessa publicação, a capacitação profissional de seus moradores visando à inserção deles nessas novas oportunidades de trabalho mostrou-se digna de nota. Dentre os levantamentos recentes realizados no âmbito da pesquisa, verificou-se, nos últimos anos, uma gradual inclusão de cursos voltados às atividades do setor terciário por parte das instituições de ensino da Zona Leste, embora muitas ainda mantenham sua oferta no setor industrial. Cursos na área de organização de eventos, por exemplo, têm crescido na região.³²

28 Disponível em: <<http://www.cidadedesaopaulo.com/sp/br/noticias/4402-totens-de-sinaliza-cao-turistica-sao-instalados-no-centro-de-sao-paulo>>. Acesso em 15 de maio de 2014.

29 Durante a elaboração do texto, estas intervenções estavam apenas iniciadas e não foi possível verificar se todas foram concluídas dentro do prazo previsto.

30 Disponível em: <<http://www.copa2014.gov.br/pt-br/noticia/ministerio-do-turismo-suspende-recursos-para-programas-de-qualificacao>>. Acesso em 15 de maio de 2014.

31 Disponível em: <http://turismo.gov.br/turismo/noticias/todas_noticias/20110716-3.html>. Acesso em 15 de maio de 2014.

32 Buscando acompanhar a implantação e efetividade dos cursos oferecidos no âmbito do megaevento e seu possível impacto na Zona Leste de São Paulo, foi concluído em agosto de 2014 o projeto de iniciação científica "Impactos da Copa do Mundo 2014 na cidade de São Paulo: inclusão social através da capacitação profissional", desenvolvido pela aluna do Curso de Turismo da USP e coautora deste texto, Luane Vacchi. O projeto identificou forte tendência para a oferta de cursos para capacitação de mão de obra no setor terciário na Zona Leste e a expectativa de continuidade nos processos de qualificação profissional propostos para o Mundial por parte das instituições e alunos envolvidos.

CONSIDERAÇÕES

Durante a pesquisa, percebeu-se que são notáveis a preocupação e a evidência do megaevento na mídia. Entretanto, notou-se, ainda, que se trata de um evento com padrões impostos pelas renomadas empresas envolvidas em sua organização, de modo que o *trade* apenas tentou oportunizar novos negócios com a Copa, sem participação efetiva em seu planejamento, nem recursos significativos para a qualificação da oferta turística dos destinos.

Na perspectiva de estruturação do setor de turismo para além do segmento de negócios e eventos, as intervenções propostas pelos órgãos gestores também se mostraram tímidas e pontuais, com raras propostas de articulações de novos produtos turísticos ou melhoria dos recursos já existentes. Para a SPTuris, todas as ações realizadas ficarão como legado para a cidade, “*então a gente constrói pra Copa, mas continua*”³³. No entanto, é necessário refletir se tais ações pontuais foram inseridas em um contexto mais amplo e integradas a outros planos de desenvolvimento, já que havia limites claros e demonstraram estar, em sua maioria, restritas ao atendimento da demanda durante o Mundial.

Nota-se, desta maneira, que o planejamento turístico para Copa do Mundo 2014 concentrou-se no *marketing* e na comunicação, na expectativa de que a visibilidade da cidade renderia resultados para o setor. A preocupação se pautou mais na divulgação dos lugares e não na sua estruturação efetiva. Se isso, por um lado, evidencia que a estruturação de segmentos de cultura e lazer e investimentos mais consistentes em infraestrutura básica e de apoio ficam em segundo plano, por outro, revela que, para São Paulo, os negócios que se desdobraram a partir de mais este evento colaboraram para a engrenagem do segmento turístico sobre o qual a cidade vem apostando, o que parece ser suficiente para uma cidade cuja atividade turística é fortemente baseada no segmento de negócios e eventos.

No cenário mais amplo da cidade, a Zona Leste, por sediar a abertura do Mundial, a construção do Polo Institucional Itaquera, que contará com uma rodoviária, centro de convenções e eventos, parque linear, além da Arena Corinthians, entre outros equipamentos, pode vir a representar uma estrutura geradora de fluxo turístico na região, além da proximidade com o aeroporto de Guarulhos, que é o maior do país. Contudo, esta região ainda não se enquadra no segmento com o qual a cidade trabalha atualmente.

Como reflexão final, podemos entender que, para o setor de turismo em São Paulo, a Copa do Mundo não teve a mesma relevância das demais

33 Entrevista realizada em 29 de maio de 2013 com a diretora de Turismo da SPTuris, na sede do órgão, no Parque Anhembi.

idades-sede, uma vez que a cidade já vem se especializando na realização de eventos. A dimensão "mega" desse evento parece situar-se na projeção midiática de São Paulo e nos desdobramentos que ele pode trazer para o calendário de eventos e o fortalecimento dos negócios.

.....

DA ORGANIZAÇÃO OPERÁRIA AOS MOVIMENTOS SOCIAIS: A VOZ DE ITAQUERA NA COPA DE 2014

Valter de Almeida Costa¹

Diversas cidades brasileiras se viram instadas a concluir obras relacionadas à ocorrência da Copa Mundial de Futebol. Por terem de atender às mesmas exigências feitas pela FIFA, muitas semelhanças podem ser verificadas nos processos vividos pelos vários municípios: as adequações nos sistemas de transporte e viário, os investimentos para a garantia de hospedagem, recepção e segurança dos torcedores, entre outros. Expectativas foram geradas em relação aos negócios e lucros que serão efetivados com o comércio e serviços relacionados ao evento. Mas também muitos foram, e são, os questionamentos quanto aos gastos dessas ações diante da carência de recursos aplicados em áreas consideradas essenciais, como as da saúde e educação, por exemplo. Estes questionamentos alimentam, inclusive, manifestações dos que são contrários à realização da Copa no País.

Essas são situações que parecem comuns a todas as cidades que estão sendo preparadas para sediar os jogos da Copa de 2014. Mas o que haverá de específico na forma como este megaevento pode impactar em cada um desses municípios? Ou, como este acontecimento, a realização da Copa, se articula à particularidade de cada município, atendendo ou desatendendo às expectativas e aos projetos locais?

No caso específico da cidade de São Paulo, com arena construída e destinada à abertura dos jogos, nos interessa o desafio de propor alguma

¹ Valter de Almeida Costa é mestre em Educação pela Faculdade de Educação da USP. Graduado em História e Pedagogia. Professor Universitário. É membro do Fórum para o Desenvolvimento da Zona Leste, tendo sido presidente desta entidade em 2004-2005 e Diretor de Educação e Cultura em outros mandatos. Participa da Coordenação do Movimento Nossa Itaquera e Movimento pela UNIFESP na Zona Leste. Participou do Conselho Municipal de Política Urbana de São Paulo (2005-2006) e, atualmente, do Conselho Gestor da APA do Carmo. É Supervisor Escolar efetivo da Secretaria Municipal de Educação de São Paulo e, desde 2013, exerce a função de Diretor Regional de Educação de Itaquera.

contribuição para o estudo de como este evento repercute no distrito de Itaquera, central na estruturação da Zona Leste de São Paulo.

O objetivo, portanto, é expor de que maneira os movimentos, as organizações sociais, os sujeitos coletivos da região elaboraram, defenderam, confrontaram ou conciliaram seus projetos com aqueles advindos dos órgãos públicos e organizações privadas que operam em escalas muito maiores. E entre estes sujeitos coletivos, aqueles identificados com projetos conduzidos pelas forças progressistas, as agremiações sindicais e comunitárias sob influência de partidos de esquerda e outras organizações políticas com maior atuação na Zona Leste, desde a segunda metade do século XX.

O projeto da Copa, sob essa perspectiva, é "um" dos projetos que se relacionam com outros projetos da região e é desta forma que deve ser compreendido.

AS SOCIEDADES AMIGOS DO BAIRRO E AS LUTAS POPULARES NA REGIÃO

Em toda a cidade de São Paulo, desde a década de 1940, foi determinante a atuação das Sociedades Amigos do Bairro na organização de reivindicações por melhorias urbanas das áreas periféricas (iluminação pública, pavimentação de ruas, instalação de linhas de ônibus, construção de postos de saúde e escolas). Na luta pela expansão do ensino público, é bastante conhecida a importância dessas associações de moradores que contaram com a influência da Igreja Católica, do Partido Comunista (mesmo na ilegalidade) e do janismo (movimento organizado em torno do político populista Jânio Quadros) (Spósito, 1984).

Se a atuação das Sociedades Amigos do Bairro (muito forte entre as décadas de 1940 e 1980) tem seu registro na pesquisa conduzida por Marília Pontes Spósito, que menciona alguns bairros da Zona Leste (Vila Formosa, Vila Guilhermina, Penha e Vila Matilde), tratando especificamente da luta pela construção de escolas públicas, uma abordagem mais completa sobre a ação das Sociedades Amigos do Bairro é feita pelo pesquisador Paulo Fontes (2008).

Ao analisar a presença de migrantes nordestinos no bairro de São Miguel Paulista, atraídos pelos empregos da fábrica Nitro Química, Fontes estuda as principais influências políticas na organização desses migrantes, tanto na luta sindical por melhores condições salariais e de trabalho, dentro da fábrica, como na condução de lutas por melhorias urbanas, através das Sociedades Amigos do Bairro. Relata a influência de políticos, na forma do ademarismo e janismo (movimentos políticos rivais na cidade e

no estado de São Paulo); do Partido Comunista Brasileiro, que manteve organização operária na região, razão pela qual chegou a atrair a visita de renomadas personalidades comunistas do País:

“Com o crescimento do PCB, vários dirigentes e figuras de destaque do partido passaram a visitar o longínquo bairro. Além da presença de Jorge Amado, São Miguel recebeu ‘Graciliano Ramos, Dorival Caymmi (...).O próprio Luís Carlos Prestes não tardou a visitar aquele promissor núcleo comunista. Na manhã do feriado do dia 7 de setembro de 1945, Prestes compareceu pela primeira vez ao bairro para participar de um comício. Foi recepcionado por cerca de 400 pessoas que o aguardavam em frente à sede do comitê comunista” (Fontes, 2008, p. 215- 216).

Também é descrito por Fontes o estímulo da direção da empresa Nitro Química para que a Paróquia da Igreja Católica de São Miguel Paulista criasse o Círculo Operário em 1946. Este Círculo, surgido como reação à greve ocorrida na fábrica em 1945, ainda tinha o propósito de diminuir a crescente influência dos comunistas entre os operários:

“Dessa forma, o combate à influência comunista entre os trabalhadores era considerado uma das principais tarefas do movimento e, não por acaso, foi comum o apoio financeiro de empresários às atividades dos círculos operários em São Paulo. Além das ações de caráter claramente religioso, os círculos tinham uma grande preocupação com o ‘tempo livre’ do operariado. Assim, organizavam atividades de lazer e educacionais. Também era comum a prestação de assistência médica e dentária” (Fontes, 2008, p. 237- 238).

Essa ação local descrita por Fontes fazia parte de uma estratégia nacional, formulada pelo complexo civil e militar que preparava o Golpe Militar, e implementada pelo IPES (Instituto de Pesquisas e Estudos Sociais) e pelo IBAD (Instituto Brasileiro de Ação Democrática), com o objetivo de não apenas conter o crescimento da influência comunista nos sindicatos, mas também de abrir caminho para a futura intervenção militar:

“A ação política da elite orgânica entre as classes trabalhadoras e os sindicatos desenvolvia-se grandemente através de organizações ‘fantoques’ e movimentos orientados pelo clero, que competiam com sindicatos de esquerda pelo apoio das classes trabalhadoras. Uma realização importante para o IPES foi apoiar e inspirar a ação política da Federação de Círculos Trabalhadores Cristãos, federação esta de direita, fundada pelo Padre Leopoldo Brentano” (Dreifuss, 1981, p. 309).

AS ESTRATÉGICAS DA ESQUERDA NA ZONA LESTE ANTES E DEPOIS DO GOLPE

As medidas descritas acima não impediram o fortalecimento e até a articulação entre as organizações operárias, que contavam com militantes comunistas em suas direções, com as outras organizações populares, comunitárias, que atuavam pautadas em reivindicações por melhorias nos bairros. Além das pautas mais conhecidas, como pavimentação, iluminação, feira e escolas, o associativismo mais crítico também se servia da estratégia de fomentar atividades recreativas e esportivas. As ações ainda podiam ganhar amplitude quando articuladas com entidades intersindicais no apoio aos movimentos grevistas, à luta contra a carestia em geral e, em especial, contra o aumento no preço da passagem de ônibus. Contra o aumento das passagens houve ativa participação da Federação das Sociedades Amigos de Bairros e Vilas de São Paulo (Fesab):

“Em 8 de setembro de 1957, a Fesab promovia um desses comícios em São Miguel Paulista. Visando combater a ‘majoração das passagens das empresas particulares (de ônibus) e pela criação de linhas intermediárias’, o comício contou com a participação de 700 pessoas” (Fontes, 2008, p. 277).

Com tal nível de mobilização, não surpreende que as autoridades que assumiram o poder, com o Golpe Militar de 1964, tenham dedicado alguma atenção ao movimento percebido naquela região:

“...o golpe militar, amplamente apoiado pelos empresários brasileiros, teria como um de seus principais alvos o movimento sindical e a organização dos trabalhadores. Em São Miguel, o impacto inicial do golpe atingiu em cheio o Sindicato dos Químicos e os operários da Nitro Química. A entidade foi uma das primeiras a sofrer intervenção governamental e ter sua diretoria cassada” (Fontes, 2008, p. 303).

Na região de São Miguel Paulista e bairros vizinhos da Zona Leste, a resistência ao golpe seguiu os padrões ditados pelas organizações democráticas e de esquerda do país. No caso da esquerda, é mais apropriado falar em padrões, dada a divisão com o aumento de dissidências no Partido Comunista (Pimenta e Teixeira, 2009). Houve militantes locais que adotaram a luta armada contra o Regime Militar e que seguiram Carlos Marighella na fundação da Aliança Libertadora Nacional:

“As críticas de Marighella repercutiram fortemente entre alguns militantes comunistas em São Miguel. Insatisfeito com a atuação e os rumos do partido, Virgílio Gomes da Silva, o mesmo militante que havia

sido baleado durante a greve de 1963...liderou uma dissidência no PCB de São Miguel. A maioria dos antigos dirigentes sindicais permaneceu no partido, mas a fração de Virgílio conseguiu a adesão de alguns operários da Nitro (...). Virgílio Gomes da Silva se tornaria um destacado líder da ALN. Em 1969, comandaria um dos mais arrojados e bem sucedidos atos da luta armada brasileira: o sequestro do embaixador norte-americano no Rio de Janeiro. Perseguido implacavelmente, foi preso meses depois e morto sob tortura" (FONTES, 2008, p. 305).

Mas também houve aqueles que optaram pela linha defendida pela direção do PCB à época, a de resistir contra o regime militar, atuando nas organizações de massa (Gorender, 1987). Essa foi a posição adotada por muitos militantes comunistas da região que continuaram agindo nas Sociedades Amigos de Bairro:

"Santos Bobadilha foi um dos militantes comunistas que mais se envolveram na organização de associações de bairro entre o final dos anos 1950 e na década de 1960. Diretor do Sindicato dos Trabalhadores na Indústria de Alimentação de São Paulo, Bobadilha morava em São Miguel, no Jardim São Vicente, sendo um dos fundadores da sociedade local. Para muitos militantes e simpatizantes de esquerda, as associações de bairro tornaram-se a forma de participação possível após o golpe" (Fontes, 2008, p. 303).

ITAQUERA E A LUTA POLÍTICA NAS ASSOCIAÇÕES DE MORADORES NOS ANOS DE REPRESSÃO

Nesse período do regime militar, tal como em São Miguel Paulista e em outros bairros de São Paulo, também em Itaquera, militantes do Partido Comunista Brasileiro e de outras organizações políticas continuaram atuando nas associações de moradores. Essa atuação, considerada como uma política de "frente", buscava unir em torno de reivindicações concretas, lideranças de variados matizes políticos que integravam as Sociedades Amigos de Bairro. Um desses líderes, José Damião da Silva Filho, presidente da Sociedade Amigos do Bairro de Vila Progresso, descreve, em trecho do livro *Itaquera*, da *Coleção História dos Bairros de São Paulo*, as lutas travadas por aquela entidade fundada em 1960. Lista, entre as conquistas na década de 1970, várias ruas pavimentadas, escolas e água encanada (Lemos e França, 1999, p. 99).

No mesmo ano em que a Sociedade Amigos do Bairro de Vila Progresso conquistava a água encanada, outro dirigente comunitário de Itaquera, Geraldo Castro da Silva, era feito prisioneiro junto com outros militantes

comunistas. O próprio José Damião da Silva também havia sido preso pelo II Exército, na operação de repressão desencadeada contra militantes dessa organização clandestina. Mesmo não tendo optado pela luta armada, o PCB teve dezenas de dirigentes e militantes presos e mortos entre 1975 e 1976. Um dos presos nesse período foi Geraldo Castro da Silva, presidente da Sociedade Amigos de Vila Carmozina, enfermeiro do Hospital Santa Marcelina. Geraldo foi mantido em cela próxima de outro militante acusado de pertencer ao PCB, o operário Manoel Fiel Filho. Após a morte sob tortura de Manoel Fiel Filho, o depoimento de Geraldo Castro foi peça essencial da ação pública civil movida para evitar o encobrimento do crime. Ao longo da década de 1970 e início dos anos de 1980, no período que antecedeu à redemocratização do Brasil, José Damião, pela SAB de Vila Progresso, Geraldo Castro, pela SAB de Vila Carmozina, Sebastião Francisco, na União de Moradores da Cidade Líder, junto com outros dirigentes comunitários de Itaquera, São Mateus e Guaianases, encaminhavam demandas específicas de suas respectivas comunidades, mas também se articulavam no Conselho das Sociedades da região, que reunia, na sede da Sociedade Amigos da Vila Corberi, presidida por Otávio Calixtrato, dirigentes de associações de vários cantos da Zona Leste: o Damas, da SAB do Jardim Morgante, Jesus Teixeira, da SAB de Guaianases, Gilson Barreto, da SAB de São Mateus, entre muitos outros.

Uma parte desses líderes comunitários tinha participação política nos únicos partidos legais admitidos na época do regime militar: a ARENA (que dava sustentação política ao governo da ditadura) e o MDB (de oposição). Dos que atuavam dentro do MDB, alguns eram ligados às organizações clandestinas de esquerda (o PCB, o PCdoB e o MR-8, principalmente). Com a reorganização partidária e a extinção da ARENA e do MDB, surgiram vários partidos: o PDS, da situação, enquanto a oposição foi fragmentada em vários partidos: PMDB, PTB, PDT e o PT.

A DÉCADA DE 1980 E A REDEMOCRATIZAÇÃO

O PMDB ganhou a eleição para o Governo do Estado de São Paulo, em 1982, e o Governador eleito, Franco Montoro, nomeou Mário Covas para governar a Capital (pela lei da época, os governadores nomeavam os prefeitos das capitais). No decorrer dessa década e da seguinte, várias associações de moradores, na medida em que viram atendidas suas reivindicações mais tradicionais (iluminação, pavimentação e extensão de linhas de ônibus) adotaram os programas assistencialistas dos governos (de distribuição de cestas básicas e leite), o que fez com que parte dessas entidades ficasse muito próxima das autoridades, facilitando os casos de cooptação de lideranças.

Mas a década de 1980, na Zona Leste, também presenciou o surgimento de novas formas de participação popular. Por influência da ala da Igreja Católica ligada à Teologia da Libertação e com o apoio do Bispo Dom Angélico Sândalo, da Diocese de São Miguel Paulista, as Comunidades Eclesiais de Base (CEBs) estimularam a participação de leigos nas lutas sociais (Ticão, 2011). Nesse sentido, foi fundamental o papel desempenhado pela Pastoral Operária no suporte para a organização da Oposição Sindical Metalúrgica que tentou combater o sindicalismo tido como "pelego". Papel importante na condução dessa luta foi desempenhado pelo operário Waldemar Rossi, que liderava a oposição sindical.

Para a mobilização das Comunidades Eclesiais de Base, na Zona Leste, foram significativas a produção e a distribuição do Jornal Grita Povo o qual trazia notícias e reflexões sobre as lutas políticas e sociais da região (Ticão, 2011). Em Itaquera, o representante dessa corrente católica progressista era o Padre Chico Falcone.

Também na Zona Leste, entre o final dos anos de 1970 e início dos anos de 1980, surgiu e ganhou força o Movimento Popular de Saúde. Iniciado por uma comissão de mulheres do Jardim Nordeste, ainda na década de 1970, a ampliação da luta por postos de saúde e saneamento básico resultou na reunião das Comissões e Conselhos de Saúde da Zona Leste, unificados em 1983.

OS ANOS 1990 E A FUNDAÇÃO DO FÓRUM PARA O DESENVOLVIMENTO DA ZONA LESTE

A expectativa geral por medidas que gerassem empregos na região, tendo em vista a explosão populacional verificada com a chegada dos Conjuntos Habitacionais na década anterior, levou dezenas de organizações locais a fundarem, em novembro de 1999, no SESC Itaquera, o Fórum para o Desenvolvimento da Zona Leste. Havia certa empolgação dos setores médios da sociedade local, empresários e profissionais liberais que participavam mais ativamente de suas entidades de classe. No final dos anos de 1980, a Maçonaria também havia chegado à região (Notícias de Itaquera, 2000).

No início dos anos de 1990, foi inaugurado o Shopping Aricanduva, tido como o maior da América Latina. A Ordem dos Advogados do Brasil (OAB) organizava mais ativamente sua subseção local. O Serviço Social do Comércio (SESC) inaugurou uma grande unidade na região de Itaquera, em 1992, e o Serviço Nacional do Comércio (SENAC) também estabeleceu uma unidade, em 1998, no centro de Itaquera. Ou seja, o Sistema S, com todo o discurso veiculado pelo SEBRAE, sobre empreendedorismo e desenvolvimento local, estava em movimentação.

Não foi por coincidência, portanto, que o Fórum para o Desenvolvimento da Zona Leste foi fundado, no SESC Itaquera, por cerca de 180 entidades (Clubes de Lojistas, Conselhos de Segurança, Unidades do Rotary Clube, Lojas Maçônicas, Universidades privadas, Associações de Moradores, etc). A composição era heterogênea, mas, nos primeiros anos dessa entidade, criada como OSCIP, a direção era predominantemente empresarial. Funcionava com Grupos de Trabalho temáticos (Meio Ambiente, Cultura, Educação, Urbanismo, Comércio, Indústria, etc), nos quais participavam os representantes das entidades, conforme suas afinidades (Costa, 2011). Na direção dos Conselhos Diretor e Deliberativo, porém, a presidência, nos primeiros anos, ficou a cargo, respectivamente, de um empresário da CIESP – Leste e de uma das proprietárias de uma Universidade Particular da região.

Esse tipo de articulação, que teve como palco a Zona Leste de São Paulo, estava, naqueles anos finais da década de 1990, em conformidade com o contexto político do Brasil e do Estado de São Paulo. O País era presidido por Fernando Henrique Cardoso (PSDB), em seu segundo mandato. Era a década da derrocada do socialismo real e da aparente vitória final, tida como definitiva, do pensamento neoliberal. Em quase todos os meios, imprensa e academia, já não eram considerados válidos os conceitos de "classe social" ou "luta de classes". As pesquisas tratavam dos novos movimentos sociais. Foi a época das ONGs, Organizações Não Governamentais. O Fórum (FDZL) foi fundado no mesmo ano da promulgação da Lei 9.790/99, que criou a Organização da Sociedade Civil de Interesse Público (OSCIP). Em seu estatuto social, o Fórum divide seus quadros dirigentes, conforme os chamados três setores, de acordo com o entendimento liberal da expressão:

"...de acordo com a visão de mundo liberal, o primeiro (o Estado) o lugar da política e o segundo (o mercado), o da economia, a sociedade civil ou terceiro setor seria o espaço do social, das relações sociais baseadas na solidariedade e no altruísmo (...). Estão incluídas no chamado terceiro setor organizações não-governamentais (ONGs), instituições filantrópicas, fundações empresariais e associações comunitárias. Apropriando-se do termo 'sociedade civil', o grupo dominante e dirigente empenha-se em transmitir a noção de que se trata de um espaço sem antagonismos, 'despolitizado', livre dos 'vícios' que teriam o Estado restrito e o mercado, abstraído das lutas entre projetos de sociedade distintos" (Neves, 2005, p. 183).

Também no ano de fundação do Fórum, o político José Aníbal assumia a Secretaria de Estado de Ciência, Tecnologia e Desenvolvimento Eco-

nômico de São Paulo, na gestão de Mário Covas, então Governador do Estado, com quem alguns dos empresários fundadores do FDZL tinham ligação. São Paulo já era a principal arena da disputa política entre PT e PSDB, no país. E dentro da capital, a Zona Leste viu aumentar seu peso nesta disputa.

OS ANOS 2000 E OS EMBATES POLÍTICOS E IDEOLÓGICOS NA ZONA LESTE

Como pode ser verificado no resultado das eleições ocorridas nas duas últimas décadas, a Zona Leste está claramente dividida: as áreas próximas do centro (Mooca, Penha, Aricanduva, Vila Formosa) votam no PSDB; as áreas do extremo leste (Guaianases, Cidade Tiradentes, Itaim Paulista, São Mateus e Itaquera) votam no PT. Desta última relação, porém, Itaquera está se aproximando, do ponto de vista socioeconômico, das regiões da Penha e Mooca. Do ponto de vista social, que reflete nas opções partidárias, a população de Itaquera está mais próxima à de Ermelino Matarazzo, um bairro que já oscila entre estes dois agrupamentos partidários.

Talvez não seja coincidência, portanto, que estes dois bairros, Ermelino Matarazzo e Itaquera, concentrem hoje atenção e investimentos dos governos desses dois partidos. Essa disputa, nos anos 2000, ficou mais acirrada com a vitória do PT na capital, quando Marta Suplicy se elegeu prefeita. O Governo do Estado, comandado pelo PSDB, inaugurou, em 2002, a FATEC Zona Leste, em Ermelino Matarazzo (Costa, 2011). Em 2003, a administração petista inaugurou, em Itaquera, o Centro Educacional Unificado, o CEU Aricanduva. Em 2005, foi inaugurada pelo Governo do Estado a USP Zona Leste, no bairro de Ermelino Matarazzo. De certa maneira, as entidades integrantes do Fórum e as demais organizações que atuam na região participaram desses embates, apoiando ou refutando os projetos das agremiações partidárias ou apresentando os próprios projetos de suas respectivas comunidades.

Como mérito na iniciativa de organizar esse Fórum, pode ser mencionada a finalidade de tratar de demandas estratégicas e de alcance regional, quando as entidades de moradores ou de classe convencionais tinham por tradição o tratamento de assuntos locais e imediatos. Tal intenção, por exemplo, permitiu que esta organização acompanhasse as discussões que, mais tarde, resultaram na elaboração dos Planos Regionais Estratégicos (PRE) das Subprefeituras localizadas na Zona Leste. Vários ativistas, militantes comunitários e técnicos ligados ao Fórum participaram das discussões que levaram aos PREs de Itaquera, São Miguel Paulista, Penha, São Mateus e Mooca, por exemplo.

O Fórum também promoveu estudos e debates sobre os vários projetos para a região que, por sua vez, permitiram a construção de consensos em torno de algumas bandeiras que foram defendidas pelos seus diversos integrantes: o apoio político e mobilização para as obras de extensão da Avenida Radial Leste até Guaianases; para a extensão da Avenida Jacu-Pêssego; a defesa do Programa de Desenvolvimento Econômico da Zona Leste; a defesa da instalação de Universidades Públicas (unidades da USP e UNIFESP), Faculdades de Tecnologia e Escolas Técnicas Públicas na região; a defesa do Programa de Incentivos Fiscais Seletivos para a Zona Leste (uma vez que o primeiro projeto, neste sentido, tinha sido aprovado em 2004); a defesa da Operação Urbana Rio Verde Jacu; a mobilização pela conclusão das obras complementares ligadas ao viário das Avenidas Radial Leste e extensão da Avenida Jacu-Pêssego; a defesa das propostas dos Parques Lineares e a defesa de investimentos para Programas de Habitação Popular na região.

Entre esses projetos havia relação de complementaridade visível na análise do Programa de Desenvolvimento Econômico da Zona Leste e Lei da Operação Urbana Rio Verde Jacu. Como exemplo: tanto as obras de extensão das grandes avenidas que cruzam a região (Radial Leste e Jacu-Pêssego), quanto a dos Parques Lineares (como o do Rio Verde, em Itaquera) afetavam regiões ocupadas por milhares de famílias que habitavam nas margens daquelas avenidas e rio. A execução das obras viárias e do Parque Linear, portanto, deveria ter sido precedida da aquisição de terrenos e imóveis para o reassentamento das famílias residentes nas áreas que tivessem de ser removidas por conta desses projetos. A Lei da Operação Urbana Rio Verde Jacu, aprovada em 2004, previa essa articulação. Possivelmente, por isso, a Lei, na sua integralidade, não foi aplicada.

Com a vitória de José Serra e sua posse em 2005, o Programa de Desenvolvimento Econômico da Zona Leste, marca do governo anterior, e as Leis da Operação Urbana Rio Verde Jacu e dos Incentivos Fiscais Seletivos foram deixados de lado. O sucessor de Serra, Gilberto Kassab até retomou, ao final de sua segunda gestão, a discussão sobre as Leis da Operação Urbana e dos Incentivos Fiscais Seletivos, tendo sido contratados estudos para atualizar e "promover ajustes" nas propostas. Enquanto isto, alguns diretores do Fórum, ligados aos Grupos de Trabalho da Educação, Urbanismo e Meio Ambiente, continuaram promovendo estudos e debates nas regiões, principalmente em escolas e Universidades.

Refletindo a composição heterogênea e policlassista do Fórum, as posições dos diferentes integrantes do FDZL variaram conforme suas posições de classe ou ideológicas, diante das várias propostas que compuseram os Planos Regionais das subprefeituras, aprovados em 2004 e na luta que se seguiu no tumultuado e inconcluso processo de revisão desses planos.

Conforme já apontado na publicação do arquiteto Flávio Villaça, "As Ilusões do Plano Diretor", a participação popular na elaboração do Plano Regional Estratégico de Itaquera foi irrisória. Se comparada com a verificada em outras subprefeituras de regiões mais desenvolvidas e mobilizadas, então, o quadro chega a ser escandaloso.

Os setores populares na região, que tinham marcado forte presença (a maior da Capital) nas plenárias do Orçamento Participativo que discutiram demandas imediatas das comunidades, quase não participaram das reuniões para discussão do Plano Regional Estratégico. Nestas, mesmo em pequeno número, participaram mais os pequenos e médios empresários, preocupados com os projetos viários locais, e os profissionais do setor imobiliário, interessados nas possíveis alterações nas regras de zoneamento.

Apenas posteriormente, entre os anos de 2005 e 2008, no processo de discussão para a revisão desses Planos, que estava prevista para acontecer em 2006, houve um estudo mais detalhado e acompanhamento da discussão por parte de segmentos mais populares do FDZL, interessados nos pontos referentes às Habitações de Interesse Social.

Conforme exposto anteriormente, a Lei da Operação Urbana Rio Verde Jacu não foi aplicada. Ficou praticamente engavetada. Mas algumas de suas propostas tiveram encaminhamento: as obras viárias da extensão da Avenida Radial Leste e intervenções complementares; de extensão da Avenida Jacu-Pêssego; e a primeira fase do Parque Linear Rio Verde. Não foi, porém, efetivada a aquisição prévia de terrenos e imóveis para o reassentamento das famílias atingidas pelas obras. Resultado: centenas de famílias removidas por conta das obras da Avenida Jacu-Pêssego (Nova Trabalhadores), em operação coordenada pela DERSA, por ser obra que extrapola os limites do Município, assumida, portanto, pelo Governo do Estado. Como não houve investimento para a aquisição prévia de moradias para essas famílias, elas foram atendidas com o recurso do aluguel social.

A QUESTÃO DA MORADIA E A LUTA CONTRA A REMOÇÃO DAS FAVELAS

Em 2010, quando a proposta da continuidade das obras do Parque Linear Rio Verde começou a ser aventada junto com a da construção do Estádio para a Abertura da Copa do Mundo, em áreas próximas à Estação Itaquera do Metrô, foi dado o sinal de alerta para milhares de famílias que residiam nas favelas da região. Surgiram boatos sobre a possível remoção de inúmeras favelas situadas em torno do futuro estádio e nas margens do Rio Verde, no trajeto do projetado Parque Linear.

As famílias dessas comunidades ameaçadas começaram a buscar informações sobre a veracidade desse risco de remoção e, com apoio de

movimentos sociais locais, recorreram à Subprefeitura de Itaquera. Com poder limitado ao da promoção de serviços de manutenção e sem sequer condições de fornecer tais informações, as autoridades locais remeteram a questão aos órgãos centrais da Administração Municipal (Secretarias Municipais do Verde, de Infraestrutura Urbana e da Habitação). Os movimentos sociais locais, com moradores das comunidades ameaçadas (das favelas da Paz, Miguel Inácio Cury, av. Francisco Jorge da Silva, Lávios, Boa Esperança, Pedreiras, Pacarana/Zorrilho) procuraram aquelas secretarias para obter esclarecimentos, convidando algumas para amplas reuniões que seriam realizadas na região.

No entanto, essas informações, relacionadas ao processo de remoção dessas favelas, com respectivos prazos, não foram fornecidas. Por outro lado, com base na exposição feita pela SPCopa, nova secretaria municipal criada especificamente para tratar dos assuntos relacionados à Copa, foi possível verificar a previsão de retirada das comunidades próximas ao futuro estádio. Por essas projeções, os moradores visualizaram, na área das atuais comunidades, o desenho do Parque Linear Rio Verde, projeto que integrava o Plano Regional Estratégico de Itaquera, em 2004, e que agora parecia ter sido recuperado.

Para fins de pressionar o poder público e obter explicação sobre os projetos que resultariam em remoção de favelas, foi organizada, em setembro de 2011, uma plenária unificada de representantes das favelas da região de Itaquera. Esta reunião foi convocada, conjuntamente, pelos coletivos do "Movimento Nossa Itaquera" e "Copa para Quem?", tendo recebido o nome de *Primeiro Encontro das Comunidades Unidas da Zona Leste, pelo Direito à Moradia*. Foi realizada numa escola estadual de Itaquera, a E.E. Prof. Milton Cruzeiro e reuniu cerca de quatrocentas pessoas das comunidades ameaçadas e contou com a presença de representantes do Núcleo de Habitação da Defensoria Pública do Estado de São Paulo. Os defensores públicos presentes se comprometeram a acompanhar o caso e, como saldo do encontro, foi deliberada a constituição de uma nova organização de apoio aos moradores, o coletivo "Comunidades Unidas da Zona Leste".

A FORMAÇÃO DO COLETIVO "COMUNIDADES UNIDAS DA ZONA LESTE"

Formado por militantes de várias organizações de esquerda, o coletivo "Comunidades Unidas", ou Comunas como começou a ser chamado pelos seus integrantes, conseguiu aglutinar outros grupos, de teatro, de música e de estudantes em ações de apoio à organização das comunidades. Foram realizados "Arrastões Culturais", nos quais os grupos promoveram

atividades para o entrosamento com os moradores apresentando grupos de rap, artistas e, grupos de teatro em algumas das comunidades.

Das favelas em que o "Comunas" atuou, a que mais avançou em termos de organização, até porque era a mais ameaçada, foi a Favela da Paz. Nas outras favelas, mobilizadas inicialmente, funcionou, no ano de 2012, uma espécie de contraofensiva desmobilizadora. Alguns grupos políticos e associações ligadas à administração municipal da época (gestão do Prefeito Gilberto Kassab que tinha coronéis da Polícia Militar em quase todas as Subprefeituras, inclusive na de Itaquera) fizeram movimentos para desmobilizar e desarticular as comunidades, com algum resultado, pois, no segundo encontro das Comunidades, realizado em abril de 2012, participaram mais moradores da Favela da Paz e diminuiu a presença de moradores das demais comunidades nas quais grupos ligados ao governo local do período conseguiram espalhar boatos de que aquelas atividades tinham propósitos eleitorais.

Mesmo promovendo a desinformação e certo enfraquecimento da luta conjunta das várias comunidades, a Comunidade da Paz continuou mobilizada, principalmente depois de ter sido confirmado pela Defensoria Pública do Estado de São Paulo que estava prevista a sua remoção. No documento obtido pelo Núcleo de Habitação da Defensoria Pública de São Paulo constava mesmo o objetivo de remoção desta e de outras favelas visando à conclusão do Parque Linear Rio Verde.

O esforço de agentes do governo local para a desmobilização das comunidades, porém, continuou ao longo de todo o ano de 2012. Uma "indústria" de boatos e intimidações. O sacerdote católico da paróquia local, o Padre Paulo Sérgio Bezerra, que apoiava a luta dos moradores, foi informado de que, se os militantes do "Comunas" ou do Movimento Nossa Itaquera entrassem em algumas dessas outras comunidades, poderiam ser "metralhados". Essa ameaça chegou a ser tratada abertamente, mas foi afastada em encontro entre alguns militantes desses coletivos e lideranças da favela vizinha da Av. Miguel Inácio Cury, de onde o boato da ameaça tinha partido. 2012 foi um ano de muita tensão, boatos, intrigas, ameaças que atingiram todos os que habitavam ou exerciam algum trabalho nessas comunidades. E o trabalho mais ameaçado foi justamente o trabalho político tensionado nesse ano em que ocorriam eleições municipais. Vale frisar que a ameaça pairou sobre a política dessas comunidades, voltada à organização* e resistência de seus moradores. Já a política eleitoral, não encontrou empecilhos. Pelo contrário: os moradores mais pobres dessas vilas eram bastante procurados como mão de obra barata e informal nas campanhas eleitorais.

Com a vitória da coligação que elegeu Fernando Haddad (PT) como prefeito de São Paulo, e com sua posse em 2013, foi obtida, finalmente, a

audiência dos moradores na Secretaria de Habitação do município. Entre as audiências que se seguiram, e com a confirmação de que era mesmo o objetivo oficial a retirada da Vila da Paz para a construção do Parque Linear, uma vitória parcial dos moradores foi a suspensão da reintegração de posse que estava marcada para acontecer em abril de 2013.

A organização dos moradores foi sendo aprimorada. Foi fundada uma associação na Comunidade da Paz. Esta favela, nos dois últimos anos, foi intensamente visitada por vários órgãos de imprensa: grandes agências ligadas à Rede Globo e à Record, por exemplo, e imprensa alternativa, além de grupos culturais (Grupos de Teatro "Pombas Urbanas" e Parlandas, entre outros) e representantes de outras comunidades (da Ocupação Mauá e militantes ligados à Central de Movimentos Populares). Pesquisadores de várias Universidades também passaram a circular pela região, visitando as comunidades e promovendo estudos relacionados ao Megaevento da Copa e às questões de moradia popular.

O MEGAEVENTO DA COPA: O CAPITAL E AS ESQUERDAS EM CLIMA DE DESCONCENTRAÇÃO

Parece que o Megaevento da Copa, ao atrair o grande capital (presente nas construções do Estádio, obras viárias e os próprios empreendimentos ligados ao evento em si) e mídia mundial, também atraiu os setores mais críticos a ele. Várias organizações de esquerda, agrupamentos classistas, militantes estudantis, oferecem contraponto à exuberância dos grandes investimentos que acompanham os preparativos para a Copa. O Megaevento aglutina o capital, mas também concentra as organizações classistas dos trabalhadores. Ocorre o acirramento da luta ideológica. E isto aconteceu no contexto das grandes manifestações populares que agitaram algumas praças mundiais e que fervilharam nas ruas brasileiras em junho de 2013.

O uso da internet e das redes sociais nas várias mobilizações tornaram o quadro social e político cada vez mais imprevisível. No final do ano de 2013, um *shopping* localizado ao lado da Estação de Metrô Corinthians, próximo da Arena em que foi realizada a abertura da Copa, foi alvo do primeiro "rolezinho", um encontro de aproximadamente três mil jovens, convocados pelas redes sociais, que assustou os lojistas e deixou alertas os órgãos de segurança.

Essa região de São Paulo, Itaquera, na Zona Leste, portanto, ferve de expectativas. Adolescentes e jovens ocupam as ruas. Já ocupavam, nos chamados "fluxos", reuniões festivas organizadas nas ruas ao som alto de *funk* e com muita circulação de bebidas e de todo tipo de drogas lícitas e

ilícitas. Reuniões que aconteceram nos últimos anos em vários pontos da periferia paulistana foram dispersas pela Polícia Militar com o uso de gás lacrimogêneo. Muitas vezes, os próprios moradores, incomodados com o som alto e temerosos com os riscos desse tipo de concentração, é que chamavam a polícia. O "rolezinho", de certa maneira, transferiu para os espaços privados dos *shoppings* os encontros que já estavam acontecendo nas ruas. Para essa nova forma de manifestação dos jovens da periferia, as organizações convencionais, mesmo as de esquerda, ainda não parecem ter encontrado interpretação satisfatória.

As lutas políticas focais, sindicais ou comunitárias, levadas pelas organizações de esquerda, têm conseguido promover a leitura do contexto e articular ações que resultam em algumas conquistas. No caso da luta em apoio aos moradores da Favela da Paz, por exemplo, tudo indica que, pela primeira vez, será atendida a reivindicação da chamada "chave por chave", pela qual os moradores somente sairão das suas casas com a chave do outro imóvel para onde serão transferidos. Esta foi uma das reivindicações dos moradores mobilizados. Outra bandeira do movimento era a de que as novas moradias das famílias removidas fossem localizadas no mesmo bairro, o que parece que também está sendo garantido, se for cumprido o compromisso assumido pela atual administração do município.

ALGUMAS FERRAMENTAS TEÓRICAS DO MARXISMO

Para a análise dos movimentos políticos, partidários e associativos que agitaram Itaquera e outros bairros da Zona Leste de São Paulo nas últimas décadas do século XX, tenho utilizado algumas ferramentas teóricas legadas pela tradição marxista, notadamente aquelas formuladas por Antônio Gramsci. O conceito de "intelectual orgânico" tanto colabora na compreensão do papel desempenhado pelos jornalistas e escritores na preparação do terreno que facilitou o golpe militar de 1964 (Dreifus, 1981), como ajuda, por outro lado, a entender a atuação dos médicos que, na década de 1980, militaram com populares, no Movimento de Saúde da Zona Leste. Ligados, quase todos, a organizações de esquerda (PCB e PC do B, principalmente), aqueles médicos sanitaristas mantinham vínculos orgânicos com as organizações classistas e partidárias dos trabalhadores, mesmo atuando no âmbito local.

Também pode ser visto como "intelectual orgânico" o professor que militava na organização do Fórum da Educação da Zona Leste, na década de 1990 (Ghanem e Marchioni, 2005), embora nesse período já fosse forte a disputa ideológica que os intelectuais de esquerda começaram a enfrentar com os representantes da chamada "terceira via", com grande atuação

nas ONGs, a proliferar nessa época (Neves, 2005). Essa década, aliás, foi a do maior declínio do pensamento de esquerda no mundo. Década da hegemonia do neoliberalismo, logo compartilhada com as novas ideias da "terceira via" (Giddens, 2001), tanto umas (as Neoliberais) como as outras (da Terceira Via) eficientemente veiculadas pelos novos Aparelhos Privados de Hegemonia (outro conceito de Gramsci) (Neves, 2005; Costa, 2011). Tais veículos, dos quais o próprio Fórum para o Desenvolvimento da Zona Leste constitui um exemplo, foram criados nesse período – a despeito da compreensão de parte de seus fundadores – com o objetivo de também disseminar o pensamento hegemônico dominante, conforme analisado por Neves, ao tratar de medidas que levaram ao considerável crescimento no número de OSCIPs:

"Trata-se, na verdade, de medidas que no campo ideológico reforçam, difundem e aprofundam a ideia neoliberal da Terceira Via, de que o Estado não é capaz de se responsabilizar sozinho por educação, saúde, assistência social, e que cabe aos diferentes organismos da nova sociedade civil – o chamado Terceiro Setor – a tarefa de partilhar responsabilidades a partir de uma rede de parcerias" (Neves, 2005, p. 157)

A própria natureza dialética da realidade, com as contradições internas dessas organizações ou redes constituídas por coletivos provenientes de classes diversas, com ideologias também diversas e opostas, pode ter promovido "descaminhos" nas mesmas entidades criadas para agirem como Aparelhos Privados de Hegemonia. Um possível sinal desse "descaminho" pode ter sido o afastamento, a partir de 2003, dos empresários médios que até então compunham a direção do Fórum para o Desenvolvimento da Zona Leste. A Direção deste Fórum que, entre 1999 e 2003, tinha como principal ponto de encontro a sede da CIESP Leste, na Mooca, constituída predominantemente por empresários desta região, vai progressivamente se afastando da entidade na medida em que a direção passa a ser exercida, mediante processo eleitoral interno, por militantes de organizações mais populares residentes nas regiões mais extremas da Zona Leste (São Mateus, Itaquera e São Miguel, principalmente).

Outro divisor de águas, no que se refere ao maior delineamento ideológico no interior dessas organizações policlassistas (os Fóruns, e entre eles o Fórum para o Desenvolvimento da Zona Leste e sua versão local, na região de Itaquera, o Movimento Nossa Itaquera) é o momento que exigiu o posicionamento dos militantes ante a ameaça da remoção de milhares de famílias das favelas de Itaquera, a partir de 2010. Diante de tal ameaça, ficou mais nítida a divisão ideológica entre aqueles que até viram com, nem sempre discreta, simpatia a possibilidade de afastamento daqueles que

"desvalorizavam" as melhores propriedades (reunidos nas reivindicações por melhorias viárias para solução dos problemas de trânsito regional) e aqueles que somaram forças aos moradores que estavam sendo expulsos.

Entre as consequências políticas deste Megaevento da Copa, em Itaquera, portanto, avaliamos existir a maior definição e visualização dos antagonismos de classe na questão concreta da luta pela moradia. E para finalizar, esta luta também permitiu a aglutinação de uma nova geração de intelectuais orgânicos, de variados coletivos, mas igualmente portadores de compromissos de classe:

"Cada grupo social, nascendo no terreno originário de uma função essencial no mundo da produção econômica, cria para si, ao mesmo tempo, de um modo orgânico, uma ou mais camadas de intelectuais que lhe dão homogeneidade e consciência da própria função, não apenas no campo econômico, mas também no social e no político" (Gramsci 1979, p. 3).

A participação de intelectuais e trabalhadores (arquitetos, assistentes sociais e professores, na maioria) na luta com os moradores das comunidades, possivelmente, contribuiu para algumas vitórias parciais (embora tenha sido atendida uma das reivindicações, o compromisso da troca de uma chave pela chave de outra casa, a vitória teria sido maior, se os moradores não tivessem de deixar suas atuais residências). E embora esses militantes não consigam responder, ainda, às questões apresentadas por novos fenômenos (como o do "rolezinho" e "fluxos" de jovens da periferia), não é exagero reconhecer que contribuíram para o resgate do conceito de "comunidade" para o campo da esquerda, na região.

Neste contexto que envolve os preparativos para a Copa de 2014 e os grandes interesses envolvidos neste empreendimento, a ação firme, comprometida, das novas gerações da esquerda brasileira, atuando nas favelas ou "comunidades" de Itaquera, e trazendo para si a denominação de "Comunidades Unidas", revela a tentativa de forjar uma identidade política coletiva, um sujeito ainda em formação, um projeto que poderá se constituir como sujeito construtor de um "local" ainda não existente (Souza, 2014).

No momento em que este artigo está sendo concluído, não teve início ainda a remoção das centenas de famílias das comunidades situadas nas margens do Rio Verde e próximas da Arena Corinthians, esta sim, praticamente pronta. As conversas entre moradores da Vila da Paz e autoridades prosseguem. As dúvidas das famílias também.

REFERÊNCIAS

.....

- ABREU, J. C. A. de. (2010) Movimentos sociais e redes: um estudo de caso. APGS – Revista Administração Pública e Gestão Social, Viçosa, vol. 2, nº 2, p. 200-219, abr./jun..
- ALMEIDA, E. M. (2013) Futebol e Política: do estádio novo ao estád(i)o de exceção. São Paulo. Trabalho apresentado ao Programa de Estudos Pós-graduados em Ciências Sociais da PUC-SP, cedido gentilmente pelo autor para o grupo de pesquisa.
- ARANTES, O. (2011) Chai-Na. São Paulo, Edusp.
- ARANTES, O. B. F. (2013) Berlim Barcelona: duas imagens estratégicas. São Paulo, Anablume.
- ARANTES, O., VAINER, C. e MARICATO, E. (orgs.) (2000) (2009) (2012) A Cidade do Pensamento Único: desmanchando consensos. Rio de Janeiro, Vozes.
- ARQUIVO DO ESTADO. (2001) Memória Urbana: a Grande São Paulo até 1940. Volume 2. São Paulo: Arquivo do Estado, Imprensa Oficial.
- AUGÉ, M. (1994) Não-lugares: introdução a uma antropologia da supermodernidade. Campinas, SP, Papirus.
- BARRETO, M. (2006) Manual de Iniciação ao Estudo do Turismo. 17ª ed. SP: Papirus.
- BERGER, P. & BERGER, B. (1973) "Socialização: como ser um membro da sociedade". In: FORACCHI, M. M. & MARTINS, J. S. (org.). Sociologia e sociedade: leituras de introdução à sociologia. São Paulo/Rio de Janeiro, Livros Técnicos e Científicos, pp. 200-214.
- BONDUKI, N. & ROLNIK, R. (1979) Periferia: ocupação do espaço e reprodução da força de trabalho. São Paulo, Faculdade de Arquitetura e Urbanismo/ Fundação para a Pesquisa Ambiental.
- BONDUKI, N. G. (2011) "O modelo de desenvolvimento urbano de São Paulo precisa ser revertido". Estudos Avançados, São Paulo, abr., vol. 25, nº 71, p. 23-36.
- BONFATO, A. C. (2006) Desenvolvimento de Hotéis: estudos de viabilidade. SP, SENAC.
- BORJA, J. & CASTELLS, M. (1996) "As cidades como atores políticos". Novos Estudos – Cebrap, nº 45, julho, p. 152-166.
- BOURDIEU, P. (2009) O Poder Simbólico. Rio de Janeiro, Bertrand Brasil.
- BOURDIEU, P. (2013) "Espaço físico, espaço social e espaço físico apropriado". Revista Estudos Avançados. Vol.27, n.79, pp. 133-144.
- CAJAZEIRA, D. V. (2009) Geografia(s) do Futebol Contemporâneo em São Paulo: espaços do jogar e do torcer na Metrópole. São Paulo. Trabalho de Conclusão de Curso do Curso de Geografia. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo.
- CALDEIRA, T.P.R. (2000) Cidade de muros: crime, segregação e cidadania em São Paulo. São Paulo, Editora 34, Edusp.
- CALVINO, I. (1990) As cidades invisíveis. São Paulo, Companhia das Letras.
- CARLOS, A. F. (2009) A metrópole de São Paulo no contexto da urbanização contemporânea. Estudos Avançados, São Paulo, v.23, nº 66.
- CARREIRA, M. O. C. S. (1997) Zona Leste do Município de São Paulo: uma história marcada por manifestações e lutas populares. São Paulo, Dissertação (Mestrado) Programa de Estudos Pós-Graduados em Serviço Social, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.
- CARVALHO, M. de (2000) "Cidade global: anotações críticas sobre um conceito". São Paulo em Perspectiva. São Paulo, 2000, vol. 14, nº 4, Oct.. pp. 70-82.
- CASTELLS, M. (2008) A Sociedade em Rede. São Paulo, Paz e Terra.
- CEDEST. (2013) Mapa da exclusão/inclusão social da cidade de São Paulo – 2010. São Paulo. PUCSP/INPE, mimeo.
- CLEMENTE, C. C. (1998) Apreciando o Movimento: uma cartografia da periferia da Zona Leste de São Paulo. São Paulo. Dissertação (Mestrado) Programa de Estudos Pós-Graduados em Ciências Sociais, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.
- COSTA, V. A. (2011) Política Educacional para o Ensino Médio e Educação Técnica no Estado

- de São Paulo – Expectativas dos Estudantes de Quatro Unidades Escolares da Zona Leste e a Disputa Ideológica na Educação. São Paulo. Dissertação (Mestrado), Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo.
- DREIFUSS, R. A. (1981) 1964: A Conquista do Estado – Ação Política, Poder e Golpe de Classe. Petrópolis, Rio de Janeiro, Vozes.
- ELIAS, N. (2006) Escritos e Ensaios. 1. Estado, Processo, Opinião Pública. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Ed.
- FELTRAN, G. S. (2011) Fronteiras de Tensão – Política e violência nas periferias de São Paulo. São Paulo, Editora Unesp.
- FERNANDES, F. (1979) As 'trocinhas' do Bom Retiro. In Folclore e mudança social na cidade de São Paulo. Petrópolis, Vozes, 1979.
- FERREIRA, J. S. W. (2007) O mito da cidade-global: o papel da ideologia na produção do espaço urbano. Petrópolis, RJ, Vozes; São Paulo, SP, Editora Unesp; Salvador, BA, Anpur.
- FERREIRA, J. S. W. e MARICATO, E. (2002) Operação urbana consorciada: diversificação urbanística participativa ou aprofundamento da desigualdade? In: Osório, L. M. (org.) Estatuto da Cidade e Reforma Urbana: novas perspectivas para as cidades brasileiras. Porto Alegre, RGS, Sérgio Antonio Fabris.
- FILHO, M. (2003) O negro no futebol brasileiro. Rio de Janeiro, Mauad.
- FIX, M. (2007) *São Paulo cidade global: fundamentos financeiros de uma miragem*. São Paulo, Boitempo.
- FOER, F. (2005) Como o futebol explica o mundo. Rio de Janeiro, Jorge Zahar.
- FONSECA, M. A. (2002) Michel Foucault e o Direito. São Paulo, Max Limonad.
- FONSECA, M. L. M. (2011) Externalidades e Bens Públicos em grandes eventos esportivos: avaliações e perspectivas. Anais do IV Congresso CONSAD de Gestão Pública, Brasília, DF.
- FONTES, P. (2008) Um Nordeste em São Paulo: Trabalhadores Migrantes em São Miguel Paulista (1945-66). RJ, Editora FGV.
- FOUCAULT, M. (2012) Vigiar e Punir: História da violência nas prisões. Petrópolis, Rio de Janeiro, Vozes.
- FRANÇA, M. C. & LEMOS, A. I. G. (1999) Itaquera – História dos bairros de São Paulo. São Paulo, Biblioteca Nacional.
- FRANCO JÚNIOR, H. (2007) A dança dos deuses: futebol, sociedade e cultura. São Paulo, Companhia das Letras.
- FREHSE, F. & LEITE, R. P. (2009) Perspectivas teóricas contemporâneas da sociologia brasileira sobre a cidade: primeiros resultados. Anais do 33o ENCONTRO NACIONAL DA ANPOCS. Caxambu, MG.
- FRÚGOLI JR., H. (1995) São Paulo: cidade, espaços públicos e interação social. São Paulo, Marco Zero.
- GASTAL, D. S. Clubes, estádios e torcidas: A elite e o "povão" na história do Sport Club Internacional. (2009) Porto Alegre. Trabalho de Conclusão de Curso de Graduação em História (Licenciatura). Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. Universidade Federal do Rio Grande do Sul.
- GHANEM, E. e MARCHIONI, A. L. (2005) USP Leste e a Contribuição de Comunidades Locais para a Inovação das Comunidades Universitárias. In: GOMES, C. de B. (org). USP Leste: A Expansão da Universidade: Do Oeste para Leste. São Paulo, Editora da Universidade de São Paulo.
- GIDDENS, A. (2001) A Terceira Via: Reflexões sobre o impasse político atual e o futuro da social-democracia. Rio de Janeiro, Record.
- GOFFMAN, E. (2010) Representação do eu na vida cotidiana. Petrópolis, Rio de Janeiro, Vozes.
- GOFFMAN, E. (2010) Comportamentos em lugares públicos. Petrópolis, Rio de Janeiro, Vozes.
- GOHN, M. G. (2008) Abordagens teóricas no estudo dos movimentos sociais na América Latina. Caderno CRH, Salvador, vol. 21, n° 54, p. 439-455, set./dez.
- GOHN, M. G. (2009) Os movimentos sociais em São Paulo. In: BÓGUS, L. M. M.; PASTERNAK, S. (Org.). Como anda São Paulo. Rio de Janeiro, Letra Capital/Observatório das Metrôpoles, p. 231-250.
- GORENDER, J. (1987) Combate nas Trevas – A Esquerda Brasileira: Das Ilusões Perdidas à Luta Armada. São Paulo, Editora Ática.

- GRAMSCI, A. (1979) *Os Intelectuais e a Organização da Cultura*. Rio de Janeiro, Editora Civilização Brasileira.
- GRIGOROWITSCHS, T. (2008) Entre a sociologia clássica e a sociologia da infância: reflexões sobre o conceito de 'socialização'. *Anais do VI Congresso Português de Sociologia*. Universidade Nova e Lisboa. Faculdade de Ciências Sociais e Humanas. Lisboa, Portugal.
- HARVEY, D. (2000) *Condição pós-moderna: uma pesquisa sobre as origens da mudança cultural*. São Paulo, Edições Loyola.
- HARVEY, D. (2005) *A produção capitalista do espaço*. São Paulo, Annablume, 2005.
- JACOBI, P. (1989) *Movimentos Sociais e Políticas Públicas: demandas por saneamento básico e saúde*: São Paulo, 1974-84. São Paulo, Cortez.
- JAMESON, F. (2006) *A virada cultural: reflexões sobre o pós-moderno*. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira.
- JENNINGS, A. (2011) *Jogo Sujo*. São Paulo, Panda Books.
- KOULIOUMBA, S. (2003) *A questão da cidade mundial: mito ou realidade. Um olhar a partir do Hemisfério Sul*. Belo Horizonte, MG. In: *Anais do X Encontro Nacional da ANPUR*.
- KOWARICK, L. (1979) *A espoliação urbana*. Rio de Janeiro, Paz e Terra.
- KOWARICK, L. (1988) (org.) *As lutas sociais e a cidade*. Rio de Janeiro, Paz e Terra.
- KOWARICK, L. (2009) *Viver em risco*. São Paulo, Editora 34.
- LAVALLE, A. G. (2008) *Atores periféricos na sociedade civil: redes e centralidades de organizações em São Paulo*. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, São Paulo, vol. 23, nº 68, out., p. 73-91.
- LAVALLE, A. G. (2003) *Sem pena nem glória: o debate na sociedade civil nos anos de 1990*. *Revista Novos Estudos*. São Paulo, Cebrap, nº 66, p. 91-110.
- LAVALLE, A. G.; CASTELLO, G.; BICHIR, R. M. (2007) *Protagonistas na Sociedade Civil: redes e centralidades de organizações civis em São Paulo*. *DADOS – Revista de Ciências Sociais*, Rio de Janeiro, vol. 50, nº 3, p. 465-498.
- LAVALLE, A. G.; CASTELLO, G.; BICHIR, R. M. (2006) *Os bastidores da sociedade civil: protagonismos, redes e afinidades no seio das organizações civis*. Centro Brasileiro de Análises e Planejamento – CEBRAP, SP, nov.
- LEFEBVRE, H. (2000) *La production de l'espace*. Paris, Ed. Anthropos.
- LEFEBVRE, H. (2013) "A produção do espaço". *Revista Estudos Avançados*. Vol.27, n.79. pp. 123-132.
- LEMOS, A. I. G. de, FRANÇA, M. C. (1999) *Itaquera*. São Paulo, Departamento do Patrimônio Histórico, 1999.
- LENCIONI, S. (1988) *Mudanças na metrópole de São Paulo (Brasil) e transformações industriais*. *Revista do Departamento de Geografia da USP*, 12, p.27-42.
- LENCIONI, S. (2008) *Concentração e centralização das atividades urbanas: uma perspectiva multiescalar. Reflexões a partir do caso de São Paulo*. In: *Revista de Geografia Norte Grande*, 39, p. 7-20.
- LYNCH, K. (2006) *A imagem da cidade*. São Paulo, Martins Fontes.
- MAGALHÃES, F. T. (2008) *O suspeito através das lentes*. São Paulo, Humanitas.
- MARQUES, E. C. (2000) *Estado e redes sociais: permeabilidade e coesão nas políticas urbanas no Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro/São Paulo, Revan – FAPESP.
- MARQUES, E. C. (1998) *Redes sociais e permeabilidade do estado: instituições e atores políticos na produção da infra-estrutura urbana no Rio de Janeiro*. Campinas, Tese (Doutorado). Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Campinas.
- MARQUES, E. C. (2003) *Redes sociais, instituições e atores políticos no governo da cidade de São Paulo*. São Paulo, Annablume – FAPESP.
- MARTINS, J. S. (2008) *A aparição do demônio na fábrica: origens sociais do eu dividido no subúrbio operário*. São Paulo, Editora 34.
- MARTINS, J. S. (1997) *Fronteira: A degradação do outro nos confins do humano*. São Paulo, Ed. Hucitec.
- MASCARENHAS, G.; GAFFNEY, C. (2004) "O estádio de futebol como espaço disciplinar". Florianópolis, Seminário internacional Michel Foucault – Perspectivas. Disponível em <http://www.opandeiro.net/nepes/espaco_disciplinar_estadios.pdf>.

- MASCARENHAS, G. (2007) Mega-eventos esportivos, desenvolvimento urbano e cidadania: uma análise da gestão da cidade do Rio de Janeiro por ocasião dos Jogos Pan-Americanos-2007. Scripta Nova, Revista Eletrônica de Geografia y Ciencias Sociales, Universidad de Barcelona. Vol. XI, nº 245 (13).
- MASCARENHAS, G. (2008) *Megaeventos esportivos e urbanismo: contextos históricos e legado social*. In: RODRIGUES, R. P. et. al (org.). Legados de Megaeventos Esportivos. Brasília, Ministério do Esporte.
- MIRANDA, T. G. (1997) *Movimentos Sociais no Brasil: balanço da literatura, 1970 – 1995*. Tese (Doutorado). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. São Paulo.
- MOISÉS, J. A. (1979) *Movimentos sociais urbanos: o caso de São Paulo*. Belo Horizonte, CEDEC/USP. Anais do III Encontro Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Ciências Sociais.
- NASCIMENTO, E. P. A periferia de São Paulo: revendo o conceito, atualizando o debate. Caxambu, M.G. Anais do 33º Encontro Nacional da Anpocs.
- NEVES, L. M. W. (org.). (2005) *A Nova Pedagogia da Hegemonia: Estratégias do Capital para Educar o Consenso*. São Paulo, Xamã.
- OLIVEIRA, F. (2003) *Crítica à razão dualista: o ornitorrinco*. São Paulo, Boitempo.
- PEDROSO, R. C. (2005) *Estado autoritário e ideologia policial*. São Paulo, Humanitas.
- PILAGALLO, O. (2012) *História da Imprensa Paulista*. São Paulo, Três Estrelas.
- PIMENTA, E.; e TEIXEIRA, E. (2009) Virgílio Gomes da Silva – De Retirante a Guerrilheiro. São Paulo, Plena Editorial.
- QUINTEIRO, J. (2002) Sobre a emergência de uma sociologia da Infância: contribuições para o debate. Florianópolis, Perspectiva v.20, n. Especial, p. 137-162.
- RODRIGUES, R. P. (org.) (2008) *Legados de megaeventos esportivos*. Brasília, Ministério do Esporte.
- ROLNIK, R. (1997) *A cidade e a lei: legislação, política urbana e territórios na cidade de São Paulo*. São Paulo, Fapesp/Studio Nobel.
- ROLNIK, R. (2000) *Reestruturação urbana da metrópole paulistana: análise de territórios em transição*. Relatório Final de Pesquisa, São Paulo, Fapesp.
- ROLNIK, R. e FRÚGOLI Jr., H. (2001) "Reestruturação urbana da metrópole paulistana: a Zona Leste como território de rupturas e permanências". Cadernos Metrôpole, São Paulo, Educ, nº 6, 2º sem, p. 43-66.
- SADER, E. (1988) *Quando novos personagens entraram em cena*. Rio de Janeiro, Paz e Terra.
- SÁNCHEZ, F. (2010) *A reinvenção das cidades para um mercado mundial*. Chapecó, SC, Argos.
- SANTOS, M. (2002) *A natureza do espaço*. São Paulo, Edusp.
- SANTOS, M. (2010) *Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal*. Rio de Janeiro, São Paulo, Record.
- SASSEN, S. (1998) *As cidades na Economia Mundial*. São Paulo, Studio Nobel.
- SCHERER-WARREN. (2006) Das mobilizações às redes de movimentos sociais. Sociedade e Estado. Brasília, v. 21, n. 1, jan. / abr., p. 109 – 130.
- SCHMITT, J. C. (1990) *A história dos marginais*. In: LE GOFF, J. A História nova. São Paulo, Martins Fontes.
- SHORT, J. (1999) *The Urban Growth Machine: critical perspectives two decades later*. New York, State University of New York Press.
- SILVA, C.F. (2011) *Caminhos cruzados: migrantes bolivianos e o trabalho informal na indústria de confecções em São Paulo*. In: CABANES, R. et AL (orgs). Saídas de emergência – ganhar/perder a vida na periferia de São Paulo. São Paulo, Boitempo.
- SILVA, E.P. (2006) *Retratos entre trilhos: famílias do Jardim Helena e do Itaim Paulista*. São Paulo. Tese (Doutorado). São Paulo, Programa de Serviço Social, PUC-SP.
- SIMMEL, G. (2013) *Sociologia do espaço*. Revista Estudos Avançados. Vol.27, n.79, pp. 75-112.
- SIMMEL, G. (2006) *Questões fundamentais de sociologia*. Rio de Janeiro, Zahar.
- SODRÉ, N. W. (2004) *História da imprensa no Brasil*. Rio de Janeiro, Mauad.
- SOUTO, C. A. T. (2010) *Direito e ilegalismos: reflexões sobre a normalização na obra de Michel Foucault*. Kínesis: Revista de Estudos do Pós-graduandos em Filosofia, Unesp, Campus Marília, Vol. II, nº 04, Dezembro.

- SOUZA, A. C. de. (2014) Contribuição a uma Concepção de Currículo Comunitário. In: COSTA e SOUZA (orgs.), Pesquisa e Ação: a Educação Comunitária e a Luta pela Moradia Popular em Itaquera. Curitiba. Editora CRV.
- SPOLON, A. P. G. (2006) Chão de Estrelas: hotelaria e produção imobiliária em São Paulo 1995-2005. São Paulo. Dissertação (Mestrado). Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo – FAU-USP.
- SPOSITO, M. P. (1984) O Povo vai à Escola. A Luta Popular pela Expansão do Ensino Público em São Paulo. São Paulo. Edições Loyola.
- TELLES, V. S.; HIRATA, D. V. (2010) Ilegalismos e jogos de poder em São Paulo. Tempo social, São Paulo, v. 22, n. 2, Dec.
- TICÃO, P. (2011) Movimentos Sociais, Identidade e Memória na Zona Leste. In: SANTIAGO, RICARDO E MAGALHÃES, V. B. (orgs.). Memória e Diálogo – Escutas da Zona Leste. Visões sobre a História Oral. São Paulo, Letra e Voz, Fapesp.
- TOLEDO, L. H. de. (2000) Lógicas no futebol. São Paulo. Tese (doutorado). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo.
- VÉRAS, M. P. B. (2001) Tempo e Espaço na Metrópole: breves reflexões sobre assincronias urbanas. São Paulo em Perspectiva. Vol. 15, nº 1, p. 3-12.
- WEBER, M. (1996) La dominación no legítima (tipología de las ciudades). In Economya e Sociedad: esbozo de sociología comprensiva. México, Fondo de Cultura Económica.
- WEBER, M. (2004) A ética protestante e o espírito do capitalismo. São Paulo, Companhia das Letras.
- XAVIER, I. R. (2010) Projeto Migratório e Espaço – os migrantes bolivianos na região metropolitana de São Paulo. Campinas. Dissertação (Mestrado) Instituto de Filosofia e Ciências Humanas – Departamento de Demografia – Unicamp.

LEGISLAÇÃO

- Host City Agreement. Contrato de Cidade-Sede.** Disponível em: observatoriodasmetrosoles.net/download/contrato_fifa.pdf. Acesso em: 25 out. 2013.
- Platum – Plano de Turismo Municipal**, de 1999 a 2014. SPTuris e COMTUR. Disponível em: <http://www.spturis.com/comtur/platum.php>, Acesso em: 07 fev. 2014
- BRASIL. **Lei Geral da Copa**, a Lei federal nº 12.663, de 5 de junho de 2012. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2012/Lei/L12663.htm. Acesso em: 6 de out. 2014
- SÃO PAULO (Município). **Lei nº 13.165**, de 5 de julho de 2001 que cria a Secretaria Municipal de Relações Internacionais (SRMI)
- _____. (2002) **Lei nº 13.430, de 13 de setembro de 2002**. Plano Diretor Estratégico, revoga a Lei nº 10.676/88 e dispositivos das leis nº 13.260/01, nº 8.881/79, nº 9.049/80 e nº 9.411/81. Disponível em: <<http://www.lei.prefeitura.sp.gov.br/paginasp.html>>. Acesso em: 15 mar. 2013.
- (2004) **Lei nº 13.833, de 27 de maio de 2004**. Dispõe sobre a criação do Programa de Incentivos Seletivos para a área leste do município de São Paulo, nos termos que especifica. Disponível em: <<http://www.lei.prefeitura.sp.gov.br/paginasp.html>>. Acesso em: 15 mar. 2013.
- (2007) **Lei nº 14.654**, de 20 de dezembro de 2007. Dispõe sobre o Programa de Incentivos Seletivos para regiões da Zona Leste do município de São Paulo. Disponível em: <<http://www.lei.prefeitura.sp.gov.br/paginasp.html>>. Acesso em: 15 mar. 2013.
- (2009) **Lei nº 14.888**, de 19 de janeiro de 2009. Altera dispositivos da Lei nº 14.654, de 20 de dezembro de 2007 que dispõe sobre o Programa de Incentivos Seletivos para regiões da Zona Leste do município de São Paulo. Disponível em: <<http://www.lei.prefeitura.sp.gov.br/paginasp.html>>. Acesso em: 15 mar. 2013.
- (2013) **Lei nº 15.931**, de 20 de dezembro de 2013. Dispõe sobre a criação do Programa de Incentivos Fiscais para prestadores de serviços em região da Zona Leste do município de São Paulo, nos termos que especifica. Disponível em: <<http://ww2.prefeitura.sp.gov.br/arquivos/secretarias/financas/legislacao/Lei-15931-2013.pdf>>. Acesso em: 25 jan. 2014.
- _____. (2013) **Decreto nº 53.697**, de 16 de janeiro de 2013, da Prefeitura de São Paulo, que cria o “Comitê Organizador Local Integrado de Gestão Governamental Especial para a Copa do Mundo de Futebol de 2014 – SPCopa”

DOCUMENTOS

Ata da Assembleia Geral Extraordinária do "Fórum para o Desenvolvimento da Zona Leste" para eleição do Conselho Consultivo, Conselho de Administração e Conselho Fiscal para o quadriênio 2013-2016. Fórum para o Desenvolvimento da Zona Leste. São Paulo.

Programa Bairro Legal – Plano de Ação Habitacional e Urbano. Diagnóstico Jardim Ângela. LABHAB – Laboratório de Habitação e Assentamentos Humanos, 2003. FAU/USP, Secretaria Municipal de Habitação – Prefeitura de São Paulo.

PREFEITURA MUNICIPAL DE SÃO PAULO. (2012) Secretaria Municipal de Desenvolvimento Econômico e Trabalho. **Programa de desenvolvimento econômico para a Zona Leste.** Disponível em: <<http://www.camaras.org.br/Arquivos/Download/Upload/632.pdf>>. Acesso em: 20 mar. 2013.

Fifa Competitions and Olympnic Football Tournaments 1908-2015. Fifa.

Global Cities, Present and Future, Consultoria A.T. KEARNEY. Disponível em: <http://www.atkearney.com/documents/10192/4461492/Global+Cities+Present+and+Future-GCI+2014.pdf/3628fd7d-70be-41bf-99d6-4c8eaf984cd5> Acesso em: 5 mai. 2014.

Brazil Bid Inspection Report For The 2014 Fifa World Cup. FIFA. 2007

Bidding Agreement regarding the submission of bids for the right to host and stage the 2018 FIFA WORLD CUP or 2022 FIFA WORLD CUP, sem data, FIFA. Disponível em: [http://www.transparencyinsport.org/The_documents_that_FIFA_does_not_want_fans_to_read/PDF-documents/\(11\)FIFA-Bidding-agreement.pdf](http://www.transparencyinsport.org/The_documents_that_FIFA_does_not_want_fans_to_read/PDF-documents/(11)FIFA-Bidding-agreement.pdf). Acesso em: 3 mai. 2014.

JORNALS, REVISTAS E PÁGINAS DE INTERNET

FIDELES, Nina. *Obras do estádio do Corinthians e arredores vão afetar a vida de muitas comunidades em Itaquera, na capital paulista. Mas moradores já se mobilizam* – disponível em revistaforum.com.br/blog/2012/02/a-copa-e-o-direito-a-moradia-em-sao-paulo 09.02.2012. Acesso em: 20 abr. 2013.

LOUREIRO, MICHELE. *Copa 2014 vai gerar R\$ 142 bi adicionais para o Brasil* – disponível em http://www.brasileconomico.com.br/noticias/copa-2014-vai-gerar-r-142-bi-adicionais-para-o-brasil_85540.html Acesso em: 20 ago. 2011.

NOTÍCIAS DE ITAQUERA, Empresa Jornalística. **Itaquera em Imagens.** Itaquera: São Paulo. 2000. Disponível em www.noticiasdeitaquera.com.br

PRADO, TICIANE – disponível em <http://www.oestadoce.com.br/noticia/copa-do-mundo-e-olimpiadas-como-os-eventos-refletirao-no-setor-imobiliario> em 28.09.2011 Acesso em: 10 abr. 2013.

"Revista da Copa do Mundo da FIFA", disponível em http://pt.fifa.com/mm/document/tournament/destination/02/13/75/02/fwc_pt_new_portuguese.pdf

2006 World Cup – Final Report by the Federal Government – relatório final do Comitê Organizador Local da Copa do Mundo da Alemanha: 2006

"São Paulo volta a ganhar investimentos em hotéis". **Revista Hotéis.** 01/03/2013. Disponível em <http://www.revistahoteis.com.br/materias/10-Investimentos/11009-Sao-Paulo-volta-a-ganhar-investimentos-em-hoteis> Acesso em: 15 out. 2014

O impacto Econômico e Social das Feiras de Negócios em São Paulo. Pesquisa FIPE, outubro/2013. Disponível em <http://www.abeoc.org.br/2013/12/avaliacao-do-impacto-das-feiras-de-negocios-na-cidade-de-sao-paulo/> Acesso em: 07 fev. 2014

_____. "Bolsa de imóveis" – Jornal O Estado de S. Paulo – valores do m² de imóveis novos do ano 2000 a 2013.

_____. "Complexo viário – Polo Itaquera" – disponível em <http://www.copa2014.sp.gov.br/complexo-viario-polo-de-itaquera-atinge-64-em-setembro/>, Acesso em 30 set. 2013.

_____. "Escalada para o progresso" – disponível em <http://www.noticiasdeitaquera.com.br>, Acesso em: 15 mar. 2013.

_____. "Especial – Florestas Urbanas – Parque Municipal Linear Rio Verde" – disponível em http://notasdesaomiguel.blogspot.com.br/2013/08/especial-florestas-urbanas-parque_29.html. Acesso em: 30 ago. 2013.

_____. "ETEC" – disponível em <http://www.etecitaquera.com.br>, Acesso em: 03 mar. 2013.

- ____. FATEC – disponível em <http://www.fatecitaquera.com.br>, Acesso em: 03 mar. 2013.
- ____. Fatec – Itaquera – disponível em <http://gazetavirtual.com.br/fatec-itaquera-unidade-abre-inscricoes-para-processo-seletivo/>, Acesso em: 30 set. 2013.
- ____. FATORES DE VALORIZAÇÃO (setembro de 2006) – disponível em <http://www.brasouza.com.br>, Acesso em: 20 mai. 2013.
- FÓRUM PARA O DESENVOLVIMENTO DA ZONA LESTE. Disponível em: <<http://www.forum-parao desenvolvimento da zona leste.blogspot.com.br>>. Acesso em: 15 mar. 2013.
- ____. Histórico da Região de Itaquera – disponível em <http://www.itaquera.com.br/viewpage.aspx?id=1742059194>, Acesso em: 16 mar. 2013.
- ____. Linha vermelha metrô – disponível em <http://metroemfoco.blogspot.com.br/2012/01/linha-3-vermelha-dara-conta-da-demanda.html>, Acesso em: 30 jan. 2013.
- ____. Mercado Imobiliário Brasileiro – CONSTRUTORA EZETEC – disponível em http://ri.eztec.com.br/eztec2009/web/conteudo_pt.asp?idioma=0&conta=28&tipo=26848, Acesso em: 30 abr. 2013.
- ____. Metro SP – disponível em <http://www.metro.sp.gov.br/sua-viagem/linha-3-vermelha/estacao-itaquera.aspx> Acesso em: 30 abr. 2013.
- ____. Obras da Arena – disponível em <http://www.creasp.org.br/noticia/tecnologia/2012/10/11/obras-da-arena-corinthiana/697>, acesso em: 30 mar. 2013.
- ____. Obras viárias – disponível em www.dersa.sp.gov.br, acesso em 30 nov. 2013.
- ____. PMCMV – disponível em <http://www.pac.gov.br/minha-casa-minha-vida>, Acesso em: 30 jun. 2013.
- ____. Polo de Itaquera: Ao lado do terreno do Corinthians – disponível em <http://blogdosilvinho.wordpress.com/2010/07/31/polo-institucional-itaquera-avanca-sobre-area-do-corinthians/>, Acesso em: 30 nov. 2013.
- ____. Polo Institucional – disponível em smdu.prefeitura.sp.gov.br, Acesso em: 30 nov. 2013.
- ____. Poupatempo – disponível em <http://www.poupatempo.sp.gov.br>, Acesso em: 30 jun. 2013.
- PLURI CONSULTORIA. *Brasil, País do ingresso mais caro do Mundo*. Estudo publicado em 13 de maio de 2013. Disponível em <www.pluriconsultoria.com.br>. Acesso em: 14 jun. 2013.
- ____. *Preço dos ingressos sobem 300% em 10 anos no Brasil*. Estudo publicado em 11 de abril de 2013. Disponível em <www.pluriconsultoria.com.br>. Acesso em: 14 jun. 2013.
- ____. *O custo de ir ao estádio no Brasil*. Estudo publicado em 26 de maio de 2013. Disponível em <www.pluriconsultoria.com.br>. Acesso em: 14 jun. 2013.
- Portal da Copa do Mundo de 2014 do Governo Federal. *Conheça as exigências da FIFA para os estádios da Copa*. Disponível em <<http://www.portal2014.org.br/noticias/1125/CONHECA+AS+EXIGENCIAS+DA+FIFA+PARA+OS+ESTADIOS+DA+COPA.html>>. Acesso em: 27 jun. 2013.
- Portal da Copa do Mundo de 2014 do Governo Federal. *Ingressos da Copa do Mundo custarão a partir de R\$30. Entenda como será a venda*. Disponível em <<http://www.copa2014.gov.br/pt-br/noticia/ingressos-para-a-copa-do-mundo-custarao-a-partir-de-r-30>>. Acesso em: 19 jul. 2013.
- Portal Mais Futebol. *Camp Nou Mais visitado do que Museu Thyssen ou Guggenheim*. Disponível em <<http://www.maisfutebol.iol.pt/espanha/barcelona-camp-nou-maisfutebol-guggenheim-thyssen-prado/1231814-1486.html>>. Acesso em: 01 ago. 2013.
- Portal Infraestrutura Urbana. *Gestão Corintiana*. Disponível em <<http://infraestruturaurbana.pini.com.br/solucoes-tecnicas/21/gestao-corintiana-vice-presidente-do-corinthians-detalha-o-gerenciamento-financeiro-273179-1.aspx>>. Acesso em: 02 jul. 2013.
- Portal UOL Copa. *Itaquera vira “palácio” para receber corte da FIFA na Copa do Mundo de 2014*. Disponível em <<http://esporte.uol.com.br/futebol/copa-2014/ultimas-noticias/2011/06/22/exigencias-da-fifa-podem-custar-ate-r-300-milhoes-segundo-odebrecht.jhtm>>. Acesso em: 02 jul. 2013.
- Site da Revista Placar, da Editoria Abril. *Síndrome de elefante branco: estádios que caíram no ostracionismo*. Disponível em <<http://placar.abril.com.br/materia/sindrome-de-elefante-branco>>. Acesso em: 18 jun. 2013.
- Site da Revista Veja, da Editora Abril. *Elefantes Brancos: África do Sul é um alerta para o Brasil*. Disponível em <<http://veja.abril.com.br/noticia/esporte/elefantes-brancos-africa-do-sul-e-um-alerta-para-o-brasil>>. Acesso em: 18 jun. 2013.
- ____. SESC – disponível em <http://www.sescsp.org.br>, Acesso em: 30 mar. 2013.
- ____. SHOPPING METRÔ ITAQUERA – disponível em <http://www.ancarivanhoe.com.br/ancarivanhoe/shoppings/shopping-metro-itaquera.htm>, Acesso em: 30 mar. 2013.

SITES

- Clube Corinthians. <<http://www.corinthians.com.br/arena>>
- Confederação Brasileira de Futebol (CBF): <http://www.cbf.com.br/>
- Federação Paulista de Futebol: <http://www.futebolpaulista.com.br/>
- Fédération Internationale de Football Association (FIFA): <http://www.fifa.com/>
- Governo do estado de São Paulo: <http://www.saopaulo.sp.gov.br/>
- Governo federal do Brasil: <http://www.brasil.gov.br/>
- Notícias de Itaquera: <http://www.noticiasdeitaquera.com.br>
- Prefeitura de São Paulo: <http://www.capital.sp.gov.br/portalpmsp/homec.jsp>
- <http://hoteliernews.com.br/2011/02/tryptatuapconfortonazonalestedesopaulo/>, consultado em 15/10/2013.
- http://www.atkearney.com/gbpc/global-cities-index/full-report/-/asset_publisher/yA11OgZp-c1DO/content/2012-global-cities-index/10192, Acesso em: 27 jan. 2014
- <http://www.estadao.com.br/noticias/impresso,sao-paulo-perde-pontos-em-ranking-das-cidades-globais,856362,0.htm>, Acesso em: 27 jan. 2014
- http://www.hotelinvest.com.br/upload_content/paginas/Panorama%20da%20Hotelaria%20Brasileira%202013%20-%20Baixa_20122013.pdf
- <http://www.bluetree.com.br/hotel/blue-tree-towers-analia-franco/>, Acesso em: 15 out. 2014
- <http://www.revistahotelnews.com.br>, Acesso em: 15 out. 2014
- <http://www.estadao.com.br/noticias/cidades,apos-dez-anos-sem-lancamentos-sp-ganhara-12-hoteis,948510,0.htm>, Acesso em: 15 out. 2014
- <http://www.visitesaopaulo.com/quem-somos.asp>, Acesso em: 27 jan. 2014
- <http://www.abeoc.org.br/2013/05/ranking-de-eventos-internacionais-icca-2013/>, Acesso em: 07 fev. 2014
- <http://www.mercadoeventos.com.br/site/noticias/view/88190>, Acesso em: 10 fev. 2014
- <http://www.spturis.com/comtur/arquivos/platum-1999-2001.pdf>, Acesso em: 15 out. 2013
- <http://www.abeoc.org.br/2013/07/sao-paulo-recebe-recursos-do-pac-do-turismo/>, Acesso em: 07 fev. 2014
- <http://www.abeoc.org.br/wp-content/uploads/2013/12/pesquisafipeubrafe-sp-out2013.pdf>, Acesso em: 07 fev. 2014
- <http://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/comunicacao/noticias/?p=157950>, Acesso em: 16 out. 2013
- http://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/subprefeituras/cidade_tiradentes/noticias/?p=44919, Acesso em: 10 fev. 2014

Outro aspecto ressaltado diz respeito aos legados desse megaevento esportivo para as cidades-sede, com a produção de novas centralidades e a conseqüente valorização imobiliária ao longo dos eixos de concentração dos investimentos, a exemplo do que a pesquisa aponta para a Zona Leste de São Paulo. Considerando estes e outros aspectos diretamente relacionados ao evento, os textos que compõem este livro permitem, além da compreensão dos processos envolvidos na produção e realização da Copa do Mundo de 2014, a análise de seu potencial gerador de mudanças nas cidades que sediaram os jogos.

O livro preenche um espaço importante e certamente inspirará outras pesquisas sobre o fenômeno dos megaeventos esportivos e seus impactos sobre as cidades.

Lucia Bógus

*Coordenadora do Observatório das
Metrópoles de São Paulo*



METROPOLIZAÇÃO
e MEGAEVENTOS



inct
institutos nacionais
de ciência e tecnologia



Finep
INOVAÇÃO E PESQUISA